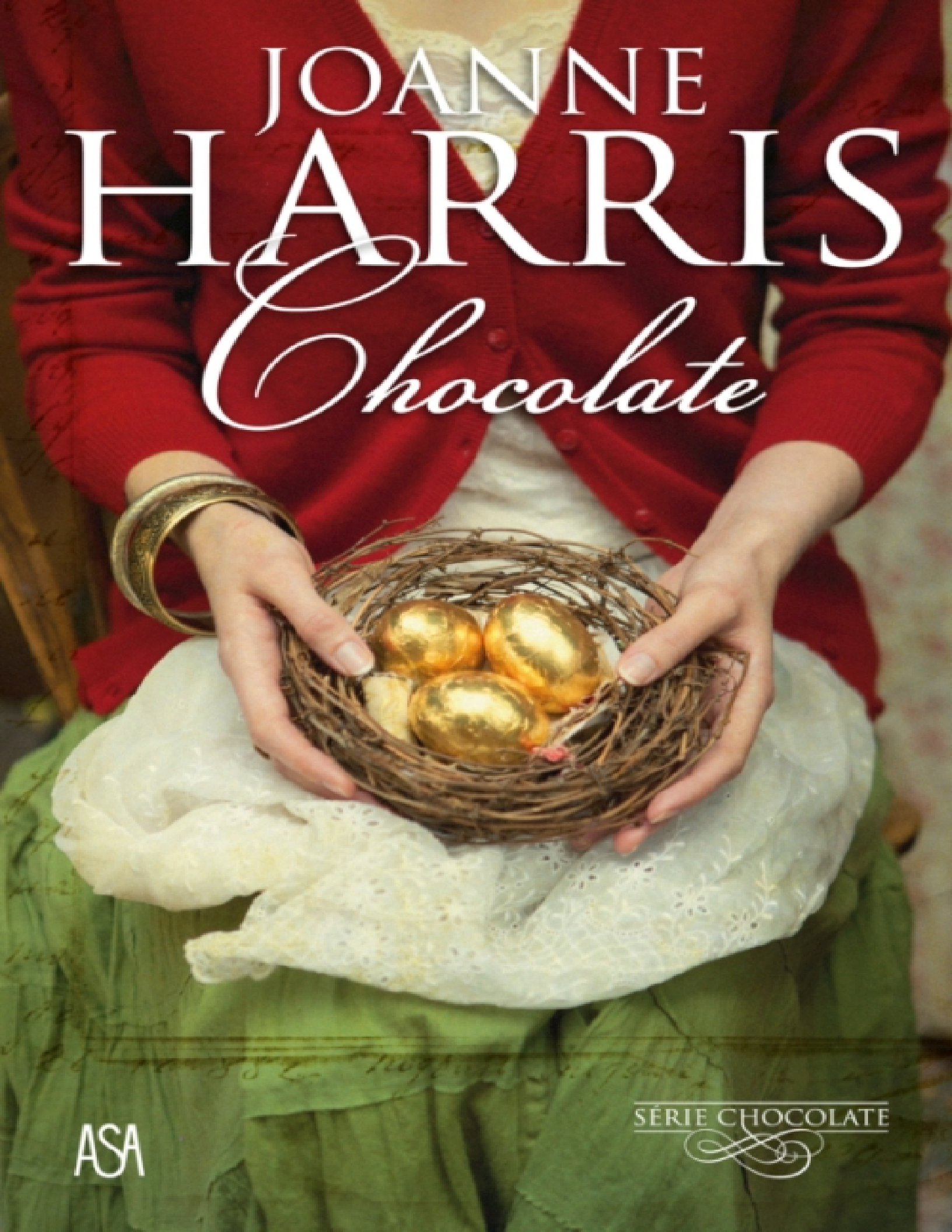


The background of the cover is a photograph of a woman from the chest down. She is wearing a vibrant red cardigan over a white lace-trimmed blouse and a green skirt. Her hands are gently cradling a small, woven nest of twigs. Inside the nest are four golden, egg-shaped chocolates. She is also wearing a wide, gold-colored metal cuff bracelet on her left wrist. The overall aesthetic is elegant and festive, with a focus on the 'chocolate' theme.

# JOANNE HARRIS

## *Chocolate*

ASA

SÉRIE CHOCOLATE

### **Ficha Técnica**

Título original: CHOCOLAT

Título: CHOCOLATE

Autor: Joanne Harris

Traduzido do Inglês por Teresa Casal

ISBN: 9789892333410

Edições ASA II, S.A.  
uma editora do Grupo LeYa  
R. Cidade de Córdoba, n.º 2  
2160-038 Alfragide – Portugal  
Tel.: (+351) 214 272 200  
Fax: (+351) 214 272 201

© 1998, Joanne Harris e Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)

[www.asa.leya.com](http://www.asa.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*A memória da minha bisavó,  
Marie-André Sorin (1892-1968)*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## AGRADECIMENTOS

O meu sincero obrigado a todos aqueles que contribuíram para tornar este livro possível: à minha família pelo apoio, sob a forma de *baby-sitting* e de um incentivo algo perplexo; ao Kevin, por se ocupar das provas escritas; à Anouchka, por me emprestar *Pantoufle*. Muito obrigada ainda à minha intrépida agente, Serafina Clarke, a Jennifer Luithen e Elizabeth Atkins, e aos meus editores pelo seu apoio. E, por fim, obrigado ao meu colega escritor Christopher Fowler, por acender as luzes.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

11 de Fevereiro  
Terça-feira de Carnaval

V iemos com o vento de Carnaval. Um vento morno para Fevereiro, carregado dos cheiros quentes e gordos de panquecas e salsichas a fritar e *waffles* polvilhadas de açúcar e preparadas na chapa quente ali mesmo à beira da estrada, com confettis chuviscando sobre colarinhos e puxos e rolando pelas valetas como um antídoto imbecil ao Inverno. Há uma excitação febril nas multidões alinhadas ao longo da estreita rua principal, de pescoços esticados para verem o carro alegórico coberto de crepe, arrastando fitas e flores de papel. Anouk observa, de olhos arregalados, segurando um balão amarelo numa mão e uma corneta de brincar na outra, entre um saco das compras e um cão castanho triste. Já assistimos a outros carnavais, eu e ela: um cortejo de duzentos e cinquenta carros alegóricos em Paris na última Terça-Feira Gorda, cento e oitenta em Nova Iorque, duas dúzias de bandas a desfilar em Viena, palhaços sobre andas, gigantones com as suas cabeças pendentes de *papier-mâché*, majorettes de tambor com bastões rodopiando e reluzindo. Contudo, aos seis anos, o mundo retém um lustro especial. Uma carroça de madeira, decorada à pressa com dourados e crepe e cenas de contos de fadas. A cabeça de um dragão num escudo, Rapunzel com uma peruca de li, uma sereia com uma cauda de celofane, uma casa de biscoito de gengibre toda coberta de alcorça e cartão dourado, uma bruxa à porta agitando umas extravagantes unhas verdes em direcção a um grupo de crianças silenciosas... Aos seis, é possível perceber subtilezas inalcançáveis um ano mais tarde. Atrás do *papier-mâché*, da cobertura, do plástico, ela ainda consegue ver a verdadeira bruxa, a verdadeira magia. Levanta os olhos para mim, olhos que são do azul-verde da Terra vista a uma grande distância, brilhando.

— Vamos ficar? Vamos ficar aqui? — Tenho que lhe lembrar que fale francês. — Mas vamos? Vamos? — Agarra-se à minha camisola. O seu cabelo é um torvelinho de algodão-doce ao vento.

Penso. É um lugar tão bom como outro qualquer. Lansquenet-sous-Tannes, duzentas almas no máximo, não mais do que um ponto de passagem na via rápida entre Toulouse e Bordéus. Uma piscadela de olhos — e já se foi. Uma rua principal, uma fila dupla de casas pardas parcialmente em madeira, aninhadas furtivamente umas contra as outras e umas poucas de ruas laterais seguindo paralelas umas às outras como os dentes de um garfo curvo. Uma igreja, agressivamente caiada de branco, numa praça quadrada com lojinhas. Quintas espalhadas pelos campos vigilantes. Pomares, vinhedos, faixas de terra vedada e arregimentada de acordo com o rigoroso *apartheid* das culturas produzidas: aqui maçãs, ali *kiwis*, melões, endívias sob as suas conchas de plástico preto, vinhas parecendo mirradas e mortas sob o magro sol de Fevereiro mas aguardando a triunfante ressurreição de Março... Mais adiante, o Tannes, pequeno afluente do Garonne, serpenteia o seu caminho por entre pastagens pantanosas. E as pessoas? São muito parecidas com todas as outras que já conhecemos: talvez um pouco pálidas sob esta rara luz do sol, um pouco pardacentas. Os lenços da cabeça e boinas são da cor do cabelo que cobrem, castanho, preto ou grisalho. Os rostos são enrugados como as maçãs do Verão passado, os olhos enfiados numa pele pregueada como berlindes em massa resseca. As poucas crianças, com cores esvoaçantes de vermelho, verde-lima e amarelo, parecem ser de uma raça diferente. À medida que o carro alegórico avança gravemente pela rua fora atrás do tractor que o puxa, uma mulher enorme com uma cara quadrada infeliz segura um casaco de escocês sobre os ombros e grita qualquer coisa no semi-incompreensível dialecto local; no carro, um Pai Natal atarracado, deslocado entre fadas, sereias e duendes, atira doces à multidão com mal disfarçada agressividade. Um velho baixinho, usando um chapéu de feltro em vez da boina mais comum na região, pega no cão castanho triste metido entre as minhas pernas com ar de quem pede desculpas. Reparo nos seus dedos finos e graciosos afagando a pele do cão: o cão geme e a expressão do dono converte-se num misto de amor, preocupação e culpa. Ninguém nos olha. Bem podíamos ser invisíveis; as nossas roupas distinguem-nos como forasteiras, visitantes de passagem.

São cortesês, muito cortesês, mas ninguém nos olha. A mulher, com o seu cabelo comprido enfiado na gola do casaco cor de laranja e uma longa *écharpe* de seda esvoaçando-lhe ao pescoço; a criança de galochas amarelas e anoraque azul claro. As suas cores distinguem-nas. As suas roupas são exóticas e os seus rostos... — serão eles demasiado pálidos ou demasiado escuros?; também o seu cabelo as distingue como outras, forasteiras, indefinidamente estranhas. As pessoas de Lansquenet aprenderam a arte da observação evitando olhar nos olhos. Sinto o seu olhar como um bafo na nuca, estranhamente sem hostilidade mas, ainda assim, frio. Somos uma curiosidade para eles, parte do Carnaval, uma lufada do mundo lá de fora. Sinto os seus olhos sobre nós quando me viro para comprar uma *galette* a um vendedor. O papel está quente e gorduroso, a panqueca de trigo integral é estaladiça nas pontas mas espessa e saborosa no meio. Parto um pedaço e dou-o a Anouk, limpando-lhe manteiga derretida do queixo. O vendedor é um homem gorducho e careca com óculos de lentes grossas e a cara lustrosa pelo vapor da chapa quente. Pisca o olho a Anouk. Com o outro olho, anota cada pormenor, sabendo que mais tarde virão as perguntas.

— De férias, Madame? — A etiqueta da aldeia permite-lhe fazer a pergunta; por trás da sua indiferença de comerciante, vejo uma verdadeira avidez. Aqui, saber é a moeda de troca; com Agen e Montauban tão perto, os turistas são uma raridade.

— Para já.

— De Paris, então? — Devem ser as nossas roupas. Nesta terra garrida, as pessoas são pardacentas. A cor é um luxo; fica mal. Os rebentos vistosos da beira da estrada são ervas daninhas, invasivas, inúteis.

— Não, não, de Paris não.

O carro alegórico já vai quase no fim da rua. Segue-o uma pequena banda — dois pífaros, duas cornetas, um trombone e um bombo — tocando uma marcha débil e não identificável. Uma dúzia de crianças correm no seu rasto, apanhando os doces não reclamados. Umas estão mascaradas: vejo um Capuchinho Vermelho e uma pessoa desgrenhada que poderia ser o Lobo disputando afavelmente a posse de uma mão-cheia de serpentina

Uma figura preta fecha a marcha. A princípio, julguei que fazia parte do desfile — o Doutor Peste, talvez — mas, à medida que ele se aproxima,

reconheço a sotaina antiquada do pároco de aldeia. Andará pelos trinta e tal anos, embora à distância a sua postura rígida o faça aparentar mais idade. Vira-se na minha direcção e apercebo-me de que também ele é um forasteiro, com os maxilares subidos e os olhos claros dos nórdicos e dedos longos de pianista repousando na cruz de prata que traz pendurada ao pescoço. Talvez fosse isso que lhe dava o direito de me olhar, a sua condição de estrangeiro; mas não vejo boas-vindas nos seus olhos claros e frios. Apenas o olhar avaliador e felino de quem está inseguro do seu território. Sorrio-lhe; ele desvia o olhar, surpreendido, e chama as duas crianças para junto de si. Um gesto aponta o lixo que agora ladeia a rua; relutantemente, o par começa a limpá-lo, juntando braçadas de serpentinas usadas e papéis de rebuçados e lançando-as num caixote do lixo próximo. Ao virar-me, dou com o padre mirando-me de novo com um olhar que, noutro homem, seria de aprovação.

Não há esquadra da polícia em Lansquenet-sous-Tannes, portanto não há crimes cá. Tento ser como Anouk, ver a verdade para lá máscara, mas, para já, tudo parece turvo.

— Vamos ficar? Vamos, mama? — Puxa-me insistentemente o braço.  
— Gosto disto, gosto disto aqui. Vamos ficar?

Seguro-a contra mim e beijo-lhe o cocoruto da cabeça. Cheira a fumo, panquecas fritas e roupa de cama quente numa manhã de Inverno.

Por que não? um lugar tão bom como outro qualquer.

— Sim, claro — respondo-lhe, a minha boca imersa no seu cabelo. — Claro que ficamos.

Não exactamente uma mentira. Desta vez pode até ser verdade.

\* \* \*

O Carnaval passou. Uma vez por ano, a aldeia inflama-se de um brilho efémero mas agora mesmo o calor arrefeceu e a multidão dispersou-se. Os vendedores embalam as suas chapas e toldos, as crianças arrumam os trajes e adereços festivos. Paira um certo ar de embaraço, de constrangimento por este excesso de ruído e de cor. Tal como chuva de Verão, evapora-se, infiltra-se na terra gretada e nas pedras crestadas, quase sem deixar traço. Duas horas depois, Lansquenet-sous-Tannes é de novo

invisível, qual aldeia encantada que aparece apenas uma vez por ano. Não fosse o Carnaval, e não a teríamos visto sequer.

Temos gás mas ainda não electricidade. Na nossa primeira noite, fiz panquecas para Anouk a luz da vela e comemo-las a lareira, usando uma velha revista como prato, já que as nossas coisas só seriam entregues amanhã. A loja era originalmente uma padaria e ainda tem o feixe de trigo gravado sobre a estreita porta da entrada, mas o soalho está coberto de uma espessa e enfarinhada camada de pó e, ao entrarmos, tivemos de abrir caminho por entre montes de correio publicitário. O trespasse parecia ridiculamente barato, habituados como estamos aos preços da cidade; mesmo assim, notei o olhar incisivo e desconfiado da mulher da agência enquanto eu contava as notas. No contrato de arrendamento, eu sou Vianne Rocher, a assinatura é *um* hieróglifo que pode significar tudo e mais alguma coisa. À luz da vela, explorámos o nosso novo território: os velhos fornos ainda espantosamente bons sob a gordura e a fuligem, as paredes apaineladas a pinho, a tijoleira enegrecida. Anouk encontrou o velho toldo dobrado num quarto de arrumos e trouxemo-lo cá para fora; aranhas surgiram da lona desbotada. A habitação por cima da loja: quarto e casa de banho, uma varanda ridiculamente minúscula, uma floreira de barro com gerânios mortos... Anouk fez uma careta quando os viu.

— É tão escuro, mamã. — Parecia assustada, insegura, no meio de tanto abandono. — E tem um cheiro tão triste.

Tem razão. O cheiro é *como* luz diurna presa durante anos até ficar amarga e rançosa, lembrando excremento de ratos e fantasmas de coisas por recordar e por lamentar. Ecoa como uma cave e o pequeno calor da nossa presença serve apenas para acentuar cada sombra. Tinta, luz e água e sabão limpar-nos-ão do lixo encardido, mas a tristeza é outra coisa, é a ressonância desamparada de uma casa onde há anos ninguém se ri... O rosto de Anouk parece pálido e os olhos enormes luz da vela, enquanto a sua mão agarra a minha.

— Temos de dormir aqui? — pergunta. — O Pantoufle não gosta disto. Tem medo.

Sorri e beijei a sua bochecha solene e dourada.

— O Pantoufle vai ajudar-nos.

Acendemos uma vela em cada compartimento, uma dourada, outra vermelha, outra branca e outra cor de laranja. Prefiro fazer o meu próprio

incenso mas, numa crise, os paus comprados servem muito bem para o que queremos, alfavaca e cedro e erva-cidreira. Cada uma de nós segura uma vela, Anouk soprando na sua corneta de brincar e eu batendo com uma colher metálica numa frigideira velha e, durante dez minutos, marchámos de quarto em quarto, gritando e cantando o mais alto que podemos: — Fora! Fora! Fora! Rua! —, até as paredes abanarem e os fantasmas ultrajados fugirem, deixando atrás de si um ténue cheiro chamuscado e uns bons pedaços de reboco caído. Espreitar por trás da tinta gretada e enegrecida, por trás da tristeza das coisas abandonadas, e começar a ver linhas ténues, como a imagem que fica de uma pedra preciosa que se teve na mão — aqui uma parede ofuscante de tinta dourada, ali uma poltrona, um pouco puída mas tingida de um cor de laranja triunfante, o velho toldo reluzindo subitamente a medida que as cores semiescondidas espreitam sob camadas de fuligem encardida. Fora! Fora! Fora! Anouk e Pantoufle marcham e cantam e as imagens ténues parecem tornar-se mais brilhantes — um banco vermelho atrás do balcão de vinil, um cordão de sininhos na porta da entrada. Claro, sei que é apenas um jogo. Encantamentos para confortar uma criança assustada. Será preciso trabalho, muito trabalho, até que tudo isto se torne real. E contudo, de momento, basta saber que a casa nos dá as boas-vindas, tal como nós a ela. Pedras de sal e pão na soleira da entrada para aplacar os deuses mais relutantes. Madeira de sândalo na almofada para nos adoçar os sonhos.

Disse-me Anouk mais tarde que Pantoufle já não estava assustado, portanto já estava tudo bem. Dormimos juntas, sem despirmos as nossas roupas, deitadas no colchão enfarinhado do quarto, com todas as velas acesas. Quando acordámos, já amanhecera.

*12 de Fevereiro*  
*Quarta-feira de cinzas*

**O**s sinos acordaram-nos. Não me tinha apercebido de como estávamos perto da igreja ate os ouvir, um rumor único e grave degenerando num carrilhão animado — *dómmm flá-di-dadi dómmm* — no toque descendente. Olhei para o meu relógio. Eram seis horas. Uma luz cinza-dourada, filtrada pelas persianas partidas, incidia na cama. Levantei-me e espreitei a praça, com o seu empedrado molhado e reluzente. A torre branca e quadrada da igreja destacava-se nitidamente à luz matinal, erguendo-se de uma cavidade de lojas escuras. uma padaria, uma florista, uma loja vendendo parafernália de cemitério, placas, anjos de pedra, rosas eternamente esmaltadas... Acima das suas fachadas discretamente fechadas, a torre branca é um farol, com os algarismos romanos do relógio indicando em vermelho reluzente as seis e vinte para confundir o diabo e a Virgem aturdida e etérea fitando a praça com uma expressão ligeiramente enjoada. No cimo da pequena agulha da torre gira um catavento — oeste para oeste-norte-oeste —, um homem de túnica com uma foice. Da varanda com gerânios murchos pude ver os primeiros crentes a chegarem para a missa. Reconheci a mulher com o casaco de escocês do Carnaval; acenei-lhe, mas ela acelerou o passo sem responder ao gesto, protegendo-se com o casaco. Atrás dela, o homem de chapéu de feltro com o seu cão castanho triste pela trela dirigiu-me um sorriso hesitante. Chamei-o alto e bom som mas, ao que parece, as regras de etiqueta da aldeia não permitiam tais informalidades já que ele não respondeu, dirigindo-se, também ele, apressado pira a igreja e levando o cão consigo.

Depois disso, mais ninguém ergueu sequer o olhar para a minha janela, embora eu tenha contado mais de sessenta cabeças — lenços, boinas, chapéus, protegendo as cabeças de um vento invisível. Senti, contudo, a sua indiferença estudada e curiosa. Tinham assuntos importantes a tratar,

diziam os seus ombros curvados e as cabeças baixas. Os seus pés arrastavam-se soturnamente pela calçada como pés de crianças a caminho da escola. Este deixara de fumar hoje, sabia eu; aquele ia na sua visita semanal ao café, a outra vai abster-se dos seus petiscos preferidos. Nada disso é da minha conta, claro. Mas, nesse momento, senti que se havia lugar a precisar de um pouco de magia... Velhos hábitos nunca morrem. E, se alguma vez se teve o ofício de satisfazer desejos, o impulso nunca nos abandona completamente. Além disso, o vento, o vento de Carnaval, continuava a soprar, trazendo consigo um ténue aroma a gordura e algodão-doce e pólvora, bem como os aromas quentes e fortes da mudança das estações, fazendo cócegas na palma das mãos e acelerando o bater do coração... Ficámos, então, por uns tempos. Por uns tempos. Até o vento mudar.

\*\*\*

Comprámos tinta na loja da aldeia e, com ela, pincéis, rolos, sabão e baldes. Começámos de cima para baixo, tirando cortinas e móveis estragados e empilhando-os no monte crescente no minúsculo quintal, ensaboando soalhos e lançando jactos de ondas pela escadaria estreita e coberta de fuligem, de tal modo que ambas ficámos encharcadas por diversas vezes. A escova de esfregar de Anouk converteu-se num submarino, a minha num tanque disparando ruidosos torpedos de sabão pela escada abaixo para, em seguida, alastrarem pelo vestíbulo. No meio de tudo isto, ouvi a campainha da porta e, segurando sabão numa mão e a escova na outra, deparei com a figura alta do padre.

Já me perguntara quanto tempo demoraria ele a aparecer.

Observou-nos por momentos, sorrindo. Um sorriso circunspecto de proprietário, benevolente: o dono da mansão senhorial a receber os seus hóspedes inoportunos. Senti quão chamativo era para ele o meu fato-macaco molhado e sujo, o meu cabelo preso num lenço vermelho e os meus pés sem meias e calçando sandálias a pingar.

— Bom dia. — Um ribeiro de água espumosa corria na direcção do seu sapato preto e polido. Vi os seus olhos dardejarem na direcção do ribeiro e, depois, na minha.

— Francis Reynaud — disse ele, afastando-se discretamente. — Cura da paróquia.

Ri-me, sem conseguir evitá-lo. — Ah, então é isso — disse eu maliciosamente. — Eu pensei que fosse parte do Carnaval.

Riso cortês: *heh, heh, heh*.

Estendi uma luva amarela de borracha.

— Vianne Rocher. E o bombardeiro ali atrás é a minha filha Anouk.

Ouviu-se o som de explosões de sabão e de Anouk a lutar com Pantoufle nas escadas. Por mim, podia ouvir o padre espera de pormenores sobre o Sr. Rocher. Muito mais fácil ter tudo escrito num pedaço de papel, tudo oficial, evitando esta *conversa* confusa e desconfortável...

— Imagino que tenha estado muito atarefada esta manhã. — De repente tive pena dele, a esforçar-se tanto por estabelecer contacto. De novo, o sorriso forçado.

— Sim, realmente precisamos de pôr esta casa em ordem o mais depressa possível. Vai levar tempo! De qualquer maneira, não teríamos ido igreja esta manhã, Monsieur le Curé. Não somos praticantes, sabe. — Foi com boa intenção, para o informar sobre a nossa posição, para o tranquilizar; mas ele pareceu espantado, quase insultado.

— Percebo.

Foi demasiado directo. Ele teria preferido que dançássemos um bocadinho, em círculos, como gatos desconfiados.

— Mas é muito simpático da sua parte vir dar-nos as boas-vindas — continuei eu animadamente. — Talvez até nos possa ajudar a fazer alguns amigos aqui.

Reparo que ele próprio se parece um bocadinho com um gato: olhos claros e frios que nunca olham nos olhos, um estado de alerta, estudado, distante.

— Farei tudo ao meu alcance. — Ficou indiferente, agora que sabe que não seremos membros do seu rebanho. E, no entanto, a sua consciência leva-o a oferecer mais do que aquilo que está disposto a dar. — Tem alguma coisa em mente?

— Bem, dava-nos jeito alguma ajuda aqui — sugeri eu. — Não a sua, claro — atalhei eu, mal ele começou a responder. — Mas talvez o senhor conheça alguém a quem desse jeito um dinheiro extra? Um estucador,

alguém capaz de ajudar com a decoração? — Este seria decerto terreno seguro.

— Não me ocorre ninguém. — prudente, a criatura mais prudente que conheço. — Mas posso perguntar por aí. — Talvez o faça. Conhece os seus deveres para com os recém-chegados. Mas sei que não encontrará ninguém. Não está na sua natureza fazer favores de graça. Os seus olhos incidiram desconfiados sobre o montículo de pão e sal à porta.

— Para dar sorte. — Sorri, mas o seu rosto manteve-se empedernido. Contornou a pequena oferenda como se fosse uma ofensa pessoal.

— Mamã? — A cabeça de Anouk apareceu à porta, com tufo de cabelo espetados. — O Pantoufle quer brincar lá fora. Podemos?

Acenei que sim.

— Fiquem no jardim. — Limpei-lhe uma farrusca de lixo do nariz. — Pareces um autêntico diabinho. — Vi o olhar de relance que ela lançou ao padre e apanhei-lhe o ar divertido mesmo a tempo. — Este é o Sr. Reynaud, Anouk. Não queres dizer olá?

— Olá! — gritou Anouk a caminho da porta. — Adeus!

Uma mancha de camisola amarela e fato-macaco vermelho e logo desapareceu, com os pés a patinarem intencionalmente nos mosaicos gordurosos. E, se bem que não pela primeira vez, tive quase a certeza de ver Pantoufle desaparecer atrás dela, uma farrusca mais escura contra o lintel escuro.

— Ela tem só seis anos — disse eu, à laia de explicação.

Reynaud fez um sorriso apertado e azedo, como se o seu primeiro vislumbre da minha filha confirmasse todas as suas suspeitas a meu respeito.

Quinta-feira, 13 de Fevereiro

Grças a Deus que acabou. As visitas cansam-me até à medula. Não me refiro a si, claro, *mon père*; a minha visita semanal a si é um luxo, poder-se-á quase dizer, o meu único luxo. Espero que goste das flores. Não têm grande aspecto mas cheiram maravilhosamente. Vou colocá-las aqui, ao lado da sua cadeira, onde as possa ver. Tem-se uma bela vista daqui, sobre os campos, com o Tannes a meia distância e o Garonne cintilando ao longe. Quase se pode imaginar que estamos sozinhos. Ah, não me queixo. Mas sabe como pesa este fardo aos ombros de um homem. As preocupações mesquinhas deles, as suas insatisfações, as suas tolices, os seus milhentos problemas corriqueiros... Terça-feira foi Carnaval. Qualquer um os tomaria por selvagens dançando e gritando. O filho mais novo de Louis Perrin, Claude, disparou uma pistola de água contra mim, e o que é que o seu pai havia de dizer a não ser que ele era uma criança e que precisava de brincar um bocado? Tudo o que eu quero é guiá-los, *mon père*; libertá-los do seu pecado. Mas eles lutam contra mim a cada instante, como crianças recusando comida saudável para continuarem a comer aquilo que lhes faz mal. Sei que me compreende. Durante cinquenta anos carregou tudo isto aos ombros com paciência e força. Conquistou o amor deles. Terão os tempos mudado tanto? Aqui estou eu, temido, respeitado... mas amado, não. Têm rostos soturnos, ressentidos. Ontem saíram do serviço com cinza na testa e um ar de alívio culpado. Entregues às suas indulgências secretas e vícios privados. Será que não compreendem? O Senhor vê tudo. Eu vejo tudo. Paul-Marie Muscat bate na mulher. Reza dez Avé-Marias semanais no confessionário e sai para recomençar tudo exactamente na mesma. A mulher dele rouba. Na semana passada foi ao mercado e roubou bijutaria da banca de um vendedor. Guillaume Duplessis quer saber se os animais têm alma e chora quando

lhe digo que não têm. Charlotte Edouard acha que o marido tem uma amante — eu sei que ele tem três, mas o confessor obriga-me a ficar calado. Que crianças aquelas! As suas exigências deixam-me irado e tonto. Mas não me posso dar ao luxo de mostrar fraqueza. As ovelhas não são as criaturas dóceis e amáveis do idílio pastoril. Qualquer homem do campo lhe dirá isso. São manhosas, por vezes perversas, patologicamente estúpidas. O pastor clemente pode achar-se perante um rebanho desordeiro e provocador. Eu não me posso dar ao luxo de ser clemente. por isso que, uma vez por semana, me permito esta única indulgência. A sua boca está tão fechada, *mon père*, como a do confessor. Os seus ouvidos estão sempre abertos, o seu coração sempre amável. Durante uma hora posso aliviar o fardo. Posso ser falível.

Temos uma paroquiana nova. Uma tal Vianne Rocher, viúva, presumo, com uma criança pequena. Lembra-se da padaria do velho Blaireau? Há quatro anos que ele morreu e o lugar tem vindo a degradar-se desde então. Bem, ela pagou o trespassse e espera reabri-la até ao final da semana. Não acho que seja coisa para durar. Já temos a padaria do Poitou do outro lado da praça e, além do mais, ela nunca se integrará. Até é uma mulher simpática, mas não tem nada a ver connosco. Dou-lhe uns dois meses para ela regressar cidade onde pertence. Curioso: não cheguei a descobrir donde ela veio. De Paris, imagino, ou talvez até do outro lado da fronteira. Tem um sotaque puro, quase demasiado puro para uma francesa, com as vogais mudas do Norte, embora os seus olhos sugiram ascendência italiana ou portuguesa, e a sua pele... Mas realmente não a vi. Trabalhou na padaria todo o dia de ontem e hoje. Há uma folha de plástico cor de laranja a tapar a montra e, de vez em quando, ela ou a filhita traquinas aparecem para deitar um balde de água suja pela sarjeta ou conversar animadamente com um ou outro trabalhador. Tem uma estranha facilidade em arranjar ajudantes. Embora eu lhe tenha oferecido os meus préstimos, duvidei que ela encontrasse muitos dos nossos aldeões dispostos a tal. E, no entanto, vi Clairmont hoje de manhã cedo, com um carregamento de lenha, depois Pourceau com os seus escadotes. Poitou mandou alguma mobília; vi-o a carregar um sofá pela praça fora com o ar furtivo de um homem que não quer ser visto. Até aquele maldizente e mal-humorado do Narcisse, que recusou rotundamente cavar no cemitério em Novembro passado, lá foi com as suas ferramentas para lhe limpar o jardim. Esta manhã, cerca

das oito e quarenta, uma carrinha de entregas parou em frente da loja. Duplessis, que passeava o cão a hora habitual, passava naquele momento e ela chamou-o para ajudar na descarga. Bem pude ver como ele ficou espantado com o pedido — por um segundo, tive a certeza de que recusaria —, como levou uma mão quase até ao chapéu. Depois ela disse qualquer coisa — não ouvi o que foi — e ouvi o riso dela através da calçada. Ri-se muito e faz muitos gestos ridículos e extravagantes com os braços. Mais um traço citadino, suponho. Nós estamos habituados a uma maior reserva nas pessoas à nossa volta, mas julgo que não o faz por mal. Trazia um lenço roxo atado à cabeça à moda das ciganas, mas a maior parte do cabelo escapava-se-lhe por baixo do lenço e estava manchado de tinta branca. Ela não parecia importar-se. Mais tarde, Duplessis não conseguiu lembrar-se do que ela lhe dissera mas, com o seu jeito desconfiado, disse que a entrega pouco ou nada era, só uns poucos de caixotes, pequenos mas pesados, e umas quantas grades abertas com utensílios de cozinha. Não perguntou o que estava nos caixotes, embora duvidasse que um fornecimento tão reduzido de fosse o que fosse durasse muito numa padaria.

Não imagine, *mon père*, que eu passei o dia vigiando a padaria. Mas acontece que ela fica quase defronte da minha própria casa — a que foi sua, *mon père*, antes de tudo isto. Durante o último dia e meio não houve senão martelar e pintar e caiar e esfregar até que, mesmo sem querer, não posso deixar de estar curioso por ver o resultado. Não sou, aliás, o único: ouvi a Madame Clairmont, com o seu ar convencido, a bisbilhotar com um grupo de amigas à porta do Poitou sobre o trabalho do seu marido; falavam de *persianas vermelhas*, até darem pela minha presença, passando então a um sussurro dissimulado. Como se eu me importasse. A recém-chegada decerto lhes dá assunto para bisbilhotarem, quanto mais não seja. Acho que aquela montra tapada de cor de laranja atrai as atenções nos momentos mais estranhos. Parece um enorme bombom à espera de ser desembulhado, como uma fatia que tenha sobrado do Carnaval. Há algo de perturbador naquele seu brilho e no modo como as pregas de plástico atraem o sol; dar-me-ei por satisfeito quando o trabalho estiver terminado e aquele sítio voltar a ser uma padaria.

A enfermeira está a tentar chamar a minha atenção. Ela acha que eu o canso. Como é que as suporta, com aquelas vozes altas e modos de

enfermeira? *Vamos lá, é hora de dormirmos.* A malícia dela é chocante, insuportável. E no entanto não faz por mal, dizem-me os seus olhos, *mon père. Perdoa-lhes que não sabem o que fazem.* Eu não sou bondoso. Venho aqui para meu próprio alívio, não para o seu. E, no entanto, agrada-me pensar que as minhas visitas lhe dão prazer, que o mantêm em contacto com as arestas de um mundo que perdeu juízo e forma. Televisão uma hora por noite, mudar de posição cinco vezes por dia, ser alimentado por um tubo. Falarem de si como de um objecto — Será que ele nos pode ouvir? *Acha que ele nos percebe?* —, não querendo saber sequer a sua opinião, ignorando-a... Estar afastado de tudo e, no entanto, sentir, pensar... Esta é a verdade do inferno, despida dos seus medievalismos berrantes. Esta perda de contacto. E, no entanto, de si espero que me ensine a comunicar. Que me ensine a esperança.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sexta-feira, 14 de Fevereiro*  
*São Valentim*

O nome do homem do cão é Guillaume. Ajudou-me ontem com a descarga e foi o meu primeiro cliente hoje de manhã. Trazia consigo o seu cão, *Charly*, e saudou-me com uma delicadeza tímida e quase requintada.

— Está lindo — disse ele, olhando em volta. — Deve ter estado a pé toda a noite a fazer isto.

Ri-me.

— Que transformação — disse Guillaume. — Sabe, não sei bem porquê, mas tinha partido do princípio de que isto ia ser outra padaria.

— Ora essa, para estragar o negócio ao Monsieur Poitou? Tenho a certeza de que ele me agradecerá, com as suas dores crescentes na coluna e a pobre mulher inválida a dormir tão mal.

Guillaume curvou-se para apertar a coleira de *Charly* mas eu vi os seus olhos brilharem.

— Vejo que se conhecem — disse ele.

— É verdade. Dei-lhe a minha receita de tisana para adormecer.

— Se resultar, tem ali um amigo para a vida.

— Resulta — garanti-lhe. Depois, tirei de debaixo do balcão uma caixinha cor-de-rosa com um arco prateado de São Valentim. — Aqui tem. Para si. O meu primeiro cliente. — Guillaume pareceu espantado.

— Mas, Madame, eu...

— Chame-me Vianne. E insisto. — Meti-lhe a caixa nas mãos. — Vai ver que gosta. São os seus chocolates preferidos.

Ele sorriu.

— Como é que sabe? — perguntou, guardando ciosamente a caixa no bolso do casaco.

— Ah, é que eu consigo adivinhar — disse-lhe eu maldosamente. — Sei as preferências de *toda a gente*. Confie em mim, esta é a sua.

O letreiro só ficou pronto por volta do meio-dia. O próprio Georges Clairmont veio colocá-lo, desculpando-se profusamente pelo atraso. As persianas escarlates contrastam bem com a parede caiada de fresco e Narcisse, resmungando com pouca convicção a pretexto das geadas tardias, trouxe alguns gerânios novos da sua estufa para colocar nas minhas floreiras. Dispensei ambos, levando consigo caixas de São Valentim e expressões de assombrado prazer. Depois disso, a excepção de umas poucas crianças da escola, tive poucas visitas. o que acontece sempre que abre uma loja nova numa aldeia tão pequena: existe um código rígido de comportamento regendo tais situações e as pessoas são reservadas, simulando indiferença enquanto ardem de curiosidade por dentro. Uma velhinha aventurou-se a entrar, no seu tradicional vestido preto de viúva de província. Um homem de feições escuras e coradas comprou três caixas idênticas sem perguntar o que continham. Depois, durante horas, não veio ninguém. Era o que eu esperava: as pessoas precisam de tempo para se adaptarem as mudanças; e embora eu tenha surpreendido vários olhares furtivos na direcção da minha montra, ninguém parecia inclinado a entrar. Por trás do desinteresse estudado, porém, percebi uma espécie de excitação, um sussurro de especulação, um puxão de cortinas, um crescendo de determinação. Quando finalmente vieram, vieram juntas: sete ou oito mulheres, com Caroline Clairmont, a mulher do fabricante do letreiro, entre elas. Uma nona, chegada um pouco atrás do grupo, ficou lá fora, com o rosto quase tocando a montra, e reconheci nela a mulher do casaco de escocês.

As mulheres olharam tudo, dando risinhos como meninas de escola, hesitando e deliciando-se com a sua travessura colectiva.

— E é você que os faz? — perguntou Cécile, proprietária da farmácia na rua principal.

— Eu devia abster-me disto na Quaresma — comentou Caroline, uma loura roliça com gola de pele.

— Eu não digo a ninguém — prometi eu. Então, observando a mulher no casaco de escocês a olhar ainda para a montra: — Será que a vossa amiga não se querará juntar a nós?

— Ah, ela não está connosco — respondeu Joline Drou, uma mulher de feições duras que trabalha na escola local. Olhou de relance para a mulher de cara quadrada junto a montra. — Joséphine Muscat. — Havia uma espécie de desdém piedoso na sua voz ao pronunciar o nome. — Duvido que ela entre.

Como se tivesse ouvido, vi Josephine corar levemente e baixar a cabeça contra o peito do casaco. Tinha uma mão sobre o estômago num gesto estranho e protector. Pude ver-lhe a boca, perpetuamente voltada para baixo, mover-se ligeiramente, ao ritmo de uma prece ou praga.

Atendi as mulheres — uma caixa branca, fita dourada, dois cartuchos de papel, uma rosa, um arco de São Valentim cor-de-rosa — por entre exclamações e risos. Lá fora, Josephine Muscat murmurava e baloiçava-se e enterrava os punhos grossos e deselegantes na barriga. Então, precisamente quando eu estava a atender a última cliente, ergueu a cabeça num ar de desafio e entrou. A última compra era grande e complicada. A Madame queria *apenas* determinada variedade, numa caixa redonda, com fitas, flores, corações dourados e um cartão de visita em branco — perante isto, as senhoras revolveram os olhos em êxtase travesso — hihihhi! —, pelo que eu quase perdi o momento. As mãos grandes são surpreendentemente lestras, mãos rápidas e rudes, vermelhuscas do trabalho doméstico. Uma mantém-se pousada no fundo da barriga, a outra esvoaça por momentos ao seu lado com o gesto rápido de um atirador, e eis que a caixinha prateada com a rosa — marcada a dez francos — passou da prateleira para o bolso do casaco.

Bom trabalho.

Fingi não dar conta até as mulheres saírem da loja com os seus embrulhos. Josephine, agora sozinha diante do balcão, fingia observar o expositor, virando uma série de caixas com dedos nervosos e cuidadosos. Fechei os olhos.

Os pensamentos que ela despertou em mim eram complexos, perturbadores. Uma série de imagens rápidas perpassaram-me pela mente: fumo, uma mão-cheia de bugigangas reluzentes, um nó dos dedos ensanguentado. Por trás de tudo isso, uma corrente subterrânea de preocupação.

— Madame Muscat, posso ajudá-la em alguma coisa? — A minha voz era suave e agradável. — Ou prefere dar uma vista de olhos à sua

vontade?

Ela murmurou algo inaudível e virou-se, como que para se ir embora.

— Creio que tenho uma coisa de que vai gostar. — Tirei de debaixo do balcão uma caixa prateada parecida com aquela que a vira tirar, embora esta fosse maior. Uma fita branca envolvia o embrulho, decorado com florinhas amarelas. Ela fitou-me com a sua boca grande e infeliz pendendo numa espécie de pânico. Estendi-lhe a caixa sobre o balcão.

— Por conta da casa, Joséphine — disse-lhe gentilmente. — Tudo bem. Estes são os seus preferidos.

Joséphine Muscat deu meia volta e fugiu.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sábado, 15 de Fevereiro*

**S**ei que este não é o meu dia habitual, mon père. Mas precisava de falar. A padaria abriu ontem. Mas não é uma padaria. Quando acordei ontem de manhã às seis, o papel de embrulho fora retirado, o toldo e as persianas estavam no seu lugar e o estore da montra estava subido. Aquilo que era uma vulgar casa antiga e bastante desolada, como todas as outras à sua volta, transformara-se numa guloseima vermelha e dourada sobre uma base estonteantemente branca. Gerânios vermelhos nas floreiras das janelas. Grinaldas de papel crepe enroladas no gradeamento. E, sobre a porta, um letreiro escrito à mão com letras pretas sobre carvalho:

*La Céleste Praline*  
*Chocolaterie Artisanale*

Claro que é ridículo. Uma loja assim bem poderia fazer sucesso em Marselha — até em Agen, onde o turismo cresce de ano para ano. Mas em Lansquenet-sous-Tannes? E no início da Quaresma, o período tradicional de abstinência? Parece perverso, talvez deliberadamente perverso. Estive a ver a montra esta manhã. Sobre uma prateleira de mármore branco estão alinhadas incontáveis caixas, pacotes, cartuchos de papel prateado e dourado, rosetas, sinos, flores, corações e longas espirais de fitas multicores. Em cálices e pratos de vidro estão dispostos chocolates, bombons, mamilos de Vénus, trufas, *mendiants*, frutas cristalizadas, bombons de avelã, frutos do mar de chocolate, pétalas de rosa cristalizadas, violetas doces... Protegidas do sol pelo meio-estore que as resguarda, têm um brilho escuro, como um tesouro submerso, a caverna de Aladino dos doces maravilha. E, no meio de tudo, um centro magnífico. Uma casa em biscoito de gengibre, com paredes de *pain d'épices* coberto

de chocolate e os pormenores desenhados em alcorça prateada e dourada, telhas de florentinos entrançados e com frutas cristalizadas incrustadas, estranhas vinhas de alcorça e chocolate crescendo pelas paredes, pássaros de maçapão cantando em árvores de chocolate... E a própria bruxa, em chocolate preto da ponta do chapéu bicudo até à bainha do manto comprido, semiescarranchada numa vassoura que é na realidade uma *guimauve* gigante e longas alteias contorcidas balouçando-se das tendas dos vendedores de doces nos dias de Carnaval... Da minha janela posso ver a dela, como um olho fechando-se numa piscadela astuta e conspiratória. Caroline Clairmont quebrou o seu voto quaresmal por causa daquela loja e do que lá se vende. Disse-mo ontem na confissão, no tom menineiro esbaforido que tão mal combina com as suas promessas de arrependimento.

— Ai, *mon père*, sinto-me tão mal em relação a isto tudo! Mas o que é que eu podia fazer se aquela mulher *encantadora* era tão doce? Quero dizer, nem sequer pensei nisso até já ser demasiado tarde, embora se há alguém que devia deixar de comer chocolates... Quero dizer, da maneira como as minhas ancas têm *inchado* como *balões* nos últimos anitos, dá-me vontade de *morrer*...

— Duas Avé-Marias. — Meu Deus, aquela mulher. Através da rede do confessionário posso ver os seus olhos esfomeados e deslumbrados. Finge-se penalizada pela minha brusquidão.

— Claro, *mon père*.

— E lembre-se por que é que jejuamos na Quaresma. Não por vaidade. Não para impressionar as amigas. Não para cabermos nas modas caras do próximo Verão. — Sou deliberadamente brutal. É o que ela quer.

— Sim, eu *sou* vaidosa, não sou? — Um pequeno soluço, uma lágrima limpa delicadamente com um lençinho de cambraia. — Apenas uma mulher tonta e vaidosa.

— Lembre-se de Nosso Senhor. Do seu sacrifício. Da sua humildade. — Sinto o perfume dela, algo floral, demasiado forte nesta escuridão fechada. Pergunto-me se isto é uma tentação. Se é, eu sou de pedra.

— Quatro Avé-Marias.

É uma espécie de desespero. Atormenta a alma, diminui-a pedaço a pedaço, como uma catedral se pode ir afundando ano após ano pela erosão provocada pela poeira e fragmentos de areia no ar. Sinto-o corroendo a

minha determinação, a minha alegria, a minha fé. Gostaria de os guiar por entre as atribulações do deserto. Em vez disso, isto. Esta languida procissão de mentirosos, batoteiros, glutões e patetas auto-iludidos. A batalha entre o bem e o mal reduzida a uma mulher gorda postada diante da montra de uma loja de chocolates dizendo *entro, não entro?* em lamentável indecisão. O Diabo é um cobarde; não mostra a sua face. Não tem substância, pulverizando-se em milhões de bocados que, como vemos, se infiltram com os seus modos malignos no sangue, na alma. Nós os dois nascemos demasiado tarde, *mon père*. O mundo puro e duro do *Antigo Testamento* chama-me. Então sabíamos com o que contar. Satanás caminhava entre nós em carne e osso. Tomávamos decisões difíceis; sacrificávamos os nossos filhos em nome do Senhor. Amávamos Deus, mas temíamos-Lo mais ainda.

Não pense que condeno Vianne Rocher. De facto, mal penso nela. Ela é umas das influências contra as quais tenho de lutar todos os dias. Mas a ideia da loja com aquele seu toldo carnavalesco é uma piscadela contra a abstinência, contra a fé... Ao virar-me à porta enquanto recebo a congregação, capto um movimento lá de dentro. *Pare. Pegue-me. Prove-me*. Num intervalo entre os versos do hino, ouço a buzina da carrinha das entregas a parar lá em frente. Durante o sermão — o próprio sermão, *mon père!* — paro a meio da frase, certo de ouvir o ruge-ruge de pratinhas...

Esta manhã, preguei com mais severidade do que o costume, embora a congregação fosse reduzida. Amanhã hei-de fazê-los pagar. Amanhã, domingo, em que as lojas estão fechadas.

*Sábado, 15 de Fevereiro*

A escola acabou cedo hoje. Ao meio-dia, a rua regurgitava de cowboys e Índios em anoraques garridos e calças de ganga arrastando as suas sacolas — os mais velhos dando passas em cigarros ilícitos, de colarinhos revirados e olhar semi-indiferente para a montra ao passarem. Reparei num rapaz caminhando sozinho, muito correcto no seu sobretudo e boina cinzentos, o seu *cartable* escolar perfeitamente ajustado aos ombritos. Durante um longo momento, mirou a montra de *LA CELESTE PRALINE*, mas a luz incidia no vidro de tal modo que não pude ver a sua expressão. Depois um grupo de quatro crianças da idade de Anouk parou lá fora e afastou-se. Dois narizes esborracharam-se por instantes contra o vidro, depois as crianças reuniram-se num grupo enquanto as quatro esvaziavam os bolsos e juntavam os recursos. Um instante de hesitação enquanto decidiam quem mandar entrar. Eu fingia estar ocupada com uma coisa qualquer atrás do balcão.

— Madame? — Uma carita enfarruscada erguia-se desconfiada para mim. Reconheci o Lobo do cortejo carnavalesco.

— Ora bem, tenho cá para mim que tu és um homem do tipo amendoim torrado. — Mantive um ar sério porque esta compra de guloseimas era assunto sério. — E barato, fácil de dividir, não derrete nos bolsos e podes comprar... — illustrei com as mãos bem afastadas — ...ah, tudo isto por cinco francos. Acertei?

Nenhum sorriso por resposta, antes um aceno de cabeça, como que de um homem de negócios para outro. A mão estava quente e um tanto pegajosa. Pegou no embrulho com cuidado.

— Gosto da casinha de biscoito de gengibre — disse ele gravemente. — Na montra. — A porta, os outros três acenaram timidamente, encostando-se uns aos outros como que para se darem coragem. — *Cool*. — A palavra

americana foi pronunciada com um certo tom de desafio, como fumo de um cigarro secreto. Sorri.

— Muito *cool* — concordei. — Se quiserem, tu e os teus amigos podem vir até cá dar-me uma ajuda quando eu a tirar dali.

Olhos esgazeados.

— *Cool!*

— *Supercool!*

— Quando?

Encolhi os ombros.

— Eu digo à Anouk para vos lembrar — disse-lhes. — É a minha filha.

— Nós sabemos. Vimo-la. Ela não anda na escola. — A última frase foi dita num tom de inveja.

— Vai na segunda-feira. É uma pena ela ainda não ter amigos, porque eu disse-lhe que os podia convidar. Sabem, para me ajudarem a fazer a montra.

Pés arrastaram-se, mãos pegajosas estenderam-se, dando empurrões e encontrões para serem os primeiros na fila.

— Nós podemos...

— *Eu posso...*

— Eu sou Jeannot...

— Claudine...

— Lucie...

Mandei-os embora com um rato de açúcar cada um e observei-os enquanto, qual leque, se dispersavam pela praça lembrando sementes de dentes-de-leão ao vento. Um raio de sol ricocheteou contra as costas deles, um a um, enquanto corriam — vermelho-laranja-verde-azul — e depois desapareceram. Do arco ensombrado de Saint Jérôme vi o padre, Francis Reynaud, observando-os com um ar de curiosidade e, pensei eu, de desaprovação. Por que haveria ele de desaprovar? Desde a sua visita de dever no nosso primeiro dia, nunca mais apareceu. Guillaume fala dele com respeito, Narcisse com raiva, Caroline com aquela malícia que adopta ao falar de qualquer homem com menos de cinquenta anos. Há pouco calor nas suas palavras. Ele não é dali, percebo. Um seminarista de Paris, com todo o seu saber aprendido nos livros — não conhece a terra, as suas necessidades, as suas exigências. Isto vindo de Narcisse, que mantém uma contenda com o padre desde que se recusou a assistir à missa na época das

colheitas. Um homem que não suporta os tolos, diz Guillaume com aquele ténue brilho de humor por trás dos óculos redondos, ou seja, a maior parte de nós, com os nossos hábitos tolinhos e as nossas rotinas inabaláveis. Acaricia afectuosamente a cabeça de *Charly* ao dizê-lo e o cão dá-lhe um latido único e solene.

— Ele acha ridículo um homem ser tão dedicado a um cão — diz Guillaume pesarosamente. — demasiado bem-educado para o dizer mas acha que é... *impróprio*. Um homem da minha idade...

Até se reformar, Guillaume era professor na escola da terra. Só há dois professores ali, devido ao decréscimo do número de alunos, embora muitas das pessoas mais antigas ainda se refiram a Guillaume como *le maitre d'école*. Observo-o enquanto coça gentilmente *Charly* atrás das orelhas, e tenho a certeza de que pressinto a tristeza que vi nele no Carnaval: um olhar furtivo que é quase culpado.

— Um homem de qualquer idade pode escolher os amigos onde quiser — interrompi-o com algum calor. — Talvez *Monsieur le Curé* pudesse aprender alguma coisa com o próprio *Charly*. — Mais uma vez, aquele sorriso doce e triste.

— *Monsieur le Curé* tenta fazer o seu melhor — disse-me ele gentilmente. — Não devíamos exigir mais.

Não respondi. Uma verdade que depressa se aprende na minha profissão é que o processo de dar não tem limites. Guillaume deixou *LA PRALINE COM* um pacotinho de florentinos no bolso; antes de virar a esquina da Avenue des Francs Bourgeois, vi-o abaixar-se para dar um ao cão. Uma festinha, um latido, uma sacudidela da cauda pequena e grossa. Como disse, há pessoas que nunca têm que decidir dar ou não dar.

\* \* \*

A aldeia já me é menos estranha. Os seus habitantes também. Começo a conhecer caras, nomes; as primeiras meadas secretas de histórias entrançando-se para formar o cordão umbilical que, eventualmente, acabará por nos unir. um lugar mais complexo do que a sua geografia em princípio sugere, com a Rue Principale ramificando-se numa rede de transversais da forma da mão — Avenue des Poètes, Rue des Francs Bourgeois, Ruelle des Frères de la Révolution: algum dos arquitectos da

terra tinha uma feroz costela republicana. A minha praça, Place Saint-Jérôme, é onde culminam estes dedos abertos, com a igreja erguendo-se branca e orgulhosa num rectângulo de tílias e o quadrado de empedrado vermelho onde os velhos jogam *pétan-que* em bons fins de tarde. Por trás, a colina desce a pique sobre aquela zona de ruas estreitas globalmente chamadas Les Marauds. Este é o pequeno bairro-de-lata de Lansquenet, com as suas casas parcialmente em madeira acotoveladas umas sobre as outras, cambaleando sobre as irregularidades do pavimento até ao Tannes. Mesmo aí, detêm-se a uma certa distância do pântano; algumas são construídas sobre o próprio rio em plataformas de madeira a apodrecer; dúzias delas ladeiam a represa de pedra, com longos dedos de humidade estendendo-se da água parada até às suas pequenas janelas altas. Numa cidade como Agen, Les Marauds atrairia turistas pelo seu toque pitoresco e decadência rústica. Mas aqui não há turistas. Os habitantes de Les Marauds vivem do que apanham na rua, do que conseguem reclamar ao rio. Muitas das suas casas estão em ruína: amieiros crescem de paredes bojudas. Fechei *LA PRALINE* por duas horas e fui com Anouk caminhar até ao rio. Duas ou três crianças magricelas chapinhavam na lama verde junto à água; mesmo em Fevereiro, sentia-se o cheiro putrefacto a canos de esgoto e ferrugem. Estava frio mas soalheiro e Anouk, com o seu casaco de lã vermelho e chapéu, corria sobre as pedras gritando a Pantoufle que corria a bom correr atrás dela. Eu já me habituei de tal modo a Pantoufle — e ao resto da estranha parafernália que ela transporta resplandecentemente atrás de si — que, em tais momentos, quase o consigo ver claramente: Pantoufle com o seu focinho cinzento e peludo e olhos sábios, e o mundo iluminando-se de súbito como se, por uma estranha transferência, me tivesse *tornado* Anouk, vendo com os olhos dela, seguindo-a por onde ela vai. Em tais momentos, sinto que seria capaz de morrer de amor por ela, a minha pequenina estranha; o meu coração incha perigosamente até que o único alívio é correr também, com o meu casaco vermelho esvoaçando à volta dos meus ombros como asas e o cabelo qual cauda de cometa no céu remendado de azul.

Um gato preto atravessou-se no meu caminho e parei para dançar à sua volta e cantar o refrão:

*Où va-t-i, mistigri?*

*Passe sans faire mal*

Anouk cantou também e o gato serenou, rebolando-se sobre a poeira a espera de festas. Baixei-me e vi uma velhinha minúscula observando-me com curiosidade do ângulo de uma casa. Saia preta, casaco preto, cabelo grisalho entrançado e enrolado num puxo hábil e elaborado. Os seus olhos eram argutos e pretos como os de um pássaro. Acenei-lhe.

— Você é da *chocolaterie* — disse ela. Apesar da idade, que eu supus ser de oitenta anos ou mais, a sua voz era brusca e fortemente marcada pelo sotaque tosco e melodioso do Midi.

— Sou sim. — Disse o meu nome.

— Armande Voizin — disse ela. — Aquela é a minha casa. — Acenou na direcção de uma das casas do rio, mais bem conservada do que as demais, com gerânios escarlates nas floreiras. Então, com um sorriso que dava ao seu rosto de boneca-maçã um milhão de rugas, disse:

— Eu vi a sua loja. Lá que é bonita, é, mas não serve para gente como nós. Luxo a mais. — Não havia desaprovação na sua voz, apenas um fatalismo semi-risonho. — Tanto quanto sei, o nosso M'sieur le Curé já a pegou de ponta — acrescentou maliciosamente. — Deve achar que uma loja de chocolates é *impróprio* na sua praça. — Lançou-me outro dos seus olhares zombeteiros e trocistas. — Ele sabe que você é uma bruxa? — perguntou ela.

Bruxa, bruxa. Não é a palavra certa, mas eu sei o que ela quer dizer.

— O que é que a leva a pensar isso?

— Ora essa, basta ser para reconhecer, julgo eu — e riu-se, lembrando o som de violinos desafinados. — M'sieur le Curé não acredita em magia — disse ela. — Até lhe digo mais, eu não teria assim tanta certeza de que ele acredita em Deus. — Havia um desdém indulgente na sua voz. — Tem muito que aprender, aquele homem, mesmo tendo um curso de Teologia. E a pateta da minha filha também. Não se tiram cursos de *vida*, pois não? — Eu concordei que não e perguntei se conhecia a filha dela.

— Julgo que sim. Caro Clairmont. A maior cabeça oca em toda Lansquenet. Fala, fala, fala, e nem um pinga de bom senso que seja.

Ela viu o meu sorriso e acenou alegremente. — Não se preocupe, menina, na minha idade já nada me ofende. Além de que ela sai ao pai, sabe. Sempre é um grande consolo. — Mirou-me com ar zombateiro.

— Não há muito com que uma pessoa se distraia por aqui — observou ela. — Especialmente se se for velho. — Parou e fitou-me de novo. — Mas acho que podemos contar consigo para alguma animação. — A sua mão esfregou a minha como um bafo frio. Tentei apanhar os seus pensamentos para ver se ela estava a gozar comigo, mas tudo o que senti foi humor e simpatia.

— E só uma loja de chocolates — disse eu com um sorriso. Armande Voizin riu-se por entre os dentes.

— Realmente, você deve achar que eu nasci ontem — disse ela.

— Realmente, Madame Voizin...

— Chame-me Armande. — Os olhos pretos piscaram divertidos. — Faz-me sentir nova.

— Está bem. Mas realmente não percebo por que é que...

— Eu sei que vento a trouxe — disse Armande vivamente. — Senti-o. Terça-feira de Carnaval. Les Marauds ficaram cheios de foliões do Entrudo: ciganos, espanhóis, itinerantes, *pied-noirs* e indesejáveis. Eu descobri-a logo, a si e à sua pequenita. Quais são os vossos nomes desta vez?

— Vianne Rocher. — Sorri. — E esta é Anouk.

— Anouk — repetiu Armande suavemente. — E o amiguinho cinzento — os meus olhos já não são o que eram — o que é? Um gato? Um esquilo?

Anouk sacudiu a cabeça aos caracóis. — E um coelho — disse com alegre desdém. — Chama-se Pantoufle.

— Ah, um coelho. Claro. — Armande deu-me uma piscadela manhosa. — Sabe, eu sei que vento vos trouxe. Eu própria o senti uma ou duas vezes. Posso ser velha, mas ninguém me deita poeira aos olhos. Ninguém mesmo. Concordei.

— Talvez seja verdade — disse eu. — Apareça em *LA PRALINE* um dia destes; eu sei quais são as preferências de cada um. Ofereço-lhe uma caixa grande dos seus bombons preferidos.

Armande riu-se.

— Ah, eu não posso comer *chocolate*. Caro e aquele estúpido do médico não me deixam. Nem nada de que eu goste — acrescentou de esguelha. — Primeiro o tabaco, depois o álcool, agora isto... Sabe Deus, se eu deixasse de respirar talvez vivesse para sempre. — Deu uma espécie de

gargalhada mas o som era cansado e vi-a levar a mão ao peito num gesto de se agarrar que estranhamente lembrava Joséphine Muscat. — Não estou a acusá-los propriamente — disse ela. — E o jeito deles. Protecção, de tudo. Da vida. Da morte. — Fez um esgar subitamente muito *gamine* apesar das rugas.

— Mas sou capaz de aparecer para lhe fazer uma visita de qualquer maneira — disse ela. — Quanto mais não seja, para aborrecer o *Curé*.

Matutei nesta última observação durante um bom bocado depois de ela desaparecer por trás do ângulo da casa caiada. A alguma distância dali, Anouk atirava pedras contra as casas de lama na margem do rio.

O Cura. Parecia que o seu nome nunca andava longe da minha boca. Por um momento pensei em Francis Reynaud.

Numa terra como Lansquenet, sucede às vezes que uma pessoa — o professor, o proprietário do café, o padre — ditam a lei da comunidade. Que este indivíduo particular é o âmago essencial da maquinaria que faz girar as vidas, como o eixo central de um mecanismo de relógio, ordenando às rodas que façam girar rodas, aos motores que batam e às agulhas que indiquem as horas. Se o eixo desliza ou se estraga, o relógio pára. Lansquenet é como esse relógio, com as agulhas perpetuamente congeladas à meia-noite menos um minuto, rodas e respigas girando inutilmente por trás do rosto brando e em branco. Acerta mal um relógio de igreja para enganar o diabo, é o que a minha mãe sempre disse. Mas, neste caso, suspeito que o diabo não se deixa enganar.

Nem por um minuto.

*Domingo, 16 de Fevereiro*

A minha mãe era uma bruxa. Pelo menos, era isso que chamava a si própria, cedendo tantas vezes ao jogo de acreditar em si própria que, a dado ponto, facto e ficção já não se distinguiam. Armande Voizin lembra-me, de certa forma, a minha mãe: os olhos brilhantes e perversos, o cabelo comprido que deve ter sido de um preto reluzente na sua juventude, a mescla de ansiedade e cinismo. Com ela aprendi aquilo que me moldou. A arte de transformar o azar em sorte. Fazer figas para afastar o azar do caminho. Cozer um saquinho, fermentar bebidas, a crença de que uma teia de aranha traz sorte antes da meia-noite e azar depois... Acima de tudo, transmitiu-me o gosto por lugares novos, a *wanderlust* cigana que nos fez cirandar por toda a Europa e mais longe ainda: um ano em Budapeste, outro em Praga, seis meses em Roma, quatro em Atenas, atravessando depois os Alpes em direcção ao Mónaco, pela costa; Cannes, Marselha, Barcelona... Aos dezoito anos, já tinha perdido a conta às cidades onde tínhamos vivido, às línguas que tínhamos falado. Os empregos não eram menos variados: empregada de mesa, intérprete, mecânica de automóveis. Às vezes escapávamo-nos pelas janelas de pensões baratas sem pagar a conta. Viajávamos de comboio sem bilhete, falsificávamos licenças de trabalho, atravessávamos fronteiras ilicitamente. Fomos deportadas inúmeras vezes. Por duas vezes, a minha mãe foi detida e libertada sem acusação formada. Os nossos nomes iam mudando à medida que nos deslocávamos, fluindo de uma variante regional para outra: Yanne, Jeanne, Johanne, Giovanna, Anne, Anouchka... Como ladras em perpétua fuga, convertendo o ingovernável lastro da vida em francos, libras, coroas, dólares, fugindo para onde nos levasse o vento. Não julguem que sofri: a vida era uma bela aventura nesse tempo. Tínhamo-nos uma à outra, eu e a minha mãe. Nunca senti a necessidade de um pai. Tinha inúmeros amigos. E, contudo, deve tê-la consumido por vezes essa falta de permanência, a

necessidade constante de engendrar subterfúgios. E, contudo, viajávamos cada vez mais velozmente à medida que os anos passavam, permanecendo um mês, dois no máximo, e depois prosseguindo como fugitivas atrás do sol poente. Levou-me alguns anos até perceber que era da morte que fugíamos.

Ela tinha quase quarenta anos. Era cancro. Sabia-o há algum tempo, disse-me ela, mas ultimamente... Não, não haveria hospital. Nada de hospital, será que eu entendia bem? Ainda lhe restavam uns meses, anos, e ela queria ver a América: Nova Iorque, Florida, Everglades... Viajávamos agora quase todos os dias, a mãe deitando cartas à noite quando pensava que eu dormia. Embarcámos num transatlântico em Lisboa, ambas a trabalhar nas cozinhas. Terminávamos às duas ou ado posto no seu manuseamento. Murmurava os seus nomes de si para si, embrenhando-se cada dia mais e mais na confusão labiríntica que acabaria por a reclamar de vez. — *Dez de espadas, morte. Três de espadas, morte. Dois de espadas, morte. A Carrofa. Morte.*

A Carroça acabou por ser um táxi de Nova Iorque num fim de tarde de Verão em que comprávamos hortaliças nas ruas movimentadas de Chinatown. De qualquer modo, foi melhor do que cancro.

Quando a minha filha nasceu nove meses depois, dei-lhe o nosso nome. Pareceu-me apropriado. O pai dela nunca a conheceu — nem eu tenho a certeza de qual dos meus encontros furtivos seria. Não importa. Poderia ter descascado uma maçã à meia-noite e atirado a casca por cima do ombro para saber a inicial do seu nome, mas nunca me importei o suficiente para me dar a esse trabalho. Demasiada ansiedade trava-nos o passo.

E no entanto... Desde que parti de Nova Iorque, não terão os ventos soprado com menos força, menos frequência? Não terá havido uma espécie de dor, uma espécie de pena, de cada vez que partimos de um lugar? Acho que sim. Vinte e cinco anos e, por fim, a Primavera começou a ficar cansada, tal como a minha mãe começou a ficar cansada nos seus últimos anos. Dou comigo a olhar o sol e a perguntar-me como seria vê-lo nascer sobre o mesmo horizonte durante cinco — talvez dez, talvez vinte — anos. A ideia percorre-me como uma estranha sensação de tontura, um

sentimento de medo e saudade. E Anouk, a minha pequenina estranha? Vejo a corajosa aventura em que vivemos durante tanto tempo a uma nova luz, agora que sou eu a mãe. Vejo-me como eu era, a menina morena de cabelo comprido desgrenhado, vestindo roupas velhas de lojas de caridade, aprendendo matemática da maneira mais dura, geografia da maneira mais dura — *Quanto pão por dois francos? Até onde podemos ir com um bilhete de comboio de cinquenta marcos?* — e não o desejo para ela. Talvez seja por isso que ficámos em França durante os últimos cinco anos. Pela primeira vez na minha vida, tenho uma conta bancária. Tenho um negócio.

A minha mãe desprezaria tudo isto. E, no entanto, talvez me invejasse também. *Esquece-te de ti se conseguires*, dir-me-ia ela. *Esquece-te de quem és. Enquanto conseguires. Mas um dia, minha filha, um dia isso há-de apanhar-te. Eu sei.*

Abri hoje como de costume. Só pela manhã — vou conceder-me meio dia de folga com Anouk logo à tarde —, mas há missa hoje de manhã e haverá pessoas na praça. Fevereiro voltou a vestir as suas cores carregadas e agora chove, uma chuva gélida e persistente que varre o chão e tinge o céu de um tom de metal velho. Anouk lê um livro de canções de ninar atrás do balcão e está de olho na porta enquanto eu preparo uma fornada de *mendiants* na cozinha. São os meus preferidos — assim chamados porque eram vendidos por mendigos e ciganos há anos atrás —, discos do tamanho de bolachas, de chocolate preto, de leite ou branco, polvilhados com raspa de limão, amêndoas e rechonchudas passas de Málaga. Anouk gosta dos brancos embora eu prefira os pretos, feitos com a melhor *couverture* de setenta por cento de cacau... Agrídoces na língua, sabendo a trópicos secretos. A minha mãe também os teria desprezado. E, no entanto, também isto é uma espécie de magia.

Sexta-feira instalei um conjunto de bancos de bar junto ao balcão de *LA PRALINE*. Agora parece-se com os pronto-a-comer aonde costumávamos ir em Nova Iorque, assentos de couro vermelho sobre uma base cromada, alegremente *kitsch*. As paredes foram pintadas de um amarelo-narciso vivo. A velha poltrona cor de laranja de Poitou recosta-se alegremente

num canto. À esquerda encontra-se uma ementa, manuscrita e pintada por Anouk em tons de cor de laranja e vermelho:

*Chocolat chaud 5 F*  
*Gâteau au chocolat 10 F (la tranche)*

Fiz o bolo ontem à noite e o chocolate quente está num bule na chapa junto ao fogão à espera do meu primeiro cliente. Certifico-me de que uma ementa idêntica está visível na montra e aguardo.

A missa começa e acaba. Observo os transeuntes, taciturnos sob o chuvisco gélido. Da minha porta, ligeiramente entreaberta, escapa-se um aroma quente de bolos e doces. Surpreendo uns quantos olhares gulosos na direcção desse aroma mas um recuo do olhar, um encolher de ombros, um trejeito de boca que pode ser de resolução ou simples temperamento, e eis que desaparecem, curvados pelo vento com ombros arredondados e infelizes, como se um anjo com uma espada em chamas estivesse à porta a barrar-lhes a entrada.

Tempo, digo de mim para mim. Estas coisas levam o seu tempo.

Mas, mesmo assim, percorre-me uma espécie de impaciência, quase raiva. O que é que se passa com esta gente? Por que é que não entram? Dão as dez, depois as onze. Vejo pessoas entrarem na padaria em frente e depois saírem com cacetes debaixo do braço. A chuva pára, embora o céu continue ameaçador. Onze e meia. As poucas pessoas que ainda se encontram na praça encaminham-se para casa para prepararem o seu almoço de domingo. Um rapaz com um cão contorna a esquina da igreja evitando cuidadosamente as caleiras gotejantes. Passa quase sem olhar.

Raios os partam. Logo quando eu julgava que as coisas começavam a correr melhor. Por que é que eles não vêm, não *cheiram*? Que mais posso eu fazer?

Anouk, sempre sensível aos meus humores, vem abraçar-me.

— Mamã, não chores.

Eu não estou a chorar. Eu nunca choro. O cabelo dela faz-me cócegas na cara e sinto-me subitamente tonta, com medo de um dia a poder perder.

— Não é culpa tua. Nós tentámos. Fizemos tudo certo.

Lá isso é verdade. A ponto de colocarmos fitas vermelhas à volta da porta e saquinhos de cedro e alfavema para espantar influências malignas.

Beijei-a na testa. Tenho a cara húmida. Alguma coisa, talvez o aroma agri-doce do vapor de chocolate, arde-me nos olhos.

— Está tudo bem, *chérie*. Não nos devemos deixar afectar pelo que eles fazem. Pelo menos, podemos tomar qualquer coisa que nos anime.

Empoleirámo-nos nos bancos como moscas-de-bar nova-iorquinas, com um chocolate quente para cada uma. Anouk toma o dela com *crème chantilly* e lascas de chocolate; eu tomo o meu quente e preto, mais forte do que *espresso*. Fechámos os olhos na fragrância do vapor e *vemo-los* chegar — dois, três, uma dúzia de uma só vez, os rostos iluminando-se, sentando-se ao nosso lado, os seus rostos duros e indiferentes, derretendo-se em expressões de boas-vindas e deleite. Abro os olhos depressa e Anouk está porta. Por um instante vejo Pantoufle encavalitado no ombro dela, de bigodes torcidos. A luz por trás dela parece, de algum modo, mais quente, mudada. Sedutora.

Salto do banco.

— Por favor! Não faças isso!

Ela lança-me um dos seus olhares sombrios.

— Só estava a tentar *ajudar*...

— Por favor. — Por um instante, ela desvia o rosto de mim numa atitude obstinada. Encantamentos ondulam entre nós como fumo dourado. Seria tão fácil, diz-me ela com o olhar, tão fácil, como dedos invisíveis acariciando, vozes inaudíveis aliciando as pessoas a entrarem...

— Não podemos. Não devemos. — Tento explicar-lhe. Isso colocar-nos-ia à parte. Tornar-nos-ia diferentes. Se queremos ficar, devemos ser o mais possível como eles. Pantoufle olha-me como que pedindo ajuda, um borrão de bigodes contra as sombras douradas. Fecho deliberadamente os olhos na direcção dele e, quando os reabro, ele desapareceu.

— Está tudo bem — digo com firmeza a Anouk. — Vai correr tudo bem connosco. Podemos esperar.

E, por fim, às doze e trinta, alguém entra.

Anouk viu-o primeiro. — Mamã! — mas eu já estava de pé. Era Reynaud, com uma mão protegendo o rosto das gotas que pingavam do toldo de lona e a outra hesitando no puxador da porta. O rosto pálido estava sereno, mas havia qualquer coisa nos olhos... uma satisfação

furtiva. De alguma forma, percebi que não era um cliente. A campainha tilintou à sua entrada mas ele não se dirigiu ao balcão. Antes permaneceu à porta, com o vento empurrando as pregas da sua sotaina para dentro da loja, lembrando asas de um pássaro preto.

— Monsieur. — Reparei na suspeição com que mirava as fitas vermelhas na porta. — Em que posso ser-lhe útil? Tenho a certeza de que sei o que é que prefere. — Deixei-me arrastar automaticamente pela minha lengalenga de vendedora, mas não era verdade. Não faço a menor ideia dos gostos deste homem. Para mim, ele é um completo enigma, um negrume em forma de homem recortado no ar. Não sinto qualquer ponto de contacto com ele e o meu sorriso bate nele como uma onda na rocha. Reynaud lança-me um breve olhar de desprezo.

— Duvido. — A sua voz era baixa e agradável, mas pressenti antipatia sob o tom profissional. Lembrei-me das palavras de Armande Voizin: consta que *M'sieur le Curé já a tomou de ponta*. Porquê? Uma desconfiança instintiva dos não-crentes? Ou será mais do que isso? Por debaixo do balcão, fiz secretamente figas.

— Não esperava que a loja estivesse aberta hoje.

Está mais seguro de si agora e julga conhecer-nos. O seu sorriso miúdo e tenso é como uma ostra, branco-leitoso nas pontas e cortante como uma lâmina.

— Quer dizer, ao domingo? — disse eu o mais inocentemente possível. — Pensei que podia apanhar as pessoas a saída da missa.

O meu pequeno acinte não conseguiu picá-lo.

— No primeiro domingo da Quaresma? — Pareceu divertido mas, sob o divertimento, havia desdém. — Não me quer parecer. A gente de Lansquenet é simples, Madame Rocher — disse-me ele. — Gente *devota*. Sublinhou a palavra de modo gentil, delicadamente.

— É *Mademoiselle* Rocher. — Pequena vitória, mas o suficiente para lhe travar o passo. Os seus olhos fitaram de imediato Anouk, ainda sentada ao balcão com o copo alto do chocolate na mão. Tinha a boca besuntada de chocolate espumoso e, uma vez mais, senti como que a súbita picada de uma agulha oculta — o pânico, o terror irracional de a perder. Para *ele*? Ele que experimente!

— Claro — retorquiu ele suavemente. — *Mademoiselle* Rocher. Perdão. — Eu sorri docemente da sua desaprovação. Alguma coisa em mim

continuava a espicaçá-la perversamente; a minha voz, um tudo-nada demasiado alta, ganhou um tom de autoconfiança vulgar para esconder o meu medo.

— É tão bom encontrar alguém nestas zonas rurais que compreenda. — Lancei-lhe o meu sorriso mais duro e brilhante. — Quero eu dizer, na cidade, onde nós vivíamos, ninguém dava por nós. Mas aqui... — consegui dar ares de contrita e não arrependida ao mesmo tempo. — Quero eu dizer, é absolutamente encantador estar aqui, e as pessoas têm sido tão prestáveis... tão *castiças*... Mas lido é Paris, pois não?

Reynaud concordou — com um pequeníssimo sorriso escarninho — que não era.

— É bem verdade aquilo que se diz dos meios pequenos — continuei eu. — *Toda* a gente quer saber da nossa vida! Suponho que isso se deve a escassez de passatempos — expliquei simpaticamente. — Três lojas e uma igreja. Quero eu dizer... — interrompi-me com um risinho. — Mas claro que o senhor sabe disso.

Reynaud aquiesceu gravemente.

— Talvez me possa explicar, Mademoiselle...

— Ó, Vianne, por favor — interrompi.

— ...por que é que decidiu vir para Lansquenet? — O seu tom era sedoso de animosidade, a sua boca fina lembrava mais do que nunca uma ostra. — Como diz, é um pouco diferente de Paris. — Os seus olhos não deixavam margem para dúvidas que a diferença era toda a favor de Lansquenet. — Uma *boutique* como esta... — uma mão elegante apontou a loja e o seu conteúdo com lânguida indiferença. — Certamente que um estabelecimento tão especializado teria muito mais sucesso, seria mais *apropriado*, numa cidade? Tenho a certeza de que em Toulouse ou mesmo Agen... — Agora eu sabia por que é que não tinham vindo nessa manhã. Aquela palavra — *apropriado* — encerrava em si a condenação glacial de uma maldição de profeta.

Repeti furiosamente as figas debaixo do balcão. Reynaud deu uma palmada na parte de trás do pescoço, como se tivesse sido picado por um insecto.

— Não creio que as cidades tenham o exclusivo do prazer — atirei eu. — Toda a gente precisa de pequenos luxos, de se proporcionar um

pequeno prazer de vez em quando. — Reynaud não respondeu. Suponho que discordava. Disse-lho.

— Imagino que o senhor tenha pregado exactamente o oposto desta doutrina no seu sermão desta manhã. — atrevi-me eu. Depois, como ele continuasse sem responder: — Mesmo assim, tenho a certeza de que há lugar suficiente nesta terra para nós os dois. Livre concorrência, não é assim?

Observando a sua expressão, percebi que ele compreendera o desafio. Por um momento, olhei-o nos olhos, tornando-me descarada, odiosa. Reynaud recuou perante o meu sorriso, como se eu lhe tivesse cuspidos na cara. Suavemente:

— Claro.

Ah, conheço o género. Víamo-los amiúde, eu e a minha mãe, na nossa corrida pela Europa. Os mesmos sorrisos polidos, o desdém, a indiferença. Uma moedita atirada pela mão rechonchuda de uma mulher à porta da catedral apinhada de Rheims; olhares de advertência de um grupo de freiras quando a pequena Vianne saltava para a apanhar, com os joelhos nus esfregando o chão poeirento. Um homem de hábito preto em conversa zangada e séria com a minha mãe; ela empalidecendo à sombra da igreja, apertando-me a mão até doer... Soube mais tarde que ela tentara confessar-se a ele. O que a terá levado a isso? Solidão, talvez; a necessidade de falar, de confiar em alguém que não um amante. Alguém com um rosto compreensivo. Mas será que ela não via? O rosto dele, agora não tão compreensivo, contorcido de raiva e frustração. Era pecado, *pecado* mortal... Ela devia entregar a criança à guarda de pessoas boas. Se gostava da pequena — como é que se chamava? Anne? — Se gostava dela, devia — *devia* — fazer esse sacrifício. Ele sabia de um convento onde poderiam tomar conta dela. Sabia. — Pegou-lhe na mão, esmagando-lhe os dedos. Será que ela não gostava da filha? Não queria que ela se salvasse? Não? Não?

Nessa noite a minha mãe chorou, embalando-me para cá e para lá no seu colo.

Partimos de Rheims pela manhã, mais do que nunca como ladras, ela levando-me junto a si como o seu tesouro roubado, com olhos febris e furtivos.

Percebi que ele quase a convencera a entregar-me. Depois disso, ela perguntava-me amiúde se eu era feliz com ela, se não tinha pena de não ter amigos, uma casa... Mas por mais que eu lhe dissesse que sim, não, não, por mais que eu lhe desse beijos e dissesse que não tinha pena de nada, *nada*, um resquício de veneno ficou. Durante anos fugimos do padre, do Homem de Preto e quando, volta e meia, o seu rosto surgia nas cartas, era altura de voltar a fugir, de se esconder do negrume que ele abria no seu coração.

E aqui está ele de novo, logo quando eu julgava ter encontrado um lugar para mim e Anouk. À porta, como o anjo no portal.

Bem, desta vez juro que não fujo. Faça ele o que fizer. Por muito que ele ponha as pessoas daqui contra mim. O seu rosto é tão suave e certo como o virar de uma carta má. E ele declarou-se meu inimigo — e eu sua inimiga —, tão claramente como se tivéssemos falado em voz alta.

— Ainda bem que nos compreendemos. — A minha voz é clara e brilhante.

— Ainda bem.

Alguma coisa nos seus olhos, alguma luz que não havia lá antes, dá-me o alerta. Espantosamente, ele está a ter *prazer* nisto, nesta preparação de dois inimigos para a batalha; em lugar nenhum da sua armadura de segurança existe lugar para a possibilidade de perder.

Volta-se para se ir embora, muito correcto, apenas com a inclinação certa da cabeça. Apenas isso. Um desdém delicado. A arma dos justos, com arame farpado e veneno.

— M'sieur le Curé! — Por um instante ele volta-se e eu meto-lhe um pacotinho com fitas nas mãos. — Para si. Por conta da casa. — O meu sorriso não admite recusas e ele leva o pacotinho com um constrangido assombro. — O prazer é todo meu.

Ele franze ligeiramente o sobrolho, como se a ideia do meu prazer lhe doesse.

— Mas eu de facto não gosto...

— Disparate. — O tom é brusco, irrespondível. — Tenho a certeza de que vai gostar desses. Lembram-me tanto o senhor.

Sob a sua aparência calma, julgo que ele parece surpreendido. Depois desaparece, com o pacotinho branco na mão, por entre a chuva cinzenta. Reparo que ele não procura abrigo mas caminha com o mesmo passo

cadenciado e comedido, não indiferente mas com ar de quem aprecia até esse pequeno des conforto.

Agrada-me pensar que ele comerá os chocolates. É mais provável que os dê a alguém, mas agrada-me pensar que pelo menos os vai abrir e olhar... Certamente que lhes poderá dispensar um olhar, quanto mais não seja por curiosidade.

*Lembram-me tanto o senhor.*

Uma dúzia dos meus melhores *huîtres de Saint-Mâlo*, aquelas pralinas pequenas e chatas moldadas como ostras bem cerradas.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Terça-feira, 18 de Fevereiro*

Quinze clientes ontem. Hoje, trinta e quatro. Guillaume entre eles: comprou um cartucho de florentinos e tomou um chocolate quente. Charly estava com ele, enroscando-se obedientemente debaixo de um banco enquanto, de tempos a tempos, Guillaume deixava cair um cubo de açúcar amarelo na sua bocarra expectante e insaciável.

Leva tempo, diz-me Guillaume, até que um forasteiro seja aceite em Lansquenet. No domingo passado, diz ele, o Cura Reynaud pregou um sermão tão virulento sobre o tema da Abstinência que a abertura de *LA CELESTE PRALINE* nessa mesma manhã parecera uma afronta directa a igreja. Caroline Clairmont — que começou mais uma das suas dietas — foi particularmente cortante, dizendo alto e bom som as suas amigas na congregação que era *bastante chocante, em tudo semelhante histórias da decadência de Roma, minhas queridas, e se a mulher pensa que pode chegar e arrasar como a rainha do Sabá — revoltante a maneira como exhibe aquela filha ilegítima dela como se — ah, os chocolates? Nada de especial, queridas, e demasiado caros...* A conclusão generalizada entre as senhoras era que «aquilo» — o que quer que aquilo fosse — não iria durar. Mais quinze dias, e eu estaria de partida da cidade. E, contudo, o número dos meus clientes duplicou desde ontem, entre eles algumas das queridas amigas de Madame Clairmont, de olhos brilhantes ainda que um pouco envergonhados, dizendo umas as outras que era pura curiosidade e nada mais, que tudo o que queriam era ver com os seus próprios olhos.

Conheço todas as suas preferências. É um truque, um segredo profissional semelhante ao de uma vidente lendo a palma da mão. A minha mãe rir-se-ia deste desperdício das minhas faculdades, mas não tenho o menor desejo de sondar as suas vidas para além disto. Não quero os seus segredos nem os seus pensamentos mais íntimos. Tão-pouco quero os seus medos ou a sua gratidão. Uma alquimista domesticada, ter-me-ia

ela chamado com amável desdém, dedicando-se à magia doméstica quando podia operar maravilhas. Mas eu gosto desta gente. Gosto das suas preocupações miúdas e introvertidas. Posso ler-lhes tão facilmente os olhos, a boca — esta, com o seu toque de amargura, apreciará os meus saborosos torcidos de laranja; aquela, de sorriso doce, os corações recheados com creme de alperce; esta rapariga, de cabelo tocado pelo vento, vai adorar os *mendiants*; esta mulher, cheia de alegria e vivacidade, os bombons com castanha-do-maranhão. Para Guillaume, os florentinos, meticulosamente comidos num prato na sua casa arrumada de solteirão. O apetite de Narcisse por trufas de dois tipos de chocolate revela o coração gentil por trás da aparência rude. Caroline Clairmont sonhará esta noite com caramelos com brande e acordará esfomeada e irritadiça. E as crianças... Caracóis de chocolate, pastilhas brancas com *vermicelli*; *pain d'épices* com cobertura dourada, frutos de maçapão aninhados em forminhas de papel franzido, crocante de amendoim, cachos de chocolate, biscoitos secos, disformes restos sortidos em caixas de meio quilo... Vendo sonhos, pequenos mimos, doces e tentações inofensivas para atrair uma multidão de santos até se esta-esta-estatelarem no meio de avelãs e *nougatines*.

Será isso assim tão mau?

O Cura Reynaud aparentemente acha que sim.

— Aqui, *Charly*. Aqui, rapaz. — A voz de Guillaume é calorosa quando fala com o seu cão, mas sempre um pouco triste. Comprou o animal quando o seu pai morreu, conta-me ele. Há dezoito anos. Mas a vida de um cão é mais curta do que a de um homem, diz ele, e envelheceram juntos.

— E aqui. — Chama a atenção para uma excrescência debaixo do queixo de *Charly*. É do tamanho de um ovo de galinha, rugoso como rebarba de ulmeiro. — Está a crescer. — Um intervalo que o cão estica luxuriantemente, uma pata a pedalar enquanto o dono lhe faz cócegas na barriga. — O veterinário diz que não há nada a fazer.

Começo a entender o ar de culpa e amor que vejo nos olhos de Guillaume. — Não ia pôr um *homem* velho a dormir — diz-me ele gravemente. — Não se ele ainda tivesse — procura a palavra certa — alguma qualidade de vida. *Charly* não está a sofrer. A sério. — Aceno,

ciente de que ele está a tentar convencer-se a si próprio. — As drogas controlam as dores.

*Por enquanto.* As palavras soam sem serem ditas.

— Quando chegar a altura, hei-de saber. — Tem os olhos húmidos e aterrados. — Hei-de saber o que fazer. Não terei medo. — Volto a encher-lhe o copo de chocolate quente sem uma palavra e polvilho a espuma com cacau em pó, mas Guillaume está demasiado ocupado com o cão para ver. *Charly* rebola-se sobre o dorso, recostando a cabeça.

— M'sieur le Curé diz que os animais não têm alma — diz Guillaume suavemente. — Diz que eu devia libertar o *Charly* do seu sofrimento.

— Tudo tem alma — replico eu. Era o que a minha mãe me costumava dizer. Tudo.

Ele concorda, só no seu círculo de medo e de culpa.

— O que é que eu havia de fazer sem ele? — pergunta ele, o rosto ainda voltado para o cão, e eu apercebo-me de que ele se esqueceu da minha presença. — O que é que eu hei-de fazer sem ti?

Atrás do balcão, cerro o punho numa raiva surda. Conheço aquele ar — medo, culpa, cobiça —, conheço-o bem. É o ar no rosto da minha mãe na noite do Homem de Preto. As palavras dele — *O que é que eu hei-de fazer sem ti?* — são as palavras que ela murmurou durante toda aquela noite terrível. Quando me miro ao espelho à noite antes de me deitar, quando acordo com o medo crescente — o saber, a certeza — de que a minha própria filha se escapa de mim, que estou a perdê-la, que a *hei-de* perder se não encontrar O Lugar... é o ar no meu próprio rosto.

Abraço Guillaume. Por um instante, ele fica tenso, desacostumado do contacto feminino. Depois relaxa. Sinto a força da sua angústia soltando-se em ondas.

— Vianne — diz ele suavemente. — Vianne.

— Não há mal nenhum em sentir isso — digo-lhe com firmeza. — É permitido.

Mais abaixo, *Charly* late de indignação.

\*\*\*

Fizemos perto de trezentos francos hoje. Pela primeira vez, o suficiente para cobrir as despesas. contei a Anouk quando ela voltou da escola, mas

ela pareceu distraída, com o rosto brilhante invulgarmente imóvel. Tinha os olhos pesados, escuros como nuvens prenunciando tempestade.

Perguntei-lhe o que se passava.

— É Jeannot. — A voz era inexpressiva. — A mãe dele diz que ele não pode brincar mais comigo.

Recordei Jeannot com o traje de Lobo no cortejo de Carnaval, miúdo dos seus sete anos, alto e magro, cabelo desgrenhado e expressão desconfiada. Ontem à noite, ele e Anouk brincaram na praia, por entre correrias e gritos de guerra secretos, até as luzes se apagarem. A mãe é Joline Drou, uma das duas professoras primárias e amiga de Caroline Clairmont.

— Ah sim? — Em tom neutro. — E o que é que ela diz?

— Diz que eu sou uma má influência. — Lançou-me um olhar soturno. — Porque não vamos à igreja. Porque tu abriste a loja no domingo.

*Tu abriste no domingo.*

Olhei-a. Apetecia-me abraçá-la mas a sua postura rígida e hostil alarmava-me. Falei com uma voz muito calma.

— E o que é que Jeannot acha? — perguntei gentilmente.

— Ele não pode fazer nada. Ela está sempre ali. A ver. — A voz de Anouk foi-se tornando estridente e eu percebi que ela estava à beira das lágrimas. — Por que é que isto há-de acontecer sempre? — perguntou ela. — Por que é que eu *nunca*... — Sucumbiu ao esforço, com o peito magro soluçando.

— Tens outros amigos. — Era verdade: eram quatro ou cinco ontem à noite, enchendo a praça com os seus assobios e risos.

— Amigos de *Jeannot*. — Percebi. Louis Clairmont. Lise Poitou. Amigos *dele*. Sem Jeannot, o grupo rapidamente se dispersaria. Senti uma súbita angústia pela minha filha, rodeando-se de amigos imaginários para povoar os espaços à sua volta. Era egoísta imaginar que uma mãe poderia preencher completamente esse espaço. Egoísta e cego.

— Podemos ir à igreja, se é isso que queres. — Com voz meiga. — Mas sabes que isso não mudaria nada.

Em tom acusador:

— Por que não? *Elas* não acreditam. Elas não querem saber de Deus. Vão só por ir.

Sorri, não sem alguma amargura. Seis anos e ainda consegue surpreender-me com a perspicácia ocasional das suas observações.

— Pode ser — disse eu. — Mas será que tu queres ser assim?

Um encolher de ombros, único e indiferente. Transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, como que temendo um sermão. Procurei as palavras para lhe explicar. Mas só me vinha à mente a imagem do rosto aflito da minha mãe enquanto me embalava e murmurava quase ferozmente: *O que seria de mim sem ti? O que seria de mim?*

Ah, ensinei-lhe tudo isto há muito tempo: a hipocrisia da Igreja, a caça às bruxas, a perseguição dos itinerantes e das pessoas de outras crenças. Ela compreende. Mas a compreensão não é facilmente transposta para a vida do dia-a-dia, para a realidade da solidão, a perda de um amigo.

— Não é justo. — A voz dela ainda rebelde, a hostilidade só parcialmente dominada.

— Vais arranjar outros amigos. Fraca resposta sem consolo. Anouk encarou-me com desdém.

— Mas eu queria este. — O tom dela era estranhamente adulto, estranhamente exausto ao voltar-se. Lágrimas inchavam-lhe as pálpebras mas ela não fez qualquer movimento na minha direcção a procura de aconchego. Com súbita e estonteante clareza, vi-a então, a criança, a adolescente, a adulta, a estranha que ela um dia seria, e quase gritei de perda e terror, como se de algum modo as nossas posições se tivessem invertido, ela a adulta, eu a criança.

*Por favor! O que seria de mim sem ti?*

Mas deixei-a ir sem uma palavra, ansiando por a abraçar mas demasiado ciente do muro da sua privacidade batendo a porta entre nós. Nascem selvagens as crianças, eu sei. Tudo quanto se pode esperar é um pouco de ternura, uma docilidade aparente. Sob a superfície, mantém-se o estado selvagem, forte, feroz, forasteiro.

Esteve calada durante o resto da noite. Quando a fui deitar, não quis que lhe contasse uma história mas ficou acordada durante horas depois de eu ter apagado o meu candeeiro. Ouvia-a da escuridão do meu quarto, cirandando para trás e para a frente, de vez em quando falando sozinha — ou com Pantoufle — em violentas explosões *staccato*, demasiado em

surdina para eu ouvir. Muito depois, quando eu tinha a certeza de que ela estava a dormir, esgueirei-me até ao seu quarto para apagar a luz e dei com ela enroscada ao fundo da cama, um braço atirado para o lado, a cabeça contorcida num ângulo estranho mas tão absurdamente comovente que me despedaçou o coração. Uma mão agarrava uma figurinha de plasticina. Tirei-lha ao endireitar a coberta, com a intenção de a devolver a caixa dos brinquedos. Guardava ainda o calor da sua mão, desprendendo um cheiro inequívoco a escolas primárias, segredos sussurrados, cartazes pintados e jornais e amigos semiesquecidos.

Quinze centímetros de comprimento, uma figura pegajosa moldada meticulosamente, olhos e boca desenhados com um alfinete, fio vermelho enrolado a volta da cintura e uma coisa qualquer — galhos ou erva seca — espetado na cabeça para sugerir cabelo castanho desgrenhado. Havia uma carta rabiscada no corpo do rapaz de plasticina, mesmo acima do coração; um distinto *J.* maiúsculo. Abaixo, e suficientemente perto para se sobrepor, a letra *A.*

Voltei a pousar a figura suavemente na almofada ao lado da cabeça dela e saí, apagando a luz. A certa altura antes de amanhecer, ela enfiou-se na minha cama como fazia amiúde em pequena e, sob leves camadas de sono, ouvi-a susurrar:

— Está tudo bem, mamã. Eu não te deixo.

Cheirava a sal e a sabonete para bebé e o seu abraço era firme e caloroso na escuridão envolvente. Embalei-a a ela, embalei-me a mim docemente, envolvi-nos a ambas num abraço de alívio tão intenso que quase doeu.

— Gosto de ti, mamã. Hei-de gostar sempre de ti. Não chores.

Eu não estava a chorar. Nunca choro.

Dormi mal por entre um caleidoscópio de sonhos; acordei ao amanhecer com o braço de Anouk atravessado sobre a minha cara e a urgência medonha e apavorada de fugir, pegar em Anouk e fugir sempre. Como é que nós pode-mos viver aqui, como é que pudemos ser tão tontas ao ponto de acreditarmos que ele não nos encontrava aqui? O Homem de Preto tem muitas faces, todas elas inclementes, duras e estranhamente invejosas. *Foge, Vianne. Foge, Anouk. Esqueçam o vosso sonho lindo e fujam.*

Mas não desta vez. Já fugimos longe de mais, eu e Anouk, eu e a minha mãe, longe de mais de nós próprias.

Este sonho eu tenciono agarrar.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Quarta-feira, 19 de Fevereiro

Este é o nosso dia de descanso. A escola está fechada e, enquanto Anouk brinca em Les Maraudeurs, eu recebo as entregas da semana.

Esta é uma arte que me dá prazer. Existe uma espécie de feitiçaria em todo o trabalho culinário: na escolha dos ingredientes, no processo de misturar, raspar, derreter, macerar e aromatizar, nas receitas retiradas de livros antigos, nos utensílios tradicionais — o pilão e o almofariz, a mistura com que a minha mãe fazia o seu incenso convertidos a um propósito mais caseiro, as suas especiarias e ervas aromáticas cedendo as subtilezas a uma magia mais básica e sensual. E é em parte a efemeridade de tudo que me delicia: tanta preparação amorosa, tanta arte e experiência aplicada num prazer que dura não mais do que um momento e que só uns poucos apreciarão plenamente. A minha mãe sempre encarou este meu interesse com um desdém indulgente. Para ela, a comida não era um prazer mas uma necessidade cansativa a causar-lhe preocupação, um imposto sobre o preço da nossa liberdade. Eu roubava ementas de restaurantes e olhava avidamente para as montras das *pâtisseries*. Devia ter uns dez anos — ou talvez mais — quando provei chocolate verdadeiro pela primeira vez. Ainda assim, o fascínio perdurou. Na minha cabeça, transportava receitas como quem transporta mapas. Todo o tipo de receitas: tiradas de revistas abandonadas em estações de comboio movimentadas, pedidas com bons modos a pessoas na estrada, casamentos estranhos confeccionados por mim própria. A minha mãe, com as suas cartas e adivinhações, orientava a nossa corrida insana pela Europa. Cartas de culinária ancoravam-nos, fixavam marcos em fronteiras turvas. Paris e os cheiros de pão a cozer e *croissants*; Marselha de *bouillabasse* e alho grelhado. Berlim era *Eisbrei* com *Sauerkraut* e *Kartoffelsalat*, Roma era o gelado que eu comi sem pagar num minúsculo restaurante junto ao rio. A mãe não tinha tempo para marcos divisórios. Todos os mapas dela eram

interiores, todos os lugares iguais. Já então éramos diferentes. Ah, ela ensinou-me o que sabia. A ver o âmago das coisas, das pessoas, a ver os seus pensamentos, os seus desejos. O motorista que parava para nos dar uma boleia, que se desviava dez quilómetros do seu destino para nos levar a Lejou, os merceeiros que recusavam pagamento, os polícias que faziam de conta que não viam. Nem sempre, claro. Às vezes falhava por qualquer razão que não percebíamos. Algumas pessoas são ilegíveis, inatingíveis. Francis Reynaud é uma delas. E mesmo quando não falhava, aquela intrusão casual perturbava-me. Era tudo demasiado fácil. Agora fazer chocolate é uma coisa completamente diferente. Requer uma certa habilidade. Uma certa leveza de toque, rapidez, uma paciência que a minha mãe nunca teve. É seguro. Inofensivo. E não tenho de olhar para os corações deles e tirar aquilo de que preciso: estes são desejos que podem ser facilmente satisfeitos, basta pedir.

Guy, o meu confeitiro, já me conhece há muito tempo. Trabalhámos juntos quando Anouk nasceu e ele ajudou-me a começar o meu primeiro negócio, uma minúscula *pâtisserie-chocolaterie* nos arredores de Nice. Agora fixou-se em Marselha, importa licor de chocolate em bruto directamente da América do Sul e converte-o em vários tipos de chocolate na sua fábrica.

Eu só uso o melhor. Os blocos para cobertura são ligeiramente maiores do que tijolos para construção, uma caixa de cada qualidade a cada entrega, e eu uso os três tipos: preto, de leite e branco. Tem de ser preparado para ficar no seu estado cristalino, produzindo uma superfície dura e estaladiça com um bom brilho. Alguns confeitiros compram os seus produtos já preparados, mas eu gosto de os preparar eu mesma. Existe um infinito fascínio em manusear blocos baços de cobertura em bruto, raspá-los à mão — nunca uso misturadoras eléctricas — para grandes tachos de cerâmica, depois derreter, mexer, testar cada passo meticuloso com o termómetro do açúcar até que uma dose suficiente de calor tenha sido aplicada para operar a mudança. Existe uma espécie de alquimia na transformação do chocolate em bruto neste ouro de um louco sábio, a magia de um leigo que até a minha mãe poderia apreciar. Ao trabalhar, limpo a mente, respirando fundo. As janelas estão abertas e a corrente de ar seria fria se não fosse o calor do fogão, os tachos de cobre, o vapor que se evola da cobertura a derreter. Os aromas cruzados de

chocolate, baunilha, cobre aquecido e canela são intoxicantes, poderosamente sugestivos, os aromas brutos e telúricos das Américas, o perfume quente e resinoso da floresta tropical. Eis como agora viajo, como os aztecas nos seus rituais sagrados: México, Venezuela, Colômbia. A corte de Montezuma. Cortez e Colombo. O Manjar dos Deuses, borbulhando e espumando em taças cerimoniais O amargo elixir da vida.

Talvez seja isto que Reynaud intui na minha lojinha: um regresso a tempos em que o mundo era um lugar mais vasto e selvagem. Antes de Cristo — antes de Adónis nascer em Belém ou Osíris ser sacrificado na Páscoa —, o grão de cacau já era venerado. Eram-lhe atribuídas qualidades mágicas. A sua infusão era bebida em golinhos nos degraus de templos sacrificiais; os seus êxtases eram poderosos e terríveis. Será isto que ele teme? A corrupção pelo prazer, a subtil transubstanciação da carne numa taça para o vício? Para ele, nada das orgias dos sacerdotes aztecas. E contudo, por entre os vapores de chocolate a derreter, algo começa a ganhar forma — uma visão, diria a minha mãe —, um dedo esfumado de percepção apontando... apontando...

*Ali.* Por um instante quase o tive. Através da superfície lustrosa, formase uma ondulação de vapor. Depois outra, película pálida, semiocultando, semi-revelando... Por um instante quase pude ver a resposta, o segredo que ele esconde — até de si mesmo — com tão temeroso calculismo, a chave que nos porá a todos em movimento.

Adivinhar com chocolate não é coisa fácil. As visões são pouco claras, perturbadas por perfumes que se evolvem e toldam a mente. E eu não sou a minha mãe, que até ao dia da sua morte conservou um poder de augúrio tão grande que nós as duas corríamos na sua dianteira em confusão crescente e selvagem. Mas antes de a visão se dissipar, tenho a certeza de que vejo qualquer coisa — um quarto, uma cama, um velho deitado na cama com os seus olhos como buracos crus num rosto lívido... E fogo. Fogo.

Será isto que eu devia fazer?

Será este o segredo do Homem de Preto?

Preciso de saber o seu segredo se é para ficarmos aqui. E eu preciso de ficar. Custe o que custar.

Quarta-feira, 19 de Fevereiro

Uma semana, *mon père*. Não mais que isso. Uma semana. Mas parece mais. Ultrapassa-me o facto de ela me incomodar assim; está bom de ver o que ela é. Fui vê-la noutro dia, para conversar com ela sobre o seu horário de abertura ao domingo de manhã. O lugar está transformado, o ar perfumado com os aromas desconcertantes de gengibre e especiarias. Tentei não olhar para as prateleiras de doces: caixas, fitas, arcos em tons pastel, amêndoas cobertas em camadas douradas e prateadas, violetas doces e rosinhas de chocolate. Há lá mais do que a sugestão do *boudoir*, um ar *íntimo*, um perfume de rosa e baunilha. O quarto da minha mãe tinha um ar assim; todo em crepe e tule e cristal lapidado tremeluzindo na luz muda, frascos e frasquinhos enfileirados sobre o seu toucador como um exército de geniozinhos aguardando liberdade. Há algo pernicioso em tão excessiva concentração de doçura. Uma promessa semicumprida do proibido. Tento não olhar, não cheirar.

Ela cumprimentou-me com a devida cortesia. Vi-a agora mais claramente: cabelo comprido, preto, atado atrás num nó e olhos tão pretos que parecem não ter pupilas. As sobrancelhas são absolutamente direitas, dando-lhe um ar severo mas traído pelo trejeito cómico da boca. Não usa maquilhagem e contudo há qualquer coisa de ligeiramente indecente naquele rosto. Talvez seja a frontalidade do olhar, o modo como os olhos se demoram nas suas avaliações, aquela permanente prega de ironia na boca. E é alta, demasiado alta para uma mulher, tão alta como eu. Olha-me olhos nos olhos, com os ombros para trás e queixo desafiador. Usa uma comprida saia cor-de-fogo aos folhos e uma camisola preta justa. Tal colorido parece perigoso, qual cobra ou ferrão de insecto, um aviso aos inimigos.

E ela é minha inimiga. Sinto-o imediatamente. Sinto a sua hostilidade e desconfiança apesar de o tom de voz se manter suave e agradável. Sinto

que me atraiu até aqui para me denegrir, que sabe algum segredo que até eu... Mas é disparatado. O que pode ela saber? O que pode ela *fazer*? Apenas ofende a minha noção de ordem, como um jardineiro consciencioso se poderia ofender com um carreiro de sementes de dentes-de-leão. A semente da discórdia está em toda a parte, *mon père*. E alastra. Alastra.

Eu sei. Estou a perder o sentido de perspectiva. Mas temos de estar vigilantes, o senhor e eu. Lembre-se de Les Marauds e dos ciganos que expulsámos das margens do Tannes. Lembre-se como levou tempo, quantos e quantos meses de queixas e cartas infrutíferas até tratarmos do assunto com as nossas próprias mãos. Lembre-se dos sermões que eu preguei! Uma porta atrás doutra foi-se fechando para eles. Alguns comerciantes cooperaram logo. Lembravam-se dos ciganos anteriores e das doenças e dos roubos e da prostituição. Ficaram do nosso lado. Lembro-me que tivemos que pressionar Narcisse que, tipicamente, lhes teria oferecido trabalho nos seus campos durante o Verão. Mas, por fim, conseguimos desalojá-los a todos, os homens taciturnos e as suas mulheres desleixadas de olhar atrevido, as crianças descalças e mal-educadas, os cães escanzelados. Eles foram-se e de boa vontade limparam o lixo que deixaram atrás de si. Uma única semente de dente-de-leão, *mon père*, seria suficiente para os trazer de volta. Sabe isso tão bem como eu. E se ela for essa semente...

Ontem falei com Joline Drou. Anouk Rocher frequenta a escola primária. Uma criança atrevida, cabelo preto como a mãe e um sorriso vivo e insolente. Ao que parece, Joline deu com o seu filho Jean, entre outros, a jogar um jogo qualquer com a criança no recreio da escola. Uma influência perniciosa, imagino, adivinhação ou outro disparate no género, paus e contas num saco espalhados na lama... Já lhe disse que conheço aquela estirpe. Joline proibiu Jean de voltar a brincar com ela, mas o miúdo é teimoso e fez birra. Naquela idade, a única coisa que resulta é disciplina dura. Ofereci-me para ter uma conversa com o rapaz mas a mãe não quis. É assim que eles são, *mon père*. Fracos. Fracos. Quantos deles não terão já quebrado os seus votos quaresmais. Quantos deles nunca tiveram a menor intenção de os respeitar. Por mim, sinto que jejuar me purifica. A vista da montra do talho aterra-me; os cheiros chegam a um ponto de intensidade tal que fico com a cabeça tonta. De repente, o cheiro

matinal de pão a cozer na padaria de Poitou já é de mais; o cheiro de gordura quente da *rôtisserie* na Place des Beaux-Arts é uma lança do inferno. Por mim, há mais de uma semana que não toco em carne nem peixe nem ovos: vivo de pão, sopas, saladas e um único copo de vinho ao domingo e sinto-me purificado, *père*, purificado... Só queria poder fazer mais. Isto não é sofrimento. *Isto* não é penitência. Às vezes penso que se eu conseguisse pelo menos *mostrar-lhes* o bom exemplo, se pudesse ser *eu* a sangrar e a sofrer naquela cruz... Aquela bruxa da Voizin troca de mim ao passar com a sua cesta da mercearia. É a única naquela família de fiéis praticantes a desdenhar a Igreja, fazendo-me caretas quando passa a manquejar, com o chapéu de palha atado à cabeça com um lenço vermelho e a bengala a enxotar as lajes aos seus pés... Suporto-a só em atenção à idade dela, *mon père*, e às súplicas da família. Obstinadamente, recusa tratamento, recusa conforto, acha que vai viver para sempre. Mas um dia há-de quebrar. Quebram sempre. E eu hei-de dar-lhe a absolvição com toda a humildade; sentirei pesar apesar de todas as suas aberrações, do seu orgulho e desafio. Hei-de tê-la no fim, *mon père*. No fim, não hei-de tê-los a todos?

*Quinta-feira, 20 de Fevereiro*

**E**stava á. espera dela. Casaco de xadrez, cabelo apanhado atrás num estilo que pouco a favorecia, mãos destros e nervosas como as de um atirador. Joséphine Muscat, a senhora do Carnaval. Esperou que os meus clientes habituais — Guillaume, Georges e Narcisse — saíssem, entrando então, com as mãos bem enterradas nos bolsos.

— Chocolate quente, por favor. — Sentou-se confortavelmente ao balcão, falando para os copos vazios que eu ainda não tivera tempo de arrumar.

— Com certeza. — Não lhe perguntei como o queria tomar, mas trouxe-lho com lascas de chocolate e chantili, ladeado por dois caramelos. Por um momento, ela olhou o copo com olhos semicerrados, depois tocou-o com cautela.

— No outro dia — disse, com casualidade forçada. — Esqueci-me de pagar uma coisa. — Tem dedos compridos, estranhamente delicados apesar das calosidades nas pontas. Quando em repouso, o seu rosto parece perder algo da sua expressão consternada, tornando-se quase atraente. O cabelo é castanho claro, os olhos dourados. — Lamento. — Atira a moeda de dez francos sobre o balcão numa espécie de desafio.

— Tudo bem. — Falei num tom casual, desinteressado. — Acontece. — Joséphine olhou-me por um segundo, desconfiada; depois, não sentindo malícia na voz, descontraíu-se um pouco. — Está bom. — Bebericando o chocolate. — Mesmo bom.

— Fui eu mesma que o fiz — expliquei. — De licor de chocolate antes de lhe ser adicionada gordura para o fazer solidificar. Era exactamente assim que os aztecas bebiam chocolate, há muitos séculos.

Ela lançou-me novo olhar rápido e desconfiado.

— Obrigada pelo presente — disse ela por fim. — Amêndoas de chocolate. As minhas preferidas. — Depois, rapidamente, as palavras

jorradadas numa catadupa desesperada e desajeitada: — Não as tirei de propósito. Elas já devem ter falado de mim, sabe. Mas eu não roubo. São elas... — desdenhosa agora, a boca revirada para baixo de raiva e ódio de si própria — ...a filha da mãe da Clairmont e as suas amiguinhas. Mentirosas.

Olhou-me outra vez, com um ar quase desafiador.

— Ouvi dizer que você não vai a igreja. — A sua voz era estridente, demasiado alta para a lojinha pequena e nós as duas.

Sorri: — verdade. Não vou.

— Não se vai aguentar muito tempo por aqui se não for — disse Joséphine na mesma voz alta e vítrea. — Eles correm consigo daqui da mesma maneira que fazem com todos aqueles que desaprovam. Vai ver. Isto tudo... — um gesto vago e brusco na direcção das prateleiras, das caixas, da montra com as suas *pièces montées* — ...nada disto a vai ajudar. Já os ouvi falar, sei o que dizem.

— Também eu. — Servi-me de chocolate da cafeteira de prata. Curto e preto, como café expresso, com uma colher de chocolate para o mexer. A minha voz era gentil. — Mas não tenho que os ouvir. — Uma pausa para bebericar. — Nem você.

Joséphine riu-se.

O silêncio rodopiou entre nós. Cinco segundos. Dez.

— Dizem que é uma bruxa. — Outra vez aquela palavra. Ergueu a cabeça em desafio. — ?

Encolhi os ombros, bebendo.

— Quem diz?

— Joline Drou. Caroline Clairmont. As beatas do Curé Reynaud. Ouvi-as falar no adro de St. Jérôme. A sua filha estava a contar as outras crianças. Qualquer coisa sobre espíritos. — Na sua voz, havia curiosidade e uma hostilidade latente e relutante que eu não compreendi.

— Espíritos! — gritou ela.

Desenhei o contorno turvo de uma espiral até aos bordos amarelos do meu copo.

— Julgava que não se importava com o que elas dizem.

— Sou curiosa. — Novamente aquele tom de desafio, como medo de que gostem de si. — E você estava a falar com a Armande no outro dia. Ninguém fala com a Armande. A não ser eu.

Armande Voizin. A velhinha de Les Marauds.

— Gosto dela — disse simplesmente. — Por que é que não havia de falar com ela?

Joséphine cerrou os punhos sobre o balcão. Parecia agitada, a voz estalando como vidro gelado. — Porque ela é doida, é isso! — Agitou os dedos junto às têmporas num gesto vagamente indicativo. — Doida, doida, *doida*. — Baixou a voz por um momento. — Digo-lhe-uma coisa — disse ela. — Há um risco em Lansquenet — ilustrando no balcão com um dedo calejado — e mulher que o pise, que *não vá à confissão*, que *não* respeite o marido, que *não* prepare três refeições por dia e se sente à lareira a pensar pensamentos decentes e à espera que ele chegue a casa, que não tenha *filhos* e não leve coroas de flores ao funeral dos amigos ou aspire a entrada de casa ou *cave os canteiros!*... — Um rubor subiu-lhe às faces devido ao esforço de falar. A sua raiva era intensa, enorme. — *Então é porque é maluca!* — cuspiu ela. — É maluca, é anormal e as pessoas... falam... de... nas costas dela e... e... e...

Calou-se, com uma expressão angustiada escapando-se-lhe do rosto. Reparei como ela olhava a janela por trás de mim, mas o reflexo no vidro era o suficiente para obscurecer o que quer que ela visse. Era como se uma persiana se tivesse fechado sobre o seu rosto, inexpressivo, dissimulado e desesperado.

— Desculpe. Eu às vezes tenho o coração ao pé da boca. — Engoliu o último gole de chocolate quente. — Eu não devia falar consigo. Você não devia falar comigo. Assim como assim, já vai ser mau que baste.

— É isso que Armande diz? — perguntei com gentileza.

— Tenho que ir. — Os seus pulsos cerrados batiam uma vez mais no peito no gesto recriminatório que parecia ser tão característico nela. — Tenho que ir. — O ar de consternação voltou-lhe ao rosto, os lábios descaídos e a boca aberta em tal pânico que parecia quase apatetada... E contudo, a mulher atormentada de raiva que há pouco falara estava longe disso. O que — *quem* — vira ela para a fazer reagir assim? Quando saiu de *LA PRALINE*, cabisbaixa frente a uma tempestade imaginária, abeirei-me da janela para a observar. Ninguém se aproximava dela. Ninguém parecia olhar na direcção dela. Foi então que reparei em Reynaud, de pé sob o arco do pórtico da igreja. Reynaud e um homem calvo que não reconheci. Ambos olhavam fixamente a montra de *LA PRALINE*.

*Reynaud?* Seria ele a razão do medo dela? A ideia de que tivesse sido ele a advertir Josephine contra mim incomodou-me. E contudo, ela parecia desdenhosa, e não temerosa, quando falou dele há pouco. O segundo homem era baixo mas forte: camisa de xadrez de mangas arregaçadas sobre braços vermelhos e lustrosos, óculos pequenos de intelectual contrastando estranhamente com as suas feições grosseiras e carnudas. Havia nele um ar de hostilidade difusa, até que percebi que já o vira antes. De barba branca e capa vermelha, agitando guloseimas para a multidão. No Carnaval. O Pai Natal, atirando bombons à multidão como se esperasse poder assim arrancar o olho de alguém. Nesse instante, um grupo de crianças encostou-se à montra e eu não consegui ver mais, embora julgasse saber por que razão Joséphine fugira com tanta pressa.

— Lucie, estás a ver aquele senhor na praça? Aquele de camisa vermelha? Quem é ele? — A menina fez um ar infeliz. Ratinhos de chocolate branco são a sua maior fraqueza: cinco por dez francos. Enfiou mais uns dois no cartucho de papel.

— Sabes quem é, não sabes?

Ela acena que sim.

— Monsieur Muscat. Do café. — Conheço: um lugarzinho lúgubre ao fundo da Avenue des Francs Bourgeois. Meia dúzia de mesas de metal no passeio, um guarda-sol desbotado de *Laranja*. Um letreiro antigo identifica-o: *CAFÉ DE LA REPUBLIQUE*. Agarrada ao seu cartucho de doces, a menina dá meia volta para ir embora, reconsidera e torna a voltar-se. — Nunca há-de adivinhar a preferência dele — diz ela. — Ele não tem nenhuma.

— Custa-me a crer — sorrio eu. — Toda a gente tem uma preferência qualquer. Até Monsieur Muscat.

Lucie pondera por um momento.

— Talvez a preferência dele seja aquilo que ele tira a outra pessoa — diz limpidamente. Depois desaparece, dizendo adeus do outro lado da montra.

— Diga à Anouk que nós vamos para Les Marauds depois da escola!

— Digo sim. — Les Marauds. O que será que os entretém ali? O rio com as suas margens castanhas e malcheirosas. As ruelas cheias de lixo. Um oásis para as crianças. Cavernas, seixos lisos lançados rente à água estagnada. Segredos sussurrados, espadas e escudos feitos de folhas de

ruibarbo. Guerra entre o emaranhado de silvas e amoras silvestres, túneis, exploradores, cães vadios, rumores, tesouros roubados... Anouk regressou da escola ontem com maior desenvoltura no andar e um desenho que fizera para mim.

— Esta sou eu. — Uma figura em fato-macaco vermelho coroadado por um rabisco de cabelo preto. — Pantoufle. — O coelhito está empoleirado no ombro dela como um papagaio de orelhas arrebitadas. — E Jeannot. — Uma figura de rapaz vestido de verde, com uma mão estendida. Ambas as crianças sorriem. Ao que parece as mães — mesmo as mães professoras — estão proibidas em Les Marauds. A figura de plasticina continua sentada ao lado da cama de Anouk e ela afixou o desenho na parede acima.

— Pantoufle disse-me o que havia de fazer. — Pega nele e abraça-o casualmente. A esta luz consigo vê-lo perfeitamente, qual criança peluda. Por vezes digo a mim mesma que devia desencorajar esta fantasia dela, mas não suporto infligir-lhe tamanha solidão. Talvez, se ficarmos aqui, Pantoufle possa abrir-lhe o caminho para mais companheiros de brincadeira.

— Fico contente que vocês tenham conseguido continuar amigos — disse-lhe eu, dando um beijo no cocuruto da sua cabeleira encaracolada. — Pergunta ao Jeannot se ele quer vir até cá um destes dias para ajudar a desfazer a montra. Também podes trazer os outros teus amigos.

— A casa de biscoito de gengibre? — Os olhos dela luziam como sol na água. — Ah *sim!* — Saltitando pela loja fora com súbita exuberância, quase deitando abaixo um banco, saltando sobre um obstáculo imaginário com um salto de gigante, depois pelas escadas acima a três e três. — Vou caçar-te, Pantoufle! — Uma pancada ao bater a porta contra a parede — bam-bam! Um golpe súbito e doce de amor por ela, apanhando-me desprevenida como sempre. A minha pequenina estranha. Nunca quieta, nunca calada.

Servi-me novamente de chocolate quente, virando-me ao ouvir os sininhos da porta a tilintar. Por um instante vi a sua face desprevenida, o olhar avaliador, o queixo apontado para fora, os ombros quadrados, as veias latejando nos braços nus e lustrosos. Depois sorriu, um sorriso fino sem calor.

— Monsieur Muscat, não é? — Interroguei-me sobre o que queria ele. Parecia deslocado, olhando de esguelha e cabisbaixo os expositores. O seu olhar deteve-se antes da minha cara, relanceando casualmente os meus seios: uma, duas vezes.

— O que é que ela queria? — A sua voz era suave mas com um sotaque forte. Abanou a cabeça uma vez, como que descrente. — Que diabo pretendia ela num lugar como este? — Apontava para um tabuleiro de amêndoas cobertas a cinquenta francos o pacote. — Este tipo de coisa, hã? — Apelou na minha direcção, de mãos estendidas. — Casamentos e baptizados. O que é que ela tem a ver com coisas para casamentos e baptizados? — Sorriu de novo. Adulador agora, tentando o seu charme e falhando. — O que é que ela comprou?

— Deduzo que se refere a Joséphine.

— A minha mulher. — Deu às palavras uma entoação estranha, uma espécie de tom definitivo. — É, para isso que servem as mulheres. Esfalfa-se um homem a trabalhar para viver e o que é que elas fazem, hã? Gastam-no todo em... — Outro gesto na direcção de filas de figuras de chocolate, grinaldas de maçapão, papel prateado, flores de seda. — O que foi, um presente? — Havia desconfiança na sua voz. — Para quem é que ela anda a comprar prendas ? Para ela? — Deu uma risada seca como se achasse a ideia ridícula.

Não achei que isso fosse da sua conta. Mas havia uma espécie de agressividade nos seus modos, um nervosismo a volta dos olhos e nos gestos das mãos, que me levou a ser prudente. Não por mim — aprendi muitas maneiras de tomar conta de mim durante os anos que vivi com a minha mãe — mas por ela. Antes que eu pudesse evitá-lo, uma imagem passou dele para mim: um nó dos dedos ensanguentado gravado a fumo. Cerrei os punhos sob o balcão. Neste homem não havia nada que eu quisesse ver.

— Acho que percebeu mal — disse-lhe eu. — Eu convidei Joséphine para um chocolate quente. Como amiga.

— Oh! — Pareceu surpreendido por momentos. Depois deu mais uma gargalhada-latido. Agora foi quase genuíno, verdadeiro divertimento com um toque de desdém. — *Você* quer ser amiga da Joséphine? — De novo o olhar avaliador. Senti-o a comparar-nos, os seus olhos excitados fixando

logo os meus seios sobre o balcão. Quando voltou a falar, foi com uma carícia na voz, uma toada do que ele imaginava ser sedução.

— E nova aqui, não é?

Acenei que sim.

— Talvez nos possamos encontrar um destes dias. Sabe, para nos conhecermos.

— Talvez. — No meu tom mais casual. — Talvez possa convidar também a sua mulher — acrescentei suavemente.

Um compasso de tempo. Olhou-me de novo, desta vez com um relance avaliador de desconfiança dissimulada.

— Ela não andou a dizer nada, pois não?

Inexpressivamente: — Que tipo de coisa?

Um rápido abanão de cabeça.

— Nada. Nada. Ela fala muito, é só isso. Não faz mais senão falar. Nada mais, hã? Dia sim, dia não. — De novo, a gargalhada curta e triste. — Não tarda muito a descobrir — acrescentou com satisfação amarga.

Murmurei qualquer coisa não comprometedora. Depois, num impulso, peguei num pequeno pacote de amêndoas cobertas de debaixo do balcão e estendi-lhas.

— Talvez possa entregá-las a Joséphine da minha parte — disse ligeiramente. — Eu ia dar-lhas mas esqueci-me.

Ele olhou-me mas não se mexeu.

— *Dar-lhas?* — repetiu.

— Oferta. Da casa. — Mostrei o meu sorriso mais insinuante. — Um presente.

O sorriso dele aumentou. Pegou nos chocolates dentro do seu bonito saquinho prateado.

— Pode estar descansada — disse, amarfanhando o pacote no bolso dos seus *jeans*.

— São os preferidos dela — disse-lhe.

— Não vai longe no negócio se passar a vida a fazer ofertas — disse ele com indulgência. — Dá cabo do negócio num mês. — De novo o olhar duro e guloso, como se também eu fosse um chocolate que ele estava ansioso por desembulhar.

— Vamos a ver — disse eu maliciosamente, enquanto o observava a sair da loja e a encaminhar-se para casa, ombros curvados numa versão

grosseira de um andar à James Dean. Não esperou sequer afastar-se o suficiente do alcance da minha vista para tirar o pacote dos chocolates de Joséphine e abri-lo. Talvez suspeitasse que eu o via. Um, dois, três: a sua mão ia à boca com uma regularidade preguiçosa e, antes ainda de atravessar a praça, o embrulho prateado já estava amarfanhado no punho fechado e os chocolates comidos. Imaginei-o a sorvê-los como um cão guloso que quer acabar a sua própria comida antes de ir roubar o prato de outro. Ao passar pela padaria, atirou a bola prateada para o caixote do lixo mas falhou, fazendo-a ressaltar na borda e cair no lajedo. Depois continuou o seu caminho pela Avenue des Francs Bourgeois sem olhar para trás, as suas botas de engenheiro fazendo faiscar o empedrado macio sob os pés.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sexta-feira, 21 de Fevereiro*

O ntem à noite ficou frio. O catavento de St. Jérôme virou e rodopiou numa indecisão ansiosa durante toda a noite, rangendo estridentemente contra as suas amarras ferrugentas como se assim alertasse contra os invasores. A manhã começou com um nevoeiro tão cerrado que até a torre da igreja, a vinte passos da montra, parecia distante e espectral, com o sino chamando pesadamente para a missa por entre chumaços de algodão-doce à medida que os primeiros crentes chegavam, de golas subidas contra o nevoeiro e à procura de absolvição.

Quando Anouk acabou de tomar o seu leite da manhã, embrulhei-a no seu casaco vermelho e, apesar dos seus protestos, enfiei-lhe um gorro na cabeça.

— Não queres pequeno-almoço?

Ela abanou a cabeça enfaticamente e agarrou numa maçã de um prato junto ao balcão.

— E o meu beijo?

Isto tornou-se um rito matinal.

Envolvendo-me o pescoço com braços manhosos, lambe-me a cara, afasta-se por entre saltinhos e risinhos, atira um beijo da porta e corre para a praça. Eu finjo-me terrivelmente horrorizada e limpo a cara. Ela ri-se deliciada, deita de fora a língua pequena e afiada e toca cometa: *Gosto de ti!* — e desaparece como um vapor vermelho por entre o nevoeiro, arrastando a sacola atrás de si. Sei que em trinta segundos o gorro felpudo já terá sido relegado para o fundo da sacola, juntamente com os livros, papéis e outras recordações do mundo adulto. Por um instante, vejo Pantoufle outra vez, saltando no rasto dela, e afasto à pressa a imagem indesejada. Um súbito sentimento de solidão e perda — como é que eu posso enfrentar um dia inteiro sem ela? —, e é com dificuldade que reprimo a vontade de a chamar de volta.

Seis clientes de manhã. Um é Guillaume, no seu regresso do talho com um pedaço de *boudin* embrulhado em papel.

— *Charly* gosta de *boudin* — diz em tom sério. — Ultimamente não tem andado a comer lá muito bem mas tenho a certeza de que vai adorar isto.

— Não se esqueça de que você também tem de comer — lembro-lhe suavemente.

— Claro. — Mostra-me o seu doce sorriso de desculpas. — Como como um cavalo. De verdade. — Olha-me subitamente aflito. — Claro que estamos na Quaresma — diz ele. — Acha que os animais também têm de respeitar o jejum quaresmal? Não, pois não?

Abano a cabeça perante a consternação no seu rosto. Tem um rosto pequeno de feições delicadas. o tipo de homem que parte uma bolacha a meio e guarda metade para mais tarde.

— Acho que vocês os dois precisam de se cuidar mais.

Guillaume coça a orelha de *Charly*. O cão parece indiferente, muito pouco interessado no conteúdo do embrulho do talho na cesta ao seu lado.

— Vamo-nos cuidando. — O sorriso surge tão pronto como a mentira. — A sério. — Acaba o seu *chocolat espresso*.

— Estava ótimo — diz como sempre. — Os meus parabéns, Madame Rocher. — Há. muito que deixei de lhe dizer para me tratar por Vianne. O seu sentido de propriedade impede-o. Deixa o dinheiro em cima do balcão, faz uma pequena vénia com o chapéu e abre a porta. *Charly* põe-se de pé com esforço, cambaleando para um lado. Mal a porta se fecha atrás deles, vejo Guillaume baixar-se para pegar em *Charly* e levá-lo ao colo.

Ao almoço tive outra visita. Reconheci-a de imediato apesar do disforme sobretudo de homem que ela usa: o rosto de maçã encarquilhada sob o chapéu de palha preto, as compridas saias pretas sobre pesadas botas de trabalho.

— Madame Voizin! Disse que passava por aqui, não disse? Deixe-me oferecer-lhe uma bebida. — Olhos brilhantes percorriam aprovadamente a loja de uma ponta outra. Notei como absorvia tudo. O seu olhar acabou por se deter na ementa de Anouk:

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| <i>chocolat chaud</i>    | 10F |
| <i>chocolat espresso</i> | 15F |
| <i>chococcino</i>        | 12F |

Acenou em ar de aprovação.

— Há anos que eu não tomo uma coisa destas — disse ela. — Já quase me tinha esquecido de que este tipo de coisas existia. — Há uma energia na sua voz, uma determinação nos seus movimentos, que desmentem a sua idade. A boca tem um trejeito bem-humorado que me lembra a minha mãe. — Eu gostava muito de chocolate — declara.

Enquanto eu lhe servia um copo de *mocha*, adicionando a espuma um pouco de *kahlua*, ela inspeccionava os bancos do bar com alguma desconfiança.

— Não está a espera que eu trepe ali para cima, pois não?

Ri-me.

— Se eu soubesse que vinha, tinha trazido uma escada. Espere um bocadinho. — Fui buscar a cozinha a velha cadeira cor de laranja de Poitou.

— Experimente isto.

Armande trepou para a cadeira e pegou no copo com as duas mãos. Parecia ávida como uma criança, de olhos brilhantes e expressão extática.

— Mmmm. — Era mais do que satisfação. Era quase reverência. — Mmmmmm. — Fechou os olhos enquanto provava a bebida. O prazer dela era quase assustador.

— Isto é autêntico, não é? — Deteve-se por um instante, os olhos brilhantes especulativamente semicerrados. — Tem natas e... canela, acho... e o que mais? *Tia Maria*?

— Perto — disse eu.

— Fruto proibido sabe sempre melhor, de qualquer maneira — declarou Armande, limpando a espuma a volta da boca, satisfeita. — Mas isto — Bebericou de novo, gulosa —, isto é a coisa melhor de que me lembro, mesmo de quando era pequena. Aposto que tem umas dez mil calorias. Ou mais.

— Por que é que havia de ser proibido? — Eu estava curiosa. Baixa e redonda como um cartucho, parecia o mais diferente possível da sua filha, preocupada com a figura.

— Ah, médicos. — O tom de Armande era desdenhoso. — Já se sabe como é que eles são. — Interrompeu-se para beber de novo pela palhinha.

— Ah, isto é bom. *Bom*. A Caro anda há. anos a tentar meter-me num lar qualquer. Não lhe agrada a ideia de eu viver ao virar da esquina. Não quer nada que lhe lembre as suas origens. — Deu uma boa gargalhada abafada. — Diz que eu estou doente. Que não posso tomar conta de mim. Manda aquele miserável do médico dela dizer-me o que posso e o que não posso comer. Qualquer pessoa havia de pensar que ela *quer* que eu viva para sempre.

Sorri.

— Tenho a certeza de que a Caroline se preocupa muito consigo.

Armande lançou-me um olhar escarninho.

— *Ai tem?* — Cacarejou uma gargalhada vulgar. — Não me venha com isso, menina. Sabe muitíssimo bem que a minha filha não se preocupa com mais ninguém além de si própria. Eu cá não sou tola. — Uma pausa à medida que franzia o olhar vivo e desafiador na minha direcção. — É do rapaz que eu tenho pena — disse ela.

— Rapaz?

— Luc, é como se chama. O meu neto. Faz catorze em Abril. Já deve tê-lo visto na praça.

Lembro-me vagamente dele: um rapaz pálido, demasiado alinhado nas suas calças de flanela bem vincadas e no seu casaco de *tweed*, olhos frios cinza-esverdeados sob uma franja lisa. Acenei que sim.

— Fiz dele meu herdeiro — disse Armande. — Meio milhão de francos. Serão dele quando fizer dezoito anos. — Encolheu os ombros. — Nunca o vejo — acrescentou de fugida. — A Caro não deixa.

Já os vi juntos. Lembro-me agora: o rapaz amparando o braço da mãe ao passarem a caminho da igreja. Entre as crianças de Lansquenet, ele é o único que nunca comprou chocolates em *LA PRALINE*, embora me pareça já o ter visto espreitando a montra uma ou duas vezes.

— Da última vez que ele me veio ver tinha dez anos. — A voz de Armande era extraordinariamente inexpressiva. — Há um século, para ele. — Acabou o seu chocolate quente e pousou o copo no balcão com um som brusco e definitivo. — Eram os anos dele, tanto quanto me lembro. Dei-lhe um livro de poemas de Rimbaud. Ele foi muito... bem-educado. — Havia amargura na sua voz. — Claro que entretanto já o vi umas quantas vezes na rua — disse. — Não me posso queixar.

— Por que é que não aparece? — perguntei com curiosidade. — Pode convidá-lo para sair, conversar, conhecê-lo?

Armande abanou a cabeça.

— Desentendemo-nos, eu e a Caro. — A sua voz ficou subitamente lamurienta. A ilusão de juventude abandonou-a juntamente com o sorriso e ela pareceu, de súbito, chocantemente velha. — Ela tem vergonha de mim. Sabe Deus o que diz de mim ao rapaz. — Abanou a cabeça. — Não, é demasiado tarde. Vê-se bem na cara dele... naquele ar *bem-educado...* nas mensagenzinhas vazias e bem-educadas dos seus cartões de Natal. Um rapazinho com tão boas maneiras. — A gargalhada dela era amarga. — Um rapazinho tão bem-educado, com tão boas maneiras.

Virou-se para mim com um sorriso vivo e valente.

— Se eu soubesse o que ele faz — disse ela. — O que lê, qual o clube preferido, quem são os seus amigos, que resultados tem na escola. Se eu soubesse isso...

— Se?

— Podia *fingir* para mim própria... — Por um segundo, vi-a à beira das lágrimas. Depois uma pausa, um esforço, uma mobilização de força de vontade. — Sabe, acho que estava capaz de tomar mais um desse seu chocolate quente especial. Que tal outro? — Era fogo de vista, mas admirei-a mais do que nunca. Que ainda seja capaz de fazer de rebelde por entre as suas atribulações, a suspeita de bravado nos seus movimentos ao pousar os cotovelos no bar, enquanto sorve.

— Sodoma e Gomorra por uma palhinha. Mmmm. Acho que morri e cheguei ao céu. Tão perto quanto hei-de chegar, pelo menos.

— Eu podia tentar saber alguma coisa sobre Luc, se quiser. Podia dizer-lhe. — Armande pesou a proposta em silêncio. Sentia-a a observar-me sob as pálpebras descaídas. A avaliar-me.

Por fim falou.

— Todos os rapazes gostam de guloseimas, não gostam? — O tom de voz era casual. Concordei que a maioria gostava. — E os amigos dele vêm aqui, suponho? — Disse-lhe que não tinha a certeza de quem eram os amigos dele mas que a maioria das crianças costumavam vir até aqui.

— Eu podia voltar cá — decidiu Armande. — Gosto do seu chocolate, apesar de as cadeiras serem terríveis. Até posso tornar-me cliente da casa.

— Seria bem-vinda.

Nova pausa. Percebi que Armande Voizin faz as coisas à sua maneira, ao seu ritmo, não deixando que a apressem ou aconselhem. Deixei-a pensar no caso.

— Tome. Fique com isto. — Estava tomada a decisão. Atirou energicamente uma nota de cem francos para cima do balcão.

— Mas eu...

— Se o vir, dê-lhe uma caixa daquilo que ele gostar. Não lhe diga que é da minha parte.

Anotei.

— E não deixe que a mãe saiba. Mais do que certo, ela já deve andar ocupada a espalhar a sua bisbilhotice e condescendência. A minha única filha e logo tinha de se tornar numa das Irmãs da Salvação do Reynaud. — Franziu os olhos maldosamente, formando teias de covinhas nas faces redondas.

— Já circulam rumores sobre si — disse ela. — Já sabe o género. Envolver-se comigo só lhe vai complicar a vida.

Ri-me.

— Eu cá me arranjo.

— Acho que sim. — Olhou-me, subitamente atenta, já sem o tom de troça na voz. — Há qualquer coisa em si — disse numa voz suave. — Qualquer coisa familiar. Suponho que não nos encontrámos antes daquela vez em Les Marauds, pois não? — Lisboa, Paris, Florença, Roma... Tanta gente. Tantas vidas cruzadas, fugidamente entrecruzadas, varridas pela teia alucinada do nosso itinerário. Mas acho que não. E há um cheiro. Como que a queimado, o cheiro de um relâmpago de Verão dez segundos depois de estourar. Um aroma de trovoadas de Verão e campos de milho a chuva. — O rosto arrebatado, os olhos procurando os meus. — E verdade, não é? O que eu disse? O que você é?

De novo aquela palavra.

Riu-se deliciada e pegou-me na mão. A pele dela era fresca: folhagem, não carne. Virou-me a mão para ver a palma.

— Eu sabia! — O seu dedo percorria a linha da vida e a do coração. — Eu sabia desde o momento em que a vi! — De si para si, cabeça curvada e voz tão baixa que mais não era do que um sopro de encontro a minha mão: — Eu sabia. Eu sabia. Mas nunca pensei vê-la aqui, nesta cidade. — Um olhar arguto e desconfiado para cima.

— Reynaud sabe?

— Não sei bem. — Era verdade: não fazia ideia nenhuma de que é que ela estava a falar. Mas também eu podia sentir-lhe o cheiro: o aroma da mudança de ventos, aquele ar de revelação. Um aroma distante de fogo e ozono. O chiar de mudanças há muito por usar, a máquina infernal da sincronia. Ou talvez Joséphine tenha razão e Armande seja maluca. Afinal de contas, ela via Pantoufle.

— Não deixe que Reynaud saiba — disse-me ela, com os seus olhos loucos e sérios a cintilar. — Você sabe quem *ele* é, não sabe?

Fitei-a esgazeada. Devo ter imaginado o que ela disse então. Ou talvez os nossos sonhos se tenham tocado brevemente por uma vez, numa das nossas noites em fuga.

— *Ele é o Homem de Preto.*

Reynaud. Como uma carta de azar. Uma e outra vez. Riso nas alas.

\* \* \*

Muito depois de deitar Anouk, deitei as cartas da minha mãe pela primeira vez desde que ela morreu. Guardo-as numa caixa de pau-de-sândalo e elas estio macias e perfumadas com as memórias dela. Por um instante, quase as arrumo sem as ler, desconcertada com o rio de associações que aquele aroma carrega consigo. Nova Iorque e bancas fumegantes de cachorros quentes. O *CAFÉ DE LA PAIX* e os seus empregados imaculados. Uma freira a comer gelado no adro da catedral de Notre-Dame. Quartos de hotel de passagem, porteiros carrancudos, *gendarmes* desconfiados, turistas curiosos. E, sobre tudo isso, a sombra de *Aquilo*, a coisa implacável e inominável de que fugíamos.

Eu não sou a minha mãe. Não sou uma fugitiva. E contudo, a necessidade de ver, de *saber*, é tão grande que dou comigo tirando-as da caixa e espalhando-as, como ela fazia, na beira da cama. Uma olhadela para trás para me certificar de que Anouk está a dormir. Não quero que ela perceba o meu desassossego. Depois baralho, parto, baralho, parto até ter quatro cartas.

*Dez de espadas, morte. Três de espadas, morte. Dois de espadas, morte. A Carroça. Morte.*

O Eremita. A Torre. A Carroça. Morte.

As cartas são da minha mãe. Isto não tem nada a ver comigo, digo-me, embora o Eremita seja facilmente identificável. Mas a Torre? A Carroça? Morte?

A carta da Morte, diz a voz da minha mãe dentro de mim, não pressagia sempre a morte física do ser mas a morte de um modo de vida. Uma mudança. Uma viragem nos ventos. Será isto que quer dizer?

Não acredito na adivinhação. Não como ela acreditava, como um modo de cartografar os acasos da nossa trajetória. Não como um pretexto para a inacção, uma muleta quando as coisas vão de mal a pior, uma racionalização do caos interior. Ouço a voz dela agora e ela soa como soava no barco, a sua força transformada em pura teimosia, o seu humor em desespero visionário.

*E que tal a Disneylândia? O que é que achas? Florida Keys? Os Everglades? Há tanto para ver no Novo Mundo, tanto que nós não conseguimos sequer sonhar. isso, achas? isso que as cartas dizem?*

Mas a Morte estava em todas as cartas, a Morte e o Homem de Preto, que começara a significar a mesma coisa. Fugíamos dele e ele seguia-nos, guardado em pau-de-sândalo.

Como antídoto, eu lia Jung e Hermann Hesse e aprendia sobre o inconsciente colectivo. A adivinhação como uma maneira de nos dizer aquilo que já sabemos. Que tememos. Não demónios, a não ser uma colecção de arquétipos comuns a todas as civilizações. O medo da perda — Morte. O medo do desalojamento — a Torre. O medo da efemeridade — a Carroça.

E contudo a mãe morreu.

Ternamente, voltei a colocar as cartas na sua caixa perfumada. Adeus, mãe. Aqui termina a nossa viagem. Aqui ficamos para enfrentar o que o vento nos trouxe. Não voltarei a ler as cartas.

*Domingo, 23 de Fevereiro*

**P**erdoe-me, Padre, que pequei. Sei que me pode ouvir, *mon père*, e não há mais ninguém a quem eu cuide de me confessar. Certamente não ao bispo, seguro na sua remota diocese de Bordéus. E a igreja parece tão vazia. Sinto-me tolo aos pés do altar, a olhar para Nosso Senhor no seu dourado e na sua agonia — o dourado deslustrou com o fumo das velas e o tom escuro dá-lhe um ar dissimulado e secreto — e a oração, que nesse tempo era uma grande bênção, uma grande fonte de alegria, é agora um fardo, um grito no sopé de uma montanha erna que a qualquer momento pode lançar uma avalanche sobre mim.

Será isto a dúvida, *mon père*? Este silêncio dentro de mim, esta incapacidade de orar, de me purificar, de ser humilde... será isto falta minha? Olho a igreja que é a minha vida e tento sentir amor por ela. Amor, como o senhor sentia, pelas estátuas — S. Jerónimo com o nariz lascado, a Virgem a sorrir, Joana D'Arc com a sua bandeira, S. Francisco com as pombas pintadas. Por mim, detesto pássaros. Isso bem pode ser um pecado contra o meu santo homónimo, mas é mais forte do que eu. Os seus gritos, a sua imundície — até às portas da igreja, o branco das paredes caiadas raiado com os borões esverdeados dos seus excrementos —, o seu ruído durante o sermão... Eu enveneno os ratos que infestam a sacristia e roem os paramentos. Não devia envenenar também as pombas que perturbam o meu serviço? Eu tentei, *mon père*, em vão. Talvez S. Francisco os proteja.

Se eu pudesse ser mais meritório. O meu imerecimento assusta-me, a minha inteligência — que excede de longe a do meu rebanho — serve apenas para sublinhar a fraqueza, a pouca-valia do recipiente que Deus escolheu para servir. Será este o meu destino? Eu sonhei com coisas maiores, com sacrifícios, martírios. Em vez disso, desperdiço o tempo em ansiedades indignas de mim, indignas de si.

O meu pecado é o da mesquinhez, *mon gere*. Por isso Deus está silencioso na Sua casa. Eu sei, mas não sei como curar o mal. Aumentei a austeridade do meu jejum quaresmal, decidindo observá-lo mesmo nos dias em que é permitido aliviá-lo. Hoje, por exemplo, derramei a minha libação dominical sobre as hidrângeas e senti uma inequívoca elevação do espírito. Para já, pão e água serão o único acompanhamento das minhas refeições, o café preto e sem açúcar para intensificar o seu sabor amargo. Hoje comi uma salada de cenoura com azeitonas — legumes e bagas do deserto. É verdade que agora sinto a cabeça um pouco tonta, mas a sensação não é desagradável. Sinto uma pontada de culpa quando penso que a minha privação me dá prazer e resolvo então colocar-me no caminho da tentação. Deixar-me ficar durante uns cinco minutos junto à montra da *rôtisserie*, olhando os frangos no espeto. Se Arnaud escarnecer de mim, tanto melhor. E de resto, ele devia ter a loja fechada durante a Quaresma.

Quanto a Vianne Rocher... Mal pensei nela nestes últimos dias. Viro a cara quando passo pela loja dela. Ela tem prosperado apesar da época e da desaprovação dos elementos bem-pensantes de Lansquenet, mas eu atribuo isso à novidade da tal loja. Há-de passar com o tempo. Os nossos paroquianos já mal têm dinheiro para as suas necessidades quotidianas, quanto mais para andarem a subsidiar uma coisa mais própria de cidades grandes.

*LA CÉLESTE PRALINE*. Até o nome é um insulto deliberado. Hei-de apanhar o autocarro para Agen e apresentar queixa na imobiliária. Ela nunca devia ter sido autorizada a arrendar aquele sítio, antes de mais. A localização central da loja garante um tipo de prosperidade, encoraja a tentação. O bispo devia ser informado. Talvez ele possa exercer qualquer tipo de influência que eu não tenho. Vou escrever-lhe hoje. Vejo-a às vezes na rua. Tem uma gabardina amarela com margaridas verdes, uma peça de criança não fosse o seu comprimento, algo indecente numa mulher adulta. Nunca cobre o cabelo, nem mesmo à chuva, reluzente e macio como pele de foca. Ela torce-o como a uma corda comprida quando chega ao toldo. Muitas vezes estão pessoas à espera debaixo daquele toldo, abrigando-se da chuva interminável e vendo a decoração da montra. Ela instalou agora um aquecimento eléctrico, suficientemente perto do balcão para ser confortável, e suficientemente afastado para não danificar os seus artigos

e, com os bancos, as *gloches* de vidro recheadas de bolos e tartes e as cafeteiras de prata com chocolate quente sobre a chapa, aquilo parece mais um café do que uma loja. Em certos dias, muitas vezes vejo por lá dez ou mais pessoas, umas de pé, outras encostadas ao balcão almofadado a conversar. Ao domingo e quarta-feira a tarde o ar húmido enche-se do cheiro a bolos e ela encosta-se a porta, enfarinhada até aos cotovelos, atirando comentários atrevidos a quem passa. Espanto-me com a quantidade de pessoas cujo nome ela sabe — eu levei seis meses até conhecer o meu rebanho — e parece ter sempre uma pergunta ou um comentário pronto sobre a vida deles, os problemas deles. A artrite de Blaireau. O filho soldado de Lambert. Narcisse e as suas orquídeas premiadas. Até sabe o nome do cão de Duplessis. Ah, é astuta. Impossível não dar por ela. Ou se responde, ou se passa por grosseiro. Até eu — até eu tenho de sorrir e acenar embora por dentro esteja a ferver. A filha segue-lhe as pisadas, andando a solta por Les Marauds com um bando de rapazes e raparigas mais velhos. Oito ou nove anos, a maior parte deles, e tratam-na com carinho, como a uma irmãzita mais nova, uma mascote. Andam sempre juntos, a correr, a gritar, a fazer de aviões bombardeiros com os braços, disparando uns contra os outros, cantarolando e assobiando. Jean Drou é um deles, apesar da preocupação da mãe. Já o tentou proibir uma ou duas vezes, mas ele está cada dia mais rebelde e escapa-se pela janela do quarto quando ela o fecha lá dentro. Mas eu, *mon père*, tenho preocupações mais sérias do que as traquinices de uns poucos de catraios desordeiros. Ao passar por Les Marauds antes da missa de hoje vi, atracado a margem do Tannes, um barco-casa do tipo que nós os dois bem conhecemos. Uma coisa com um aspecto desgraçado, pintado de verde mas a descascar miseravelmente, uma chaminé de folha lançando fumos pretos e tóxicos, um telhado de chapa ondulada, como os telhados daqueles barracos de papelão dos *bidon-vales* de Marselha. Nós os dois sabemos bem o que isto quer dizer. O que que traz consigo. O primeiro dente-de-leão da Primavera deitando a cabeça de fora da turfa encharcada na margem da estrada. Todos os anos tentam, vindo rio acima das cidades e dos bairros-de-lata ou pior, cada vez mais longe, da Argélia e de Marrocos. A procura de trabalho. procura de um lugar onde ficar e procriar... Preguei um sermão contra eles hoje de manhã, mas sei que apesar disso alguns dos meus paroquianos — Narcisse entre eles — lhes

vão dar as boas-vindas só para me desafiar. São itinerantes. Não têm respeito por nada nem valores nenhuns. São os ciganos do rio, espalham doenças, roubam, matam quando conseguem escapar. É deixá-los ficar e hão-de dar cabo de tudo aquilo para que nós trabalhâmos, *père*. Toda a nossa educação. As crianças deles hão-de andar atrás das nossas até estragarem tudo o que nós fizemos por elas. Hão-de roubar as mentes das nossas crianças. Ensinar-lhes ódio e desrespeito pela Igreja. Ensinar-lhes preguiça e fuga 63 responsabilidades. Ensinar-lhes o crime e os prazeres das drogas. Já se terão esquecido do que aconteceu naquele Verão? Será que são tão tolos que acreditem que não volta a acontecer?

Fui à casa-barco hoje à tarde. Li lá havia mais duas, uma vermelha e outra preta. A chuva tinha parado e havia uma corda com roupa a secar estendida entre os dois recém-chegados, onde crianças molengonas penduravam roupa. No convés do barco preto estava sentado um homem a pescar, de costas para mim. Cabelo comprido e ruivo atado com uma tira de pano, braços nus tatuados junto ao ombro com hena. Eu deixei-me ficar a olhar os barcos, espantado com a sua miséria, a sua pobreza provocante. O que que esta gente faz por si? Nós somos um país próspero. Uma potência europeia. Devia haver trabalho para esta gente, empregos ateis, habitações boas... Por que que eles escolhem viver assim, no ócio e na miséria? Será que são assim tão preguiçosos? O homem ruivo no convés do barco preto fez um gesto autoprotector na minha direcção e regressou à sua pesca.

— Vocês não podem ficar aqui — gritei eu com a água de permeio. — Isto é propriedade privada. Vocês têm de sair.

Riso e zombaria dos barcos. Eu senti as têmporas a latejarem de raiva mas permaneci calmo.

— Podem falar comigo — gritei eu de novo. — Sou padre. Talvez possa-mos encontrar uma solução.

Vários rostos tinham aparecido às janelas e portas dos três barcos. Vi quatro crianças, uma mulher nova com um bebé e três ou quatro pessoas mais velhas, embrulhadas naquela não-cor cinzenta que caracteriza esta gente, com rostos astutos e desconfiados. Vi que se viraram para o Ruivo à espera da deixa. Dirigi-me a ele.

— Ei, você!

A sua postura era toda ela atenção e deferência irónica.

— Por que você não vem até aqui e conversamos? Eu posso explicar melhor as coisas se não tiver de gritar por cima de meio rio — disse-lhe eu.

— Explique-se lá — disse ele. Falou com um sotaque marselhês tão cerrado que eu mal consegui distinguir as palavras. — Eu ouço-o bem. — A sua gente nos outros barcos acotovelava-se e ria-se à socapa. Eu esperei pacientemente até que se fizesse silêncio.

— Isto é propriedade privada — repeti. — Lamento, mas vocês não podem ficar aqui. Há pessoas a viverem aqui. — Indiquei as casas na margem do rio ao longo da Avenue des Marais. verdade, muitas delas estão agora abandonadas, tendo chegado à ruína devido à humidade e abandono, mas algumas ainda estão habitadas.

O Ruivo lançou-me um olhar desdenhoso.

— Também há pessoas a viverem aqui — disse ele, indicando os barcos.

— Compreendo, mas mesmo assim... — Ele interrompeu-me bruscamente.

— Não se preocupe. Nós não ficamos por muito tempo. — O seu tom era definitivo. — Precisamos de fazer consertos, de nos abastecermos. Não podemos fazer isso no meio do campo. Ficamos duas semanas, talvez três. Acho que consegue aguentar isso, hã?

— Talvez uma aldeia maior... — Senti-me a eriçar-me perante o tom insolente dele, mas permaneci calmo. — Uma cidade como Agen, talvez...

Curto: — Não serve. Vimos de lá.

Tenho a certeza que sim. Eles são duros com os itinerantes em Agen. Se ao menos tivéssemos a nossa própria polícia em Lansquenet.

— Tenho aqui um problema com o meu motor. Vim a largar óleo pelo rio acima. Tenho de o arranjar antes de voltar a partir.

Endireitei os ombros.

— Não me parece que encontre por aqui aquilo de que precisa — disse.

— Bem, cada qual tem a sua opinião. — Parecia desinteressado, quase divertido. Uma das mulheres cacarejava. — Até um padre tem direito a isso. — Mais gargalhadas. Eu mantive a minha dignidade. Esta gente não merece a minha raiva.

Voltei-me para me vir embora.

— Ora, ora, é M'sieur le Curé — A voz veio mesmo de trás de mim e, contra a minha própria vontade, recuei. Armande Voizin deu uma pequena

gargalhada. — Nervoso, hã? — disse ela maliciosamente. — E é caso para isso. Aqui está fora do seu território, não está? Qual é a missão desta vez? Converter os pagãos?

— Madame. — Apesar da sua insolência, fiz-lhe uma vénia bem-educada. — Vejo que está de boa saúde.

— Ai sim? — Os seus olhos pretos latejavam de riso. — E eu que tinha a impressão de que estava mortinho por me dar a Extrema-Unção.

— De modo algum, Madame. — Com uma frieza digna.

— Ainda bem. Porque este cordeiro velho nunca mais regressa ao redil — declarou ela. — Duro de mais para si. Lembro-me de a sua mãe dizer...

Ataquei-a mais bruscamente do que pretendia.

— Temo não ter tempo para conversa fiada hoje, Madame. Estas pessoas... — um gesto na direcção dos ciganos do rio — ...a presença destas pessoas tem de ser resolvida antes que a situação fique fora de controlo. Tenho de zelar pelos interesses do meu rebanho.

— Mas que bem-falante que está — observou ela preguiçosamente. — *Os interesses do seu rebanho*. Lembro-me de quando era rapazinho, a brincar aos índios em Les Marauds. O que que lhe ensinaram na cidade, além de pompa e presunção?

Olhei-a irado. Só ela em toda Lansquenet se delicia em recordar-me coisas que mais vale esquecer. Ocorre-me que quando ela morrer, essa memória morre com ela, e fico quase feliz com isso.

— A si pode agradar-lhe a ideia de ver itinerantes a tomarem conta de Les Marauds — disse-lhe eu rispidamente. — Mas as outras pessoas, a sua filha entre elas, percebem que se os deixarmos pôr um pé dentro da porta...

Armande bufou uma gargalhada.

— Ela até fala como você — disse ela. — Tiradas de *cliché* de púlpito e lugares-comuns nacionalistas. Tanto quanto vejo, esta gente não está a fazer mal nenhum. Porquê fazer uma cruzada para os expulsar, quando eles não tardam a ir-se embora, de qualquer maneira?

Encolhi os ombros.

— Vê-se bem que não quer compreender o assunto — disse eu laconicamente.

— Bem, eu já disse ali ao Roux... — um gesto malicioso na direcção do homem do barco preto — ...disse-lhe a ele e aos amigos dele que seriam

bem-vindos durante o tempo que lhes levar a consertar o motor e abastecer-se de mantimentos. — Lançou-me um olhar malicioso e triunfante. — Por isso, não lhes pode dizer que estão a invadir propriedade privada. Estão aqui, em frente da minha casa, com a minha bênção. — Deu uma ênfase especial última palavra, como para me insultar.

— Assim como os seus amigos, quando chegarem. — Lançou-me mais um dos seus olhares insolentes. — *Todos* os seus amigos.

Bem, eu já devia prever. Ela tinha de o fazer nem que fosse para me vexar. Gosta da notoriedade que lhe advém disso, sabendo que, como residente mais velha da aldeia, lhe são permitidas certas liberdades. Não vale a pena discutir com ela, *mon père*. Já sabemos isso. Ela gosta da discussão tanto como aprecia o contacto com esta gente, as suas histórias, as suas vidas. Não espanta que já saiba os nomes deles. Não lhe posso dar a satisfação de me ver implorar. Não, tenho de lidar com o assunto de outra maneira.

Uma coisa fiquei a saber por Armande, pelo menos. Haverá outros. Quantos, teremos de esperar para ver. Mas é como eu temia. Três deles hoje. Amanhã, quantos mais?

Passei por Clairmont a caminho daqui. Ele espalhará a palavra. Conto com alguma resistência — Armande ainda tem amigos — e Narcisse pode requerer alguma persuasão. Mas, no geral, conto com cooperação. Ainda sou alguém nesta aldeia. A minha boa opinião conta para alguma coisa. Também vi Muscat hoje. Ele encontra a maioria das pessoas no seu café. Presidente do Comité dos Moradores. Um homem recto apesar dos seus erros, e um católico praticante. E se fosse precisa uma mão forte — claro que todos nós condenamos a violência, mas com esta gente nunca se pode excluir essa possibilidade —, bem, tenho a certeza de que poderíamos contar com o Muscat.

Armande chamou-lhe uma cruzada. Disse-o como um insulto, eu sei, mas mesmo assim... Sinto uma certa excitação ante a perspectiva deste conflito. Será esta a tarefa que Deus me terá destinado?

É por isto que eu vim para Lansquenet, *mon père*. Para lutar pelo meu povo. Para os salvar da tentação. E quando Vianne Rocher vir o poder da Igreja — a minha influência em todas as almas da *minha* comunidade —, saberá que perdeu. Sejam quais forem as suas esperanças, as suas ambições. Perceberá que não pode ficar. Não pode lutar e esperar vencer.

E eu triumfarei.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Segunda-feira, 24 de Fevereiro*

Caroline Clairmont apareceu logo depois da missa. O filho vinha com ela, de sacola a tiracolo, um rapaz alto de rosto pálido e impassível. Ela trazia um maço de cartões amarelos manuscritos.

Sorri para ambos.

A loja estava quase vazia — os meus primeiros clientes habituais chegam por volta das nove e eram oito e meia. Só Anouk estava sentada ao balcão, diante de uma tigela de leite semibebida e de um *pain au chocolat*. Lançou um olhar vivo ao rapaz, acenou com o bolo num gesto vago de saudação, e regressou ao seu pequeno-almoço.

— Em que posso servi-los ?

Caroline olhou a sua volta com uma expressão de inveja e desaprovação. O rapaz olhava a direito mas notei que os seus olhos queriam desviar-se na direcção de Anouk. Parecia bem-educado e taciturno, de olhos brilhantes e impenetráveis sob uma franja comprida.

— Sim. — A voz dela era ligeira e falsamente jovial, o sorriso tão cortante e doce como alcorça, mostrando os dentes. — Ando a distribuir isto... — estendeu o molho de cartões — e pensei que talvez pudesse colocar alguns na montra. — Estendeu um. — Toda a gente está a colocá-los — acrescentou, como se isso pudesse pesar na minha decisão. Peguei no cartaz.

A letras pretas sobre o amarelo, em maiúsculas nítidas e ousadas:

*PROIBIDOS VENDEDORES AMBULANTES E ITINERANTES.*

*A GERÊNCIA RESERVA-SE O DIREITO DE ADMISSÃO.*

— Para que é que eu preciso disso? Por que é que eu havia de me recusar a servir seja quem for?

Caroline dirigiu-me um olhar de pena e desdém.

— Claro, você é nova aqui — disse com um sorriso adocicado. — Mas já tivemos problemas no passado. É só uma medida de precaução. Eu duvido muito que Aquela Gente lhe apareça aqui. Mas mais vale prevenir do que remediar, não acha?

Eu continuava sem perceber.

— Remediar o quê?

— Bem, os ciganos. A gente do rio. — Havia uma nota de impaciência na sua voz. — Voltaram e hão-de querer... — fez uma pequena e elegante *moue* de nojo — ...fazer o que quer que fazem.

— E? — atalhei eu gentilmente.

— Bem, temos de lhes mostrar que não estamos para os aturar! Caroline estava a ficar agitada. — Vamos combinar não servir essa gente. Fazê-los voltar para o sítio donde, vieram.

— Ah. — Pesei o que ela estava a dizer. — *Podemos* recusar-nos a servi-los? — inquiri com curiosidade. — Se eles tiverem dinheiro para gastar, podemos recusar?

Com impaciência: — Claro que podemos. Quem é que nos impede?

Pensei por um momento e depois devolvi-lhe o cartaz. Caroline fitou-me esgazeada.

— Não vai fazer isso? — A sua voz subiu meia oitava, perdendo assim muita da sua entoação bem-educada.

Encolhi os ombros.

— Parece-me que se alguém quiser gastar o seu dinheiro aqui, não me cabe a mim impedi-lo — disse-lhe.

— Mas a comunidade... — insistia Caroline. — Certamente não quer que gente dessa espécie... itinerantes, ladrões, *árabes* por amor de Deus...

Uns instantâneos esvoaçaram na memória, porteiros carrancudos em Nova Iorque, damas de Paris, turistas do Sacré-Coeur, de máquina fotográfica em punho, desviando a cara para não verem a menina pedinte, com o seu vestido demasiado curto e as suas pernas demasiado compridas... Caroline Clairmont, não obstante as suas origens rurais, sabe o valor de arranjar a modista certa. A *écharpe* discreta que usa ao pescoço tem a marca *Hermes* e o perfume é *Coco Chanel*. A minha resposta sai mais cortante do que eu pretendia.

— O que me parece é que a comunidade não se devia meter onde não é chamada — disse com acrimónia. — Não me compete a mim, nem a

*ninguém*, decidir como essas pessoas devem viver a sua vida.

Caroline lançou-me um olhar virulento.

— Ah, bom, se é assim que pensa... — voltando-se altivamente para a porta — ...então não tomo mais tempo ao seu negócio. — Uma ligeira ênfase na última palavra, um olhar desdenhoso para os bancos vazios. — Só espero que não se arrependa da sua decisão, é tudo.

— E por que havia eu de me arrepender?

Encolheu os ombros com petulância.

— Bem, se houver problemas ou coisa assim. — Pelo seu tom, percebi que a conversa estava encerrada. — Essa gente pode provocar todo o tipo de problemas, sabe? Drogas, violência... — O azedume do seu sorriso sugeria que, se surgissem esses problemas, ela gostaria que eu fosse vítima deles. O rapaz olhava-me de olhos arregalados, sem perceber. Eu sorri-lhe.

— Vi a tua avó no outro dia — disse-lhe. — Ela falou-me muito de ti. — O rapaz corou e murmurou qualquer coisa ininteligível.

Caroline tornou-se hirta.

— Soube que ela esteve aqui — disse ela. Forçou um sorriso. — Realmente, não devia encorajar a minha mãe — acrescentou com falsa malícia. — Assim como assim, ela já é difícil.

— Ora, eu achei-a uma companhia muito agradável — repliquei sem tirar os olhos do rapaz. — Bastante refrescante. E *muito* perspicaz.

— Para a idade — disse Caroline.

— Para *qualquer* idade — disse eu.

— Bem, certamente que será assim com estranhos — disse Caroline firmemente. — Mas com a família... — Lançou-me mais um dos seus sorrisos frios. — Deve compreender que a minha mãe é muito idosa — explicou. — A sua mente já não é o que era. A sua percepção da realidade... — Interrompeu-se com um gesto nervoso. — Certamente que não preciso de lhe explicar — disse.

— Não, não precisa — respondi amavelmente. — Afinal de contas, não é da minha conta. — Vi-a franzir os olhos ao registar a indirecta. Pode ser preconceituosa, mas estúpida não é.

— Quero dizer... — tentou recompor-se por uns instantes. Por um segundo, pensei ver uma faísca de humor nos olhos do rapaz, embora possa ter sido imaginação minha. — Quero dizer que a minha mãe nem

sempre faz aquilo que é melhor para ela. — Estava de novo sob controlo, o seu sorriso tão cheio de laca como o cabelo. — Esta loja, por exemplo.

Acenei encorajadoramente.

— A minha mãe é diabética — explicou Caroline. — O médico avisou-a várias vezes para evitar comer açúcar. Ela não quer saber. Recusa o tratamento. — Olhou para o filho com um ar de triunfo. — Diga-me, Madame Rocher, isso é *normal*? É um comportamento *normal*? — A sua voz elevava-se de novo, tornando-se estridente e petulante. O filho olhava-a vagamente constrangido e olhava para o relógio.

— Mama, assim at-traso-me. — A sua voz era neutra e bem-educada. — Para mim: — Desculpe, Madame, t-tenho de ir para a escola.

— Toma, aqui tens as minhas pralinas especiais. Por conta da casa. — Estendi-lhas num cartucho de celofane.

— O meu filho não come chocolate. — A voz de Caroline era ríspida. — Ele hiperactivo. Doentio. Sabe que é mau para ele.

Olhei o rapaz. Não me pareceu nem hiperactivo nem doentio, apenas aborrecido e um pouco contrafeito.

— Ela tem-te em grande consideração — disse-lhe eu. — A tua avó. Talvez possas passar por aqui para lhe dizeres olá um dias destes. F, uma das minhas clientes habituais.

Os olhos dele brilharam por um momento sob o cabelo castanho liso.

— Talvez. — Sem entusiasmo na voz.

— O meu filho não tem tempo para andar por lojas de lambarices — disse Caroline com arrogância. — O meu filho é um rapaz dotado. Sabe o que os pais têm feito por ele. — Havia uma espécie de ameaça naquilo que ela dizia, uma certeza presunçosa. Deu meia volta, passando por Luc, que já estava à porta, balançando a sacola.

— Luc. — A minha voz saiu baixa, persuasiva. Ele voltou-se de novo, não sem alguma relutância. Sem me dar conta, tentava chegar até ele, ver para além do seu rosto bem-educado e inexpressivo e vendo... vendo...

— Gostaste de Rimbaud? — Falei sem pensar, a minha cabeça registando as imagens.

Por um momento o rapaz pareceu culpado.

— O quê?

— Rimbaud. Ela deu-te um livro de poemas dele nos teus anos, não deu?

— S-sim. — A resposta foi quase inaudível. Os seus olhos, de um cinza-esverdeado brilhante, ergueram-se de encontro aos meus. Fez um ligeiro aceno com a cabeça, como que de aviso. — M-mas eu não — disse mais alto. — N-não gosto de p-poesia. — Um livro com as folhas marcadas escondido no fundo de uma gaveta de roupa. Um rapaz murmurando as belas palavras para si com uma ferocidade peculiar. Vem, por favor, sussurrei silenciosamente. Por favor, para bem de Armande.

Algo nos seus olhos cintilou.

— Tenho que ir.

Caroline esperava impacientemente porta.

— Por favor. Leva isto. — Estendi-lhe o pacotinho: três pralinas de chocolate num embrulho de papel prateado. O rapaz tem os seus segredos. Senti-os a quererem escapar-se.

Com destreza, mantendo-se fora do campo de visão da mãe, pegou no embrulho e sorriu. Eu quase poderia ter imaginado as palavras que ele articulou à saída:

— Diga-lhe que eu venho — sussurrou ele. — Na q-quarta-feira, quando a mamã for ao ca-cabeleireiro.

E desapareceu.

Contei a visita deles a Armande quando ela apareceu mais tarde. Abanou a cabeça e rebolou-se de riso quando contei a conversa com Caroline.

— He, he, he! — Aninhada na sua cadeira-de-braços funda, uma chávena de *mocha* na sua mão frágil, parecia mais do que nunca uma maçã-boneca. — Coitada da minha Caro. Não gosta que lhe lembrem, pois não? — Bebericava alegremente. — Quem é que ela se imagina, hã? — perguntou com alguma irritação. — A dizer o que é que os outros devem e não devem fazer. Diabética, eu? Isso é o que o médico dela quer que toda a gente pense. — Resmungou. — Bem, ainda não morri, pois não? Eu cuido-me. Mas isso não é suficiente para *elas*, não. Têm que controlar tudo. — Abanou a cabeça. — Coitado daquele rapaz. Gagueja, reparou? — Acenei afirmativamente.

— É culpa da mãe. — O tom de Armande era desdenhoso. — Se o deixasse em paz. Mas não. Sempre a corrigi-lo. Sempre a insistir. Só lhe fazendo pior. A mostrar constantemente que ele tem um problema qualquer. — Fez um som irónico. — Ele não tem problema nenhum que

uma boa dose de vida não possa curar — declarou, resoluta. — Deixá-lo correr ã. vontade sem estar sempre a preocupar-se com o que lhe aconteceria se caísse. Deixá-lo à solta. Deixá-lo *respirar*.

Eu disse que era normal uma mãe querer proteger os filhos.

Armande lançou-me um dos seus olhares satíricos.

— É isso que lhe chama? — perguntou ela. — Da mesma maneira que o visco *protege* a macieira? — Deu uma gargalhada ruidosa. — Eu costumava ter maçãs no meu quintal — contou ela. — O visco dava cabo delas todas, uma a uma. Plantinha irritante, não parece grande coisa, uns bagozinhos bonitos, sem força própria, mas santo Deus! Invade tudo! — Bebericou novamente da sua bebida. — E envenena tudo aquilo em que toca. — Acenou com ar conhecedor. — Tal qual a minha Caro — disse. — Tal qual ela.

Voltei a ver Guillaume depois do almoço. Só parou para cumprimentar, dizendo que estava a caminho do quiosque para ir buscar os jornais. Guillaume é viciado em revistas de cinema, embora nunca vá ao cinema, e todas as semanas recebe uma encomenda delas: *Vidée* e *Ciné-Club*, *Télérama* e *Film-Express*. Tem a única antena-satélite da aldeia e, na sua casinha minúscula, existe um grande ecrã de televisão e um vídeo *Toshiba* instalados na parede acima de uma estante inteira de cassetes vídeo. Reparei que ele levava novamente *Charly* ao colo e que o cão tinha um ar apagado e apático nos braços do seu dono. Guillaume acariciava amiúde a cabeça do cão num gesto familiar de ternura e determinação.

— Como é que ele está? — perguntei por fim.

— Ah, tem os seus dias melhores — disse Guillaume. — Ainda tem muita vida. — E lá prosseguiram o seu caminho, o homem pequenino e gentil agarrando-se ao seu cão castanho e triste como se a sua vida dependesse dele.

Joséphine Muscat passou sem parar. Fiquei um bocadinho desapontada por ela não entrar, pois estava à espera de voltar a falar com ela, mas ela limitou-se a lançar-me um olhar bravio ao passar de mãos firmemente enfiadas nos bolsos. Reparei que tinha um ar ofegante, os olhos semicerrados, embora pudesse ser para se proteger da chuva forte, e a boca hermeticamente fechada. Um cachecol grosso e sem cor envolvia-lhe a cabeça como uma ligadura. Chamei-a mas ela não respondeu, apressando o passo como que para fugir a um qualquer perigo iminente.

Encolhi os ombros e deixei-a ir. Estas coisas levam tempo. Às vezes nunca acabam.

Ainda assim, mais tarde, quando Anouk estava a brincar em Les Maraude e eu fechei a loja por esse dia, dei comigo a caminhar pela Avenue des Francs Bourgeois em direcção ao *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE*. É um sítio acanhado e sombrio, janelas ensaboadas e rabiscadas de través com a eterna *spécialité du jour*, e um toldo mal amanhado que ainda lhe retira mais luminosidade. Lá dentro, duas *slot machines* silenciosas ladeiam as mesas redondas onde se sentam os escassos clientes, discutindo sorumbaticamente assuntos sem importância em frente de intermináveis *demis* e *cafés-crème*. Sente-se o cheiro brando a óleo de comida de micro-ondas e um manto de fumo de cigarro paira sobre o café, embora ninguém pareça estar a fumar. Reparei num dos cartazes manuscritos e amarelos de Caroline Clairmont colocado em lugar proeminente junto à porta. Um crucifixo preto está pendurado sobre a porta.

Olhei, hesitante, e entrei.

Muscat estava no bar. Olhou-me mal eu entrei, esticando a boca. Quase imperceptivelmente, vi os seus olhos dirigirem-se para as minhas pernas, os meus seios, uap-uap, faiscando como os mostradores numa *slot machine*. Pôs uma mão na máquina da cerveja de pressão, flectindo o antebraço pesado.

— O que deseja?

— *Café-cognac*, por favor.

O café veio numa chavenazinha castanha com dois cubos de açúcar embrulhados. Peguei nele e sentei-me numa mesa à janela. Dois velhotes — um deles com a *Légion d'Honneur* presa à lapela puída — olharam-me com desconfiança.

— Quer companhia? — perguntou Muscat, desfazendo-se em sorrisos atrás do bar. — É só que parece um pouco... só, aí sentada sozinha.

— Não, obrigada — respondi-lhe educadamente. — De facto, pensei que pudesse encontrar Josephine hoje. Ela está aqui?

Muscat olhou-me com azedume, já sem vestígios de bom humor.

— Ah, sim, a sua amiga do peito. — Com voz seca. — Bem, está com saudades dela. Ela foi lá para cima deitar-se um bocado. Uma das suas dores de cabeça. — Começou a limpar um copo com especial ferocidade.

— Passa as tardes a fazer compras, depois tem de se deitar à noite enquanto eu faço o trabalho todo.

— Ela está bem?

Ele olhou-me.

— Claro que está. — Em tom ríspido. — Por que é que não havia de estar? Se Sua Excelência Maldita se desse pelo menos ao trabalho de levantar o rabo de vez em quando, talvez ainda conseguíssemos aguentar este negócio. — Enfiou o dedo envolto no pano da louça dentro do copo, resmungando com o esforço. — Quero dizer. — Fez um gesto expressivo. — Quero dizer, olhe só para isto. — Olhou-me de relance, como se fosse dizer mais alguma coisa, depois o seu olhar desviou-se para a porta. — Hã! — Deduzi que ele se dirigia a alguém fora do meu campo de visão. — Estão a ouvir aí? Estamos fechados!

Ouvi uma voz de homem dizer qualquer coisa indistinta em resposta. Muscat fez o seu esgar aberto e sombrio.

— Ó seus idiotas, não sabem ler? — Detrás do bar, apontava para o cartão amarelo que eu vira porta. — Desapareçam, toca a andar!

Levantei-me para ver o que se passava. Havia cinco pessoas hesitantes porta do café, dois homens e três mulheres. Todos os cinco me eram estranhos, sem nada de especial a não ser o seu ar indefinidamente diferente, as calças remendadas, as botas de trabalho, as *T-shirts* desbotadas que os identificavam como forasteiros. Eu conhecia aquele ar. Já o tive em tempos. O homem que falara tinha cabelo ruivo e um lenço estampado verde para o manter afastado do rosto. Os olhos eram prudentes, o tom de voz cuidadosamente neutro.

— Nós não andamos a vender nada — explicou ele. — Só queremos umas cervejas e café. Não vamos causar problemas nenhuns.

Muscat olhou-o com desdém.

— Já disse que estamos fechados.

Uma das mulheres, uma rapariga pálida e magra com uma argola numa sobancelha, puxou a manga do homem ruivo.

— Não vale a pena, Roux. É melhor...

— Espera aí. — Roux sacudiu com impaciência. — Não estou a perceber. A senhora que estava aqui há um bocado, a sua mulher, ia...

— Raios *partam* a minha mulher! — exclamou ele estridentemente. — A minha mulher não conseguia dar com o rabo dela nem com as duas

mãos e uma lanterna! É o meu nome escrito ali naquela porta e eu, nós, estamos *fechados!* — Tinha dado três passos desde o bar e agora barrava a porta, de mãos nas ancas, como um atirador obeso num *western spaghetti*. Notei o brilho amarelado dos nós dos dedos sobre o cinto e ouvi o sopro da sua respiração. O rosto estava congestionado de raiva.

— Certo. — O rosto de Roux era inexpressivo. Lançou um olhar hostil e decidido aos poucos clientes espalhados pelo café. — Fechado. — Novo olhar em redor. Por um instante os nossos olhares encontraram-se. — Fechado para *nós* — disse ele serenamente.

— Não é tão estúpido como parece, pois não? — disse Muscat com uma satisfação amarga. — Já ficámos fartos da vossa gente da última vez. Desta vez não estamos para vos aturar!

— *Okay*. — Roux voltou-se para se ir embora. Muscat, qual sentinela hirta ou cão farejando luta, deixou-o sair.

Passei por ele sem uma palavra, deixando o meu café meio-bebido em cima da mesa. Oxalá ele não estivesse espera de gorjeta.

Apanhei os ciganos do rio a meio da Avenue des Francs Bourgeois. Tinha voltado a choviscar de novo e os cinco tinham um ar pardacento e soturno. Podia agora ver os seus barcos, lá em baixo em Les Marauds, uma dúzia deles — duas dúzias —, uma frota de verde-amarelo-azul-branco-vermelho, umas bandeiras de roupa a secar ao vento, outros pintados com as mil-e-uma-noites e tapetes voadores e variações de unicórnios reflectidos na água monótona e esverdeada.

— Lamento o que se passou — disse-lhes. — Não são especialmente acolhedores em Lansquenet-sous-Tannes.

Roux lançou-me um olhar indiferente e avaliador.

— Chamo-me Vianne — disse-lhe eu. — Tenho uma *chocolaterie* em frente à igreja. *LA CELESTE PRALINE*. — Ele observava-me, aguardando. Reconheci-me no seu rosto cauteloso e inexpressivo. Queria dizer-lhe, dizer-lhes a todos, que conhecia a sua raiva e humilhação, que também eu a tinha sentido, que eles não estavam sozinhos. Mas também conhecia o seu orgulho, o desafio inútil que fica depois de se perder tudo o resto. A última coisa que eles queriam, isso eu sabia, era pena.

— Por que é que não aparecem por lá amanhã? — perguntei em tom ligeiro. — Não sirvo cerveja mas talvez vocês gostem do meu café.

Ele olhou-me argutamente, como se achasse que eu podia estar a trocar dele.

— Por favor, apareçam — insisti. — Para tomarem um café e bolo por conta da casa. Todos. — A rapariga magra olhou para os amigos e encolheu os ombros. Roux devolveu-lhe o gesto.

— Talvez. — A sua voz não se comprometia.

— Temos uma agenda muito carregada — chilreou a rapariga em tom impertinente.

Sorri. — Arranjem um furo — sugeri.

Contra aquele olhar avaliador e desconfiado.

— Talvez.

Observei-os a seguirem em direcção a Les Marauds enquanto Anouk corria pelo monte acima na minha direcção, as abas da gabardina vermelha esvoaçando ao vento como asas de um pássaro exótico.

— Mamã, mamã! Olha, os barcos!

Admirámo-los por um bocado, as barçaças rasas, os altos barcos-casa com os telhados ondulados, as chaminés dos fogões, os frescos, as bandeiras multicores, *slogans*, estratégias para proteger de acidentes e naufrágios, barcas pequenas, linhas de pesca, bilhas para caranguejos arrumadas junto linha da maré alta durante a noite, guarda-chuvas estragados protegendo os convés, fogueiras a acenderem-se em bidões metálicos na margem do rio. Sentia-se um cheiro a lenha a arder, a gasolina e a peixe frito, e ouvia-se um som distante de música através da água à medida que um saxofone dava início ao seu pranto melodioso e estranhamente humano. No meio do Tannes consegui distinguir uma figura de homem ruivo de pé e só no convés de um barco-casa simples e preto. Enquanto eu o olhava, ele ergueu o braço. Eu devolvi o aceno. Já era quase noite quando nos dirigimos para casa. Lá atrás em Les Marauds um tambor aliara-se ao saxofone e os sons das suas batidas ressoavam nítidos através da água. Passei pelo *CAFÉ DE LA REPUBLIQUE* sem olhar para dentro.

Mal tinha chegado ao cimo da colina quando senti alguém perto. Voltei-me e dei com Joséphine Muscat, agora sem casaco mas com um lenço à volta da cabeça cobrindo-lhe metade do rosto. Na penumbra, tinha um ar pálido e nocturno.

— Corre para casa, Anouk. Espera lá por mim.

Anouk olhou-me com um ar curioso, depois virou-se e correu obedientemente pelo monte acima, com as abas da gabardina a esvoaçarem bravias.

— Ouvi o que disse. — A voz de Joséphine era rouca e suave. — Você saiu por causa daquela história com a gente do rio.

Acenei que sim.

— Paul-Marie ficou furioso. — A nota grave na voz era quase de admiração. — Devia ter ouvido as coisas que ele disse.

Ri-me.

— Felizmente *eu* não tenho que ouvir as coisas que o Paul-Marie tem a dizer — disse-lhe com brandura.

— Agora eu não posso falar consigo — prosseguiu ela. — Ele acha que você é uma má influência. — Uma pausa em que me olhou com uma curiosidade nervosa. — Ele não quer que eu tenha amigas — acrescentou.

— Parece-me a mim que estou a ouvir de mais sobre o que o Paul-Marie quer — disse eu suavemente. — Não estou interessada nele. Agora você... — toquei-lhe no braço ao de leve. — É *você* que me interessa.

Ela corou e desviou o olhar, como se achasse que poderia haver alguém por perto.

— Você não compreende — murmurou.

— Penso que percebo. — Com as pontas dos dedos, toquei no lenço que lhe encobria a cara.

— Por que é que usa isto? — perguntei abruptamente. — Não me quer dizer? — Olhou para mim com esperança e pânico. Abanou a cabeça. Puxei-lhe delicadamente o lenço.

— Você é bonita — disse-lhe à medida que ele se soltou. — Podia ser bonita. — Havia uma ferida recente junto ao seu lábio inferior, azulada sob a luz trémula. Ela abriu a boca para a mentira automática. Interrompi-a.

— Não é verdade — disse eu.

— Como é que sabe? — A sua voz era cortante. — Eu nem sequer *disse*...

— Nem precisava.

Silêncio. Através da água uma flauta soltava notas vivas por entre as batidas de tambor. Quando ela por fim falou, a sua voz estava carregada de auto-repulsão.

— É estúpido, não é? — Os seus olhos como minúsculos quartos crescentes. — Eu nunca lhe deito as culpas. Nunca. Às vezes até me esqueço do que realmente se passa. — Respirou fundo como um mergulhador prestes a mergulhar. — Ir de encontro a portas. Cair pelas escadas abaixo. Escorregar na calçada. — Parecia à beira do riso. Pude sentir a histeria a borbulhar sob a superfície das suas palavras. — Propensa a acidentes, é o que ele diz que eu sou. Propensa a acidentes.

— Qual foi o motivo desta vez? — perguntei gentilmente. — Foi por causa da gente do rio?

Ela acenou que sim. — Eles não queriam fazer mal nenhum. Eu ia servi-los. — A sua voz tornou-se estridente por um instante. — Não percebo o que é que eu tenho a ver com o que aquela filha da mãe da Clairmont quer! Ó, *temos* que nos unir — imitou ela furiosamente. — Para bem da comunidade. Pelos nossos *filhos*, Madame Muscat... — recuperando a sua própria voz ao tomar fôlego — ...quando em circunstâncias normais ela nem me dava os *bons-dias* na *rua*... estava-se *cagando* para mim! — Respirou fundo outra vez, controlando com esforço o desabafo.

— É sempre Caro isto, Caro aquilo. Já reparei no modo como ele olha para ela na igreja. Por que é que não podes ser como a Caro Clairmont? — Agora ela era o marido, a voz grossa de raiva e cerveja. Conseguia até imitar os seus maneirismos, o queixo erguido, a postura hirta e agressiva. — Ao lado dela, pareces uma porca mal-amanhada. Ela tem *estilo*. *Classe*. Ela tem um *bom filho*, com boas notas na escola. E *tu*, o que é que tu tens, hã?

— Joséphine. — Ela virou-se para mim com uma expressão espantada.

— Desculpe. Por um momento quase me esqueci onde...

— Eu sei.

Senti a raiva a fazer-me formigueiro nos polegares.

— Deve achar-me estúpida por ter ficado com ele estes anos todos. — A sua voz era monótona, os olhos escuros e ressentidos.

— Não, não acho.

Ela ignorou a minha resposta.

— Bem, sou — declarou ela. — Estúpida e fraca. Não gosto dele, não me lembro de *alguma* vez ter gostado dele. Mas quando penso em deixá-lo mesmo... — Interrompeu-se confusa. — *Deixa-lo* mesmo... — repetiu numa voz baixa e pensativa. — Não. Não vale a pena. — Levantou os

olhos para mim e tinha o rosto cerrado, decidido. — É por isso que não posso voltar a falar consigo — disse com um calmo desespero. — Não podia deixá-la a adivinhar, merece mais do que isso. Mas é como tem de ser.

— Não — disse-lhe. — Não é.

— *É sim.* — Defende-se amarga e desesperadamente da possibilidade de conforto. — Não vê ? Eu não presto. Já lhe menti antes. Eu roubo. Passo a vida a roubar!

Gentilmente: — Eu sei.

Esse saber claro circula entre nós como um brinquedo de Natal.

— As coisas podem melhorar — disse-lhe eu por fim. — O Paul-Marie não manda no mundo.

— Bem pode — retorquiu Joséphine obstinadamente.

Sorri. Se aquela teimosia dela pudesse virar-se para fora e não para dentro, de que é que ela não seria capaz? Eu também seria capaz. Sentia os pensamentos dela, tão próximos, abrindo-se a mim. Seria tão fácil assumir o controlo... Afastei a ideia impacientemente. Não tenho o direito de a forçar a decisão nenhuma.

— Antes, você não tinha para onde ir — disse eu. — Agora tem.

— Tenho? — Na sua boca, era quase uma admissão de derrota.

Não respondi. Deixá-la responder por si própria.

Olhou-me por momentos em silêncio. Os seus olhos estavam cheios de luzes do rio de Les Maraude. Mais uma vez me apercebi de que bastava um pequeno toque para ela ficar bonita.

— Boa noite, Joséphine.

Não me voltei para trás, mas sei que ela ficou a olhar-me enquanto eu subia a colina e sei que ela continuou a olhar muito depois de eu ter dado a curva e desaparecer da vista.

Quarta-feira, 25 de Fevereiro

Esta chuva interminável continua. Cai como um pedaço de céu aprumado e pronto a derramar tristeza sobre o aquário de vida lá em baixo. As crianças, quais patinhos de plástico colorido nos seus impermeáveis e botas, chapinham e patinham pela praça e os seus gritos fazem ricochete contra as nuvens baixas. Trabalho na cozinha com meio olho atento às crianças na rua. Hoje de manhã desfiz o expositor da montra, a bruxa, a casinha de biscoito de gengibre e todos os animais de chocolate sentados à sua volta com caras expectantes e reluzentes, e Anouk e os seus amigos dividiram entre si as guloseimas por entre excursões até aos arrabaldes de Les Maraudeurs. Jeannot Drou observou-me na cozinha, com um pedaço de *pain d'épices* com cobertura dourada em cada mão e olhos brilhantes. Anouk estava atrás dele, os outros atrás dela, formando um muro de olhos e sussurros.

— E a seguir? — A voz dele parece de um rapaz mais velho, com um ar de fanfarronice casual e um pinga de chocolate no queixo. — O que é que vai fazer a seguir? Para a montra?

Encolhi os ombros. — Segredo — disse, mexendo o *crème de cacao* para um recipiente de esmalte com cobertura derretida.

— Não, a sério — insiste. — Devia fazer qualquer coisa para a Páscoa. Sabe, ovos e coisas assim. Galinhas de chocolate, coelhos, coisas assim. Como as lojas em Agen.

Lembro-me delas da minha infância: as *chocolateries* de Paris com as suas cestas de ovos embrulhados em pratinhas, prateleiras de coelhos e galinhas, sinos, frutos de maçã e *marrons glacés*, *amourettes* e cestos de filigrana cheios de *petits fours* e caramelos e mil e uma epifanias de tapetes voadores feitos de açúcar e entregues a viagens mais próprias de um harém do que das solenidades da Paixão.

— Lembro-me de a minha mãe me falar dos chocolates da Páscoa. — Nunca havia dinheiro suficiente para comprar essas coisas refinadas mas eu recebia sempre o meu *cornet surprise*, um cone de papel contendo os meus presentes da Páscoa, moedas, flores de papel, ovos cozidos e pintados em cores vivas de esmalte, uma caixa de *papier-mâché* colorido — pintada com galinhas, coelhinhos, crianças sorridentes por entre botões-de-ouro, a mesma todos os anos e guardada cuidadosamente para o ano seguinte — contendo um pacotinho minúsculo de passas de chocolate embrulhadas em celofane, destinadas a serem saboreadas, uma a uma, longa e lentamente, durante as horas esquecidas entre duas cidades, com o brilho do néon de letreiros de hotel tremeluzindo por entre as persianas e a respiração da minha mãe, lenta e como que eterna, no silêncio sombrio.

— Ela costumava dizer que na Quinta-feira Santa os sinos saíam das suas torres e campanários pela calada da noite e voavam com asas mágicas para Roma. — Ele acena, com aquele ar de cinismo semicrente tão peculiar nos jovens em crescimento.

— Fazem fila em frente ao Papa, todo de branco e dourado, com a sua mitra e báculo dourado, sinos grandes e sinos pequenos, *clochettes* e *bourdons* pesados, carrilhões e sininhos e *do-si-do-mi-sois*, todos pacientemente à espera de serem benzidos.

Ela comprazia-se com estas solenes lendas infantis, a minha mãe, os olhos brilhando e deleitando-se com tais absurdos. Todas as histórias a deliciavam — Jesus e Eostre e Ali Babá tecendo o folclore fiado em casa no tecido vivo da crença sempre renovada. Curas de cristal e viagens astrais, raptos por extraterrestres e combustões espontâneas, em tudo a minha mãe acreditava, ou fingia que acreditava.

— E o Papa benze-os a todos, um a um, pela noite dentro, os milhares de campanários de França vazios espera que eles regressem, silenciosos até à manhã do Domingo de Páscoa.

E eu, a sua filha, escutando de olhos abertos as suas histórias apócrifas e encantatórias, com contos de Mithras e Baldur, a Bela, e Osiris e Quetzacoatl, todos entretecidos com histórias de chocolates voadores e tapetes voadores e a Deusa Tripla e a gruta de cristal de Aladino e a gruta de onde Jesus se ergueu ao terceiro dia, amém, abracadabra, amém.

— E as bênçãos transformavam-se em chocolates de todos os tamanhos e feitios e os sinos viram-se ao contrário para os levarem para casa. E

durante toda a noite voam e quando chegam às suas torres e campanários no Domingo de Páscoa, viram-se ao contrário e começam a balouçar, repicando de alegria...

Sinos de Paris, Roma, Colónia, Praga. Sinos de matinas, sinos de luto, repicando as mudanças pelos anos do nosso exílio. Sinos de Páscoa soando tão alto na memória que dói ouvi-los.

— E os chocolates voam sobre campos e cidades. E caem do ar quando os sinos tocam. E alguns deles caem no chão e quebram-se. Mas as crianças fazem cestos e colocam-nos no topo das árvores para apanharem os ovos e pralinas e galinhas de chocolate e coelhos e *guirnauves* e amêndoas...

Jeannot vira-se para mim de rosto vivo e um crescente sorriso irónico.

— *Cool!*

— E eis por que vocês recebem chocolates na Páscoa.

A sua voz está atemorizada, ríspida com a súbita certeza.

— *Faça* isso! Por favor, *faça* isso!

— Faço o quê?

— *Faça isso!* A história da Páscoa! Era tão *coa*, com os sinos e o Papa e tudo. Podia fazer um festival de chocolate... uma semana inteira... e podíamos ter ninhos... e caçadas aos ovos de Páscoa... e... — Pára com a excitação, puxando-me imperiosamente a manga. — Madame Rocher, por favor...

Atrás dele, Anouk observa-me atentamente. Ao fundo, uma dúzia de caras enfarruscadas suplicam tímida e silenciosamente.

— Um *Grande Festival do Chocolate*. — Pondero a ideia. Dentro de um mês os lilases estarão a florir. Faço sempre um cesto para Anouk, com um ovo e o nome dela escrito na pratinha. Podia ser o nosso próprio Carnaval, para celebrar a nossa aceitação neste lugar. A ideia não me é nova mas ouvi-la desta criança é quase como sentir a sua realidade.

— Precisamos de alguns cartazes. — Finjo hesitar.

— *Nós* fazemo-los! — Anouk é a primeira a sugerir, o rosto vivo de excitação.

— E bandeiras... panos...

— Serpentinhas...

— E um Jesus de chocolate na cruz com...

— O Papa em chocolate *branco*...

- Cordeirinhos de chocolate...
- Concursos de ovos, caçadas ao tesouro...
- Convidamos toda a gente, vai ser...
- *Cool!*
- Tão *cool*...

Estendo os braços a pedir silêncio, rindo-me. Um arabesco de chocolate em pó amargo sucede ao meu gesto.

— Vocês fazem os cartazes — disse-lhes. — O resto fica por minha conta.

Anouk salta sobre mim, de braços abertos. Cheira a sal e chuva, um cheiro a cobre e solo e vegetação alagada. O emaranhado do seu cabelo está guarnecido de gotículas.

— Venham para o meu quarto! — gritou ela ao meu ouvido. — Podem, não podem, mamã? Diz que sim! Podemos começar já, eu tenho papel, lápis de cor...

— Podem — disse eu.

Uma hora depois a montra já estava embelezada por um grande cartaz — desenho de Anouk, executado por Jeannot. O texto, em grandes letras verdes tremidas, dizia:

*GRANDE FESTIVAL DO CHOCOLATE*  
*EM LA CELESTE PRALINE*  
*COMEÇA DOMINGO DE PÁSCOA*  
*TODOS BEM-VINDOS*  
*!!! COMPREM ANTES QUE O STOCK ACABE!!!*

Em redor do texto cabriolavam várias criaturas de aspecto extravagante. Uma figura de túnica e coroa alta que eu deduzi ser o Papa. Recortes de sinos tinham sido colados toscamente aos seus pés. Todos os sinos sorriam.

Passei grande parte da tarde a preparar a nova fornada de cobertura e a tratar da montra. Uma base de papel de seda verde para a relva. Flores de papel — narcisos e margaridas, a contribuição de Anouk — pregadas moldura da montra. Latas que em tempos guardaram cacau em pó agora

revestidas de verde e encostadas umas às outras para fazerem uma serra escarpada; o celofane enrugado envolve-a como uma cobertura de gelo. Sob a serra e serpenteando até ao vale, um rio de fita de seda azul sobre o qual um molho de barcos-casa se aloja quieto e sem reflexos. E abaixo uma procissão de figuras de chocolate, gatos, cães, coelhos, alguns com olhos de passas, orelhas de maçapão cor-de-rosa, caudas feitas de creme de alcaçuz com flores de açúcar presas entre os dentes... E ratos. Em todas as superfícies possíveis, ratos. Trepando pelas encostas dos montes, aninhando-se nas esquinas, até nos barcos-casa. Ratos de açúcar de coco cor-de-rosa e brancos, ratos de chocolate de todas as cores, ratos variados marmorizados com trufa e creme marasquino, ratos suavemente coloridos, ratos cobertos de açúcar. E, acima deles, o Flautista Mágico, resplandecente de vermelho e amarelo, com uma flauta de açúcar de cevada numa mão e o chapéu na outra. Tenho centenas de formas na cozinha, umas finas de plástico para os ovos e as figuras, outras de cerâmica para os camafeus e chocolates de licor. Com elas posso recriar qualquer expressão facial e aplicá-la numa concha oca, acrescentando cabelo e pormenores com um estreito tubo-manómetro, moldando o tronco e os membros em peças separadas e aplicando-as no lugar com fios e chocolate derretido... Uma pequena camuflagem — uma capa vermelha, feita de maçapão. Uma túnica, um chapéu do mesmo material, uma pena longa varrendo o chão aos seus pés calçados com botas. O meu Flautista Mágico parece-se um bocadinho com Roux com o seu cabelo ruivo e traje multicolor.

Não consigo conter-me: a montra é suficientemente convidativa, mas não resisto à tentação de a dourar um bocadinho, fechando os olhos, para iluminar tudo com um brilho dourado de boas-vindas. Um letreiro imaginário que faísca como um farol — VENHAM A MIM. Quero dar, tornar as pessoas felizes: certamente que não há mal nenhum nisso. Apercebo-me de que estas boas-vindas podem ser uma resposta à hostilidade de Caroline para com os itinerantes mas, na alegria do momento, não vejo mal nenhum nisso. Quero que eles venham. Vi-os de relance de vez em quando desde a última vez que falámos, mas eles parecem desconfiados e furtivos, como raposas urbanas, prestes a varrerem tudo à sua passagem, não desejando que alguém chegue perto. Principalmente, vejo Roux, o embaixador deles, carregando caixas ou

sacos de plástico com mercearia; às vezes Zézette, a rapariga magra com a argola na sobancelha. Ontem à noite duas crianças tentaram vender alfazema no adro da igreja mas Reynaud mandou-as embora. Tentei chamá-las mas elas estavam demasiado desconfiadas, olhando-me de esguelha e com hostilidade antes de largarem a correr pelo monte abaixo até Les Marauds.

De tão absorta nos meus planos e no arranjo da montra, perdi a noção do tempo. Anouk fez sandes para os amigos na cozinha, depois desapareceram todos em direcção ao rio. Liguei o rádio e cantei para mim enquanto trabalhava, dispondo cuidadosamente os chocolates em pirâmides. A montanha mágica abre-se para revelar um espantoso recheio, um breve vislumbre de riquezas: montes multicores de cristais de açúcar, frutas cristalizadas e doces que cintilam como pedras preciosas. Atrás, e protegidos da luz pelas prateleiras escondidas, estão os artigos para venda. Tenho de começar a fazer os artigos de Páscoa daqui a pouco, prevendo consumo extra. Ainda bem que há espaço de armazenagem na cave fresca da casa. Tenho de encomendar caixas para oferta, fitas, celofane e enfeites. De tão absorta, mal ouvi Armande entrar pela porta semiaberta.

— Olá — disse ela no seu jeito brusco. — Vinha tomar um dos seus chocolates quentes especiais, mas vejo que está ocupada.

Saí cuidadosamente da montra.

— Não, claro que não — disse eu. — Estava à sua espera. Além do mais, já quase acabei e as minhas costas estão a dar cabo de mim.

— Bem, se não é incómodo... — O seu jeito era diferente hoje. Havia uma espécie de aspereza na sua voz, uma casualidade estudada que mascarava um elevado grau de tensão. Trazia um chapéu de palha preto com uma fita e um casaco, também preto, que parecia novo.

— Está muito chique hoje — observei.

Ela deu uma gargalhada seca.

— Há muito que ninguém me dizia *tal* coisa, pode crer — disse ela, espetando um dedo num dos bancos. — Acha que eu consigo subir para aqui sem partir uma perna?

— Eu trago-lhe uma cadeira da cozinha — sugeri, mas a velhinha deteve-me com um gesto imperioso.

— Disparate! — Mirou o banco. — Eu era uma boa trepadora quando era nova. Alçou as saias compridas, mostrando botas robustas e meias

cinzentas com borbotos. — Árvores principalmente. Costumava trepar às árvores e atirar galhos às cabeças de quem passava. Ah! — Um grunhido de satisfação ao alçar-se para cima do banco, agarrando-se ao balcão para ter apoio. Notei um súbito e alarmante remoinho escarlate sob a sua saia preta.

Armande empoleirada no banco, parecendo absurdamente satisfeita consigo própria. Alisou com todo o cuidado as saias, cobrindo de novo o brilho escarlate da combinação.

— A seda vermelha desbota — sorriu ironicamente vendo o meu olhar. — Se calhar acha-me uma velha tonta mas eu gosto delas. Ando de luto há tantos anos. Parece que de cada vez que eu posso usar cores decentes mais alguém morre, e por isso desisti de usar seja o que for além de preto. — Lançou-me um olhar borbulhando de riso. — Mas roupa *interior*, isso já é outra coisa. — Baixou a voz em tom conspiratório. — Encomenda postal de Paris — disse. — Custa uma fortuna. — Balançava-se num riso silencioso do alto do seu poleiro. — Então, e o tal chocolate?

Fi-lo forte e preto e, tendo em conta a sua diabetes, acrescentei-lhe o mínimo de açúcar possível. Armande viu a minha hesitação e apontou um dedo acusador para a chávena.

— Nada de racionamento! — ordenou. — Sirva-me com tudo. Lascas de chocolate, uma dessas coisas de mexer de açúcar, tudo. Não comece a ficar como os outros, a tratar-me como se eu não soubesse tomar conta de mim mesma. Acha-me com ar senil?

Admiti que não.

— Pois então — Bebericou a mistura forte e doce com visível satisfação. — Bom. Mmm. Muito bom. Dá energia, não dá? isso que lhe chamam, um estimulante?

Acenei que sim.

— Um *afrodisíaco* também, já ouvi — acrescentou Armande maliciosamente, espreitando-me por cima do bordo da sua chávena. — Aqueles velhotes lá em baixo no café faziam melhor em pôr-se a pau. Nunca se é demasiado velho para se divertir! — Grasnou uma gargalhada estridente. Parecia estridente e agitada, com as mãos rudes trémulas. Levou várias vezes a mão a aba do chapéu como que para o ajustar.

Olhei para o meu relógio debaixo do balcão mas ela viu o meu movimento.

— Não esteja a espera que ele apareça — disse ela de imediato. — Aquele meu neto. De resto, eu também não estou a espera dele. — Cada um dos seus gestos desmentia as suas palavras. Os tendões no pescoço estavam salientes como os de uma antiga bailarina.

Conversámos durante um pedaço sobre banalidades: a ideia das crianças acerca do festival de chocolate — Armande torceu-se de riso quando lhe contei de Jesus e do Papa de chocolate branco —, os ciganos do rio. Ao que parece, a própria Armande encomendou a mercearia para eles, em nome dela, para grande indignação de Reynaud. Roux ofereceu-se para lhe pagar em dinheiro mas ela prefere que eles lhe arranjem o telhado da sua casa, que verte.

— Isto vai deixar Georges Clairmont furioso — revelou ela com um esgar endiabrado. — Ele gosta de pensar que é o único que me pode ajudar — disse ela com satisfação. — Tão mau um como o outro, ambos a cacarejar sobre aluimento e humidade. O que eles querem é ver-me fora daquela casa, essa é que é a verdade. Fora da minha linda casinha e enfiada numa porcaria de um lar de velhos onde é preciso pedir licença para ir a casa de banho! — Estava indignada, com os olhos pretos a pestanejar.

— Bem, hão-de ver — declarou ela. — Roux trabalhava na construção antes de ir viver para o rio. Ele e os amigos hão-de fazer um bom serviço naquilo. E eu prefiro pagar-lhes a eles para fazerem o serviço do que ter aquele *imbecil* a fazê-lo de graça.

Ajustou a aba do chapéu com mãos trémulas.

— Não estou à espera dele, sabe.

Eu sabia que não se referia à mesma pessoa. Olhei para o relógio: quatro e vinte. Já começava a escurecer. E contudo eu tinha tido tanta *certeza*... É no que dá interferir, acusei-me furiosamente. Tão fácil infligir dor aos outros, a mim própria.

— Eu nunca pensei que ele viesse — continuou Armande naquela voz arisca e determinada. — *Ela* tratou bem do assunto. Ensinou-o bem, lá isso ensinou. — Começou a tentar descer do poleiro. — Já lhe tirei muito tempo — disse. — Devem ser...

— *M-Mémée*.

Ela vira-se tão abruptamente que tenho a certeza que vai cair. O rapaz está calado, de pé junto porta. Traz *jeans* e uma *sweatshirt* azul-marinho.

Tem um boné de beisebol. Na mão traz um livrinho de capa dura já gasto. A voz é suave e tímida.

— Tive de es-esperar até a minha m-mãe sair. Foi ao ca-cabeleireiro. Só volta às s-seis.

Armande olha-o. Não se tocam mas sinto algo passar entre eles como um jacto de electricidade. Demasiado complexo para eu analisar, mas há nele calor e raiva, embaraço, culpa — e, por trás de tudo, a promessa de suavidade.

— Pareces encharcado. Vou preparar-te uma bebida — sugiro, indo para a cozinha. Ao sair, ouço de novo a voz do rapaz, baixa e hesitante.

— Obrigada pelo 1-livro — diz ele. — Tenho-o aqui comigo. — Mostra-o como uma bandeira. Já não está novo mas gasto, livro lido e relido longa e carinhosamente. Armande regista isto e o olhar fixo desaparece do seu rosto.

— Lê-me o teu poema preferido — diz ela.

Da cozinha, enquanto verto chocolate em dois copos altos, enquanto bato natas e *kahlua*, enquanto faço barulho suficiente com tachos e garrafas para lhes dar a ilusão de privacidade, ougo a voz dele elevar-se, empolada no início, depois ganhando ritmo e confiança. Não consigo distinguir as palavras mas, k distancia, parece prece ou invectiva. Reparo que ao ler não gagueja.

Coloco os dois copos em cima do balcão. Quando entro, o rapaz interrompe-se a meio da frase e olha-me com desconfiança bem-educada, com o cabelo caindo-lhe sobre os olhos como a crina de um pónei tímido. Agradece-me com escrupulosa cortesia e beberica a sua bebida com mais desconfiança do que prazer.

— Não devo beber d-disto — diz ele com ar duvidoso. — A minha mãe d-diz que o ch-chocolate me faz borbulhas.

— E a mim pode-me matar de um só trago — diz Armande, expedita. Riu-se da expressão dele.

— Vá lá, rapaz, *nunca* duvidas do que a tua mãe diz? Ou ela fez-te tal lavagem ao cérebro que te tirou todo o bom senso que possas ter herdado de mim? — Luc pareceu desorientado.

— Eu... É só que ela d-diz... — repetiu debilmente.

Armande abanou a cabeça.

— Bem, se eu quiser saber o que a Caro diz, marco entrevista — disse ela. — E tu, o que é que *tu* tens a dizer? És um rapaz esperto, ou eras. O que é que tu achas?

Luc bebericou de novo.

— Acho que ela pode ter exagerado um bocadinho — disse, com um pequeno sorriso. — A avó parece-me bem.

— E sem borbulhas — disse Armande.

Surpreendido, riu-se. Gostei mais dele assim, os olhos cintilando com um verde mais brilhante, o seu sorriso malandro espantosamente parecido com o da avó. Continuava defensivo mas, por trás da sua profunda reserva, comecei a vislumbrar uma inteligência pronta e um sentido de humor arguto.

Terminou o seu chocolate quente mas recusou uma fatia de bolo, embora Armande comesse duas. Durante a meia hora seguinte conversaram enquanto eu fingi tratar das minhas coisas. Uma ou duas vezes dei com ele a olhar-me com uma curiosidade prudente, o contacto trémulo entre nós quebrando-se mal acontecia. Deixei-os à vontade.

Eram cinco e meia quando o rapaz se despediu. Não falaram de novo encontro mas o ar casual da despedida sugeria que ambos tinham a mesma coisa em mente. Surpreendeu-me um pouco vê-los tão parecidos, rodeando-se mutuamente com a cautela de amigos que se reúnem após longos anos de separação. Têm ambos os mesmos maneirismos, o mesmo modo directo de olhar, as maçãs do rosto inclinadas, o queixo fino. Quando as feições dele estão em descanso, esta parecença é parcialmente obscurecida, mas a animação torna-o mais parecido com ela, apagando dele aquele ar de branda delicadeza que ela abomina. Os olhos de Armande brilham sob a aba do seu chapéu. Luc parece quase relaxado, a gaguez reduzida a uma ligeira hesitação que mal se nota. Vejo-o parar à porta, perguntando-se talvez se deverá dar-lhe um beijo. Nesta altura, a sua repulsa adolescente do contacto físico é ainda muito forte. Ergue uma mão num gesto tímido de despedida e desaparece.

Armande vira-se para mim, impante de triunfo. Por um instante, o seu rosto está nu no seu amor, esperança e orgulho. Depois, a reserva que tem

em comum com o neto regressa, um olhar de casualidade forçada, uma nota rude na sua voz quando diz:

— Gostei, Vianne. Talvez volte cá. Depois lança-me um dos seus olhares directos, estendendo uma mão para me tocar no braço. — Foi você que o trouxe aqui — disse ela. — Eu não teria sabido fazê-lo por mim.

Encolhi os ombros.

— Havia de acontecer mais tarde ou mais cedo — disse eu. — O Luc já não é uma criança. Tem de aprender a fazer as coisas à sua maneira.

Armande abanou a cabeça.

— Não, foi você — repetiu-me teimosamente. Estava suficientemente perto para eu lhe sentir o perfume a lírios-do-vale. — O vento mudou desde que você chegou. Ainda o sinto. Toda a gente o sente. Tudo está a mudar. Iupi! — Deu um gritinho de alegria.

— Mas eu não faço nada — protestei, quase a rir com ela. — Eu só trato da minha vida. Da minha loja. Sou apenas eu. — Apesar do meu riso, sentia-me constrangida.

— Não faz mal — respondeu Armande. — Mesmo assim, é você que faz isso. Repare em tudo o que está a mudar: eu, Luc, Caro, a gente do rio... — inclinou a cabeça em direcção a Les Marauds — ...até ele na sua torre de marfim do outro lado da praça. Todos estamos a mudar. A acelerar. Como um relógio velho a que finalmente se dá corda ao cabo de anos e anos a dar a mesma hora.

Parecia-se demasiado com os meus próprios pensamentos da semana anterior. Abanei a cabeça enfaticamente.

— Não sou eu — protestei. — É ele. Reynaud. Não eu.

Uma imagem súbita veio-me à cabeça, como uma carta que se vira. O Homem de Preto na sua torre do relógio, girando a maquinaria cada vez mais depressa, tocando a mudanças, tocando a rebate, tocando-nos embora da cidade... E, a par dessa imagem, veio a de um velho na cama, com tubos no nariz e nos braços, e o Homem de Preto de pé sobre ele em sofrimento ou triunfo, enquanto atrás de si o fogo ardia...

— Será o pai dele? — disse as primeiras palavras que me vieram à mente. — Quero dizer, o velho que ele visita. No hospital. Quem é?

Armande lançou-me um olhar incisivo de surpresa.

— Como é que sabe disso?

— As vezes tenho... sensações... acerca das pessoas. — Por qualquer razão, tinha relutância em admitir bolas de cristal por entre o chocolate, relutante em utilizar a terminologia do familiar graças à minha mãe.

— Sensações. — Armande pareceu curiosa mas não fez mais perguntas.

— Então, *há* um velho, é isso? — Eu não conseguia deixar de pensar que tropeçara em qualquer coisa importante. Qualquer arma, talvez, na minha luta secreta contra Reynaud.

— Quem é? — insisti.

Armande encolheu os ombros.

— Um outro padre — disse com uma superioridade desdenhosa, e mais não disse.

Quinta-feira, 26 de Fevereiro

Quando abri esta manhã, Roux estava à porta. Trazia um fato-macaco de ganga e tinha o cabelo atado atrás com um elástico. Tinha o ar de quem estava a espera há algum tempo, pois o cabelo e os ombros estavam cobertos de gotículas de orvalho matinal. Dirigiu-me algo que não era exactamente um sorriso, depois espreitou por trás de mim para a loja onde Anouk estava a brincar.

— Olá pequenina — disse-lhe ele. Desta vez o sorriso iluminou-lhe por instantes o rosto desconfiado.

— Entre. — Fiz-lhe sinal para entrar. — Devia ter batido. Eu não o vi aí fora.

Roux resmungou qualquer coisa no seu forte sotaque marselhês e atravessou a soleira bastante inibido. Os seus movimentos são estranha e simultaneamente graciosos e toscos, como se não se sentisse a vontade dentro de portas.

Sirvo-lhe um copo de chocolate preto com *kahlua*.

— Devia ter trazido os seus amigos — digo-lhe em tom ligeiro.

Em resposta, encolhe os ombros. Noto como olha ao seu redor, fitando tudo com um interesse vivo, ainda que desconfiado.

— Por que é que não se senta? — pergunto-lhe, apontando para os bancos ao balcão. Roux abana a cabeça.

— Obrigado. — Um gole de chocolate. — O facto é que pensei que se calhar podia ajudar-me. Que podia ajudar-nos. — Parecia simultaneamente constrangido e zangado. — Não é dinheiro — acrescentou logo, como que para evitar que eu dissesse alguma coisa. — Nós pagávamos, não é isso. É só com a... *organização*... que estamos a ter problemas.

Lançou-me um olhar ressentido.

— Armande... Madame Voizin... disse que você nos ajudava — disse ele.

Explicou a situação e eu ouvi em silêncio, acenando de vez em quando laia de encorajamento. Comecei a perceber que aquilo que eu tinha interpretado como dificuldade de expressão era tão-só uma relutância profunda em ter de pedir ajuda. Com o seu sotaque cerrado, Roux falava como um homem inteligente. Prometera a Armande que lhe consertaria o telhado, explicou. Era um trabalho relativamente fácil que só levaria uns dois dias. Infelizmente, o único fornecedor local de madeira, tintas e outros materiais necessários para concluir a tarefa era Georges Clairmont, que se recusava liminarmente a atender quer Armande, quer Roux. Se a mãe quer o telhado consertado, dissera-lhe ele razoavelmente, então devia pedir-lhe a ele, não a um bando de itinerantes intrujões. Não é que ele não lhe andasse a pedir — *implorar* — há anos para o deixar fazer o trabalho de graça. É deixar os ciganos entrarem-lhe em casa e Deus sabe o que poderá acontecer-lhe. Valores pilhados, dinheiro roubado... Não seria a primeira vez que uma senhora de idade era agredida ou morta por causa dos seus escassos bens. Não. Era um esquema absurdo e a bem da sua consciência não podia...

— Filho da mãe do beato — disse Roux com rancor. — Não sabe nada a nosso respeito. Nada! Pela maneira como fala, somos todos uns ladrões e assassinos. Eu sempre paguei as minhas contas. Nunca pedi a ninguém, sempre trabalhei...

— Tome mais chocolate — sugeri com brandura, servindo-lhe outro copo. — Nem toda a gente pensa como o Georges e a Caroline Clairmont.

— Eu sei. — Tinha uma postura defensiva, de braços cruzados sobre o peito.

— Eu já recorri ao Clairmont para consertar coisas cá em casa — continuei. — Digo-lhe que quero fazer mais umas obras na casa. Dê-me uma lista do que precisa e eu vou buscar as coisas.

— Eu pago tudo — repetiu Roux, como se nunca fosse de mais esclarecer esta questão do pagamento. — O dinheiro não é realmente o problema.

— Claro.

Relaxou um pouco e bebeu mais chocolate. Pela primeira vez, pareceu dar-se conta de como era bom, e dirigiu-me um sorriso de uma doçura

súbita e peculiar.

— Ela tem sido boa connosco, a Armande — disse. — Tem encomendado a mercearia para nós e remédio para o bebé da Zézette. Defendeu-nos quando aquele padre com cara de póquer voltou a aparecer.

— Não é o meu padre — interrompi logo. — Para ele, eu sou tão intrusa em Lansquenet como vocês. — Roux olhou-me espantado. — Sim, é verdade. Acho que ele me considera uma influência perversa. Orgias de chocolate todas as noites. Excessos da carne quando as pessoas decentes deviam estar na cama, sozinhas.

Os olhos dele têm aquela cor incerta de um céu citadino à chuva. Quando se ri, eles brilham com malícia. Anouk, que estivera sentada em raro silêncio enquanto ele falava, respondeu e riu-se também.

— Quer pequeno-almoço? — perguntou Anouk na sua vozinha flauteada. — Temos *pain au chocolat*. E *croissants* também, mas o *pain au chocolat* é melhor.

Ele abanou a cabeça.

— Acho que não. Obrigado.

Pus um bolo num prato ao lado dele.

— Por conta da casa — disse-lhe. — Experimente um, sou eu que os faço.

Por qualquer razão, não pareceu um comentário acertado. Observei como o seu rosto se voltou a contrair, com aquele brilho de humor substituído pelo olhar agora familiar de uma inexpressividade cautelosa.

— Posso pagar — disse ele numa espécie de desafio. — Tenho dinheiro. — Tentou tirar uma mão-cheia de moedas do bolso do fato-macaco. As moedas rolaram sobre o balcão.

— Arrume isso — disse-lhe eu.

— Já lhe disse que posso pagar. — Teimoso agora, fervendo de raiva. — Não preciso... — Pus a minha mão sobre a dele. Senti a resistência por momentos, depois os seus olhos fixaram os meus.

— Ninguém *precisa* de nada — disse-lhe com gentileza. Apercebi-me de que ferira o seu orgulho com a exibição da minha amizade. — Eu convidei-o. — O olhar de hostilidade permaneceu inalterável. — Fiz o mesmo com toda a gente — insisti. — Caro Clairmont. Guillaume Duplessis. Até Paul-Marie Muscat, o homem que correu convosco do

café. — Um segundo de pausa para ele reter a informação. — O que é que o torna tão especial que o leva a rejeitar quando nenhum deles o fez?

Pareceu então envergonhado, resmungando qualquer coisa entredentes no seu dialecto cerrado. Depois os seus olhos voltaram a fitar os meus e sorriu.

— Desculpe — disse ele. — Não percebi. — Parou por momentos, desajeitadamente, antes de pegar no pastel. — Mas para a próxima vez vocês são as convidadas em *minha* casa — disse com firmeza. — E eu vou ficar muito ofendido se recusarem.

Esteve vontade a partir daí, perdendo muito do seu constrangimento. Falimos de assuntos neutros durante um bocado mas a conversa depressa se encaminhou para outras coisas. Fiquei a saber que vivia no rio há seis anos, primeiro sozinho e depois viajando com um grupo de companheiros. Trabalhara na construção antes e ainda ganhava um dinheiro fazendo biscates e trabalhando nas colheitas no Verão e no Outono. Deduzi que problemas o haviam forçado a optar por uma vida itinerante, mas sabia que não era boa ideia tentar saber os pormenores à força.

Saiu logo que os meus primeiros clientes habituais chegaram. Guillaume cumprimentou-o educadamente e Narcisse dirigiu-lhe um pequeno aceno de boas-vindas mas não convenceu Roux a ficar e conversar com eles. Em lugar disso, atafulhou a boca com o que ainda tinha do seu *pain au chocolat* e saiu da loja com aquele ar insolente e distante que ele acha que tem de mostrar diante de estranhos.

Ao chegar porta, virou-se abruptamente.

— Não se esqueça do convite — disse, como que pensando melhor. — Sábado noite, às sete. Traga a pequenina.

E desapareceu antes que eu pudesse agradecer-lhe.

Guillaume demorou-se mais do que o costume a tomar o seu chocolate. Narcisse cedeu o seu lugar a Georges, depois Arnaud veio comprar três trufas de champanhe — sempre o mesmo, três trufas de champanhe e depois aquele ar culpado — e Guillaume sentou-se no lugar do costume, com um ar preocupado no rosto de feições miúdas. Por várias vezes tentei

arrancar-lhe qualquer coisa mas ele respondeu em monossílabos bem-educados, com o pensamento noutro lado. Debaixo do seu banco, *Charly* estava manco e imóvel.

— Falei com o Curé Reynaud ontem — disse por fim, tão abruptamente que estremeci. — Perguntei-lhe o que é que eu devia fazer em relação a *Charly*.

Olhei-o inquisitivamente.

— É difícil explicar-lhe a ele — prosseguiu Guillaume na sua voz suave e precisa. — Ele acha que eu estou a ser teimoso recusando-me a acatar o que o veterinário diz. Pior ainda, acha que estou a ser tolo. Afinal, o *Charly* não é uma pessoa. — Uma pausa durante a qual era audível o esforço que fazia para não se descontrolar.

— Está assim tão mal?

Já sabia a resposta. Guillaume olhou-me com olhos tristes.

— Acho que sim.

— Percebo.

Baixou-se automaticamente para coçar a orelha de *Charly*. A cauda do cão batia à toa e gania baixinho.

— Cão bem-educado. — Guillaume deu um dos seus sorrisos breves e confusos. — O Curé Reynaud não é mau homem. Não quis ser cruel. Mas dizer aquilo, daquela maneira...

— O que é que ele disse?

Guillaume encolheu os ombros. — Disse-me que há anos que eu pareço tolinho por causa daquele cão. Que tanto lhe fazia o que eu faço mas que era ridículo mimar o animal como se fosse um ser humano e desperdiçar o meu dinheiro em tratamentos inúteis com ele.

Senti-me espicaçada de raiva.

— Mas que coisa perversa.

Guillaume abanou a cabeça.

— Ele não compreende — disse ele outra vez. — Não gosta de animais. Mas eu e o *Charly* já estamos juntos há tanto tempo... — Lágrimas assomaram-lhe aos olhos e ele sacudiu a cabeça abruptamente para as esconder.

— Vou agora ao veterinário, mal acabe de beber. — O seu copo estava vazio sobre o balcão há mais de vinte minutos. — Não deve poder ser hoje, pois não? — Havia uma nota de quase desespero na sua voz. — Ele

ainda está bem-disposto. Ultimamente tem andado a comer melhor, sei que tem. Ninguém me pode *obrigar* a fazer isso. — Agora parecia uma criança rabugenta. — Eu hei-de saber quando chegar a altura. Hei-de saber.

Não havia nada que eu pudesse dizer para o ajudar. Tentei, mesmo assim. Baixei-me para fazer festas a *Charly*, sentindo pele e osso sob o movimento dos meus dedos. Há coisas que se podem curar. Aqueci os meus dedos, sondando delicadamente, tentando ver... O carço já parecia maior. Eu sabia que não havia nada a fazer.

— É o seu cão, Guillaume — disse-lhe. — Você é quem sabe.

— Exacto. — Pareceu animar-se por um momento. — O remédio alivia-lhe a dor. Já não passa a noite a ganir.

Pensei na minha mãe nos seus últimos meses. A palidez, o modo como a carne se desprendia dela revelando uma beleza delicada de ossos descarnados, pele desossada. Os olhos febris e brilhantes: *Florida, querida. Nova Iorque, Chicago, o Grand Canyon, tanto para ver!* — os gritos furtivos na noite.

— A partir de certa altura, tem de se parar — disse eu. — Não adianta. Escondendo-se atrás de justificações, estabelecendo objectivos imediatos para deixar ir passando a semana. A partir de certa altura, é a falta de dignidade que dói mais do que qualquer outra coisa. É preciso descansar.

Cremada em Nova Iorque: cinzas lançadas no porto. Engraçado, como sempre imaginamos morrer na cama, rodeados das pessoas mais próximas. Em vez disso, quantas vezes, antes acontece o encontro breve e perturbador, a súbita percepção, a corrida em pânico e em câmara lenta com o sol erguendo-se por trás como um pêndulo oscilando continuamente por muito que se tente ultrapassá-lo.

— Se eu pudesse escolher, era esta que escolhia. A agulha indolor. A mão amiga. Melhor isso do que sozinha à noite, ou debaixo das rodas de um táxi numa rua onde ninguém pára para olhar para trás. — Dei-me conta que, sem querer, tinha falado alto. — Desculpe, Guillaume — disse eu, notando o seu choque. — Estava a pensar noutra coisa.

— Tudo bem — disse ele devagar, colocando as moedas sobre o balcão à sua frente. — Eu já estava de saída, assim como assim.

E pegando no seu chapéu com uma mão e em *Charly* com a outra, saiu, mais cabisbaixo do que o costume, uma figurinha tristonha carregando o

que poderia ser considerado um saco de mercearia ou uma gabardina velha ou qualquer outra coisa.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sábado, 1 de Março*

Tenho andado a observar a loja dela. Dou-me conta de que tenho andado a fazê-lo desde que ela chegou, com as suas idas e vindas e os seus ajuntamentos furtivos. Observo-a tal como costumava observar ninhos de vespas quando era jovem, com repugnância e fascínio. Começaram dissimuladamente, aparecendo naquelas horas secretas do anoitecer e do amanhecer. Assumiram a aparência de clientes genuínos. Um café agora, um pacote de passas de chocolate para os filhos. Mas agora já não fingem. Os ciganos aparecem agora às claras, lançando olhares desafiadores à minha janela de persiana fechada: o ruivo de olhos insolentes, a rapariga magricela, a rapariga de cabelo oxigenado e o árabe de cabeça rapada. Ela trata-os pelo nome: Roux e Zézette e Blanche e Ahmed. Ontem às dez a carrinha do Clairmont veio descarregar uma série de materiais de construção: madeira e tinta e pez para telhados. Ela passou um cheque. Depois, não pude deixar de observar enquanto os seus amigos sorridentes carregaram as caixas, traves e caixotes aos ombros e os levaram, rindo-se, para Les Marauds. Uma ratoeira, é o que é. Uma ratoeira disfarçada. Por qualquer razão, ela quer ser cúmplice deles. Claro que é para me vexar que ela age assim. Não posso fazer mais nada senão manter um silêncio digno e rezar pela queda dela. Mas ela torna-me a tarefa tão mais difícil! Já tinha que lidar com Armande Voizin, que põe na sua conta as compras de mercearia deles. Já tratei disso, embora demasiado tarde. Os ciganos do rio já têm mantimentos suficientes para quinze dias. Trazem a mercearia diária — pão, leite — de Agen pelo rio acima. A ideia de que eles possam ficar mais tempo dá-me cabo da bília. Mas o que é que se pode fazer quando semelhantes pessoas resolvem ser seus amigos? O senhor saberia o que fazer, *père*, se pelo menos me pudesse dizer. E sei que o senhor não vacilaria no cumprimento do seu dever, por muito desagradável que fosse. Se pelo menos me pudesse dizer o que fazer. A mínima pressão dos dedos

seria suficiente. O piscar de uma pestana. Qualquer coisa. Qualquer coisa para me mostrar que estou perdoado. Não? Não se mexe. Só o ritmo — sibilado, pesado — da máquina ao respirar por si, enviando ar para os seus pulmões atrofiados. Sei que um destes dias há-de acordar, curado e purificado, e que o meu nome vai ser a primeira palavra que pronunciará. Sabe, eu acredito em milagres. Eu, que passei pelo fogo. Acredito.

Decidi ir falar com ela hoje. Racionalmente, sem recriminações, de pai para filha. Decerto ela haveria de compreender. Começámos com o pé esquerdo, um e outro. Talvez pudéssemos recomeçar. Sabe, *père*, eu estava disposto a ser generoso. Disposto a compreender. Mas, ao aproximar-me da loja, vi pela montra que o tal Roux estava lá dentro com ela, com os seus olhos claros e duros fixos em mim com aquele ar trocista de desdém comum aos da sua raça. Tinha uma bebida qualquer na mão. Parecia perigoso, violento no seu fato-macaco sujo e com o cabelo comprido solto e, por um instante, senti uma pontada fina de ansiedade pela mulher. Será que ela não percebe os perigos a que se expõe pelo simples facto de conviver com essa gente? Será que não se preocupa com ela, com a criança? Estava prestes a dar meia volta quando um cartaz na montra me chamou a atenção. Fingi olhá-lo por um instante enquanto secretamente a observava a ela — a eles — do lado de fora. Ela trazia um vestido de um tecido bom cor de vinho e tinha o cabelo solto. Ouvi o riso dela vindo de dentro da loja.

Os meus olhos examinaram de novo o cartaz. A caligrafia era infantil, informe.

*GRANDE FESTIVAL DO CHOCOLATE*  
*EM LA CELESTE PRALINE*  
*COMEÇA DOMINGO DE PÁSCOA*  
*TODOS BEM-VINDOS*

Voltei a com uma indignação lenta a emergir. Conseguia ainda ouvir o som da voz dela dentro da loja, sobre o tilintar dos copos. Demasiado absorta na conversa, ainda não se apercebera da minha presença, continuando de

costas para a porta, um pé voltado para fora como uma bailarina. Calçava sabrinas rasas com lacinhos e não tinha meias.

### COMEÇA DOMINGO DE PÁSCOA

Agora percebo tudo.

A malícia dela, a sua condenável malícia. Deve ter planeado isto desde o princípio, este festival do chocolate, para coincidir com a cerimónia mais sagrada da Igreja. Desde a sua chegada no dia de Carnaval que deve ter isto tudo previsto para minar a minha autoridade, para troçar dos meus ensinamentos. Ela e os seus amigos do rio.

Demasiado revoltado agora para me ir embora conforme deveria, empurrei a porta e entrei na loja. Uns sininhos animados e trocistas anunciaram a minha chegada e ela voltou-se para me ver, sorrindo. Se nesse momento não tivesse tido uma prova irrefutável do seu espírito vingativo, juraria que o sorriso era genuíno.

— Monsieur Reynaud.

O ar é quente e cheio do cheiro a chocolate. Nada do chocolate em pó fino que eu conheci em miúdo: este tem um cheiro encorpado que lembra o perfume dos grãos de café na banca do mercado, um aroma de *amaretto* e *tiramisu*, um sabor fumegante e queimado que me chega à boca e faz salivar. Há uma cafeteira prateada do dito sobre o balcão, fumegando. Lembro-me que hoje não tomei o pequeno-almoço.

— Mademoiselle. — Oxalá a minha voz fosse mais assertiva. A raiva entalou-me a garganta e em vez do rugido recto que eu pretendia, não saiu senão um coaxo de indignação, qual sapo bem-educado. — Mademoiselle Rocher. — Ela olha-me inquisitivamente. — Vi o seu cartaz!

— Obrigada — diz ela. — Acompanha-nos numa bebida?

— Não!

Aliciante:

— O meu *chococcino* é óptimo para quem tiver uma garganta delicada.

— Eu não tenho uma garganta delicada!

— Não? — A voz dela era falsamente solícita. — Julguei que estava bastante rouco. *Grand crème*, então? Ou *mocha*?

Com esforço, recobrei a compostura.

— Não se incomode, por favor.

Ao lado dela, o homem ruivo dá uma gargalhada baixa e diz qualquer coisa no seu *patois* de sarjeta. Reparo que tem as mãos sujas de tinta, uma tinta clara infiltrada nas dobras da palma das mãos e nos nós dos dedos. Andará a trabalhar?, pergunto-me com inquietação. E se assim for, para quem? Se estivéssemos em Marselha, a polícia prendia-o por trabalhar clandestinamente. Uma busca ao seu barco poderia revelar provas suficientes — drogas, propriedade roubada, pornografia, armas — para o afastar de vez. Mas isto é Lansquenet. Nada a não ser violência grave faria a polícia vir aqui.

— Vi o seu cartaz. — Recomecei com toda a dignidade que consigo mobilizar. Ela olha-me com aquele ar solícito e bem-educado e com os olhos a bailar. — Devo dizer... — aqui clareio a garganta, novamente cheia de bÍlis — ...devo dizer que acho a sua data... a data da sua... *iniciativa...* deplorável.

— Data? — Com ar inocente. — Refere-se ao festival da Páscoa? — Mostra um sorrizinho malicioso. — Julgava que o senhor e os seus é que eram responsáveis por isso. melhor falar ao Papa.

Fito-a friamente.

— Sabe muito bem de que é que eu estou a falar.

Mais uma vez, aquele ar inquisitivamente bem-educado.

— Festival de chocolate. Todos bem-vindos. — A minha cólera cresce como leite a ferver, incontrolável. Por um instante sinto-me poderoso, com uma energia que me vem do calor. Aponto-lhe um dedo acusador: — Não pense que eu não percebi o que é isto tudo.

— Deixe-me adivinhar. — A voz dela é suave, interessada. — Um ataque pessoal contra si. Uma tentativa deliberada de minar os alicerces da Igreja Católica. — Dá uma gargalhada, que se trai numa estridência súbita. — Deus nos livre que uma loja de chocolates venda ovos de Páscoa na Páscoa. — A voz dela é trémula, quase temerosa, embora eu não saiba de quê. O homem ruivo olha-me ferozmente. Ela recupera com esforço e o vislumbre de medo que eu julguei ver nela é engolido ao recobrar a compostura.

— Tenho a certeza de que há aqui lugar para nós os dois — diz ela calmamente. — Tem a certeza de que não quer um chocolate quente? Eu podia explicar-lhe o que que...

Abano a cabeça furiosamente, como um cão atormentado por vespas. Aquela calma dela enfurece-me e ouço uma espécie de zunido na minha cabeça, um desequilíbrio que faz com que tudo pareça girar b. minha volta. O cheiro cremoso do chocolate é enlouquecedor. Por um momento, os meus sentidos são estranhamente activados: sinto o perfume dela, um toque de alfazema, o cheiro quente e picante da pele dela. Por trás dela, uma lufada dos pântanos, um cheiro almiscarado a óleo de máquinas e suor e tinta do seu amigo ruivo.

— Eu... não... eu... — Como num pesadelo, esqueci-me do que queria dizer. Algo sobre respeito, imagino, pela comunidade. Sobre remar na mesma direcção, sobre rectidão, decência, sobre moralidade. Em vez disso, engoli ar com a cabeça em água.

— Eu... eu... — Não consigo deixar de pensar que *ela* é que está a fazer isto, a puxar os cordelinhos dos meus sentidos em todas as direcções, a chegar à minha mente... Ela inclina-se para diante, fingindo-se solícita, e o seu perfume volta a assaltar-me.

— Está bem? — Ouço a voz dela a uma grande distância. — Monsieur Reynaud, o senhor está bem?

Empurro-a com mãos trémulas.

— Não é nada — finalmente consigo falar. — Uma... indisposição. Não é nada. Despeço... — Tropeço cegamente na direcção da porta. Um saquinho vermelho pendurado na ombreira da porta zorra-me na cara — mais uma das suas superstições — e não consigo afastar a impressão absurda de que aquele objecto ridículo é responsável pela minha indisposição, ervas e ossos cerzidos e pendurados ali para me perturbarem o espírito. Cambaleio em direcção à rua à procura de fôlego.

A minha cabeça alivia-se mal é tocada pela chuva, mas continuo a caminhar. Caminhar.

Não parei até chegar aqui, *mon père*. O meu coração batia, a minha cara escorria suor, mas finalmente senti-me purgado da presença dela. *Foi* isto que o senhor sentiu, *mon père*, naquele dia na antiga sacristia? Era este o rosto da tentação?

Os dentes-de-leão estão a alastrar, as suas folhas amargas levantam a terra preta, as suas raízes brancas perfuram fundo e mordem forte. Em

breve estarão em flor. Vou regressar a casa pela beira-rio, *père*, para observar a pequena cidade flutuante que neste exacto momento cresce, espalhando-se pelo Tannes inchado. Chegaram mais barcos desde a última vez que falámos, o rio está pejado deles. Quase se pode atravessá-lo a pé.

#### TODOS BEM-VINDOS

É isso que ela quer? Um ajuntamento dessa gente, uma celebração do excesso? Como nós lutámos para erradicar essas reminiscências de tradições pagãs, *père*, como lutámos e persuadimos. O ovo, a lebre, símbolos sobreviventes da raiz tenaz do paganismo, exposta tal como é. Durante uns tempos, fomos puros. Mas, com ela, a purga tem de recomeçar. Esta é uma estirpe mais forte, desafiando-nos uma vez mais. E o meu rebanho, o meu rebanho estúpido e crédulo, virando-se para ela, *ouvindo-a...* Armande Voizin. Michel Narcisse. Guillaume Duplessis. Joséphine Muscat. Georges Clairmont. Vão ouvir os seus nomes mencionados no sermão de amanhã juntamente com todos os outros que têm andado a dar-lhe ouvidos. O festival de chocolate é só uma parte de um todo nauseabundo, hei-de dizer-lhes. As amizades com os ciganos do rio. O modo como deliberadamente desafia os nossos costumes e práticas. A influência que tem nas nossas crianças. Todos os sinais, hei-de dizer-lhes, todos os sinais de um efeito insidioso da presença dela aqui.

Este festival dela há-de fracassar. Ridículo imaginar que possa ser bem sucedido com tão forte oposição. Hei-de pregar contra ele todos os domingos. Nomearei aqueles que colaborarem com ela e rezarei pela salvação deles. Os ciganos já. provocaram desassossego. O Muscat queixa-se que a presença deles afasta a clientela. O barulho do acampamento deles, a música, as fogueiras que tornam Les Marauds numa favela flutuante, o rio cintilando com óleo derramado, pedaços de lixo levados pela corrente. E a mulher tê-los-ia recebido, constou-me. Felizmente Muscat não se deixa intimidar por essa gente. Disse-me Clairmont que ele os pôs facilmente na rua a semana passada quando eles se atreveram a pôr os pés no seu café. Percebe, *père*, apesar de toda aquela bazófia, são uns cobardes. Muscat barrou-lhes o caminho que vem de Les Marauds para os dissuadir de passarem. A possibilidade de violência devia horrorizar-me, *père*, mas de certa forma acho-a bem-vinda. Podia dar-me

o pretexto de que preciso para chamar a polícia de Agen. Devia voltar a falar com Muscat. Ele há-de saber o que fazer.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sábado, 1 de Março*

Qbarco de Roux é o mais próximo da margem, ancorado a alguma distância dos restantes, em frente da casa de Armande. Hoje à noite tinham pendurado lanternas de papel na proa, qual fruta reluzente e, ao encaminharmo-nos para Les Maraude, sentimos o cheiro forte a grelhados na margem do rio. As janelas de Armande estavam escancaradas sobre o rio e a luz vinda da casa projectava desenhos irregulares na água. Espantou-me a ausência de lixo, o cuidado com que todo o tipo de detritos fora colocado em bidões de aço para ser queimado. De um dos barcos a jusante do rio chegava o som de guitarra. Roux estava sentado no molhezito olhando a água. Um pequeno grupo de pessoas já se lhe juntara e eu reconheci Zézette, uma outra rapariga chamada Blanche e um norte-africano, Ahmed. Ao lado deles havia qualquer coisa a cozer num fogareiro a carvão.

Anouk correu de imediato para o fogo. Ouvi Zézette adverti-la com voz suave:

— Cuidado, pequerrucha, é quente.

Blanche estendeu-me uma caneca de vinho quente com especiarias e eu aceitei-a com um sorriso.

— Veja o que acha disto.

A bebida era quente e forte, com limão e noz-moscada, tão forte que queimava a garganta. Pela primeira vez em semanas a noite estava límpida e a nossa respiração projectava espirais pálidas no ar parado. Uma neblina fina pairava sobre o rio, iluminado aqui e ali pelas luzes dos barcos.

— Pantoufle também quer — disse Anouk, apontando para o tacho com vinho quente. Roux sorriu.

— Pantoufle?

— O coelho de Anouk — disse-lhe eu rapidamente — O amigo... imaginário dela.

— Não sei se o Pantoufle ia gostar muito disto — disse-lhe ele. — Talvez ele prefira sumo de maçã?

— Vou perguntar-lhe — disse Anouk.

Roux parecia algo diferente aqui, mais relaxado, recortado contra o fogo enquanto inspeccionava o seu cozinhado. Lembro-me de ver caranguejo do rio, descascado e grelhado sobre as brasas, sardinhas, milho-doce, batata-doce, maçãs caramelizadas passadas por açúcar e fritas em manteiga, panquecas espessas e mel. Comemos com as mãos dos nossos pratos de alumínio e bebemos cidra e mais vinho quente. Algumas das crianças juntaram-se a Anouk num jogo beira-rio. Armande juntou-se a nós, estendendo as mãos sobre o fogareiro para as aquecer.

— Se eu fosse mais nova — suspirou ela. — Não me importava de ter isto todas as noites... — Lançou a Roux um olhar malicioso. — Acho que vou fugir consigo — declarou. — Sempre tive um fraquinho por ruivos. Posso estar velha, mas aposto que ainda podia ensinar-lhe alguma coisa.

Roux sorriu. Esta noite não havia nele qualquer vestígio de timidez. Estava bem disposto, enchendo e tornando a encher as canecas com vinho e cidra, comovidamente satisfeito por ser o anfitrião. Namoriscou com Armande, lançando-lhe piropos extravagantes e fazendo-a chorar de riso. Ensinou Anouk a atirar pedras rente água. Finalmente mostrou-nos o seu barco, cuidadosamente arrumado e limpo, a minúscula cozinha, a despensa com o seu reservatório de água e mantimentos, a área de dormir com o seu telhado em fibra de vidro.

— Era uma autêntica sucata quando o comprei — contou ele. — Consertei-o e agora está tão bom como uma casa em terra. — O seu sorriso era um pouco triste, qual homem a confessar um passatempo infantil. — Todo esse trabalho só para agora poder deitar-me na minha cama à noite e ouvir a água e ver as estrelas.

Anouk foi exuberante na sua aprovação.

— Eu gosto — declarou ela. — Gosto muito! E não é uma poça... poça... o que quer que a mãe do Jeannot diz que é.

— Uma pocilga — sugeriu Roux gentilmente. Olhei-o rapidamente mas ele ria-se. — Não, não somos tão maus como muita gente pensa.

— Nós não pensamos que vocês sejam maus! — Anouk estava indignada.

Roux encolheu os ombros.

Depois houve música, uma flauta e um violino e alguns tambores improvisados com latas e baldes do lixo. Anouk juntou-se-lhes com a sua cometa de brincar e as crianças dançaram entusiasticamente e tão perto do rio que foi preciso mandá-las afastarem-se um pouco. Já passava bem das onze quando finalmente viemos embora, com Anouk a cair de cansaço mas a protestar furiosamente.

— Está bem — disse-lhe Roux. — Podes voltar cá quando quiseres.

Agradei-lhe enquanto pegava em Anouk ao colo.

— São bem-vindas. — Por um instante, o sorriso esmoreceu-lhe ao olhar para o cimo do monte atrás de mim. Uma leve ruga apareceu-lhe no sobrolho.

— Qual é o problema?

— Não sei bem. Talvez nenhum.

Há pouca iluminação pública em Les Marauds. A única existente é a de um candeeiro amarelo em frente do *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE*, brilhando gordurosamente sobre a passagem estreita. Depois, a Rue des Francs Bourgeois, alargando-se numa avenida com árvores, bem iluminada. Continuou a observar de sobrolho franzido.

— Julguei ver alguém a descer o monte, só isso. Deve ter sido por efeito da luz. Não está lá ninguém agora.

Peguei em Anouk ao colo pelo monte acima. Atrás de nós, suave música calíope do Carnaval flutuante. Zézette dançava no molhe, recortada contra o fogo que se extinguia, com a sua sombra frenética pulando atrás de si. Ao passarmos pelo *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE*, vi que a porta estava escancarada embora todas as luzes estivessem apagadas. Ouvi uma porta fechar-se suavemente lá dentro, como se alguém tivesse estado à espreita, mas podia ser o vento.

*Domingo, 2 de Março*

**M**arço pôs fim à chuva. O céu está agora liso, de um penetrante azul pintalgado por nuvens passageiras e um vento cortante que veio durante a noite em rajadas pelos cantos e abanando janelas. Os sinos da igreja tocam violentamente como se também eles tivessem sido apanhados por esta mudança súbita. O catavento vira e torna a virar contra o céu revoltado e a sua voz ferrugenta ergue-se estridente. Anouk canta uma canção-do-vento de si para si enquanto brinca no quarto:

*V'là l'bon vent, v'là l'joli vent  
V'là l'bon vent, ma mie m'appel-le  
V'là l'bon vent, v'là l'joli vent  
V'là l'bon vent, ma mie m'attend.*

O vento de Março é um vento mau, dizia a minha mãe. Mas, apesar disso, sabe bem, cheira a seiva e ozono e sal do mar distante. Um bom mês, Março, com Fevereiro a soprar pela porta das traseiras e a Primavera à espera na da frente. Um bom mês para mudanças.

Durante cinco minutos, fico sozinha na praça de braços abertos, sentindo o vento no rosto. Esqueci-me de trazer um casaco e a minha saia vermelha ondula à minha volta. Sou um papagaio de papel, sentindo o vento, subindo por momentos acima da torre da igreja, acima de mim mesma. Sinto-me desorientada por um instante, vendo a figura encarnada lá em baixo na praça, simultaneamente *aqui e ali* — caindo de novo em mim, sem fôlego, vejo a cara de Reynaud olhando de uma janela alta, com olhos negros de ressentimento. Parece pálido e o sol brilhante mal tinge de cor a sua pele. As mãos estão fechadas sobre o peitoril da janela e os nós dos dedos são do mesmo branco descorado do rosto.

O vento subiu-me à cabeça. Aceno-lhe alegremente ao voltar-me para regressar à loja. Ele vai considerar isto uma provocação, já sei, mas hoje não me importo. O vento levou consigo os meus medos. Aceno ao Homem de Preto na sua torre e o vento sacode jovialmente as minhas saias. Sinto-me delirante, expectante.

Alguma desta coragem renovada parece ter contagiado as pessoas de Lansquenet. Observo-as a caminharem para a igreja — as crianças correm ao vento de braços abertos como papagaios de papel, os cães ladram furiosamente a coisa nenhuma, até os adultos têm faces reluzentes e olhos lacrimejantes de frio. Caroline Clairmont passa com um casaco e chapéu primaveris novos e o filho pelo braço. Luc olha-me por um instante e dirige-me um sorriso escondido atrás da mio. Joséphine e Paul-Marie Muscat passam de braço dado como namorados, embora o rosto dela tenha um ar contraído e desafiador sob a boina castanha. O marido lança-me olhares através do vidro e apressa o passo enquanto a boca se move. Vejo Guillaume, hoje sem *Charly*, embora ainda traga a coleira de plástico brilhante pendurada num pulso, uma figura desamparada estranhamente incompleta sem o seu cão. Arnauld olha para mim e acena com a cabeça. Narcisse pára para examinar uma selha de gerânios à porta, esfrega uma folha entre os seus dedos grossos e inala o odor da seiva verde. Gosta de coisas doces apesar da sua rudeza e eu sei que vai aparecer mais tarde para tomar o seu *mocha* com trufas de chocolate.

O sino abranda para um zumbido insistente — *&do!* — medida que as pessoas entram pelas portas abertas. Vislumbro de novo Reynaud, agora de sotaina branca, mãos entrelaçadas e solícito, a recebê-los. Julgo que ele me olha outra vez, um breve pestanejar dos olhos cruzando a praça, um endurecimento subtil da coluna sob a sotaina — mas não posso ter a certeza.

Sento-me ao balcão, com uma chávena de chocolate na mão, a aguardar o fim da missa.

\*\*\*

O serviço foi mais longo do que o habitual. Suponho que, à medida que a Páscoa se aproxima, as exigências de Reynaud aumentam. Passavam mais de noventa minutos quando as primeiras pessoas saíram

furtivamente, de cabeças curvadas, com o vento puxando impudentemente lenços da cabeça e casacos domingueiros, insuflando saias num súbito descaramento e apressando o rebanho pela praça fora. Arnauld dirige-me um sorriso de cordeirinho ao passar: nada de trufas de champanhe hoje. Narcisse entrou como de costume, mas estava ainda menos comunicativo, sacando de um jornal sob o casaco de *tweed* e lendo em silêncio enquanto bebia. Quinze minutos depois, metade dos membros da congregação ainda se encontravam lá dentro e imaginei que estivessem espera para irem confissão. Servi-me de mais chocolate e bebi.

O domingo é um dia lento. O melhor é ter paciência.

De repente, vi uma figura familiar de casaco de xadrez escapar-se pela porta semiaberta da igreja. Josephine deu uma vista de olhos a praça e, vendo-a vazia, atravessou-a a correr em direcção loja. Reparou em Narcisse e hesitou por instantes antes de se decidir a entrar. Tinha os punhos cerrados sobre o fundo do estômago, como que para se proteger.

— Não posso ficar — disse mal entrou. — Paul está na confissão. Tenho dois minutos. — A voz era aguda e urgente, as palavras apressadas caindo umas sobre as outras como peças de dominó enfileiradas.

— Tem de se manter afastada daquela gente — disse ela abruptamente. — Os itinerantes. Tem de lhes dizer para se irem embora. Avise-os. — O seu rosto agitava-se com o esforço de falar. As mãos abriam e fechavam.

Olhei para ela.

— Por favor, Josephine. Sente-se. Tome alguma coisa.

— Não posso! — Abanou a cabeça enfaticamente. O cabelo emaranhado pelo vento obscurecia-lhe selvaticamente o rosto. — Já lhe disse que não tenho tempo. Faça só o que lhe digo. Por favor. — Parecia tensa e exausta, olhando para a porta da igreja como se tivesse medo de ser vista comigo.

— Ele anda a pregar contra eles — disse num tom rápido e baixo. — E contra si. A falar de si. A dizer coisas.

Encolhi os ombros, indiferente.

— E daí? O que me importa?

Josephine pôs os pulsos nas têmporas num gesto de frustração.

— Tem de os avisar — repetiu. — Diga-lhes para se irem embora. Avise também a Armande. Diga-lhe que ele a acusou na igreja hoje de manhã. E a si. Também me há-de acusar a mim se me vir aqui, e o Paul...

— Não percebo, Josephine. O que é que ele pode fazer? E por que é que eu havia de me preocupar, de qualquer maneira?

— Diga-lhes, está bem? — Os olhos dela piscavam cautelosos novamente na direcção da igreja, de onde saíam umas poucas pessoas. — Não posso ficar. Tenho de ir. — Voltou-se para a porta.

— Espere, Josephine...

O seu rosto, ao voltar-se, era uma mancha de tristeza. Percebi que estava à beira das lágrimas.

— Isto está sempre a acontecer — disse ela numa voz ríspida e infeliz. — Quando eu arranjo uma amiga, *ele* arranja maneira de estragar tudo. Vai ser como de costume. Você há-de safar-se mas *eu*...

Dei um passo à frente para a apoiar. Joséphine deu um pulo para trás num gesto agressivo.

— Não! Não posso! Eu sei que as suas intenções são boas mas... eu... não *posso*! — Recompôs-se com esforço. — Tem de compreender. Eu vivo aqui. Eu tenho que viver aqui. Você é livre, pode ir para onde quiser, pode...

— Você também — repliquei com suavidade.

Ela olhou então para mim, tocando-me no ombro muito breve e levemente, com as pontas dos dedos.

— Você não compreende — disse sem ressentimento. — Você é diferente. Durante algum tempo eu também pensei que podia aprender a ser diferente.

Voltou-se, com a agitação a abandoná-la e a ser substituída por um ar abstracto, distante e quase doce. Voltou a enterrar as mãos nos bolsos.

— Lamento, Vianne — disse ela. — Eu tentei. Sei que a culpa não é sua. — Por um instante, as suas feições reanimaram-se um pouco. — Diga à gente do rio — pediu ela. — Diga-lhes que têm que se ir embora. Também não é culpa deles, só não quero que ninguém se magoe concluiu Joséphine Muscat baixinho. — Está bem?

Encolhi os ombros.

— Ninguém vai ficar ferido — disse-lhe eu.

— Ainda bem. — Dirigiu-me um sorriso, doloroso de tão transparente. — E não se preocupe comigo. Eu estou bem. A sério. — Novamente aquele sorriso forçado, doloroso. Ao passar por mim rumo à porta, vislumbrei algo brilhante na sua mão e vi que ela tinha os bolsos cheios de

bijutarias. *Bâton*, pó-de-arroz, colares e anéis escorreram-lhe por entre os dedos.

— Tome. São para si — disse com vivacidade, impingindo-me uma mão-cheia do tesouro pilhado. — Não se preocupe. Tenho muito mais. — E, com um sorriso de uma doçura desarmante, desapareceu, deixando-me fios e brincos e peças de plástico brilhante e dourado a escorrerem-me dos dedos como lágrimas derramando-se no chão.

À tarde levei Anouk a passear até Les Marauds. O acampamento dos itinerantes tinha um ar alegre à nova luz do sol, com roupa a secar esvoaçando mas cordas estendidas entre os barcos e todo o brilho e tinta a refulgirem. Armande estava sentada numa cadeira de baloiço no seu recatado jardim da frente, olhando o rio. Roux e Ahmed estavam empoleirados no telhado inclinado colocando telhas soltas. Reparei que a cornija e a caleira tinham sido substituídas e pintadas de amarelo vivo. Acenei aos dois homens e sentei-me no muro do jardim junto a Armande enquanto Anouk corria para a beira-rio à procura dos amigos da véspera.

A velhinha tinha um ar cansado e inchado sob as abas de um enorme chapéu de palha. A peça de tapeçaria no seu colo parecia abandonada e intocada. Acenou-me ligeiramente mas não falou. A sua cadeira baloiçava quase imperceptivelmente, tique-tique-tique-tique, no carreiro. Enrolado debaixo dela, o gato dormia.

— Caro veio aqui hoje — disse ela por fim. — Julgo que devia sentir-me honrada. — Um movimento de irritação.

Balançando-se: tique-tique-tique-tique.

— Quem é que *ela pensa* que é? — disparou Armande de repente. — Sua Excelência Maria Antonieta? — Matutou ferozmente durante um instante, acelerando o baloiçar da cadeira. — A tentar dizer-me o que devo e o que não devo fazer. Trazer o *médico* dela... — Interrompeu-se para me fitar com um olhar penetrante de ave. — A intrometer-se onde não é chamada. Sempre foi assim, sabe. Sempre a contar petas ao pai. — Deu uma espécie de gargalhada latida. — Não aprendeu tais coisas comigo, lá isso não. Nem por sombras. Eu nunca precisei de médico... ou padre... para me dizerem o que devo ou não devo fazer.

Armande empinou o queixo para a frente e baloiçou-se ainda com mais força.

— O Luc também veio? — perguntei.

— Não. — Abanou a cabeça. — Foi a Agen a um torneio de xadrez. — A expressão fixa dela suavizou-se. — Ela não sabe que ele veio no outro dia — declarou com satisfação. — E também não há-de vir a saber. — Sorriu. — É um bom rapaz, o meu neto. Sabe quando deve calar-se.

— Soube que os nossos nomes foram ambos mencionados na igreja hoje de manhã — disse-lhe eu. — Acusadas de associação com indesejáveis, pelos vistos.

Armande bufou de indignação.

— O que eu faço na minha casa é da minha conta — disse ela. — Já disse ao Reynaud, e já tinha dito antes ao Père Antoine. Mas eles nunca aprendem. Sempre a tentarem vender a porcaria do costume. Espírito de comunidade. Valores tradicionais. Sempre os moralismos já gastos do costume.

— Então não é a primeira vez? — Fiquei curiosa.

— Ai pois não! — Acenou enfaticamente. — Já lá vão muitos anos. O Reynaud devia ter a idade do Luc nessa altura. Claro, temos itinerantes desde então, mas nunca ficaram. Nunca até agora. — Levantou o olhar para a sua casa semipintada. — Vai ficar bonita, não vai? — perguntou com satisfação. — O Roux diz que deve acabar hoje. — Franziu subitamente as sobranceiras. — Posso empregá-lo a trabalhar para mim se me der na veneta — declarou com irritação. — É um homem honesto e um bom trabalhador. Georges não tem o direito de me dizer o contrário. Não tem o direito.

Pegou na sua tapeçaria inacabada mas voltou a pousá-la sem dar um único ponto.

— Não consigo concentrar-me — disse, zangada. — Já não basta ser acordada por aqueles sinos logo de madrugada, quanto mais ainda ter de ver aquela cara afectada da Caro logo de manhãzinha. *Rezamos por si todos os dias, mãe* — imitou ela. — *Queremos que perceba que nos preocupamos muito consigo.* Preocupam-se com o que pensam os vizinhos, isso sim. É demasiado embaraçoso ter uma mãe como eu, lembrando-lhe constantemente de onde vem.

Deu um sorrisinho duro de satisfação.

— Enquanto eu for viva, sabem que há sempre alguém que se lembra de tudo — declarou ela. — A complicação em que ela se meteu com aquele rapaz. Quem pagou para aquilo, hã? E ele, Reynaud, o Sr. Mais-Branco-

do-que-o-Branco... — Os olhos dela encheram-se de brilho e malícia. — Aposto que sou única ainda viva que se lembra *dessa* história. Pouca gente soube, aliás. Podia ter sido o maior escândalo da região, mas eu tive tento na língua. — Disparou-me um olhar de pura maldade. — E não olhe para mim assim, menina. Eu ainda sei guardar um segredo. Por que é que acha que ele me deixa em paz? Podia fazer muitas coisas se lhe desse na cabeça para isso. Caro sabe. Ela já tentou. — Armande riu-se triunfantemente por entre os dentes: — Eh-eh-eh.

— Eu julgava que Reynaud não era daqui — disse eu com curiosidade. Armande abanou a cabeça.

— Poucas pessoas se lembram — disse ela. — Foi-se embora de Lansquenet em rapaz. Melhor para todos assim. — Interrompeu-se por momentos, recordando. — Mas será melhor não tentar nada desta vez. Contra Roux ou algum dos meus amigos. — O humor desaparecera-lhe do rosto e parecia mais velha, quezilenta, doente. — Eu *gosto* que eles estejam cá. Fazem-me sentir mais nova. — As mãos pequenas e irritadiças depenavam a tapeçaria no seu colo. O gato, sentindo o movimento, desenrolou-se debaixo da cadeira de baloiço e saltou-lhe para os joelhos, ronronando. Armande coçou-lhe a cabeça e ele bichanou e deu-lhe turrinhas no queixo em pequenas brincadeiras.

— *Larzflete* — disse Armande. Passado um bocado, dei-me conta de que esse era o nome do gato. — Já a tenho há dezanove anos. Isso quer dizer que ela tem quase a minha idade, em vida de gato. — Fez um pequeno cacarejo para a gata, que ronronou mais alto. — Segundo eles, sou alérgica. — Asma ou coisa assim. Disse-lhes que preferia sufocar a ficar sem os meus gatos. Embora não hesitasse em ficar sem alguns *humanos*. — *Lariflete* retorceu os bigodes preguiçosamente. Olhei na direcção da água e vi Anouk a brincar no molhe com duas crianças de cabelo preto. Pelo que me era dado ouvir, Anouk, a mais nova das três, era quem dirigia as operações.

— Fique e tome um cafezinho — sugeriu Armande. — Eu ia fazer café quando você chegou. Também tenho limonada para Anouk.

Fiz eu própria o café na pequena e curiosa cozinha de Armande com as suas vigas de ferro e tecto baixo. Tudo aqui é asseado mas a janela minúscula com vista sobre o rio dá luz um tom esverdeado e aquático. Pendurados nas vigas escuras e por pintar há raminhos de ervas secas em

sacos de musselina. Em ganchos presos nas paredes caiadas de branco estão penduradas panelas de cobre. A porta — como todas as portas na casa — tem um buraco na sua base para permitir a passagem dos gatos. Outro gato observa-me curiosamente de um peitoril alto enquanto faço café num fervedor de esmalte. A limonada, reparo, não tem açúcar e o adoçante na caçarola é um substituto qualquer de açúcar. Apesar da fanfarronice dela, parece que sempre toma as suas precauções.

— É uma porcaria — comenta sem rancor, bebericando de uma das suas chávenas pintadas mão. — Dizem que não se sente a diferença. Mas sente-se. — Faz uma careta. — A Caro traz isso quando cá vem. Inspecciona os meus armários. Lá terá as suas boas intenções. Apesar de ser uma pateta.

Disse-lhe que devia cuidar-se mais.

Armande bufou.

— Quando chegar à minha idade — disse-me ela —, as coisas começam a dar problemas. Se não é isto, é aquilo. É a vida. — Bebericou novo gole de café. — Aos dezasseis anos, Rimbaud disse que queria experimentar o mais possível com a maior intensidade possível. Bem, eu estou com oitenta, e começo a achar que ele tinha razão. — Sorriu de esguelha e, uma vez mais, fui surpreendida pela juvenilidade do seu rosto, uma qualidade que tem menos a ver com a cor ou estrutura óssea, e mais com uma espécie de luz interior e expectativa, com o ar de alguém que mal começou a descobrir o que a vida tem a oferecer.

— Acho que já está demasiado velha para aderir à Legião Estrangeira — digo-lhe com um sorriso. — E não acha que as experiências de Rimbaud o terão levado por vezes a excessos?

Armande lança-me um olhar endiabrado.

— É verdade — responde. — Um bocadinho de excesso não era má ideia. Daqui em diante vou ser imoderada, e volúvel, e vou entregar-me a música alta e poesia lúgubre. Vou ser *extravagante* — declarou com satisfação.

Ri-me.

— Mas que disparate — disse eu, fingindo severidade. — Não me espanta que a sua família a despreze.

Mas embora se tenha rido comigo, baloiçando-se alegremente na cadeira, do que me lembro agora não é do seu riso mas do que eu

vislumbrei *por trás* do seu riso: aquele ar de abandono estouvado, de alegria desesperada.

E só mais tarde, já de madrugada, quando acordei a transpirar de um pesadelo semiesquecido, me lembrei onde tinha visto aquele ar antes.

*Que tal Florida, querida? Os Everglades? Os Keys? Que tal a Disneylândia, querida, ou Nova Iorque, Chicago, o Grand Canyon, Chinatown, o Novo México, as Rocky Mountains?*

Mas com Armande não havia nada do medo da minha mãe, nada das suas defesas e brigas com a morte, nada dos seus ataques e retiradas rápidas, das suas escapadelas fantasistas para o desconhecido. Com Armande havia apenas a fome, o desejo, a consciência terrível do tempo.

Pergunto-me o que o médico lhe terá dito realmente hoje de manhã, e quanto ela compreende. Fico acordada por imenso tempo, pensando e, quando finalmente adormeço, sonho comigo e Armande a passear pela Disneylândia com Reynaud e Caro de mãos dadas e a Rainha Encarnada e o Coelho Branco da *Alice no País das Maravilhas* com enormes luvas de cartão brancas nas mãos. Caro tem uma coroa vermelha na sua cabeça enorme e Armande segura um pau de algodão-doce em cada mão.

Algures ao longe consigo ouvir os sons do trânsito de Nova Iorque, os toques das buzinas a aproximarem-se.

— *Oh não, não comas isso, é venenoso* — guinchava Reynaud estridentemente, mas Armande continuava a devorar algodão-doce com ambas as mãos, de rosto reluzente e senhora de si. Tentei avisá-la do táxi mas ela olhou para mim e disse-me na voz da minha mãe:

— A vida é um Carnaval, *chérie*, morrem mais pessoas todos os dias a atravessar a rua, é um facto estatístico — e continuava a comer daquele modo terrivelmente voraz; Reynaud virou-se para mim e guinchou numa voz tão mais ameaçadora quanto mais destituída de ressonância:

— *É tudo culpa sua, sua e do seu festival de chocolate, estava tudo bem até você chegar e agora está toda a gente a MORRER MORRER MORRER.*

Ergui as minhas mãos para me proteger: — Não sou eu — sussurrava eu. — É você, deve ser você, você é o Homem de Negro, é... — Depois caía para trás sobre o espelho e as cartas espalhavam-se à minha volta em todas as direcções: *Nove de Espadas, MORTE. Três de Espadas, MORTE. A Torre, MORTE. A Carroça, MORTE.*

Acordei a gritar, com Anouk de pé ao meu lado, a carita morena confusa de sono e ansiedade.

— Mamã, o que é?

Sinto o calor dos braços dela à volta do meu pescoço. Cheira a chocolate e baunilha e a um sono pacífico e sem tumultos.

— Nada. Um sonho. Nada.

Ela trauteia para mim na sua voz baixa e suave e eu tenho a impressão estranha do mundo voltado às avessas, de mim a diluir-me nela como um argonauta na sua espiral, gira-e-torna-a-girar, da sua mão fresca na minha testa e da sua boca no meu cabelo.

— *Fora-fora-fora* — murmura ela automaticamente. — *Espíritos maus, ide-vos embora*. Está tudo bem, mamã. Foram-se todos. — Não sei aonde é que ela vai buscar estas coisas. A minha mãe costumava dizê-las mas eu não me lembro de as ensinar a Anouk. E contudo ela usa-as como uma antiga fórmula familiar. Agarro-me a ela por um momento, paralisada de amor.

— Vai ficar tudo bem, não vai, Anouk?

— Claro. — A sua voz é clara, adulta e segura. — Claro que vai. — Pousa a cabeça no meu ombro e enrosca-se ensonada no círculo dos meus braços. — Eu também gosto muito de ti, mamã.

Lá fora o amanhecer é o brilho do luar no horizonte acinzentado. Aconchego bem a minha filha junto a mim enquanto ela volta a adormecer, com os caracóis a fazerem-me cócegas na cara. Seria isto que a minha mãe temia? Interrogo-me enquanto ouço os pássaros (primeiro um único craque-craque, depois uma congregação inteira deles): seria disto que ela fugia? Não da sua própria morte mas das mil intersecções da sua vida com as vidas dos demais, das ligações quebradas, dos elos surgidos a sua revelia, das *responsabilidades*? Será que passámos todos esses anos fugindo dos nossos amores, das nossas amizades, das palavras casuais ditas de passagem que podem alterar o curso de uma existência?

Tento relembrar o meu sonho, o rosto de Reynaud — a sua expressão perdida de consternação, *estou atrasado, estou atrasado* —, também ele a correr de ou para um qualquer destino inimaginável no qual eu sou uma participante involuntária. Mas o sonho está fragmentado e as peças dispersas como cartas ao vento. Difícil lembrar se o Homem de Preto persegue ou é perseguido. Difícil agora ter a certeza se ele é o Homem de

Preto. Em vez disso, a cara do Coelho Branco volta, como a de uma criança assustada num carrocel de Carnaval, desesperada por sair dali.

— Quem decreta as mudanças?

No meio da minha confusão, confundo aquela voz com a de outra pessoa; um segundo depois percebo que falei alto. Mas, quando volto a dormir, tenho quase a certeza de que uma outra voz responde, uma voz que parece um pouco a de Armande e um pouco a da minha mãe:

— *Tu, Vianne* — diz-me ela suavemente.

*Tu.*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Terça-feira, 4 de Marco*

O primeiro verde de milho-doce dá terra um aspecto mais suculento do que eu e o senhor estamos habituados. Ao longe parece luxuriante — uns zumbidos matinais cruzam o ar sobre a ondulação do folhelho, dando aos campos um ar sonolento. Mas sabemos que daqui a dois meses o sol reduzirá tudo isto a restolho ardido e a terra estará nua e gretada sob o ar vermelho, embora os cardos pareçam relutantes em crescer. Um vento quente varrerá o que restar no campo, trazendo com ele a seca e, no seu rasto, uma quietude malcheirosa que prenuncia doenças. Lembro-me do Verão de 75, *mon père*, do calor mortífero e do céu branco e quente. Tivemos praga atrás de praga nesse Verão. Primeiro os ciganos do rio, rastejando pelo que restava do rio nos seus imundos casinhotos flutuantes, atracados em Les Marauds em socalcos de lama a assar. Depois a doença que atacou primeiro os animais deles e depois os nossos: uma espécie de loucura, olhos revirados, patas trémulas, entumecimento do corpo em virtude de os animais se recusarem a beber água, depois suores, tremuras e a morte por entre nuvens de vespas roxas, meu Deus, o ar cheio delas, cheio e doce como o sumo de um fruto podre. Lembra-se? Tão quente que os animais selvagens, desesperados, vieram do *marais* seco para a água. Raposas, furões, doninhas, cães. Mantivemo-los distância, recusando-nos a vender-lhes bens ou água, recusando-lhes medicamentos. Acorados nos socalcos do Tannes cada vez mais estreito, bebiam cerveja engarrafada e água do rio. Lembro-me de os ver de Les Marauds, figuras silenciosas e cabisbaixas em redor das suas fogueiras à noite, escutando o soluçar de alguém — mulher ou criança, acho — algures sobre a água escura.

Algumas pessoas, mais fracas — entre eles Narcisse começaram a falar em caridade. Em piedade. Mas o senhor foi firme. Sabia o que fazer.

Na missa leu os nomes de todos aquele que se recusaram a cooperar. Muscat — o velho Muscat, pai do Paul — baniu-os do café até eles caírem

em si. Houve brigas à noite entre os ciganos e os aldeões. A igreja foi profanada. Mas o senhor foi firme.

Um dia vi-os a tentarem levar os seus barcos através dos socacos para o rio. A lama ainda estava mole e, em certos sítios, eles ficavam enterrados até aos joelhos, rastejando para se agarrarem às pedras escorregadias. Uns puxavam, presos as suas barcas por cordas, outros empurravam por trás. Uma fogueira, disse o senhor, *mon père*, uma fogueira abandonada pelo bêbedo do dono do barco e pela desmazelada da mulher, uma fogueira cujas chamas alastraram no ar seco e eléctrico até o rio dançar nele. Um acidente.

Houve quem falasse; há sempre. Disseram que o senhor tinha encorajado aquilo nos seus sermões, acenando sabiamente na direcção do velho Muscat e do filho, tão bem situados para verem e ouvirem, mas que nessa noite não viram nem ouviram nada. Mas, acima de tudo, houve alívio. E quando vieram as chuvas de Inverno e o Tannes voltou a encher, até os cascos foram cobertos.

\*\*\*

Fui lá outra vez hoje de manhã, *père*. Aquele lugar persegue-me. Pouco mudou desde há vinte anos, há ali uma quietude dissimulada, um ar expectante. Cortinas crispam-se em janelas sujas quando eu passo. Parece-me ouvir um riso abafado e continuo que chega até mim por entre os espaços silenciosos. Serei suficientemente forte, *père*? Apesar das minhas boas intenções, será que fracassarei?

Três semanas. Já passei três semanas no deserto. Devia estar purgado de incertezas e fraquezas. Mas o medo persiste. Sonhei com ela ontem. Oh, não um sonho voluptuoso, antes incompreensivelmente ameaçador. É a sensação de desordem que ela traz, *père*, que me enerva. Aquele ar selvagem.

Joline Drou diz-me que a filha vai pelo mesmo caminho. A correr à solta em Les Maruads, a falar de rituais e superstições. Segundo Joline, a criança nunca foi igreja e nunca aprendeu a rezar. Ela fala-lhe da Páscoa e da Ressurreição e a criança responde-lhe com um chorrilho de disparates pagãos. E este festival: há um cartaz dela em todas as montras. A pequenada está doida de excitação.

— Deixe-os para lá, *père*, só se é novo uma vez — diz-me Georges Clairmont indulgentemente. A mulher olha-me maliciosamente sob as sobancelhas depiladas.

— Bem, não sei que *mal* possa haver — diz ela com um sorriso afectado. A verdade é que, desconfio eu, o filho deles se mostrou interessado. — E tudo o que reforce a mensagem da Páscoa...

Não tento fazê-los compreender. Censurar uma celebração infantil é expor-se ao ridículo. Já ouviram o Narcisse referir-se à minha *Brigada anti-chocolate*, por entre risinhos à socapa. Mas incomoda. Usar uma celebração da Igreja para minar a Igreja — para me minar a *mim*... Já arrisquei a minha dignidade. Não me atrevo a ir mais longe do que isto. E a influência dela alastra de dia para dia.

Parte disso vem da loja. Meio-café, *meio-confiserie*, sugere um ambiente acolhedor, de confidências. As crianças adoram os bonecos de chocolate a preços acessíveis às suas mesadas. Os adultos gostam do ar de malícias subtis, de segredos sussurrados, de sofrimentos partilhados. Há várias famílias que passaram a encomendar um bolo de chocolate para o almoço de domingo: vejo-os irem buscar as caixas com fitas depois da missa. Os habitantes de Lansquenet-sous-Tannes nunca comeram tanto chocolate. Ontem, Toinette Arnaud estava a comer — *a comer!* — no confessionário. Sentia-lhe o cheiro adocicado no hálito mas tive de fingir manter o anonimato.

— *Blesh me mon père for I have shinned*. Perdoai-me, padre, que pequei! — Podia ouvi-la a mastigar, aqueles estalidozinhos que fazia contra os dentes. Ouvi num crescendo de cólera enquanto ela confessava uma lista de pecadilhos que eu mal escutei, sentindo o cheiro do chocolate cada vez mais nitidamente no espaço confinado do confessionário. A voz tornava-se espessa do chocolate e eu senti a minha boca a salivar por empatia. Por fim, já não consegui resistir.

— Está a comer alguma coisa? — perguntei.

— Não, *père*. — A voz dela quase indignada. — A comer? Por que é que...

— Tenho a *certeza* de que a ouço a mastigar. — Não me preocupei em baixar a voz, mas soergui-me na escuridão do meu cubículo, com as mãos agarradas ao peitoril. — Por quem me toma? Um idiota? — Mais uma vez, ouvi o som de saliva contra a língua e a minha cólera aumentou. —

Eu estou a ouvi-la, Madame — disse ríspidamente. — Ou acha-se inaudível, tal como invisível?

— *Mon gere*, garanto-lhe...

— Cale-se, Madame Arnaud, antes que cometa ainda mais perjúrio! — vociferei eu e, de repente, não *havia* mais nenhum cheiro a chocolate, nenhum estalido, apenas um sobressalto de indignação chorosa e uns passos em pânico enquanto ela fugia do cubículo com os saltos altos a patinarem no soalho ao correr.

A sós no cubículo, tentei recuperar o aroma, o som, a certeza que tinha tido, a indignação — a justeza — da minha cólera. Mas, à medida que a escuridão me cercava, cheirando a incenso e velas e sem vestígios de chocolate, vacilei, duvidei. Vi então o absurdo de tudo e dobrei-me num paroxismo de júbilo tão inesperado quanto alarmante. Fiquei a tremer e alagado em suor, com o estômago às reviravoltas. A ideia inesperada de que *ela* pudesse ser a única pessoa a apreciar plenamente o caricato da situação foi suficiente para me provocar nova convulsão e fui obrigado a interromper as confissões alegando um ligeiro mal-estar. Caminhei com passo inseguro até à sacristia e dei com uma série de pessoas a olharem-me com um ar estranho. Tenho de ter mais cuidado. Bisbilhotice é coisa que não falta em Lansquenet.

\* \* \*

Desde então as coisas têm andado calmas. Atribuo a minha própria explosão no confessionário a uma febre que entretanto terá passado durante a noite. Certamente que o incidente não se repetirá. Como precaução, reduzi ainda mais o meu jantar, para evitar que problemas digestivos ocasionem este tipo de coisas. Ainda assim, sinto uma sensação de insegurança — quase de expectativa — à minha volta. O vento pôs as crianças tontas, a voarem pela praça fora de braços abertos e a chamarem umas pelas outras com vozes de pássaros. Os adultos parecem volúveis, alternando entre um extremo e outro. As mulheres falam demasiado alto, calando-se artificialmente quando eu passo, umas à beira de lágrimas, outras agressivas. Falei com Joséphine Muscat hoje de manhã quando ela estava sentada à porta do *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE* e aquela mulher

monótona e monossilábica cuspiu-me de volta impropérios, com os olhos fumegando e a voz tremendo de fúria.

— Não fale comigo — sibilou ela. — Não acha que já fez suficiente?

Mantive a minha dignidade e não me dignei responder, com medo de ser envolvido numa luta de gritos. Mas ela mudou: está mais dura e aquele ar indolente que tinha deu lugar a uma espécie de *foco* odioso. Mais uma convertida ao campo inimigo.

Por que é que eles não vêm, *mon père*? Por que é que eles não vêm o que aquela mulher está a fazer-nos? A destruir o nosso espírito de comunidade, os nossos propósitos. Atingindo o que é pior e mais fraco no coração secreto. A conquistar para si o tipo de afecto e lealdade que — valha-me Deus! — eu não me atrevo a ambicionar. Pregando uma paródia de boa vontade e tolerância e piedade pelos pobres desalojados da beiraria enquanto a corrupção se vai entranhando cada vez mais. O diabo opera não apenas pelo mal mas também pela fraqueza, *père*. O senhor sabe isso melhor do que ninguém. Sem a força e a pureza das nossas convicções, onde estaríamos nós? Que segurança temos? Quanto tempo falta até que esta doença alastre pela própria Igreja? Já vimos como a podridão alastra depressa. Não tarda nada e hão-de andar em campanhas por «*serviços não-confessionais que incluam sistemas de crença alternativos*», pela abolição do confessional por ser «*desnecessariamente punitivo*», celebrando o «*ser interior*» e, antes de darmos conta, as suas atitudes aparentemente progressivas, liberais e inócuas já estarão bem enraizadas, seguras e irrevocáveis, na estrada bem-intencionada para o inferno.

Irónico, não é? Há uma semana estava eu a questionar a minha própria fé. Demasiado absorto em mim mesmo para ver os sinais. Demasiado fraco para desempenhar o meu papel. E contudo a Bíblia diz-nos claramente o que devemos fazer. O trigo e o joio não podem crescer juntos e em paz. Qualquer jardineiro lho diria.

Quarta-feira, 5 de Marco

Luc veio hoje falar novamente com Armande. Parece agora mais seguro, embora ainda gagueje bastante. Mas já consegue relaxar-se o suficiente para dizer uma piada discreta de vez em quando, sorrindo depois com um ar timidamente surpreendido, como se não estivesse habituado ao papel de humorista. Armande estava com uma disposição excelente, tendo substituído o seu chapéu de palha preto por um lenço de seda. As suas faces estavam de um vermelho-rosado — embora eu desconfie que, tal como o brilho pouco habitual dos lábios, se devesse a outros artifícios que não à mera boa disposição. Em tão pouco tempo, ela e o neto descobriram que têm muito mais em comum do que imaginavam: livres da presença inibidora de Caro, ambos parecem perfeitamente à vontade um com o outro. É difícil lembrar que até há uma semana se limitavam a cumprimentar-se. Há agora uma espécie de intensidade neles, um tom baixo, uma sugestão de intimidade. Política, música, xadrez, religião, *rugby*, poesia — eles somam e seguem de um tópico para outro, como *gourmets* num *buffet* em que não podem deixar nenhum prato por provar. Armande dirige toda a intensidade do seu charme para ele — umas vezes vulgar, depois erudita, cativante, *gamine*, solene, sábia.

Não há dúvida: isto é sedução.

Desta vez é Armande que se apercebe da hora.

— Está a fazer-se tarde, menino — disse ela bruscamente. — São horas de ires para casa. — Luc interrompeu-se a meio da frase, parecendo absurdamente contrariado.

— Eu não reparei que estava a fi-ficar tão tarde. — Calou-se, perdido, como que relutante em partir. — Suponho que é melhor — disse sem entusiasmo. — Se me atraso, a m-mãe tem um ataque. Ou c-coisa assim. Já s-sabe como ela é.

Sabidamente, Armande abster-se de testar a lealdade do rapaz para com Caro, reduzindo ao mínimo quaisquer comentários depreciativos sobre ela. Perante esta crítica implícita, deu um dos seus sorrisos maliciosos:

— Se sei — disse ela. — Diz-me, Luc, nunca te apetece revoltares-te, nem que seja um bocadinho? — Os olhos estavam estivais de riso. — Na tua idade, *devias* revoltar-te, deixar crescer o cabelo e ouvir música *rock*, seduzir as raparigas ou coisa assim. Senão, vais ter que as pagar todas aos oitenta.

Luc abanou a cabeça: — Demasiado arriscado. Prefiro v-viver.

Armande riu-se, deliciada.

— Para a semana, então? — Desta vez beijaram-se ao de leve no rosto. — Mesmo dia?

— Acho que consigo.

Ela sorriu. — Vou dar uma festa lá em casa amanhã à noite — disse-lhe ela abruptamente. — Para agradecer a todos o trabalho que fizeram no meu telhado. Podes vir, se quiseres.

Por um instante, Luc pareceu ter dúvidas.

— Claro, se Caro se opuser... — Deixou a frase deambular ironicamente em suspenso, fixando nele o seu olhar brilhante e provocador.

— Tenho a certeza que con-consigo lembrar-me de uma desculpa qualquer — disse Luc, gracejando sob o olhar divertido dela. — Podia ser di-divertido.

— Claro que vai ser — disse Armande rispidamente. — Toda a gente vai estar lá. Excepto, claro, o Reynaud e os seus grupinhos beatos. — Dirigiu-lhe um sorrisinho manhoso. — O que, cá para mim, é uma grande vantagem.

Um olhar de divertimento e culpa atravessa o rosto dele e sorri.

— Grupinhos b-beatos — repete. — *Mémee*, isso é muito *cool*.

— Eu sou sempre *cool* — replica Armande com dignidade.

— Vou ver o que se arranja.

\* \* \*

Armande estava a terminar a sua bebida e eu estava para fechar a loja quando Guillaume chegou. Pouco o tenho visto esta semana; tem um ar

desgrenhado, sem cor, e com um olhar triste debaixo da aba do chapéu. Sempre formal, cumprimentou-me com a sua habitual cortesia grave mas eu apercebi-me de que estava preocupado. As roupas pareciam pender verticalmente dos seus ombros curvados, como se não existisse nenhum corpo sob elas. As suas feições miúdas tinham um ar arregalado e angustiado como um capuchinho. Não havia nenhum *Charly* com ele, embora eu tenha reparado que, uma vez mais, trazia consigo a coleira do cão enrolada à volta do punho Anouk espreitou-o com curiosidade da cozinha.

— Sei que está para fechar. — A voz era entrecortada e precisa, como a de uma noiva de guerra num dos seus queridos filmes de guerra ingleses. — Não lhe tomo muito tempo. — Servi-lhe uma meia-chávena do meu *choc. espresso* mais preto e coloquei-lhe ao lado dois dos seus florentinos preferidos. Anouk empoleirou-se num banco e olhou-os com inveja.

— Não tenho pressa — disse-lhe eu.

— Nem eu — declarou Armande no seu modo brusco —, mas posso ir andando se preferir.

Guillaume abanou a cabeça.

— Não, claro que não. — Deu um sorriso pouco convencido. — Não é grande coisa.

Esperei que se explicasse, embora quase adivinhasse Guillaume pegou num florentino e trincou-o logo, colocando a outra mão por baixo para evitar deixar cair migalhas.

— Acabei de enterrar o velho *Charly* — disse na sua voz quebradiça. — Debaixo de uma roseira num canto do meu jardim. Ele ia gostar.

Acenei que sim.

— Tenho a certeza que sim.

Agora podia sentir o cheiro do sofrimento dele, um aroma amargo a terra e mildio. Via-se-lhe terra nas unhas ao segurar o florentino. Anouk observava-o solenemente.

— Pobre *Charly* — disse ela. Guillaume mal pareceu ouvi-la.

— Acabei por ter de o levar — continuou ele. — Ele já não conseguia caminhar e ganiu quando o levei. Ontem à noite não parou de ganir. Passei toda a noite com ele mas eu sabia. — Parecia quase pedir desculpa, entregue a um sofrimento demasiado complexo para ser articulado. — Sei

que é estúpido — disse ele. — Não passa de um cão, como o Cura disse. Estúpido, tanta importância por coisa nenhuma.

— Não é assim — interrompeu Armande inesperadamente. — Um amigo é um amigo. E o *Charly* era um bom amigo. Não fique à espera que o Reynaud perceba tal coisa.

Guillaume dirigiu-lhe um olhar agradecido.

— É simpático da sua parte dizer isso. — Voltou-se para mim. — E a senhora também, Madame Rocher. Tentou avisar-me a semana passada mas eu não estava capaz de ouvir. Suponho que imaginei que, ignorando todos os sinais, podia de uma maneira qualquer fazer com que o *Charly* sobrevivesse indefinidamente.

Armande observou-o com uma expressão estranha nos olhos pretos.

— As vezes sobreviver é a pior alternativa possível — comentou ela suavemente.

Guillaume acenou.

— Eu devia tê-lo levado lá há mais tempo — disse ele. — Dar-lhe alguma dignidade. — O seu sorriso era doloroso na sua nudez. — Pelo menos teria poupado a ambos esta última noite.

Eu fiquei sem saber o que lhe dizer. De certo modo, acho que ele não precisava que eu lhe dissesse nada. Queria apenas falar. Evitei os lugares-comuns habituais e não disse nada. Guillaume terminou o seu florentino e deu mais um dos seus sorrisos pálidos e terríveis.

— É horrível — disse ele —, mas tenho *tal* apetite! É como se não comesse há um mês. Acabei de enterrar o meu cão e era capaz de comer... Parou, confuso. — Parece terrivelmente errado — disse ele. — Como comer carne na Sexta-Feira Santa.

Armande deu uma gargalhada seca e pôs a mão no ombro de Guillaume. Ao lado dele, ela parecia muito sólida, muito capaz.

— Venha comigo — ordenou ela. — Eu tenho pão, *rillettes* e um belo *camambert* prontinho para se comer. Oh, e Vianne... — virando-se para mim com um gesto imperioso —, quero uma caixa dessas coisas de chocolate, o que é isso? Florentinos? Uma caixa grande.

Pelo menos isso posso dar. Pequeno consolo, talvez, para um homem que perdeu o seu melhor amigo. Secretamente, com a ponta do dedo, tracei um pequeno sinal na cobertura da caixa para dar sorte e protecção.

Guillaume começou a protestar mas Armande não fez caso.

— Disparate! — Não havia resposta a dar-lhe e a energia dela insinuou-se no homem pálido à sua própria revelia. — Que outra coisa quer fazer? Sentar-se em casa macambúzio? — Abanou enfaticamente a cabeça. — Não. Já há muito tempo que não recebo um cavalheiro em casa. Vai saber-me bem. Além do mais — acrescentou, pensativa —, há uma coisa que quero discutir consigo.

Armande leva a melhor. É praticamente uma máxima. Observo ambos enquanto embrulho a caixa de florentinos e a ato com longas fitas prateadas. Guillaume começa a responder ao calor dela, confuso mas grato.

— Madame Voizin...

Firmemente: — Armande.

É uma pequena vitória.

— E também pode deixar *isso* aqui. — Delicadamente, desenrola a coleira do cão do pulso de Guillaume. A sua simpatia é robusta mas sem condescendência. — Não vale a pena andar a carregar peso a mais. Não vai mudar nada.

Observo-a a conduzir Guillaume lá para fora. Parando a meio caminho, pisca-me o olho. Uma onda de afeição súbita por ambos submerge-me. Depois, encaminham-se pela noite dentro.

\* \* \*

Deitada na cama horas mais tarde, olhando o céu baixo passando pela nossa janela do sótão, eu e Anouk estamos ainda acordadas. Anouk está muito solene desde a visita de Guillaume, não mostrando nenhuma da sua exuberância habitual. Deixou a porta aberta entre nós e eu aguardo a inevitável questão com um sentimento de medo: fi-la a mim própria tantas vezes naquelas noites depois de a minha mãe morrer e nem por isso sei mais. Mas a pergunta não vem. Em vez disso, muito depois de eu ter a certeza de que ela está a dormir, ela trepa para a minha cama e enfia uma mão fria na minha.

— Mamã? — Sabe que eu estou acordada. — *Tu* não vais morrer, pois não?

Dou uma pequena gargalhada no escuro.

— Ninguém pode prometer tal coisa — digo-lhe com delicadeza.

— Pelo menos, não até daqui a muito tempo — insiste ela. — Não durante anos e *anos*.

— Espero que não.

— Oh. — Digere isto por um momento, aconchegando o corpo confortavelmente na curva do meu. — Vivemos mais tempo do que os cães, não vivemos ?

Concordo que sim. Outro silêncio.

— Onde é que tu achas que o *Charly* está agora, mama?

Podia dizer-lhe algumas mentiras, mentiras reconfortantes. Mas descubro que não consigo.

— Não sei, Nanou. Agrada-me pensar... que recomeçamos. Noutro corpo que não está velho nem doente. Ou num pássaro ou numa árvore. Mas ninguém sabe ao certo.

— Oh. — A vizinha está duvidosa. — Até os cães?

— Não vejo por que não.

É uma bela fantasia. Às vezes sinto-me apanhada por ela, como uma criança nas suas próprias invenções: dou comigo a ver o rosto vívido da minha mãe no da minha pequenina estranha... Animadamente: — Mas devíamos arranjar um cão para o Guillaume. Podíamos tratar disso amanhã. Isso devia animá-lo, não?

Tento explicar-lhe que não é assim tão fácil como isso, mas ela está determinada.

— Podíamos ir a todas as quintas e procurar as cadelas que tenham tido cachorrinhos. Achas que conseguiremos reconhecer o *Charly*?

Suspiro. Já devia estar habituada a estes caminhos tortuosos. A convicção dela lembra-me tanto a da minha mãe que fico à beira das lágrimas

— Não sei.

Teimosamente: — O Pantoufle havia de reconhecê-lo.

— Toca a dormir, Anouk. Amanhã há escola.

— Havia sim. Eu *sei* que sim. O Pantoufle *vê tudo*.

— Chiu.

Ouçoa por fim a respirar lentamente. O seu rosto adormecido está voltado para a janela e posso ver a luz das estrelas nas suas pestanas molhadas. Se eu pudesse ter a *certeza*, por ela... Mas não há certezas. A magia em que a minha mãe acreditava tão implicitamente não a salvou;

nenhuma das coisas que fizemos juntas poderia ser explicada por simples coincidência. Nada é assim tão simples, digo a mim própria: cartas, velas, incenso, encantações, são uma mera brincadeira de crianças para afastar as trevas. E contudo, magoa-me a decepção de Anouk. Durante o sono, o rosto dela é sereno, confiante. Imagino-nos a ambas na louca errância de amanhã, a inspeccionar cachorrinhos, e o meu coração estremece em protesto. Não devia ter-lhe dito aquilo que posso *provar*...

Cuidadosamente, para não a acordar, levanto-me da cama. O soalho é macio e frio sob os meus pés descalços. A porta chia um bocadinho ao abri-la mas, embora ela murmure qualquer coisa no seu sono, não acorda. Tenho uma responsabilidade, digo-me. Sem querer, fiz uma promessa.

As coisas da minha mãe ainda estão na sua caixa, embrulhadas em madeira-de-sândalo e alfazema. As cartas, ervas, livros, óleos, a tinta incensada utilizada para ler a bola de cristal, runas, feitiços, cristais, velas de muitas cores. Não fosse pelas velas, e eu raramente abriria a caixa. Também tem um cheiro demasiado forte a esperança desperdiçada. Mas por causa de Anouk — Anouk, que me lembra tanto ela —, suponho que devo tentar. Sinto-me um pouco ridícula. Devia estar a dormir, a recuperar forças para o dia atarefado de amanhã. Mas o rosto de Guillaume persegue-me. As palavras de Anouk impossibilitam o sono. Existe perigo em tudo isto, digo-me em desespero; ao usar estas artes semiesquecidas, reforço a nossa diferença e dificulto a nossa permanência...

O hábito do ritual, há tanto tempo abandonado, regressa com inesperada facilidade. Formar o círculo — água num copo, um prato de sal e uma vela acesa no chão — é quase um conforto, um regresso aos dias em que tudo tinha uma explicação simples. Sento-me de pernas cruzadas no chão, fecho os olhos e respiro lentamente.

A minha mãe deleitava-se com rituais e encantamentos. Eu era mais reticente. Era inibida, dizia-me ela com um risinho. Sinto-me agora muito próxima dela, de olhos fechados e com o cheiro dela no pó dos meus dedos. Talvez seja por isso que esta noite me parece tão fácil. As pessoas que nada sabem de verdadeira magia imaginam que se trata de um processo extravagante. Suponho que era por isso que a minha mãe, que adorava teatro, fazia disso tal espectáculo. E contudo, a magia em si pouco ou nada tem de dramático: consiste tão-só em fixar a mente num objectivo desejado. Não há milagres nem aparições súbitas. Vejo perfeitamente o

cão de Guillaume no olho da minha mente, dourado com aquele brilho de boas-vindas, mas não aparece nenhum cão no círculo. Talvez amanhã, ou depois de amanhã, uma aparente coincidência, como a cadeira cor de laranja ou os bancos de bar vermelhos que vimos no primeiro dia. Talvez nada apareça.

Olhando para o relógio que deixei no chão, apercebo-me de que são quase três e meia. Devo ter ficado aqui mais tempo do que pensei, já que a vela está quase a acabar e tenho as pernas e os braços frios e hirtos. E contudo, a minha ansiedade desapareceu, deixando-me estranhamente repousada, satisfeita por nenhuma razão que me seja dado perceber.

Volto para a cama — Anouk já expandiu o seu império, estendendo os braços sobre as almofadas — e enrolo-me no seu calor. A minha pequenina estranha e exigente será aplacada. À medida que me entrego suavemente ao sono, penso ouvir por momentos a voz da minha mãe a sussurrar-me muito, muito pertinho.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sexta-feira, 7 de Março*

**O**s ciganos estão de partida. Fui até Les Maraudeurs hoje de manhãzinha e eles estavam a preparar-se para partir, a arrumar as bilhas de pesca e a apanhar a roupa dos intermináveis estendais. Alguns já se foram ontem noite, pela calada da noite — ouvi os sons dos seus apitos e sirenes, como que num último desafio —, supersticiosamente aguardando pela primeira luz do amanhecer. Passava pouco das sete quando ali cheguei. A luz verde-cinza pálida do amanhecer, pareciam refugiados de guerra, rostos pálidos soturnamente empilhando os últimos despojos do seu circo flutuante. O que era magia vistosa e berrante ontem b. noite, era agora pardacento, desprovido do seu encantamento. Um cheiro a fogueiras e óleo paira na neblina. Um som de velas agitando-se ao vento, o som seco de motores ligados pela manhãzinha. Poucos se dão sequer ao trabalho de olhar para mim, prosseguindo com o seu trabalho de boca calada e sobrolho franzido. Ninguém fala. Não vejo Roux entre estes retardatários. Talvez ele tenha partido com os primeiros. Há talvez ainda cerca de trinta barcos no rio, com as proas tombando sob o peso da bagagem acumulada. A rapariga Zézette trabalha junto ao casco naufragado, transferindo peeps não identificadas de qualquer coisa escurecida para o seu próprio barco. Um cesto grande com galinhas repousa precariamente sobre um colchão carbonizado e uma caixa de revistas. Lança-me um olhar de ódio mas não diz nada.

Não pense que eu não sinto nada por essa gente. Não há qualquer má vontade pessoal, *mon Ore*, mas tenho de pensar na minha congregação. Não posso perder tempo a pregar a estranhos sem ninguém mo ter pedido, só para zombarem de mim e me insultarem. E contudo, não estou incontactável. Qualquer um deles é bem-vindo na minha igreja, se estiver sinceramente contrito. Se precisarem de orientação, sabem que podem vir ter comigo.

Dormi mal esta noite. Desde o início da Quaresma que padeço de um sono agitado. Levanto-me amiúde ainda a madrugada vai alta, esperando encontrar o sono nas páginas de um livro, no silêncio nocturno das ruas de Lansquenet ou nas margens do Tannes. Ontem a noite estava mais agitado do que o costume e, sabendo que não dormiria, saí de casa as onze para uma hora de passeio a beira-rio. Contornei Les Marauds e o acampamento dos ciganos e segui por entre os campos rio acima, embora o som da actividade deles continuasse audível atrás de mim. Olhando para baixo, pude ver as fogueiras a beira-rio e figuras a dançar como silhuetas contra o clarão cor de laranja. Olhando para o relógio, apercebi-me de que já andava a passear há quase uma hora e iniciei o regresso pelo mesmo caminho. Não foi minha intenção passar por Les Marauds mas ir uma vez mais pelo meio dos campos acrescentaria mais uma meia hora minha caminhada até casa e eu sentia-me entorpecido e tonto de cansaço. Pior, a combinação de ar fresco e insónia despertara em mim uma forte sensação de fome que seria inadequadamente quebrada pela minha refeição matinal de café e pão. Foi por esta razão que resolvi seguir por Les Marauds, *père*, com as minhas botas grossas enterrando-se fundo na lama da margem e o meu hálito brilhando a luz das fogueiras deles. Em breve estava suficientemente perto para distinguir o que estava a passar-se. Uma espécie de festa estava a decorrer. Vi lanternas, velas colocadas nos lados das barcas, dando a cena de Carnaval um ar estranhamente devoto. Um cheiro a lenha queimada e algo torturante que podiam ser sardinhas assadas; sob isso, o aroma intenso e amargo do chocolate de Vianne Rocher vogava pelo rio. Eu devia saber que ela estaria ali. Se não fosse ela, os ciganos já teriam partido há muito tempo. Conseguia vê-la no molhe abaixo da casa de Armande Voizin, com o seu comprido casaco vermelho e o cabelo solto dando-lhe um ar estranhamente pagão contra as chamas. Por um instante, ela voltou-se na minha direcção e eu vi um lampejo de fogo azulado sair-lhe das mãos estendidas, algo a arder entre os dedos iluminando os rostos em redor de cor púrpura...

Fiquei momentaneamente transido de terror. Pensamentos irracionais — sacrifício arcano, culto do demónio, oferendas queimadas vivas a um antigo deus selvagem — vieram-me a mente e quase fugi, tropeçando na lama espessa, de mãos estendidas para evitar cair no emaranhado de silvas que me escondiam. Depois o alívio. Alívio, compreensão e um embaraço

mirrado perante o meu próprio absurdo quando ela se voltou para mim, com as chamas a apagarem-se diante dos meus olhos.

*Santa Mãe de Deus!*

Os meus joelhos quase cederam sob a intensidade da minha reacção.

Panquecas. Panquecas flambées. Apenas isso.

Quase me ria agora, sem fôlego de tal histeria. Doía-me a barriga e tive de a segurar com as mãos para segurar o riso. Enquanto eu observava, ela preparou um outro monte de pancakes e serviu-as com toda a destreza da frigideira, chamas líquidas escorrendo de prato em prato como um fogo-de-santelmo.

Panquecas.

Foi isto que elas me fizeram, *père*. Ouvir coisas — ver coisas — que não existem. Foi isto que ela me fez, ela e os amigos dela da beira-rio. E contudo, tem um ar tão inocente. Rosto aberto, deliciado. O som da voz através da água — o riso dela misturando-se com o dos outros — é encantador, vibrante de humor e afecto. Dou comigo a perguntar-me como soaria a minha voz entre as outras, o meu riso misturado com o dela, e a noite torna-se subitamente muito solitária, muito fria, muito oca.

Se ao menos eu pudesse, pensei. Sair do meu esconderijo e juntar-me a eles. Comer, beber — de súbito a ideia de comida tornou-se um imperativo delirante, com a minha boca a salivar de inveja. Enfartar-me de pancakes, aquecer-me ao fogareiro e à luz da pele dourada dela...

Será isto tentação, *père*? Digo-me que lhe resisti, que a minha força interior a venceu, que a minha prece — *Por favor! Oh por favor! Oh por favor!* — é de salvação, não de desejo.

Também sentiu isto? Rezou? E quando sucumbiu naquele dia na sacristia, será que o prazer foi quente e brilhante como um acampamento de ciganos, ou terá sido um soluço frágil de exaustão, um último grito inaudível na escuridão?

Eu não devia tê-lo acusado. Um homem — até um padre — não consegue deter eternamente a corrente. E eu era demasiado jovem para conhecer a solidão das tentações, o sabor amargo da inveja. Eu era muito jovem, *père*. Admirava-o. Foi menos a natureza do acto — ou mesmo com quem o cometeu — e mais o simples facto de o senhor ser *capaz* de pecar. Até o senhor, *père*. E sabendo isso, percebi que nada era seguro. Ninguém. Nem mesmo eu próprio.

Não sei quanto tempo fiquei ali a ver, *père*. Demasiado tempo, pois quando finalmente me mexi, tinha as mãos e os pés dormentes. Vi Roux entre os convivas e as suas amigas Blanche e Zézette, Armande Voizin, Luc Clairmont, Narcisse, o árabe, Guillaume Duplessis, a rapariga tatuada, a mulher gorda com o lenço verde. Até as crianças — principalmente crianças do rio, mas também outras como Jeannot Drou e, claro, Anouk Rocher — lá estavam, algumas quase a dormir, outras a dançarem na beira do rio ou comendo salsichas embrulhadas em grossas panquecas de aveia ou bebendo limonada quente com gengibre. O meu sentido do olfacto pareceu sobrenaturalmente intensificado, pelo que eu quase conseguia provar cada prato — o peixe grelhado nas brasas do fogareiro, o queijo de cabra assado, as panquecas escuras e o bolo de chocolate leve e quente, o *confit de canard* e o *merguez* picante... Conseguia ouvir a voz de Armande acima de todas as outras: o riso dela era como o de uma criança muito cansada. Salpicando a borda da água, as lanternas e velas lembravam luzes de Natal.

Primeiro tomei o grito de alerta por sinal de divertimento. Um espigão vivo de som, riso, talvez, ou histeria. Por um instante julguei que uma das crianças caíra água. Depois vi o fogo.

Era num dos barcos junto b. margem, a pouca distância dos convivas. Uma lanterna caída, talvez, um cigarro descuidado, uma vela a pingar cera numa pilha de velas secas. Fosse o que fosse, alastrou depressa. Num minuto estava no telhado do barco, no minuto seguinte já alastrara até ao convés. As chamas começaram por ser do mesmo azul transparente das panquecas *flambées*, mas aqueceram medida que alastraram, tornando-se laranja vivo como uma meda de feno a arder numa noite quente de Agosto. O homem ruivo, Roux, foi o primeiro a reagir. Suponho que era o seu barco. As chamas mal tinham tido tempo de mudar de cor e já ele estava de pé, saltando de um barco para o outro para chegar ao fogo. Uma das mulheres chamou-o, preocupada. Mas ele não prestou atenção. espantosamente ágil de pés. Atravessou dois outros barcos num escasso meio minuto, puxando as cordas que os uniam para os soltar, afastando uma barca solta da seguinte e assim por diante. Vi Vianne Rocher observar tudo de braços abertos; os outros permaneceram no molhe num círculo silencioso. As barcas, entretanto libertas das suas amarras, vogavam lentamente rio abaixo e a própria água se agitava com o seu balançar. Já

não era possível salvar o barco de Roux e pegas pretas de despojos voavam pelo ar numa coluna de calor através da água. Apesar disto, vi-o agarrar um rolo de lona semichamuscada e tentar apagar as chamas, mas o calor era demasiado intenso. Um faúlha de fogo agarrou-se-lhe as calças de ganga, outra camisa; largou a lona e apagou-as com as mãos. Nova tentativa de chegar cabina, com um braço a proteger-lhe o rosto; ouvi-o gritar uma blasfémia qualquer no seu dialecto cerrado. Agora era Armaride que o chamava, com voz preocupada. Apanhei qualquer coisa sobre gasolina e depósitos.

Medo e exaltação, agarrando-se-me tão doce e nostalgicamente às entranhas. Lembrando tanto aquela outra vez, o cheiro de borracha queimada, o rugido gutural do fogo, os reflexos... Quase podia acreditar ser de novo menino e o senhor o Curé, ambos absolvidos, por um qualquer milagre, de toda a responsabilidade.

Dez segundos depois, Roux saltou do barco a arder para a água. Vi-o nadar para trás, apesar de o depósito de gasolina só ter explodido vários minutos depois, com um baque surdo e não com o estrondoso fogo de artifício que eu antecipara. Durante uns minutos, ele desapareceu da vista, escondido pelos fios de fogo deslizando sem esforço pela água. Eu levantei-me, já sem medo de ser visto, esticando o pescoço para o ver. Acho que rezei.

Vê, *père*, não sou destituído de compaixão. Eu *temi* por ele.

Vianne Rocher já estava na água, imersa até às ancas no Tannes lamacento com o seu casaco vermelho encharcado até aos sovacos e uma mão sobre os olhos, perscrutando o rio. Ao lado dela, Armande, parecendo ansiosa e velha. E, quando o puxaram a pingar para o molhe, senti um alívio tão grande que os meus joelhos fraquejaram e caí na lama da beira-rio num gesto de oração. Mas a exaltação de ver o acampamento a arder — foi glorioso, como uma recordação de infância, a alegria de secretamente assistir, de *saber*... Nas minhas trevas, eu senti poder, *père*, senti que, de certo modo, o causara — o fogo, a confusão, a fuga do homem —, que, de certo modo, a minha proximidade provocara uma repetição daquele Verão distante. Não um milagre. Nada tão *gauche* como isso. Mas um sinal. Por certo, um sinal.

Encaminhei-me para casa em silêncio, escondido nas sombras. Entre os mirones, crianças a chorar, adultos zangados, vagabundos dando-se as

mãos diante do rio em brasa como crianças aturdidas num conto de fadas mau, um homem facilmente passa despercebido.

Um homem — ou dois.

Vi-o ao chegar ao cimo da colina. Suado e sorridente, estava corado do esforço e tinha os óculos besuntados. As mangas da camisa de xadrez estavam enroladas até acima do cotovelo e, no resplendor lívido e crepuscular do fogo, a sua pele parecia dura e vermelha como cedro polido. Não mostrou qualquer surpresa pela minha presença e limitou-se a sorrir. Reparei que cheirava fortemente a gasolina.

— ...noite, *mon père*.

Não me atrevi a saudá-lo, como se isso me obrigasse a admitir uma responsabilidade da qual o silêncio me poderia absolver. Em vez disso, baixei a cabeça, como um conspirador relutante, e apressei o passo. Atrás de mim, pressenti Muscat a observar-me, o rosto lustroso de suor e reflexos, mas, quando finalmente me volvei para trás, já ele se fora embora.

Uma vela, pingando cera. Um cigarro dardejando pela água, chispando numa pilha de lenha. Uma das lanternas deles, o papel brilhante apanhando e pulverizando o convés com cinzas. Qualquer coisa o poderia ter provocado.

Qualquer coisa.

*Sábado, 8 de Março*

**H**oje de manhã voltei a passar por casa de Armande. Estava sentada na sua cadeira de baloiço na sala de estar de tecto baixo, com um dos gatos estendido no colo. Desde o incêndio em Les Marauds que ela parece frágil e determinada, com o rosto redondo de maçã fechando-se lentamente sobre si e os olhos e a boca engolidos por rugas. Vestia uma bata cinzenta de trazer por casa sobre umas meias de lã com borbotos e tinha o cabelo solto e desentrançado.

— Eles foram-se, já viu. — A voz era inexpressiva, quase indiferente.  
— Nem um único barco no rio.

— Eu sei.

Ao descer a colina rumo a Les Marauds, descubro que a sua ausência é ainda um choque, como a mancha horrível de relva amarela onde antes esteve uma tenda de circo. Só ficou o casco do barco de Roux, uma carcaça afundada a uns poucos de pés da superfície, visivelmente preta contra a lama do rio.

— Blanche e Zézette mudaram-se um pouco mais para sul do rio. Disseram que haviam de voltar um dia para saber como corriam as coisas.

Começou a fazer a trança habitual no seu cabelo comprido cinza-amarelado. Os dedos eram rígidos e desajeitados, como paus.

— E Roux? Como é que ele está?

— Zangado.

Não é para admirar. Sabe que o incêndio não foi accidental, sabe que não tem provas e que, mesmo que as tivesse, isso não lhe serviria de nada. Blanche e Zézette ofereceram-lhe lugar no seu barco-casa atulhado mas ele recusou. O trabalho em casa de Armande ainda não está pronto, diz ele simplesmente. Em primeiro lugar, precisa de tratar disso. Por mim, não voltei a falar com ele desde a noite do incêndio. Vi-o uma vez, de fugida à beira-rio, queimando lixo deixado pelos itinerantes. Parecia obstinado e

indiferente, com os olhos avermelhados do fumo, e recusou-se a responder quando me dirigi a ele. Algum do seu cabelo estava chamuscado pelo fogo e cortara o resto muito curto e espetado, pelo que agora parecia um fósforo acabado de acender.

— O que é que vai fazer agora?

Armande encolheu os ombros.

— Não sei bem. Acho que ele tem dormido numa das casas abandonadas ao fundo da rua. Ontem à noite deixei-lhe alguma comida à porta e hoje de manhã tinha desaparecido. Já lhe ofereci dinheiro mas ele não aceita. — Puxou com irritação a sua trança inacabada. — Tolo e teimoso. De que me serve todo aquele dinheiro na minha idade? Tanto me faz dar-lhe algum a ele como ao clã Clairmont. Conhecendo-os, o mais provável é que acabe na caixa da colecta do Reynaud. — Fez um som de escárnio. — Casmurro, é o que ele é. Homens ruivos, Deus nos livre. Não se lhes pode dizer nada. — Abanou a cabeça com impertinência. — Desapareceu ontem de mau humor e não o vejo desde então. — Sorri mesmo sem querer.

— Mas que par — disse. — Cada um mais teimoso do que o outro.

Armande lançou-me um olhar de indignação.

— *Eu?* — exclamou ela. — Está a comparar-me com aquele rebelde cabeça-de-cenoura...

Rindo, retractei-me. — Vou ver se o encontro.

\* \* \*

Não o encontrei, apesar de ter passado uma hora nas margens do Tannes à procura dele. Nem os métodos da minha mãe conseguiram revelá-lo. Descobri onde é que ele dormia, porém. Numa casa não muito longe da de Armande, uma das casas abandonadas menos destruídas. As paredes estão escorregadias de humidade mas o andar superior parece suficientemente seguro e há vidros em várias janelas. Ao passar, notei que a porta fora forçada e a lareira da sala de estar fora recentemente acesa. Outros sinais de ocupação: um rolo de lona chamuscada resgatada ao incêndio, um molho de madeira flutuante, umas quantas peças de mobiliário presumivelmente deixadas na casa por serem consideradas de pouco valor. Chamei pelo nome de Roux mas não houve resposta.

Pelas oito e meia tive de abrir *LA PRALINE*, pelo que abandonei a busca. Roux apareceria quando quisesse. Guillaume estava a espera a porta da loja quando eu cheguei, embora a porta não estivesse trancada.

— Devia ter esperado por mim lá dentro — disse-lhe eu.

— Ah não. — Tinha um ar gravemente trocista. — Isso seria abusar.

— Mais vale arriscar — aconselhei-o eu, rindo-me. — Entre e prove uma das minhas *religieuses* novas.

Ele ainda parece diminuído desde a morte do *Charly*, reduzido a menos do que o seu tamanho, o seu rosto jovem-velho irrequieto e encarquilhado pela dor. Mas manteve o seu humor, um toque trocista e tristonho que o protege da autocompaixão. Hoje de manhã estava inteiramente absorto pelo que sucedera aos ciganos do rio.

— Nem uma palavra do Curé Reynaud na missa de hoje — declarou ele enquanto se servia de chocolate quente da cafeteira prateada. — Nem ontem nem hoje. Nem uma única palavra. — Concordei que, dado o interesse de Reynaud na comunidade itinerante, tal silêncio era estranho.

— Talvez ele saiba alguma coisa que não pode dizer — sugeriu Guillaume. — Sabe. Segredo de confissão.

Viu Roux, diz-me ele, a falar com Narcisse junto aos seus hortos de plantas. Talvez ele possa dar trabalho a Roux. Espero que sim.

— Ele emprega trabalhadores temporários amiúde, sabe — disse Guillaume. — É viúvo. Nunca teve filhos. Não tem ninguém para tomar conta da quinta excepto um sobrinho em Marselha. E não se preocupa com quem emprega no Verão quando o trabalho aperta. Desde que sejam de confiança, não se importa se vão igreja ou não. — Fez um sorrisinho, como sempre faz quando diz alguma coisa que considera atrevida. — As vezes pergunto-me — disse ele pensativo — se Narcisse não é um melhor cristão, no verdadeiro sentido da palavra, do que eu ou Georges Clairmont, ou até o Curé Reynaud. — Bebeu um gole de chocolate. — Quero eu dizer, pelo menos o Narcisse *ajuda* — disse com seriedade. — Dá trabalho a quem precisa de ganhar dinheiro. Deixa os ciganos acamparem nas suas terras. Toda a gente sabe que ele dorme com a governanta durante todos estes anos e que não se preocupa com a Igreja a não ser como um meio de ver os seus clientes, mas de qualquer maneira ajuda.

— Não acho que haja bons e maus cristãos — disse-lhe eu. — Só boas e más pessoas.

Ele anuiu e segurou o pastelzinho entre o indicador e o polegar.

— Talvez.

Uma longa pausa. Enchi um copo para mim, com licor *noisette* e pedacinhos de avelã. O aroma era forte e inebriante, como madeira empilhada ao sol crepuscular do Outono. Guillaume comeu a sua *religieuse* com um prazer minucioso, depenicando as migalhas com o indicador húmido.

— Nesse caso, tudo aquilo em que eu acreditei toda a minha vida, o pecado e a redenção e a mortificação do corpo, está agora a dizer-me que essas coisas não significam nada, não é?

Sorri da seriedade dele.

— Eu diria que andou a conversar com a Armande — disse eu com gentileza. — E diria também que cada qual tem direito às suas crenças. Logo que elas nos façam felizes.

— Oh. — Lançou-me um olhar prudente, como se eu estivesse prestes a mostrar uns corninhos. — E, se não é indiscrição, em que é que você acredita?

Viagens de tapete voador, magia rúnica, Ali Babá e as visões da Santa Mãe, viagens astrais pelo futuro e borra de um copo de vinho tinto...

*Florida? Disneylândia? Os Everglades? Que tal, chérie? Que tal, hã?*

Buda. A viagem de Frodo para Mordor. A transubstanciação do sacramento. Dorothy e Totó. O Coelho de Páscoa. Extraterrestres. A Coisa no armário. A Ressurreição e a Vida ao virar de uma carta... Acreditei em tudo isso, ora agora, ora depois. Ou fingi que acreditava. Ou fingi que não acreditava.

*Como quiser, mãe. Aquilo que a fizer mais feliz.*

E agora? Em que é que eu acredito agora?

— Acredito que ser feliz é a única coisa importante — disse-lhe finalmente.

Felicidade. Tão simples como um copo de chocolate, tão tortuosa como o coração. Amarga Doce. Viva.

\* \* \*

À tarde veio Joséphine. Anouk já tinha voltado da escola e desatou quase logo a correr para ir brincar em Les Maraude, bem agasalhada no seu anorake vermelho e com instruções precisas para regressar caso começasse a chover. Há um cheiro forte a madeira recém-cortada, talhando o ar rente e disfarçadamente em torno das esquinas das casas. Joséphine trazia o seu casaco abotoado até ao pescoço, a boina vermelha e o lenço vermelho novo esvoaçando energicamente contra o rosto. Entrou na loja com um ar desafiador de segurança e, por um instante, era uma mulher radiante e atraente, de faces rosadas e olhos cintilando com o vento. Depois a ilusão desvaneceu-se e voltou a ser ela própria, de mãos ferozmente enfiadas nos bolsos e cabeça baixa como que para cabecear um qualquer agressor desconhecido. Tirou a boina, revelando um cabelo completamente desganhado e um vergão bem fresco a atravessar-lhe a testa. Parecia simultaneamente aterrada e eufórica.

— Consegui — declarou ela temerariamente. — Vianne, consegui.

Por um momento horrível, tive a certeza de que ela ia confessar ter matado o marido, tal era o seu ar — de abandono bravio e encantador —, os lábios repuxados sobre os dentes como se tivesse mordido um fruto amargo. O medo vinha-lhe em ondas alternadamente quentes e frias.

— Deixei o Paul — disse ela de novo. — Finalmente consegui.

Os olhos dela eram gumes. Pela primeira vez desde que a conheço, vejo Joséphine tal como ela era há dez anos atrás, antes de Paul-Marie Muscat a tornar descorada e desengraçada. Meia-louca de medo mas, sob a loucura, a sanidade que anima o coração.

— Ele já sabe? — perguntei, pegando-lhe no casaco. Os bolsos estavam pesados, mas não com bijutaria.

Joséphine abanou a cabeça.

— Julga que estou na mercearia — disse sem fôlego. — Acabaram-se-nos as *pizzas* para o micro-ondas. Ele mandou-me ir reforçar o *stock*. — Sorriu com uma malícia quase infantil. — E eu peguei em algum dinheiro da despesa corrente. Ele guarda-o numa lata de bolachas debaixo do bar. Novecentos francos.

Por baixo do casaco trazia vestida uma camisola vermelha e uma saia preta. Era a primeira vez que eu a via usar qualquer coisa que não fossem calças de ganga. Olhou para o relógio.

— Quero um *chocolat espresso*, por favor. E um pacote de amêndoas.  
— Pousou o dinheiro em cima da mesa. — Tenho tempo suficiente até a minha camioneta partir.

— A sua camioneta? — Fiquei espantada. — Para onde?

— Agen. — O olhar dela era obstinado, defensivo. — Depois não sei. Marselha, talvez. O mais longe possível *dele*. — Novo olhar de suspeição e surpresa. — Não comece a dizer que não devo fazer isto, Vianne. Foi você que me encorajou. Eu nunca teria pensado em tal coisa se você não me tivesse dado a ideia.

— Eu sei, mas...

As palavras dela pareciam uma acusação.

— Disse-me que eu era livre.

Verdade. Livre para fugir, livre para partir por causa das palavras de uma quase estranha, solta como um balão sem fio vogando ao sabor do vento. O medo tornou-se de repente certeza gélida no meu coração. Era este o preço de eu ficar? Mandá-la embora em meu lugar? E que alternativa lhe dera eu realmente?

— Mas você tinha segurança. — As palavras saíram-me com dificuldade, vendo a minha mãe no rosto dela. Abdicar da segurança a troco de um pouco de sabedoria, um vislumbre do oceano... e depois? O vento traz-nos sempre de volta à mesma muralha. Um táxi de Nova Iorque. Uma alameda escura. Uma geada forte. — Não se pode simplesmente fugir de tudo — disse eu. — Eu sei. Já tentei.

— Bem, em Lansquenet não posso ficar — atirou ela, e eu percebi que estava à beira de lágrimas. — Não com ele. Não agora.

— Lembro-me de quando vivíamos assim. Sempre de um lado para o outro. Sempre a fugir. — Ela era o seu próprio Homem de Preto. Vejo-o nos olhos dela. Tem a voz irrespondível da autoridade, uma lógica capciosa que nos mantém gelados, obedientes, temerosos. Para nos libertarmos de tal medo, para fugirmos em esperança e desespero, para fugirmos e descobrirmos que sempre o transportámos dentro de nós como um filho maligno... No fim, a minha mãe sabia-o. Via-o em cada esquina, na borra de cada chávena. Sorrindo de um cartaz, espreitando por trás do volante de um carro veloz. Aproximando-se a cada batida do coração. — Comece a fugir e passará o resto da vida a fugir — disse-lhe eu ferozmente. — Fique antes comigo. Fique e lute comigo.

Joséphine olhou para mim.

— Consigo? — O espanto dela era quase cômico.

— Por que não? Tenho um quarto vago, um divã... — Ela abanou a cabeça e eu controlei a vontade de a agarrar, de a *obrigar* a ficar. Sabia que o podia fazer. — Só por enquanto, só até encontrar outro sítio, um trabalho...

Ela riu-se numa voz tensa de histeria.

— Trabalho? O que é que eu sei fazer? Além de limpar e cozinhar... e limpar cinzeiros e... tirar cerveja e cavar o jardim e foder o meu marido todas as sextas à noite... — Ria-se agora com mais força, agarrando-se à barriga.

Tentei segurar-lhe no braço.

— Joséphine. Estou a falar a sério. Há-de arranjar qualquer coisa. Não tem de...

— Devia vê-lo as vezes. — Continuava a rir-se, cada palavra era uma bala amarga, e a voz soou metálica de auto-repugnância. — Porco com cio. Porco gordo e peludo. — E desatou num choro tão entrecortado como o riso, os olhos fechados com força e as mãos espremendo as faces como que para evitar uma qualquer explosão interna. Aguardei. — E quando acabava, ele virava-se e eu ouvia-o a ressonar. E de manhã eu tentava... — o rosto contorcido, a boca contorcendo-se para formar as palavras — ...eu tentava *sacudir... o fedor dele...* dos lençóis e só pensava: *o que é que me aconteceu?* A Joséphine Bonnet, que era tão es-esperta na escola e sonhava vir a ser uma bai-bailarina...

Virou-se abruptamente para mim, com o rosto quente flamejando, porém calma.

— Parece estúpido, mas eu costumava pensar que alguma coisa devia estar errada, que um dia alguém me havia de dizer que isto não estava a acontecer, que isto era o sonho de outra mulher qualquer e nada disto podia estar a acontecer-me a *mim...*

Peguei-lhe na mão. Estava fria e a tremer. Uma das unhas estava partida até ao sabugo e havia sangue na palma da mão.

— O mais engraçado é que eu tento lembrar-me de como seria gostar dele e não encontro nada. Vazio total. Nada de nada. Lembro-me de tudo o resto, da primeira vez que ele me bateu, ah sim, lembro-me *disso*, mas

uma pessoa pensa que mesmo com o Paul-Marie haveria alguma coisa a recordar. Alguma coisa para desculpar o resto. Tanto tempo perdido.

Parou abruptamente e olhou para o relógio.

— Já falei de mais — disse, surpreendida. — Não tenho tempo para tomar o chocolate se for apanhar a camioneta.

Olhei para ela.

— Tome o chocolate *em vez* da camioneta — disse-lhe. — Por conta da casa. Só gostava que fosse champanhe.

— Tenho de ir — disse ela, irascível. Os punhos batiam constantemente na barriga. A cabeça pendia-lhe como a de um touro a atacar.

— Não. — Olhei para ela. — Você tem de ficar aqui. Tem de lutar com ele cara a cara. Senão, arrisca-se a nunca o deixar de vez.

Ela respondeu por momentos ao meu olhar, semidesafiadora.

— Não posso. — Havia uma nota desesperada na sua voz. — Não sou capaz. Ele há-de dizer coisas, distorcer tudo.

— Tem amigos aqui — disse com gentileza. — E mesmo que não se aperceba disso agora, é forte.

Então Joséphine sentou-se, muito determinada, num dos meus bancos vermelhos, encostou a cabeça ao balcão e chorou em silêncio.

Deixei-a à vontade. Não disse que ia ficar tudo bem. Não fiz qualquer esforço para a confortar. Às vezes é melhor deixar as coisas como estão, deixar que o sofrimento siga o seu curso. Em vez disso, fui para a cozinha e, com todo o vagar, preparei um *chocolat espresso*. Ao servi-lo, acrescentei-lhe conhaque e pepitas de chocolate, pousei as chávenas num tabuleiro amarelo com um cubo de açúcar embrulhado em cada prato e encontrei-a de novo calma. É uma espécie de magia, eu sei, mas às vezes resulta.

— Por que é que mudou de opinião? — Perguntei quando a chávena estava quase bebida. — Da última vez que falámos deste assunto você parecia muito convencida de que não deixaria o Paul.

Ela encolheu os ombros, evitando deliberadamente ir de encontro aos meus olhos.

— Foi por ele voltar a bater-lhe?

Desta vez pareceu surpreendida. Pus a mão na cabeça onde a pele rasgada estava em ferida, inflamada.

— Não.

— Então porquê?

Os olhos dela voltaram a desviar-se dos meus. Tocou a chávena de *espresso* com as pontas dos dedos, como que para se certificar da sua realidade.

— Nada. Não sei. Nada.

Era mentira e via-se bem. Procurei automaticamente os seus pensamentos, tão abertos há instantes. Preciso de saber se a *obriguei* a fazer isso, se a forcei apesar das minhas boas intenções. Mas, de momento, os seus pensamentos são informes, esfumados. Não consigo ver ali nada a não ser negrume.

Pressioná-la seria inútil. Há um traço teimoso em Joséphine que se recusa a ser apressado. Há-de dizer-me a seu tempo. Se quiser.

\* \* \*

Já era noite quando Muscat a veio procurar. Entretanto, já tínhamos feito a cama dela no quarto de Anouk — por enquanto, Anouk fica a dormir no divã no meu quarto. Ela aceita naturalmente a chegada de Joséphine, tal como aceita muitas outras coisas. Sinto um baque momentâneo pela minha filha, pelo primeiro quarto dela, mas prometo-lhe que não vai ser por muito tempo.

— Tenho uma ideia — digo-lhe. — Talvez possamos aproveitar o espaço debaixo do sótão e transformá-lo num quarto só para ti, com umas escadas para trepar ate lá e um alçapão por cima e janelas pequeninas no telhado. Gostavas?

É uma ideia perigosa e sedutora. Dá a entender que vamos ficar aqui muito tempo.

— Podia ver as estrelas lá de cima? — perguntou Anouk avidamente.

— Claro.

— Ótimo! — disse Anouk, e correu escada acima para contar a Pantoufle.

Sentámo-nos a mesa na cozinha apertada. A mesa ficou dos tempos da padaria, uma maciça peça de pinho toscamente cortado e marcado por cicatrizes de facas cujos veios de massa antiga, com a consistência de

cimento de tão seca, contribuíram para lhe dar um macio acabamento de mármore. Os pratos são desconhecidos: um verde, um branco, o de Anouk florido. Os copos também são todos diferentes: um alto, um baixo, outro que ainda tem o rótulo de *Moutarde Amora*. E contudo é a primeira vez que, de facto, *possuímos* tais coisas. Usávamos louça de hotel, talheres de plástico. Até em Nice, onde vivemos durante mais de um ano, todos os utensílios eram emprestados, alugados com a loja. A novidade da posse ainda é algo exótico para nós, algo precioso, inebriante. Invejo as cicatrizes da mesa, o chamuscado de formas de pão quentes. Invejo-lhe a sua serena noção de tempo e desejo poder dizer: eu fiz isto há cinco anos. Fiz esta marca, este círculo deixado por uma chávena de café molhada, esta queimadura de cigarro, esta malha de golpes contra o fio da madeira. Aqui é onde Anouk gravou as suas iniciais, no ano em que fez seis anos, neste lugar secreto atrás da perna da mesa. Fiz isto num dia de calor há sete Verões com a faca de trincar. Lembras-te? Lembras-te do Verão em que o rio secou? Lembras-te?

Invejo-lhe a sua serena noção de espago. Está aqui há muito tempo. Pertence aqui.

Joséphine ajuda-me a preparar o jantar: uma salada de feijão verde e tomates em óleo picante, azeitonas vermelhas e pretas do mercado de quinta-feira, pão de noz, manjerição fresco de Narcisse, queijo de cabra, vinho tinto de Bordéus. Conversámos a refeição, mas não sobre Paul Muscat. Conto-lhe antes sobre mim e Anouk, dos lugares que já vimos, da *chocolaterie* em Nice, dos nossos tempos em Nova Iorque logo depois de Anouk nascer e dos tempos anteriores, de Paris, de Nápoles, de todas as paragens onde eu e a minha mãe fizemos lares temporários na nossa longa fuga pelo mundo fora. Hoje só quero lembrar as coisas felizes, as coisas boas e divertidas. Já há tantos pensamentos tristes no ar. Coloco uma vela branca na mesa para limpar as más influências e o seu aroma é nostálgico, reconfortante. Recordo para Joséphine o pequeno canal de Ourcq, o Panteão, a Place des Artistes, a avenida encantadora de Unter den Linden, o *ferry* de Jersey, os pastéis vienenses comidos em papéis quentes na rua, a marginal junto ao mar em Juan-les-Pins, os bailes nas ruas em San Pedro. Reparo que o rosto dela vai perdendo um pouco da sua expressão

rígida. Recordo quando a mãe vendeu um jumento a um agricultor numa aldeia perto de Rivoli e de como a criatura passou a vida a encontrar-nos, uma e outra vez, quase até Milão. E da história das floristas em Lisboa e de como saímos da cidade numa carrinha frigorífica de florista que nos deixou meia dúzia de horas depois nas docas quentes e brancas do Porto. Ela começou a sorrir, depois a rir. Vezes houve em que tínhamos dinheiro, eu e a mãe, e a Europa era soalheira e cheia de promessas. Recordo-as hoje: o cavalheiro árabe na limusina branca que fez uma serenata à mãe naquele dia em San Remo, como nos rimos e como ela estava feliz e como vivemos depois do dinheiro que ele nos deu.

— Já viu tanta coisa. — Havia na voz dela inveja e algum temor. — E ainda é tão nova.

— Sou quase da sua idade.

Ela abanou a cabeça.

— Tenho mil anos. — Dirigiu-me um sorriso que era tão doce quanto ávido. — Gostava de partir à aventura — disse. — De seguir o sol com uma malinha apenas, de não fazer ideia de onde vou estar amanhã.

— Acredite — disse-lhe com gentileza —, acabava por se cansar. Passados uns tempos, todos os lugares parecem iguais.

Ela parece incrédula.

— Acredite — disse eu. — É verdade.

Não é inteiramente verdade. Os lugares têm a sua própria personalidade, e regressar a uma cidade onde já se viveu é como voltar à casa de um velho amigo. Mas as *peessoas* começam a parecer todas iguais: as mesmas caras reaparecendo em cidades a mil quilómetros de distância, as mesmas expressões. O olhar inexpressivo e hostil do funcionário. O ar curioso do camponês. Os rostos monótonos e indiferentes dos turistas. Os mesmos amantes, mães, pedintes, aleijados, vendedores ambulantes, praticantes de *jogging*, crianças, polícias, taxistas, chulos. Passados uns tempos começamos a sentir-nos ligeiramente paranóicos, como se essas pessoas nos perseguissem secretamente de uma cidade para outra, mudando de roupas e rostos mas permanecendo basicamente as mesmas, prosseguindo com as suas tarefas com um olho mirando-nos de soslaio, como intrusos. Ao princípio sentimos uma espécie de superioridade. Somos uma raça à parte, nós, os itinerantes. Vimos e vivemos muito mais do que eles. Contentes por levarem as suas vidas tristes num ciclo infinito de sono-

trabalho-sono, a cuidar dos seus jardins cuidados, das suas casas suburbanas todas idênticas umas às outras, dos seus pequenos sonhos, e olhamo-los com desdém. Depois, passados uns tempos, vem a inveja. Da primeira vez, é quase divertido: uma picada súbita e forte que desaparece quase logo. Uma mulher num parque, dobrada sobre uma criança num carrinho, ambos os rostos iluminados por algo que não é o sol. Depois vem a segunda, terceira vez: dois jovens na marginal à beira-mar, abraçados; um grupo de empregadas de escritório no seu intervalo de almoço, rindo-se por entre café e *croissants*... não demora muito até que a dor se torne constante. Não, os *lugares* não perdem a sua identidade, por muito que se viaje. É o coração que começa a corroer-se passado um tempo. O rosto no espelho de hotel parece turvo em certas manhãs, como que devido a demasiados olhares casuais. As dez os lençóis são mudados, a alcatifa aspirada. Os nomes no registo do hotel mudam à medida que passamos. Não deixamos qualquer traço da nossa passagem. Tal como os fantasmas, não projectamos sombra.

Fui despertada dos meus pensamentos pelo bater imperioso à porta da frente. Joséphine soergueu-se, o medo assomando-lhe aos olhos e os dois punhos cerrados contra as costelas. Era o que ela esperava: a refeição, a conversa, eram um mero simulacro de normalidade.

— Tudo bem — disse-lhe eu. — Eu não o deixo entrar.

Os olhos dela brilharam de medo.

— Eu não falo com ele — disse ela baixinho. — Não consigo. — Pode ter de falar — respondi eu. — Mas tudo bem. Ele não pode atravessar paredes.

Ela fez um sorriso trémulo.

— Nem sequer quero ouvir a voz dele — disse ela. — Não sabe como ele é. Vai dizer...

Eu comecei a encaminhar-me para a área não iluminada da loja.

— Sei exactamente como ele é — disse eu com firmeza. — E, pense o que pensar, ele não é o único. A vantagem de viajar é que ao fim de algum tempo se começa a perceber que, vá-se lá onde se for, as pessoas não são assim tão diferentes.

— Eu detesto *cejas* — murmurou Joséphine baixinho enquanto eu acendia as luzes da loja. — E detesto *gritos*.

— Passa depressa — disse eu quando os murros recomeçaram. — Anouk pode preparar-lhe um chocolate.

A porta tem uma corrente de segurança. Coloquei-a quando chegámos, habituada como estava à segurança da cidade, embora nunca tenha precisado dela até agora. Na nesga de luz, o rosto de Muscat está congestionado de raiva.

— A minha mulher está aqui? — A voz espessa de cerveja, o hálito desagradável.

— Está. — Não há razão para subterfúgios. Mais vale dizer as coisas já e mostrar-lhe qual o seu lugar. — Temo que ela o tenha deixado, Monsieur Muscat. Ofereci-me para a deixar dormir aqui por umas noites até resolver as coisas. Pareceu a melhor coisa a fazer — tento que a minha voz saia neutra, bem-educada. Conheço o tipo. Encontrámo-lo vezes sem conta, eu e a minha mãe, em sítios sem conta. Ele olha-me boquiaberto e estupefacto. Depois, a inteligência mesquinha nos seus olhos leva a melhor, os olhos franzem-se, as mãos abrem-se para mostrar que é inofensivo, espantado, pronto a ser divertido. Por instantes parece quase encantador. Depois dá um passo na direcção da porta. Sinto o cheiro desagradável do seu hálito, misto de cerveja e fumo e raiva amarga.

— Madame Rocher. — A voz é suave, quase atraente. — Quero que diga àquela vaca gorda da minha mulher para levantar o rabo daí imediatamente ou eu vou aí buscá-la. E se você se meter no meu caminho, sua puta que queima *soutiens*...

Bate na porta.

— Tire o cadeado. — Sorri, adulator, fumegando raiva com um leve fedor químico. — Eu disse para tirar a porra do cadeado daqui antes que eu o *rebente*! — A sua voz torna-se feminina de raiva. Os seus guinchos parecem os de um porco raivoso. Muito devagar, explico-lhe a situação. Ele pragueja e esganiça a sua frustração. Dá vários pontapés na porta, fazendo-a estremecer nas dobradiças.

— Se arrombar a minha casa, Monsieur Muscat — digo-lhe calmamente —, presumo que é um intruso perigoso. Tenho uma lata de *Contre-Attaq'*

na gaveta da cozinha que costumava trazer comigo quando morava em Paris. Já a experimentei uma ou duas vezes. É muito eficaz.

A ameaça acalma-o. Imagino que ele acha que é o único com direito a fazer ameaças.

— Não está a perceber — geme ele. — Ela é a minha mulher. Eu preocupo-me com ela. Não sei o que ela lhe terá dito, mas...

— O que ela me terá dito não importa, Monsieur. A decisão é dela. No seu lugar, parava de dar espectáculo e ia para casa.

— Foda-se! — A boca dele está tão perto da porta que os perdigotos me chapiscam, quentes e malcheirosos. — É, tudo culpa sua, sua filha da mãe. *Você* é que começou a meter-lhe na cabeça essas merdas sobre emancipação. — Imita a voz de Joséphine numa voz de falsete feroz. — Ah, *a Vianne diz isto, a Vianne acha aquilo*. Deixe-me falar com ela por um minuto e vamos a ver o que *ela* diz, para variar.

— Não me parece que...

— Tudo bem. — Joséphine veio atrás de mim, silenciosamente, com uma chávena de chocolate quente segura entre as duas mãos para as aquecer. — É melhor eu falar com ele, senão nunca mais se vai embora.

Olho para ela. Está mais calma, os olhos limpos. Aceno.

— Está bem.

Afasto-me e Joséphine aproxima-se da porta. Muscat começa a falar mas ela interrompe-o com uma voz especialmente incisiva e uniforme.

— Paul. Ouve.

O tom dela corta a fanfarronice dele, silenciando-o a meio da frase.

— Vai-te embora. Não tenho mais nada a dizer-te. Está entendido?

Ela está a tremer, mas a voz sai-lhe calma e regular. Sinto uma súbita onda de orgulho por ela e aperto-lhe o braço em sinal de apoio. Muscat fica calado por um momento. Depois o tom adulator regressa-lhe à voz, embora ainda lhe ouça a raiva por trás, como um ruído de interferência num sinal de rádio distante.

— José... — diz ele suavemente. — Isto é estúpido. Vem cá fora e conversemos como deve ser. Tu és a minha *mulher*, José. Será que isso não merece uma segunda oportunidade?

Ela abana a cabeça.

— Tarde de mais, Paul — diz-lhe num tom definitivo. — Lamento.

Depois fecha-lhe a porta muito lenta e firmemente e, embora ele fique a dar-lhe murros durante mais uns minutos, ora a praguejar, ora a adular ou a ameaçar, até a chorar quando ficou piegas e começou a acreditar na sua própria ficção, não voltámos a abrir a porta.

À meia-noite ouvi-o a gritar lá fora e um torresmo bateu na janela com um baque surdo, deixando uma mancha de terra no vidro limpo. Levantei-me para ver o que era e vi Muscat como um duende atarracado e malévolo lá em baixo na praça, com as mãos enterradas nos bolsos, a curva suave da barriga acima da cinta das calças. Parecia bêbedo.

— Não podes ficar aí para sempre! — Vi uma luz acender-se numa das janelas por trás dele. — Vais ter de sair em qualquer altura! E então, suas filhas da mãe! E *então!* — Automaticamente, fiz figas devolvendo-lhe a maldição com um estalido rápido dos dedos. — *Vai de retro. Espírito maligno, vai-te embora.*

Mais um dos hábitos arreigados da minha mãe. E contudo, é espantoso quão mais segura me sinto agora. Deito-me calma e acordo muito tempo depois, escutando a respiração suave da minha filha e observando as formas em perpétua mutação do luar entre as folhas. Julgo que tentei novamente ler o futuro procurando nos desenhos em movimento um sinal, uma palavra de confiança... À noite é mais fácil acreditar nessas coisas, com o Homem de Preto à espreita lá fora e o catavento chiando cri-criii no cimo do campanário da igreja. Mas não vi nada, não senti nada, e finalmente adormeço de novo e sonho com Reynaud aos pés da cama de um velho num hospital, com uma cruz numa mão e uma caixa de fósforos na outra.

*Domingo, 9 de Março*

Armande apareceu cedo hoje para bisbilhotar e tomar chocolate. Com o seu chapéu de palha novo decorado com uma fita vermelha, tinha um ar mais fresco e vivo do que ontem. A bengala que resolveu começar a usar é um simulacro: forrada com um laço vermelho vivo, parece uma bandeirinha desafiadora. Pediu *chocolat viennois* e uma fatia do meu bolo claro-escuro recheado e sentou-se confortavelmente num banco. Joséphine, que está a ajudar-me na loja até decidir o que fazer a seguir, ia observando a cena da cozinha com alguma apreensão.

— Ouvi dizer que houve alguma confusão por aqui ontem à noite — disse Armande com o seu jeito brusco. A bondade nos olhos escuros e brilhantes redime-lhe a brusquidão. — Ouvi dizer que aquele bronco do Muscat se pôs para aí a gritar e a disparatar.

Expliquei tão brandamente como pude. Armande ouviu com ar compreensivo.

— Só me espanto que ela não o tenha deixado há mais tempo — disse ela quando terminei. — O pai era tão mau como ele. Os dois demasiado cheios de si, das suas opiniões. *E* das suas mãos. — Acenou vivamente a Joséphine, de pé junto à porta segurando uma leiteira com leite quente numa das mãos. — Sempre achei que você havia de cair em si um dia, menina — disse-lhe ela. — Não deixe que ninguém a convença a voltar atrás.

Joséphine sorriu.

— Não se preocupe — disse ela. — Não vou deixar.

Tivemos mais clientes em *LA PRALINE* este domingo do que em todos os domingos desde que eu e Anouk para aqui viemos. Os habituais, Guillaume, Narcisse, Arnauld e mais uns quantos, pouco disseram, acenando amigavelmente para Joséphine e comportando-se como de costume.

Narcisse trouxe-me um cesto de endívias do seu horto e, vendo Joséphine, ofereceu-lhe um raminho de anémonas encarnadas que tirou do bolso do casaco, murmurando que elas podiam «animar um bocado o ambiente».

Joséphine corou mas pareceu contente e tentou agradecer-lhe. Narcisse foi-se embora arrastando os pés, constrangido e enfeitando asperamente os agradecimentos.

Depois dos amigos, vieram os curiosos. Correu o boato durante a missa de que Joséphine Muscat se tinha mudado para *LA PRALINE* e seguiu-se um fluxo contínuo de visitantes ao longo de toda a manhã. Joline Drou e Caro Clairmont chegaram nos seus fatos primaveris idênticos e lenços de seda com um convite para um chá de caridade no Domingo de Ramos. Armande deu uma gargalhada deliciada ao vê-las.

— Mas que bem! O desfile de moda de domingo! — exclamou ela.

Caro pareceu incomodada.

— Não devia estar aqui, mamã — disse ela com ar reprovador. — Sabe o que o médico disse, não sabe?

— Sei, sim senhora — respondeu Armande. — Qual é o problema, não estou a morrer tão depressa como tu querias? E por isso que tens de me vir com essa caveira ambulante para me estragares a manhã? — O rosto de Caro coberto de pó-de-arroz corou.

— Francamente, mamã, não devia dizer coisas dessas...

— Eu tenho tento na língua se tu te meteres na tua vida — atirou Armande prontamente e, com a pressa de ir embora, Caro quase raspou os mosaicos do chão com os tacões altos.

Depois veio Denise Arnauld ver se precisávamos de mais pão.

— Só para saber — disse ela, com os olhos cintilando de curiosidade. — Já que agora tem uma hóspede e tudo. — Garanti-lhe que se precisássemos de pão, saberíamos aonde ir ter.

Depois Charlotte Edouard, Lydie Perrin, Georges Dumoulin: um querendo uma prenda de anos adiantada, outra pormenores sobre o festival de chocolate — que ideia *tão* original, Madame —, outra perdera uma carteira no adro de St. Jérôme e queria saber se eu a teria visto. Deixei Joséphine atrás do balcão com um dos meus aventais amarelos limpos para lhe proteger a roupa dos salpicos de chocolate e ela desembaraçou-se espantosamente bem. Cuidou da sua aparência hoje. A camisola vermelha

e a saia preta têm hoje um aspecto arranjado e profissional, o cabelo escuro está cuidadosamente atado com uma fita. Sorriso competente, cabeça levantada e, embora os seus olhos de vez em quando se desviem para a porta aberta numa ansiedade expectante, pouco ou nada no seu porte sugere uma mulher receosa de si própria ou da sua reputação.

— Uma desavergonhada, é o que ela é — sibilou Joline Drou para Caro Clairmont ao passarem apressadas pela porta. — Muito desavergonhada. Quando penso no que aquele pobre homem teve de aguentar...

Josephine estava de costas mas reparei como ficou hirta. Um hiato na conversa tornou as palavras de Joline bastante audíveis e embora Guillaume tenha simulado um ataque de tosse para as abafar, sei que ela as ouviu.

Houve um curto silêncio de constrangimento.

Depois Armande falou:

— Bem, menina, fique a saber que se aquelas duas desaprovam, é bom sinal — disse ela, ríspida. — Bem-vinda aos maus caminhos da vida!

Josephine lançou-lhe um olhar incisivo e desconfiado e, como que certificada de que a piada não era para ela, riu-se. O som saiu aberto e despreocupado; surpreendida, levou a mão boca como que para verificar que o riso era seu. Isso fê-la rir-se ainda mais e os outros riram-se com ela. Ainda todos nos ríamos quando os sininhos da entrada tocaram e Francis Reynaud entrou silenciosamente na loja.

— Monsieur le Cure. — Vi o rosto dela alterar-se ainda antes de o ver a ele, vi-a tornar-se hostil e estúpida, com as mãos a regressarem à sua posição habitual no fundo da barriga.

Reynaud abanou a cabeça com ar grave.

— Madame Muscat. — Enfatizou a primeira palavra. — Lamento não a ter visto na igreja hoje de manhã.

Josephine murmurou qualquer coisa desajeitada e inaudível. Reynaud deu um passo na direcção do balcão e ela deu meia volta como que para fugir para a cozinha, depois pensou melhor e voltou-se para o enfrentar.

— Isso mesmo, menina — disse Armande em tom aprovador. — Não deixe que ele lhe dê a volta com o seu palavreado. — Enfrentou Reynaud, apontando firmemente para ele com a sua fatia de bolo. — Deixe a rapariga em paz, Francis. Quando muito, devia era dar-lhe a bênção.

Reynaud ignorou-a.

— Lamento mas tenho que trabalhar. E não estou interessada em ouvir nada do que tem para me dizer.

Os lábios de Reynaud mantinham-se obstinados.

— Nunca precisou tanto da igreja como agora. — Uma olhadela rápida e fria na minha direcção. — Tornou-se fraca. Permitiu que outros a levassem por maus caminhos. O voto da santidade do matrimónio...

Armande interrompeu-o de novo em tom irónico.

— O voto de santidade do matrimónio? Onde é que foi desenterrar tal coisa? Se há pessoa que devesse olhar para si...

— Por favor, Madame Voizin... — Finalmente um sinal de expressividade na sua voz neutra. Os olhos estão glaciais. — Eu ficar-lhe-ia muito grato se...

— Fale tal como foi criado — atirou Armande. — A sua mãe nunca o ensinou a falar com uma batata na boca, pois não? — Deu uma risada. — A fazer-se passar por melhor do que os outros, não é? Esqueceu-se de nós todos naquela escola importante, foi?

Reynaud ficou hirto. Senti a tensão que emanava dele. Decididamente, emagrecera nas últimas semanas e nota-se-lhe a pele esticada como um tamborim nas entradas escuras das têmporas, bem como a articulação do queixo perfeitamente visível sob a carne magra. Uma melena estreita de cabelo atravessa-lhe a testa dando-lhe um ar dissimuladamente natural; o resto é uma eficiência crispada.

— Josephine. — A voz gentil, envolvente, excluindo os demais tão eficazmente como se estivesse sozinho. — Eu sei que me quer ajudar. Falei com Paul-Marie. Ele diz que a senhora tem estado sob muita tensão. Diz que...

Josephine abanou a cabeça.

— *Mon père*. — A inexpressividade desaparecera-lhe do rosto e estava serena. — Sei que faz por bem. Mas eu não vou alterar a minha decisão.

— Mas o sacramento do matrimónio... — parecia agora agitado, encostando-se ao balcão e com o rosto contorcido de angústia. As mãos agarradas à sua superfície acolchoada como que à procura de apoio. Novo olhar sub-reptício ao saquinho brilhante na porta. — Sei que andou confusa. Outros influenciaram-na. — Expressivamente: — Se pudéssemos falar em *particular*...

— Não. — A voz dela era firme. — Eu fico aqui com Vianne.

— Por quanto tempo? — A voz dele denunciava consternação embora simulasse incredulidade. — Madame Rocher pode ser sua amiga, Josephine, mas é uma mulher de negócios, tem uma loja para gerir, uma filha para criar. Por quanto tempo é que ela vai tolerar ter uma estranha em casa? — Este lance foi mais bem sucedido. Vi Josephine hesitar, uma expressão de incerteza regressar-lhe aos olhos. Vi-a vezes de mais no rosto da minha mãe para o confundir: aquela expressão de descrença, medo.

*Nós não precisamos de mais ninguém a não ser uma da outra.* Um sussurro ferozmente recordado na escuridão quente de um qualquer quarto de hotel. *Para que diabo havíamos de precisar de mais alguém?* Palavras corajosas e, se houvesse lágrimas, a escuridão escondê-las-ia. Mas sentia-a tremer, quase imperceptivelmente, quando ela me abraçava debaixo dos cobertores, como uma mulher agoniada por uma febre oculta. Talvez fosse por isso que ela fugia deles, daqueles homens simpáticos, mulheres simpáticas que queriam dar-lhe a sua amizade, amor, compreensão. Éramos contagiosas, febris de desconfiança, carregando connosco um orgulho que era o nosso último refúgio face ao indesejado.

— Joséphine pode trabalhar aqui comigo. — Torno a minha voz doce e quebradiça. — Vou precisar de muita ajuda extra se quiser ter o festival de chocolate pronto para a Páscoa.

O olhar dele, finalmente revelado, é duro de ódio.

— Ensino-lhe as técnicas básicas de fazer chocolate — continuei. — Ela pode tomar conta da loja por mim enquanto eu trabalho lá atrás. — Joséphine olhava-me com uma expressão de perplexidade turva. Pisquei-lhe o olho.

— É um favor que ela me faz e tenho a certeza de que o dinheiro também lhe vai dar jeito — disse serenamente. — Quanto a ficar... — falei directamente para ela, olhando-a nos olhos — ...Joséphine pode ficar por quanto tempo quiser. É um prazer tê-la aqui.

Armande deu uma gargalhada.

— Como vê, *mon père* — disse ela alegremente —, não precisa de gastar mais o seu tempo. Tudo parece correr muito bem sem si. — Bebericou o seu chocolate com um ar concentrado e malicioso. — Uma bebida destas devia fazer-lhe bem — sugeriu. — Está com mau aspecto, Francis. A beber o vinho da comunhão outra vez, não é?

Ele dirigiu-lhe um sorriso como um punho cerrado.

— Muito engraçada, Madame. Ainda bem que não perdeu o seu sentido de humor. — Depois girou nos seus tacões e, com um aceno e um «Monsieur-Dames» seco dirigido aos clientes, desapareceu como o nazi bem-educado num péssimo filme de guerra.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Segunda-feira, 10 de Marco*

O riso deles seguiu-me da loja até à rua corno um bando de pássaros. O aroma de chocolate, assim como o da minha cólera, tornou-me delirante, quase eufórico de raiva. Tínhamos razão, *père*. Isto dá-nos inteiramente razão. Ao atacar as três áreas que mais de perto nos tocam — a comunidade, as festas religiosas e agora um dos sacramentos mais sagrados —, ela revela-se por fim. A sua influência é perniciosa e galopante e já viceja numa ou duas dúzias de mentes férteis. Vi o primeiro dente-de-leão da época no adro esta manhã, enfiado numa nesga de espaço junto a uma sepultura. Já se enraizou bem mais fundo do que eu consigo chegar, da espessura de um dedo, à procura da escuridão debaixo da pedra. Dentro de uma semana a planta terá crescido de novo, ainda mais forte do que antes.

Vi Muscat na comunhão esta manhã, embora não tenha ido à confissão. Parece tenso e zangado, desconfortável nas suas roupas domingueiras. Aceitou mal a saída da mulher de casa.

Quando saí da *chocolaterie*, ele estava à minha espera, a fumar, encostado a um pequeno arco junto à entrada principal.

— Então, *père*?

— Falei com a sua mulher.

— Quando é que ela vem para casa?

Abanei a cabeça.

— Não lhe quero dar esperanças falsas — disse-lhe com delicadeza.

— É uma vaca teimosa — disse ele, atirando com o cigarro para o chão e pisando-o com o tacão. — Desculpe a linguagem, *père*, mas é o que é. Quando penso em tudo aquilo que deixei de fazer por causa da louca daquela filha da mãe, o *dinheiro* que ela me custou...

— Ela também teve que aguentar muita coisa — disse-lhe eu enfaticamente, pensando nas nossas muitas sessões no confessional.

Muscat encolheu os ombros.

— Bem, não sou nenhum santo — disse ele. — Sei das minhas fraquezas. Mas diga-me, *père*... — estendeu as mãos em apelo — ...será que não tinha alguma razão? Acordar com aquela cara estúpida ao lado todos os dias? A apanhá-la, uma e outra vez, com os bolsos cheios de coisas roubadas no mercado, *Mons* e frascos de perfume e jóias? Com toda a gente a olhar para mim na igreja e a rir-se? Hã? — Olhou para mim com ar vitorioso. — Hã, *père*? Não tive de carregar a minha cruz?

Não é a primeira vez que ouço isto. O desmazelo dela, a estupidez, a ladroagem, a preguiça nas coisas de casa. Não tenho que ter opinião sobre tais assuntos. O meu papel é oferecer conselho e conforto. Ainda assim, provocam-me repugnância as suas desculpas, a sua convicção de que, se não fosse ela, ele teria conseguido grandes feitos na vida.

— Não estamos aqui para deitar culpas — disse eu em tom de reprimenda. — Devíamos tentar encontrar maneiras de salvar o seu casamento.

Ele ficou instantaneamente brando.

— Peço desculpa, *père*. Eu... não devia ter dito tais coisas. — Tentou parecer sincero, mostrando dentes brancos como marfim. — Não pense que eu não gosto dela, *père*. Quero dizer, quero que ela volte, não é verdade?

Claro que sim. Para lhe preparar as refeições. Passar a roupa a ferro. Tomar conta do café. E provar aos amigos que ninguém brinca com o Paul-Marie Muscat, ninguém. Desprezo esta hipocrisia. Ele tem que conseguir fazê-la voltar. Concorro com isso, pelo menos. Mas não por essas razões.

— Se a quer de volta, Muscat — disse-lhe eu com algum azedume —, então tem tratado do assunto de uma forma muito estúpida até agora.

Ele levantou a cabeça e empinou o queixo.

— Não acho que seja bem assim...

— Não seja pateta.

Meus Deus, *père*, como é que o senhor pôde algum dia ter tido paciência com esta gente?

— Ameaças, blasfémias, aquela bebedeira vergonhosa ontem noite? Como é que pode achar que *isso* o vai ajudar?

Carrancudo: — Eu não a podia deixar ir-se embora assim, *père*. Toda a gente a dizer que a minha mulher me tinha dado com os pés. E aquela filha da mãe da metediça da Rocher... — Os seus olhos mesquinhos contraíram-se por trás dos óculos de aros. — Era bem feita se alguma coisa acontecesse àquela lojinha bonitinha dela — disse ele. — Ver-se livre daquela filha da mãe duma vez para sempre.

Olhei para ele incisivamente.

— Ah sim?

Não andava longe do que eu próprio tinha pensado, *mon père*. Que Deus me valha, mas quando vi aquele barco a arder... É um prazer primitivo, indigno da minha vocação, uma coisa pagã que por direito eu não deveria sentir. Já lutei contra isso, *père*, de madrugada. Já o domei dentro de mim mas, tal como os dentes-de-leão, volta emanando raizezinhas insidiosas. Foi talvez por causa disto — porque eu *compreendia* — que lhe respondi numa voz mais dura do que pretendia.

— Em que é que está a pensar, Muscat?

Ele murmurou qualquer coisa quase inaudível.

— Um incêndio, quem sabe? Um incêndio oportuno. — Sentia a pressão da minha raiva contra as costelas. O seu sabor, tão metálico como adocicadamente podre, enchia-me a boca. — Como o incêndio que nos livrou dos ciganos?

Fez um sorriso apatetado.

— Talvez. Há um terrível risco de incêndio em algumas destas casas antigas.

— Ouça lá. — Subitamente, fiquei aterrado com a ideia de que ele pudesse ter confundido o meu silêncio daquela noite com cumplicidade. — Se eu pensasse ou *supeitasse* sequer, fora do confessionário, que você estava metido numa coisa dessas... Se alguma coisa acontecer àquela loja... — Segurava-o agora pelos ombros, com os meus dedos enterrados na carne rechonchuda.

Muscat pareceu ofendido.

— Mas *père*, o senhor mesmo disse que...

— Eu *não* disse *nada*! — Ouvi a minha voz ricochetear através da praça — tat-tat-tat! — e baixei-a apressadamente. — Eu nunca quis que você... — Aclarei a garganta, subitamente engasgada. — Não estamos na Idade Média, Muscat — disse eu ríspido. — Não... *interpretamos*... as leis de

Deus para nosso próprio proveito. Ou as leis do nosso país — acrescentei significativamente, olhando-o bem nos olhos. As suas córneas eram tão amarelas como os dentes. — Será que nos fazemos entender?

Em tom ressentido: — Sim, *mon père*.

— Porque se alguma coisa acontecer, Muscat, *alguma coisa*, uma janela partida, um incêndiozinho, seja o que for... — fico uma cabeça acima dele.

Sou mais novo e estou mais em forma do que ele. Ele responde instintivamente ameaça física. Dou-lhe um pequeno empurrão que o faz bater contra a parede atrás de si. Mal consigo conter a raiva. Que ele se atreva — *que se atreva!* — a assumir o meu papel, *père*. Era o que faltava ser este bêbedo miserável e tonto. Colocar-me nesta situação: obrigado a *proteger* oficialmente a mulher que é minha inimiga. Só com esforço que me contenho.

— Mantenha-se bem longe daquela loja, Muscat. Se houver alguma coisa a fazer, *eu* faço. Está a perceber?

Mais humilde agora, com a sua fanfarronice a evaporar-se: — Sim, *père*.

— Deixe a situação por minha conta.

Três semanas até ao festival dela. o que nos resta. Três semanas para descobrir uma maneira de refrear a influência dela. Já preguei contra ela na igreja, mas só me cobri de ridículo. Chocolate, dizem-me, não é uma questão moral. Até os Clairmonts consideram a minha obstinação algo irregular, ela sorrindo e afectando uma preocupação trocista de que eu esteja extenuado, ele sorrindo de forma claramente irónica. Quanto a Vianne Rocher, não liga. Em vez de tentar misturar-se, exhibe o seu estatuto de forasteira, dirigindo-me saudações impertinentes de um lado para o outro da praça e incitando os bobos da corte como Armande, sempre perseguida por crianças cuja selvajaria crescente ela alimenta. Até no meio de muita gente ela facilmente dá nas vistas. Enquanto os outros caminham pela rua fora, ela corre. O cabelo, as roupas: sempre ao sabor do vento, cores de flores silvestres, cor de laranja e amarelo, às pintinhas e florinhas. Deixado à solta, um periquito entre pardais depressa seria destruído por causa da sua plumagem berrante. Aqui ela é aceite com afecto, até divertimento. Aquilo que provocaria espanto noutro lado, é

tolerado só porque Vianne. Nem mesmo Clairmont é insensível ao seu charme e a antipatia da mulher não tem nada a ver com superioridade moral, mas sim com uma espécie de inveja que não fica nada bem a Caro. E contudo, a ideia — sugerindo como sugere uma simpatia, até mesmo um gosto que um homem na minha posição não se pode permitir — outro perigo. Eu não posso ter simpatias. A raiva e a simpatia são igualmente impróprias. Devo ser imparcial, para bem da comunidade e da Igreja. Essas são as minhas primeiras lealdades.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Quarta-feira, 12 de Março

Há dias que não falamos com Muscat. Josephine, que durante algum tempo não saía de *LA PRALINE*, já se vai deixando convencer a ir até à padaria ao fundo da rua, ou à florista do outro lado da praça, sem que eu tenha que a acompanhar. Como se recusa a voltar ao *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE*, emprestei-lhe alguma roupa minha. Hoje traz uma camisola azul e um *sarong* florido e tem um ar fresco e bonito. Em poucos dias apenas, transformou-se: o ar de hostilidade insípida desapareceu, bem como os seus maneirismos defensivos. Parece mais alta, mais direita, tendo abandonado a sua postura permanentemente curvada e as sucessivas camadas de roupa que lhe davam um ar grosseiro. Toma-me conta da loja enquanto eu trabalho na cozinha e já a ensinei a preparar e misturar diferentes tipos de chocolate, assim como a fazer alguns dos tipos de pralinas mais fáceis. Tem umas mãos boas e destros. Lembro-lhe a rir a sua agilidade de atirador naquela primeira visita e ela cora.

— Eu nunca lhe tirei nada! — A indignação dela é comovente, sincera.  
— Vianne, não pense que...

— Claro que não.

— Sabe que eu...

— Claro.

Ela e Armande, que antes mal se conheciam, tornaram-se boas amigas. A velhinha aparece agora todos os dias, umas vezes para falar, outras para um cartucho das suas pralinas de alperce preferidas. Muitas vezes vem com Guillaume, que se tornou uma visita habitual. A companhia delas parece animá-lo um pouco, já que desde a morte de *Charly* tem um ar abatido e desinteressado. Hoje também cá esteve Luc e sentaram-se os três juntos num canto com uma cafeteira de chocolate quente e alguns *éclairs*. De vez em quando ouviam-se risadas e exclamações vindas do grupinho.

Pouco antes de fecharmos, apareceu Roux, com um ar prudente e desafiador. Foi a primeira vez que o vi de perto desde o incêndio e fiquei impressionada com as mudanças nele. Parece mais magro, com o cabelo puxado para trás e um rosto inexpressivo e soturno. Uma das suas faces ainda mostra uma série de marcas que lembram uma forte queimadura solar.

Pareceu surpreendido quando viu Joséphine.

— Lamento. Pensei que Vianne estava... — Voltou-se abruptamente como que para se ir embora.

— Não. Por favor. Ela está lá atrás. — Os modos dela tornaram-se mais descontraídos desde que começou a trabalhar na loja mas, mesmo assim, pareceu desconfortável, intimidada, talvez pela aparência dele.

Roux hesitou.

— Você é do café — disse ele por fim. — É...

— Joséphine Bonnet — interrompeu ela. — Estou a viver aqui agora.

— Ah.

Saí da cozinha e vi-o a observá-la com uma expressão especulativa nos olhos claros. Mas não insistiu no assunto e Joséphine recolheu-se, grata, na cozinha.

— Que bom voltar a vê-lo, Roux — disse-lhe eu directamente. — Queria pedir-lhe um favor.

— Ah?

Ele consegue tornar uma única sílaba muito expressiva. Isto era incredulidade bem-educada, desconfiança. Parecia um gato nervoso prestes a atacar.

— Preciso de fazer umas obras cá em casa e talvez você pudesse... — É difícil formular isto correctamente. Sei que ele não aceitará aquilo se o considerar caridade.

— Isto não tem nada a ver com a nossa amiga Armande, pois não? — O tom dele é baixo mas duro. Vira-se para o canto, onde Armande e os outros se encontram. — A fazê-la pela calada outra vez, é isso? — desafiou ele causticamente. — Não vim aqui pedir emprego. Queria perguntar-lhe se viu alguém a cirandar perto do meu barco naquela noite.

Abanei a cabeça.

— Lamento, Roux. Não vi ninguém.

— Está bem. — Virou-se como que para se ir embora. — Obrigado.

— Olhe, espere... — chamei eu. — Não aceita pelo menos uma bebida?  
— Para outra vez. — O tom de voz dele era brusco, senão mesmo rude. Pude sentir a sua raiva à procura de um alvo qualquer.

— Nós ainda somos seus amigos — disse eu quando ele chegou à porta.  
— A Armande, o Luc e eu. Não se ponha tão à defesa. Nós estamos a tentar ajudá-lo.

Roux virou-se abruptamente. O seu rosto estava desolado. Os seus olhos eram quartos crescentes.

— Ouçam bem, vocês todos. — Falava numa voz baixa e carregada de ódio, com uma pronúncia tão cerrada que as palavras mal se distinguiam entre si. — Eu não preciso de ajuda nenhuma. Eu nunca devia sequer ter tido nada a ver convosco. Eu só fiquei por aqui este tempo todo porque pensei que podia descobrir quem incendiou o meu barco. E vocês *não* são meus amigos.

Depois desapareceu pela porta fora, grosseira e atabalhoadamente por entre um carrilhão de sininhos coléricos.

Após a sua saída, todos nos entreolhámos.

— Homens ruivos — disse Armande enfaticamente. — Teimosos como mulas.

Joséphine parecia abalada.

— Que homem horrível — disse por fim. — Não foi *você* que deitou fogo ao barco dele. Que direito é que ele tinha de lhe falar assim?

Encolhi os ombros.

— Sente-se desamparado e revoltado e não sabe a quem deitar a culpa — disse-lhe suavemente. — É uma reacção natural. E acha que lhe oferecemos ajuda por termos pena dele.

— É que eu detesto cenas — disse Josephine, e eu sei que ela estava a pensar no seu marido. — Ainda bem que se foi embora. Acha que agora irá embora de Lansquenet?

Abanei a cabeça.

— Não me parece — disse. — Afinal de contas, para onde é que havia de ir?

Quinta-feira, 13 de Março

O ntem à tarde fui a Les Marauds para falar com Roux, mas sem melhores resultados do que da última vez. A casa abandonada estava trancada com um ferrolho pelo lado de dentro e as persianas estavam fechadas. Imagino-o encurralado no escuro com a sua raiva como um animal desconfiado. Chamei pelo nome dele, sei que ele me ouviu, mas não me respondeu. Pensei em deixar-lhe uma mensagem na porta mas decidi não o fazer. Se quiser vir, terá de ser por sua livre e espontânea vontade. Anouk veio comigo, trazendo um barquinho de papel que eu lhe tinha feito com a capa de uma revista. Enquanto eu estava à porta de Roux, ela foi até à beira-río para o lançar à água, utilizando um galhozito maleável para o impedir de se afastar muito. Uma vez que Roux não aparecia, regressei a *LA PRALINE*, onde Joséphine já tinha começado a preparar a fornada semanal de cobertura, e deixei Anouk entregue às suas brincadeiras.

— Tem cuidado com os crocodilos — disse-lhe eu seriamente.

Anouk riu-se sob a sua boina amarela. Com a cometa de brincar numa mão e o galho na outra, desatou a tocar um alarme alto e sem melodia, saltitando de um pé para ‘o outro em excitação crescente.

— Crocodilos! Ataque de crocodilos! — cantava ela. — Aos canhões!

— Cuidado — avisei eu. — Não caias à água.

Anouk atirou-me um beijo extravagante e regressou à sua brincadeira. Quando me virei para trás no cimo da colina, estava ela a bombardear crocodilos com torrões de turfa e eu ainda lhe ouvia o som fino da cometa — paarpaa-raar! intercalado com efeitos de som — prás! prum! — enquanto a batalha prosseguia.

Surpreendente que ainda surpreenda, este acesso feroz de ternura. Se eu fechar os olhos com força suficiente frente ao sol poente, quase consigo ver os crocodilos, as suas silhuetas compridas e as suas bocarras na água,

o clarão do canhão. Ao movimentar-se por entre as casas, o vermelho e o amarelo do casaco e da boina dela lançam chamas súbitas por entre as sombras e eu quase consigo distinguir a *ménagerie* semivisível que a rodeia. Enquanto observo, ela vira-se e acena-me, grita *Gosto de ti!* e regressa sua séria ocupação de brincar.

Fechámos tarde e eu e Joséphine trabalhámos no duro fazendo pralinas e trufas suficientes para o resto da semana. Já comecei a fazer os chocolates da Páscoa e Joséphine tornou-se perita em decorar as formas de animais e embalá-las em caixas com fitas multicores. A cave é um sítio óptimo para os armazenar: fresca, mas não tão fria que o chocolate ganhe aquela película esbranquiçada provocada pela congelação, e escura e seca, pelo que podemos armazenar ali a nossa fornada especial, embalada em caixas de cartão, e ainda nos sobra espaço para o nosso abastecimento doméstico. O chão é de lajes antigas, de um castanho tão polido como carvalho, fresco e macio debaixo dos pés. Uma única lâmpada no tecto. A porta para a cave é de pinho não tratado, com uma abertura na base para dar passagem a um gato há muito desaparecido. Até Anouk gosta da cave, cheirando a pedra e vinho velho, e desenhou figuras coloridas a giz nas lajes e paredes caiadas: animais, castelos, pássaros e estrelas. Na loja, Armande e Luc ficaram a conversar durante um bocado e em seguida saíram juntos. Encontram-se agora mais amiúde e nem sempre em *LA PRALINE*; diz-me Luc que foi a casa dela duas vezes na semana passada e, de ambas as vezes, trabalhou uma hora no jardim.

— Ela precisa que lhe tratem dos canteiros, agora que a c-casa está arranjada — disse-me ele em tom sério. — Não consegue cavar como antes mas diz que quer f-flores em vez de ter só ervas daninhas.

Ontem ele trouxe um conjunto de plantas do horto de Narcisse e plantou-as no solo cavado de fresco junto ao muro de Armande

— Tenho alf-fazema, prímulas, tulipas e narcisos — explicou ele. — Ela gosta de flores perfumadas e com cores vivas. Como ela não vê lá muito bem, trouxe lilás, goivos e giestas e coisas que ela possa reconhecer bem. — Mostrou um sorriso tímido. — Quero-as p-plantadas antes dos anos dela — explicou.

Perguntei-lhe quando é que Armande fazia anos.

— Trinta de Março — explicou. — Faz oitenta e um. Já pensei numa p-  
prenda para ela.

— Ah sim?

Confirmou com um aceno.

— Pensei em comprar-lhe uma c-combinação de seda. — O tom dele  
era ligeiramente defensivo. — Ela gosta de roupa interior.

Reprimindo um sorriso, disse-lhe que me parecia uma ótima ideia.

— Tenho de ir a Agen — disse ele muito sério. — E tenho de esconder  
da minha m-mãe, senão ela tem um ataque. — Fez um esgar. — Talvez  
lhe pudéssemos fazer uma festa. Sabe, para lhe dar as boas-vindas para a  
próxima d-década.

— Podemos perguntar-lhe o que é que ela acha.

Às quatro, Anouk chegou a casa cansada e alegre. e enlameada até aos  
sovacos e Joséphine fez-lhe um chá de limão enquanto eu pus água a  
correr para o banho. Depois de a despir da roupa suja, dei-lhe um banho  
de água quente a cheirar a mel e em seguida sentámo-nos as três a comer  
*pains au chocolat* e *brioche*s com compota de groselha e alperces doces e  
suculentos da estufa de Narcisse. Joséphine parecia preocupada, virando e  
revirando o alperce na palma da mão.

— Não consigo deixar de pensar naquele homem — disse ela por fim.  
— Sabe, aquele que estive aí hoje de manhã.

— Roux.

Acenou afirmativamente.

— O incêndio no barco dele... — disse ela a medo. — Não lhe parece  
que tenha sido um acidente, pois não?

— Ele não parece achar. Diz que cheirava a gasolina.

— O que é que acha que ele faria se descobrisse... — com esforço —  
...quem deitou fogo?

Encolhi os ombros.

— Não faço ideia. Porquê, Joséphine, faz alguma ideia de quem possa  
ter sido?

Rápida: — Não. Mas se alguém soubesse e não dissesse... — deixou a  
frase esmorecer pateticamente. — Será que ele... quero dizer... o que é  
que...

Olhei para ela. Ela recusou-se a olhar-me nos olhos, revirando o alperce distraidamente, uma e outra vez. De repente, fez-se-me luz sobre os seus pensamentos.

— Sabe quem foi, não sabe?

— Não.

— Olhe, Joséphine, se sabe alguma coisa...

— Não sei nada. — A voz dela era inexpressiva. — Quem me dera saber.

— Está bem. Ninguém está a acusá-la de nada. — Falei com uma voz gentil, aliciante.

— Eu não sei nada! — repetiu ela estridentemente. — Não sei mesmo. Além do mais, ele está de partida, disse ele, não é daqui e nunca para cá devia ter vindo e... — Cortou a frase com um clique audível dos dentes.

— Vi-o hoje à tarde — disse Anouk com a boca cheia de *brioche*. — Vi a casa dele.

Virei-me para ela com curiosidade.

— Ele falou para ti?

Ela acenou enfaticamente.

— Claro que falou. Disse que me ia fazer um barco para a próxima vez, um barco de madeira como deve ser, que não se afunde. — Ela imita bem o sotaque dele. Os fantasmas das palavras dele enredam-se e cabriolam na boca dela.

Virei a cara para esconder um sorriso.

— A casa dele é muito *cool* — continuou Anouk. — Tem uma fogueira no meio da carpete. Ele disse que eu podia lá ir quando quisesse. Ah. — Tapou a boca com uma mão culpada. — Ele disse desde que não te dissesse. — Deu um suspiro teatral. — E eu disse, mamã. Não disse?

Abracei-a a rir-me.

— Disseste.

Apercebi-me do ar alarmado de Joséphine.

— Não acho que tu devas ir àquela casa — disse-lhe ela em tom ansioso. — Tu não conheces bem aquele homem, Anouk. Pode ser violento.

— Acho que ela tem razão — pisquei o olho para Anouk. — Desde que *ela* me diga. — Anouk piscou-me o olho também.

Hoje houve um funeral — uma das idosas de *Les Mimosas* ao fundo do rio — e o negócio foi pouco, fosse por medo, fosse por respeito. A defunta era uma mulher de noventa e quatro anos, diz Clotilde, a florista, parente da falecida mulher de Narcisse. Vi Narcisse, usando uma gravata preta com a sua velha jaqueta de *tweed* como concessão única à ocasião, e Reynaud, firmemente de pé à porta vestido de preto e branco, com a cruz de prata numa mão e a outra estendida benevolmente para dar as boas-vindas ao cortejo fúnebre. Havia pouca gente. Talvez uma dúzia de mulheres idosas, nenhuma das quais eu reconheci, uma numa cadeira de rodas empurrada por uma enfermeira loura, outras redondas e baixinhas como Armande, outras com a magreza quase translúcida dos muito velhos, todas de preto, meias, chapéus e lenços pretos, umas de luvas, outras com as suas mãos pálidas e contorcidas agarradas aos peitos chatos como virgens de Grünewald. Vi sobretudo as suas cabeças ao entrarem para a igreja de St. Jérôme num cacarejar compacto e baixo; entre as cabeças curvadas, a olhadela ocasional de um rosto cinzento, olhos pretos brilhantes dardejando na minha direcção a partir daquele enclave seguro enquanto a enfermeira, competente e resolutamente alegre, empurrava atrás. Pareciam não sentir qualquer tensão. A da cadeira de rodas segurava um pequeno missal preto numa das mãos e cantava numa voz fininha ao entrarem na igreja. As restantes permaneceram silenciosas durante a maior parte do tempo, dirigindo vénias a Reynaud ao entrarem na escuridão, algumas entregando-lhe uma nota debruada a preto para ser lida durante o serviço. O único carro fúnebre da aldeia chegou mais tarde. Dentro dele, um caixão coberto de preto com um único ramo de flores. Um único sino tocou indiferentemente. Enquanto esperava na loja vazia, ouvi o órgão tocar umas quantas notas apáticas e fugitivas, como seixos a caírem num poço.

Joséphine, que se encontrava na cozinha a tirar uma fornada de merengues com creme de chocolate, aproximou-se silenciosamente e estremeceu.

— É macabro — disse ela.

Recordo o crematório da cidade, a música aflautada do órgão — a *Toccata* de Bach —, o pequeno caixão brilhante, o cheiro a verniz, as

flores. O ministro pronunciou o nome da mãe incorrectamente — *Jean Rocher*. Em dez minutos estava tudo acabado.

*A morte devia ser uma celebração, disse-me ela. Como um aniversário. Quero subir como um foguetão quando chegar a minha hora e cair numa nuvem de estrelas e ouvir toda a gente a dizer: Ahhhh!*

Atirei as suas cinzas para o porto na noite do 4 de Julho. Havia fogo de artifício e algodão-doce e bombinhas estourando no cais e o cheiro queimado a cordite no ar e o cheiro a cachorros-quentes e cebolas fritas e uma lufada ténue cheirando a detritos da água. Era tudo o que ela sonhara da América, um parque de diversões gigantesco, néons a cintilar, música a tocar, multidões a cantarem e a acotovelarem-se, todo o brilho falso e sentimental que ela adorava. Esperei pela parte mais vistosa da festa, quando o céu se converteu num frémito de luz e cor, e deixei-as esvoaçarem suavemente até ao torvelinho, tornando-se azuis-brancas-vermelhas ao caírem. Teria dito qualquer coisa, mas lido parecia haver mais nada para dizer.

— Macabro — repetiu Joséphine. — Detesto funerais. Nunca vou. — Não disse nada, mas observei a praça silenciosa e escutei o órgão. Pelo menos não era a *Toccata*. Os funcionários do cangalheiro carregaram o caixão para a igreja. Parecia muito leve e os passos deles eram bruscos e pouco atentos ao empedrado.

— Quem me dera que não estivéssemos tão perto da igreja — disse Joséphine, inquieta. — Não consigo pensar com aquilo a acontecer mesmo ao lado da porta.

— Na China, as pessoas vestem de branco nos enterros — disse-lhe eu. — Oferecem presentes em embalagens vermelhas para dar sorte. Deitam foguetes. Conversam e riem, dançam e choram. No fim, toda a gente salta sobre as brasas da pira funerária, um por um, para abençoar o fumo à medida que ele vai subindo.

Ela olhou-me com curiosidade.

— Também já lá viveu?

Abanei a cabeça.

— Não. Mas conhecemos muitos chineses em Nova Iorque. Para eles, a morte era uma celebração da vida da pessoa morta.

Joséphine olhou-me incrédula.

— Não percebo como é que alguém pode *celebrar* a morte — disse por fim.

— Não se celebra a morte — disse-lhe eu. — É a *vida* que se celebra. Toda. Até o fim. — Tirei a cafeteira de chocolate da chapa quente e enchi dois copos.

Pouco depois, fui à cozinha buscar dois merengues, ainda quentes e cremosos por dentro dos seus invólucros de chocolate e servi-os com chantili espesso e miolo de avelã.

— Não parece muito bem fazer isto neste momento — disse Joséphine; mas reparei que, mesmo assim, os comeu.

\* \* \*

Era quase meio-dia quando o cortejo fúnebre se dispersou, cada qual ofuscado e piscando com a luz do sol. O chocolate e os merengues já estavam prontos, o preto podia ser mantido à distância durante um pouco mais de tempo. Vi Reynaud de novo à porta, depois as velhinhas foram-se embora no seu mini-autocarro — com *Les Mimosas* escrito em amarelo vivo na parte lateral — e a praça regressou ao normal. Narcisse apareceu depois de se despedir das restantes pessoas, suando muito no seu colarinho apertado. Quando lhe apresentei as minhas condolências, encolheu os ombros.

— A bem dizer, nunca a conheci — disse com indiferença. — Tia-avó da minha mulher. Foi para *Le Mortoir* há vinte anos. Já não estava no seu juízo perfeito.

*Le Mortoir*. Notei a careta que Joséphine fez ao nome. Por trás da sua doçura a mimosas, é o que é, afinal de contas. Um sítio para se morrer. Narcisse está apenas a seguir as convenções. A mulher já morreu há muito.

Sirvo-lhe chocolate, preto e semiamargo.

— Quer uma fatia de bolo? — ofereci.

Ele deliberou por momentos.

— É melhor não enquanto estou de luto — declarou obscuramente. — Que bolo é?

— *Bavaroise*, com cobertura de caramelo.

— Talvez uma fatia pequenina.

Joséphine olhava a praça através da janela.

— Aquele homem anda outra vez por ali — notou ela. — Aquele de Les Marauds. Vai entrar na igreja.

Espreitei através da porta. Roux estava de pé junto porta lateral de St. Jérôme. Parecia agitado, apoiando-se desconfortavelmente ora num pé, ora noutro, com os braços envolvendo firmemente o tronco como se tivesse frio.

Havia qualquer coisa que não estava bem. Senti uma certeza súbita e alarmada. Qualquer coisa estava mesmo muito mal. Enquanto eu estava a olhar, Roux virou-se abruptamente na direcção de *LA PRALINE*. Quase correu através da porta e ficou ali, de cabeça baixa, rígido de culpa e tristeza.

— É Armande — disse ele. — Acho que a matei.

Por instantes, todos o fitámos. Fez um gesto desajeitado e indefeso com as mãos, como que para afastar maus pensamentos.

— Eu ia chamar o padre. Ela não tem telefone e eu pensei que talvez ele... — Calou-se. A tensão tornara ainda mais cerrado o seu sotaque, pelo que as palavras soavam exóticas e incompreensíveis, uma língua de guturais estranhas e ululos que poderiam ser árabe ou espanhol ou *vegan* ou uma misteriosa mistura das três.

— Apercebi-me que ela... disse-me para ir ao frigorífico e... havia lá remédio... — Calou-se de novo, em agitação crescente. — Não lhe toquei. Nunca lhe toquei. Eu *não*... — Cuspia as palavras com dificuldade, como dentes partidos. — Eles dizem que eu a ataquei. Que queria roubá-la. Não é verdade. Dei-lhe brande e ela...

Parou. Notei como se esforçava por manter o controlo.

— Está bem — disse-lhe eu calmamente. — Pode contar-me a caminho de lá. A Joséphine pode tomar conta da loja. O Narcisse vai à florista telefonar ao médico.

Obstinadamente: — Eu não volto lá. Já fiz o que podia. Não quero...

Agarrei nele pelo braço e arrastei-o atrás de mim.

— Não há tempo para estas coisas. Preciso de si comigo.

— Vão dizer que foi culpa minha. A polícia...

— A *Armande* precisa de si. *Venha* daí!

A caminho de Les Marauds ouvi o resto da história desconjuntada. Roux, sentindo vergonha pela sua explosão em *LA PRALINE* no dia

anterior, e vendo a porta de Armande aberta, decidiu visitá-la e encontrou-a sentada na sua cadeira de baloiço semi-inconsciente. Conseguiu erguê-la o suficiente para ela dizer umas palavras: *Remédio... frigorífico...* Em cima do frigorífico estava uma garrafa de brande. Ele encheu um copo e obrigou-a a beber algum por entre os lábios.

— Ela caiu. Não consegui fazê-la voltar a si. — Transpirava nervosismo. — Depois lembrei-me de que ela era diabética. Provavelmente matei-a ao tentar ajudá-la.

— Não a matou. — Eu estava sem fôlego com a corrida, com uma pontada de dor do lado esquerdo. — Ela vai ficar bem. Você pediu ajuda a tempo.

— E se ela morrer? Quem é que você acha que vai acreditar em mim?  
— A voz dele era áspera.

— Poupe o fôlego. O médico não há-de tardar.

A porta de casa de Armande ainda está aberta, uma marca de gato a meio do caixilho. Lá dentro, a casa está silenciosa. Um pedaço de caleira solta verte água da chuva proveniente do telhado. Vejo os olhos de Roux fixarem-se em avaliação profissional: *tenho que arranjar aquilo*. Pára à porta, como que à espera de ser convidado a entrar.

Armande está deitada no tapete junto à lareira: o rosto tem a cor baça de um cogumelo, os lábios estão azulados. Pelo menos ele colocou-a na posição de recobro, um braço a alçar a cabeça e o pescoço num ângulo que permite aliviar as vias respiratórias. Está imóvel, mas um tremor de ar junto aos lábios diz-me que ela respira. A sua tapeçaria abandonada está ao lado dela e uma chávena de café derramado forma uma nódoa em forma de vírgula no tapete. A cena é estranhamente nítida, como o silêncio num filme mudo. A pele dela sob os meus dedos está fria e escamada e as íris escuras são claramente visíveis sob as pálpebras tão finas como papel crepe. A saia preta está arregaçada até ligeiramente acima dos joelhos, deixando ver um folho carmesim. Sinto um súbito acesso de pena pelos seus joelhos artítricos nas meias pretas e pela combinação de seda brilhante por baixo da bata castanha.

— Então? — A ansiedade torna Roux ríspido.

— Acho que ela vai ficar bem.

Os olhos dele estão escuros de descrença e desconfiança.

— Ela deve ter alguma insulina no frigorífico — digo-lhe eu. — Devia ser isso que ela queria dizer. Vá buscá-la depressa.

Guarda-a com os ovos. Uma caixa *tupperware* contém seis ampôlas de insulina e algumas agulhas descartáveis. Do outro lado, uma caixa de trufas com *LA CELESTE PRALINE* escrito na tampa. De resto, pouco há que se coma na casa: uma lata aberta de sardinhas, um pedaço de papel com gordura de *rillettes*, alguns tomates. Injecto-a na curva do cotovelo. É uma técnica que conheço bem. Durante as fases finais da doença para a qual a minha mãe procurou tantas terapias alternativas — acupunctura, homeopatia, visualização criativa —, acabámos por nos rendermos à velha morfina, morfina do mercado negro quando não conseguíamos receita; e embora a minha mãe abominasse drogas, ficava satisfeita por ter esta, com o corpo a transpirar e os arranha-céus de Nova Iorque nadando ante os nossos olhos como uma miragem. Não pesa quase nada nos meus braços, com a cabeça pendida. Um traço de *rouge* numa face dá-lhe um ar desesperado, patético. Esfrego-lhe as mãos frias e rígidas entre as minhas, relaxando as articulações, massajando os dedos.

— Armande. Acorde. *Armande*.

Roux observa de pé, inseguro, com uma expressão perplexa, misto de confusão e esperança. Os dedos dela parecem um molho de chaves nas minhas mãos.

— Armande. — Torno a minha voz incisiva, autoritária. — Agora não pode dormir. Tem de acordar.

Aí está. Um levíssimo tremor, uma folha esvoaçando contra outra.

— *Vianne*.

Num segundo, Roux está de joelhos junto a nós. Parece pálido mas os olhos estão muito brilhantes.

— Ah, diga lá isso outra vez, sua velhota teimosa! — O alívio dele era tal que doía. — Eu sei que está aí, Armande, sei que me está a ouvir! — Olhou-me, ávido, quase a rir. — Ela falou, não falou? Não fui eu que imaginei?

Abanei a cabeça.

— Ela é forte — disse eu. — E o Roux encontrou-a a tempo, antes de ela ficar em coma. Temos de dar tempo a que a injeção faça efeito. Continue a falar para ela.

— Está bem. — Começou a falar, um pouco bruscamente, sem fôlego, procurando no rosto dela sinais de consciência. Eu continuei a esfregar-lhe as mãos, sentindo o calor a voltar pouco a pouco a elas.

— Você não engana ninguém, Armande, sua bruxinha velha. Você tem a força de um cavalo. Podia viver para sempre. Além do mais, eu acabei de lhe consertar o telhado. Não pense que tive todo esse trabalho para aquela sua filha herdar tudo, pois não? Sei que me está a ouvir, Armande. De que é que está espera? Quer que lhe peça desculpa? Está bem, eu peço. — Quase gritava agora, enquanto lágrimas lhe rolavam pela face. — Ouviu o que eu disse? Peço desculpa. Sou um filho da mãe ingrato e peço desculpa. Agora acorde

— ... *grande filho da mãe*

Ele parou a meio da frase. Armande deu uma risadinha. Os lábios mexeram-se silenciosamente. Os olhos estavam brilhantes e despertos. Roux segurou-lhe o rosto entre as mãos com delicadeza.

— *Assustei-o, foi?* — A voz dela era de seda.

— Não.

— *Mas assustei-o.* — Com um toque de satisfação e malícia.

Roux limpou os olhos com a mão.

— Ainda me deve dinheiro pelo trabalho — disse ele numa voz trémula.  
— Estava com medo que não se decidisse a pagar-me.

Armande deu nova risadinha. Estava a ganhar forças e, juntos, conseguimos levantá-la e colocá-la numa cadeira. Estava ainda muito pálida, com o rosto semicontraído como uma maçã podre, mas os olhos límpidos e lúcidos. Roux virou-se para mim, com uma expressão indefesa pela primeira vez desde o incêndio. As nossas mãos tocaram-se. Por um instante, tive um vislumbre do seu rosto ao luar, a curva arredondada de um ombro contra a relva, um aroma fantasma a lilás pairando no ar... Senti os meus olhos arregalarem-se de tão estupidamente surpreendidos. Roux também deve ter sentido qualquer coisa porque recuou, envergonhado. Atrás de nós, um riso baixinho de Armande.

— Eu disse ao Narcisse para chamar o médico — disse eu, simulando um tom ligeiro. — Ele deve estar a chegar.

Armande olhou para mim. O saber circulou entre nós e, não pela primeira vez, interroguei-me quão claramente *ela* via as coisas.

— Não quero esse cabeça-de-morte em minha casa — disse ela. — Pode mandá-lo embora mal ele chegue. Não preciso que ele me venha para cá dizer o que é que eu devo fazer.

— Mas está doente — protestei eu. — Se o Roux não tivesse aparecido, podia ter morrido.

Lançou-me um dos seus olhares trocistas.

— Vianne — disse ela pacientemente. — Isso é que os velhos fazem. Morrem. É um facto da vida. Está sempre a acontecer.

— Sim, mas...

— E não vou para *Le Mortoir* — prosseguiu ela. — Pode dizer-lhes isso da minha parte. Não me podem obrigar. Vivo nesta casa há sessenta anos e é aqui que quero estar quando morrer.

— Ninguém a vai obrigar a ir para lado nenhum — disse Roux, ríspido. — Você só foi descuidada com os seus remédios, nada mais. Para a próxima vai ter mais cuidado.

Armande sorriu.

— Não é tão simples como isso — disse ela.

Obstinadamente: — Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— O Guillaume sabe — disse-lhe ela. — Tenho falado muito com ele. Ele entende. — Parecia agora quase normal, embora ainda estivesse muito fraca. — Eu não *quero* tomar esse remédio todos os dias — disse ela calmamente. — Não quero seguir dietas intermináveis. Não quero ser assistida por enfermeiras que me falam como se eu estivesse no jardim infantil. Tenho oitenta anos, e se não posso ser tida nem achada para saber o que quero na minha idade...

Interrompeu-se abruptamente.

— Quem é?

Não tem qualquer problema de audição. Eu também ouvi o som ténue de um carro a subir pelo acesso irregular da entrada. O médico.

— Se for aquele charlatão impostor do médico, diga-lhe que está a perder o seu tempo — atirou Armande. — Diga-lhe que eu estou muito bem. Diga-lhe que procure outro qualquer para diagnosticar. Eu não quero nada com ele.

Olhei lá para fora.

— Ele parece trazer meia Lansquenet atrás dele — comentei com brandura. — O carro, um *Citroën* azul, estava atulhado de gente. Além do médico, um homem pálido de fato cinza-carvão, distingi Caroline Clairmont, a sua amiga Joline e Reynaud apertados uns contra os outros no banco de trás. À frente vinha Georges Clairmont, com ar acanhado e mal disposto, protestando silenciosamente. Ouvi a porta do carro bater e a vozinha esganiçada de Caroline acima do súbito clamor:

— *Eu disse-lhe! Não lhe disse, Georges? Ninguém me pode acusar de negligenciar o meu dever filial, dei tudo por aquela mulher e vejam só como ela está...*

Um rápido restolhar de passos pelo lajedo, depois as vozes explodiram numa cacofonia quando os visitantes indesejados abriram a porta da frente.

— Mamã? *Mamã?* Espera, querida, sou eu! Estou a chegar! Por aqui, Monsieur Cussonet, por aqui para... ah, pois, já conhece os cantos à casa, pois já? Ó meu Deus, quantas vezes já lhe disse... eu *sabia* que uma coisa destas havia de acontecer...

Georges, protestando debilmente: — Achas mesmo que devíamos interferir, minha querida? Quero eu dizer, deixa o senhor doutor tratar do assunto, percebes?

— O que eu me pergunto é o que é que ele estava a fazer em casa dela...

Reynaud, quase inaudível: — ...devia ter vindo ter comigo...

Senti Roux ficar hirtos ainda antes de Reynaud entrar na sala, olhando rapidamente em redor à procura de uma saída. Mas já era demasiado tarde. Primeiro Caroline e Joline com os seus *chignons* imaculados, os seus fatos a condizer e *écharpes Hermes*, seguidas de perto por Clairmont — fato escuro e gravata, pouco habitual para um dia no depósito de madeiras, ou será que ela o fez vestir-se para a ocasião? O médico, o padre, qual cena de melodrama, todos hirtos à porta, de rostos chocados, brandos, culpados, magoados, furiosos... Roux a fitá-los esgazeado, com aquele ar de insolência, uma mão ligada, cabelo molhado sobre os olhos, eu própria à porta, de saia cor de laranja salpicada de lama da minha corrida até Les Maraudeurs, e Armande branca mas composta, baloiçando-se alegremente na sua velha cadeira com os olhos pretos pestanejando maliciosamente e um dedo torcido como o de uma bruxa...

— Com que então os abutres estão aqui. — O tom era afável, perigoso. — Não demoraram muito a chegar aqui, pois não? — Um olhar rápido a Reynaud, postado atrás do grupo. — Pensaram que esta era a vossa grande oportunidade, não foi? — disse com acinte. — Pensaram que davam a vossa bençãozinha rápida enquanto eu não estivesse *compos mentis*? — Deu a sua risadinha vulgar. — Pouca sorte, Francis. Ainda não é desta que estou pronta para a extrema-unção.

Reynaud pareceu aborrecido.

— Assim parece — disse ele. Um olhar rápido na minha direcção. — Foi uma sorte a Mademoiselle Rocher ser tão... competente... a manejar agulhas. — Havia um desprezo implícito nas suas palavras.

Caroline estava rígida, o rosto uma máscara sorridente de desgosto.

— Mamã, *chérie*, está a ver o que acontece quando a deixamos sozinha? A assustar toda a gente desta maneira.

Armande pareceu aborrecida.

— A gastar todo este tempo, a preocupar as pessoas... — *Lariflete* saltou-lhe para o joelho enquanto Caro falava e a velhinha acariciou-o distraidamente. — Percebe agora por que é que lhe dizemos...

— Que eu estava melhor em *Le Mortoir*? — concluiu Armande impavidamente. — Claro, Caro. Não desistes, pois não? Tal qual o teu pai, sem tirar nem pôr. Estúpida mas persistente. Era uma das suas características mais cativantes.

Caro pôs um ar petulante.

— Não é *Le Mortoir*, é *Les Mimosas*, e se olhar à sua volta...

— Comida por um tubo, alguém a levar-nos à casa de banho para o caso de cairmos...

— Não diga disparates.

Armande riu-se.

— Minha filha, na minha idade posso fazer o que me apetecer. Posso dizer disparates se me der na veneta. Já tenho idade suficiente para me permitir *seja o que for*.

— Está a portar-se como uma criança. — A voz de Caro estava amuada. — *Les Mimosas* é uma casa residencial *muito* fina, muito *exclusiva*, poderia conversar com pessoas da sua idade, dar passeios, teria tudo organizado...

— Parece uma maravilha. — Armande continuava a baloiçar-se preguiçosamente na cadeira. Caro virou-se para o médico, até então de pé ao seu lado. Um homem magro e nervoso, constrangido por estar ali, como um homem tímido numa orgia.

— Simon, *diga-lhe*.

— Bem, não sei se me cabe a mim...

— O Simon concorda comigo — interrompeu Caro obstinadamente. — No seu estado e na sua idade, pura e simplesmente não *pode* continuar a morar sozinha aqui. A qualquer altura pode...

— Sim, Madame Voizin. — A voz de Joline era calma e razoável. — Talvez deva *considerar* aquilo que Caro... quero dizer, *claro* que não quer perder a sua independência, mas para o seu próprio *bem*...

Os olhos de Armande são rápidos e brilhantes e fulgurantes. Fitou Joline por momentos em silêncio. Joline ergueu o queixo e depois desviou o olhar, corando.

— Quero-vos fora daqui — disse Armande suavemente. — *Todos vocês*.

— Mas mamã...

— Todos — repetiu Armande peremptoriamente. — Dou aqui ao curandeiro dois minutos em privado. Parece que tenho que lhe recordar o seu juramento de Hipócrates, Monsieur Cussonet, e quando acabar, espero que vocês todos, seus metediços, estejam daqui para fora. — Tentou pôr-se de pé, soerguendo-se com dificuldade. Peguei-lhe no braço para a amparar e ela deu-me um sorriso enviesado e malicioso.

— Obrigada, Vianne — disse com delicadeza. — A si também... — isto era dirigido a Roux, ainda de pé no extremo da sala, com um ar apático e indiferente. — Quero falar consigo depois de falar com o médico. Não se vá embora.

— Quem, eu? — Roux estava pouco vontade. Caro olhou-o com indisfarçável desdém.

— Acho que numa altura destas, mamã, a sua família devia ser...

— Se eu precisar de ti, chamo-te — disse Armande causticamente. — Para já, tenho assuntos a tratar.

Caro olhou para Roux.

— Ah-ah? — A sílaba escorria antipatia. — Assuntos a tratar? — Mirou-o de alto a baixo e senti-o estremecer ligeiramente. Foi o mesmo reflexo que notei anteriormente em Joséphine: uma postura hirta, os

ombros ligeiramente encolhidos, as mãos escondidas nos bolsos como que para expor um alvo menor. Perante um escrutínio ao conhecedor, a menor falha é revelada. Por momentos, ele vê-se como ela o vê: sujo, grosseiro. Perversamente, ele age de acordo com o papel que ela lhe atribui, rosnando.

— Para que raio é que acha que está a olhar assim?

Ela olhou-o espantada e depois desviou o olhar. Armande sorri.

— Até logo — diz-me ela. — E obrigada.

Caro segue-me com evidente mágoa. Dividida entre a curiosidade e a relutância em falar-me, é brusca e condescendente. Explico-lhe os factos de forma pouco elaborada. Reynaud escuta, inexpressivo como uma das suas estátuas. Georges tenta ser diplomático, debitando banalidades por entre sorrisos acanhados.

Ninguém me oferece boleia para casa.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sábado, 15 de Marco*

**H**oje de manhã fui novamente falar com Armande Voizin. Mais uma vez, Fi recusou-se a receber-me. O cão de guarda ruivo dela abriu a porta e resmungou no seu *patois* grosseiro, usando os ombros para me barrar a entrada. Armande está bem, diz ele. Mais algum descanso e estará completamente recuperada. O neto está com ela e os amigos visitam-no todos os dias — isto com um sarcasmo que me faz morder a língua. Não pode ser incomodada. vexante ter de implorar a este homem, *mon père*, mas eu estou ciente do meu dever. Por mais baixo que seja o nível das companhias de que ela se rodeia, por mais insultos que me dirija, o meu dever mantém-se. Confortar, mesmo que o conforto seja recusado, guiar. Mas é impossível falar da alma a este homem — os olhos dele são tão ocos e indiferentes como os de um animal. Tento explicar. Armande está velha, digo-lhe. Velha e teimosa. Resta-nos tão pouco tempo. Será que ele não vê isso? Será que ele vai permitir que ela se mate por negligência e arrogância?

Ele encolhe os ombros.

— Ela está bem — diz-me ele, cheio de antagonismo no rosto. — Ninguém está a negligenciá-la. Agora ela vai ficar bem.

— Não é verdade. — A minha voz é deliberadamente ríspida. — Ela está a brincar roleta russa com os remédios. Recusa-se a ouvir o que o médico lhe diz. A comer *chocolates*, santo Deus! Por acaso já pensou no que isso lhe pode causar, no estado em que ela está? Por que é que...

O rosto dele cerra-se, torna-se hostil e distante. Simplesmente: — Ela não o quer ver.

— Será que você não se preocupa? Não se preocupa que ela esteja a matar-se por gula?

Ele encolhe os ombros. Sinto-lhe a raiva sob a capa fina da indiferença. Impossível apelar à natureza superior desta criatura — ele está

simplesmente de guarda, conforme as instruções recebidas. Muscat contou-me que Armande lhe ofereceu dinheiro. Talvez ele esteja interessado em que ela morra. Conheço a perversidade dela. Deserdar a família a favor deste estranho agradaria a esse lado dela.

— Eu espero — disse-lhe eu. — Todo o dia, se preciso for.

Esperei duas horas lá fora, no jardim. Depois começou a chover. Eu não tinha guarda-chuva e a minha sotaina ficou pesada de tão molhada. Comecei a sentir-me tonto e entorpecido. Passado um bocado, a janela abriu-se e eu senti o cheiro enlouquecedor de café e pão quente vindo da cozinha. Vi o cão de guarda a olhar para mim com aquele ar de desdém malcriado e percebi que bem podia desfalecer no chão que ele não daria um passo para me socorrer. Senti os olhos dele nas minhas costas enquanto subia lentamente a colina de regresso a St. Jérôme. Algures sobre a água, julgo ter ouvido o som de uma gargalhada.

Também falhei com Joséphine Muscat. Embora ela se recuse a ir à igreja, já falei com ela várias vezes, mas em vão. Há nela agora um cerne de um qualquer metal teimoso, uma espécie de desafio, embora ela continue respeitadora e comedida durante as nossas conversas. Nunca se atreve a afastar-se muito de *LA CÉLESTE PRALINE*, e foi à porta da loja que a encontrei hoje. Estava a varrer o passeio junto à porta e tinha o cabelo atado com um lenço amarelo. Ao aproximar-me, ouvi-a a cantar de si para si.

— Bom dia, Madame Muscat. — Saudei-a polidamente. Sei que se ela tiver que ser reconquistada, terá de ser com delicadeza e bom senso. Poderá vir a ter que se arrepender mais tarde, quando o nosso trabalho estiver feito.

Ela dirigiu-me um pequeno sorriso. Parece agora mais confiante, de costas direitas, cabeça levantada, maneirismos que copiou de Vianne Rocher.

— Agora sou Joséphine Bonnet, *père*.

— Não de acordo com a lei, Madame.

— Pff, a lei.

— A lei de *Deus* — disse-lhe eu enfaticamente, fitando-a com reprovação. — Tenho rezado por si, *ma filie*. Tenho rezado pela sua salvação.

Ela riu-se, não sem indelicadeza.

— Então as suas preces têm sido atendidas, *père*. Nunca fui tão feliz.

Parece inconquistável. Nem uma semana de influência daquela mulher e já lhe ouço na voz a voz da outra. O riso delas é insuportável. A troça, tal como a de Armande, um agulhão que me estupidifica e enfurece. Já sinto algo em mim a responder-lhe, *père*, algo fraco a que eu me julgava imune. Olhando a *chocolaterie* do outro lado da praça, com a sua montra colorida, as floreiras de gerânios cor-de-rosa, vermelhos e cor de laranja nas varandas que ladeiam a montra, sinto a dúvida a insinuar-se subrepticamente na minha mente e a minha boca enche-se com a memória do seu perfume, como natas e malvaíско e açúcar queimado e a mistura estonteante de conhaque e grãos de cacau frescos. É o perfume de um cabelo de mulher, no sítio exacto onde a nuca se une à concavidade delicada do crânio, o perfume de alperces maduros no Verão, de *brioche*s quentes e pãozinhos de canela, chá de limão e lírios-do-vale. É um incenso difuso no vento, desfraldando-se lentamente como uma bandeira de protesto, este rasto do demónio, não sulfuroso, como ensinávamos às crianças, mas o mais leve e evocativo dos perfumes, combinando a essência de mil especiarias, fazendo a cabeça girar e o espírito pairar. Dou comigo no adro de St. Jérôme com a cabeça erguida contra o vento, esticando-me para apanhar o rasto daquele perfume. Ele infiltra-se nos meus sonhos e acordo suado e esfomeado. Em sonhos, empanturro-me de chocolates, reboło-me em chocolates, e a sua textura não é quebradiça mas tenra como carne, como milhares de bocas no meu corpo, devorando-me em dentadinhas esvoaçantes. Morrer vítima da sua gula terna parece-me o cúmulo de todas as tentações que eu algum dia conheci e, em tais momentos, quase consigo compreender Armande Voizin, a arriscar a vida a cada dentada de leite.

Disse *quase*.

Sei muito bem qual é o meu dever. Durmo muito pouco agora, já que alarguei a minha penitência a esses momentos fortuitos de abandono. Doem-me as articulações mas dou por bem empregue a distração. O prazer físico é a ranhura por onde o diabo estende as suas raízes. Como uma única refeição por dia e, mesmo essa, é o mais simples e insípida possível. Quando não estou ocupado com os deveres da paróquia, trabalho no cemitério, cavando os canteiros e limpando as ervas daninhas em redor das sepulturas. Tem havido negligência nos últimos dois anos e eu estou

ciente de um sentimento de desconforto quando vejo a confusão que vai num jardim dantes ordenado. Alfazema, manjerição, verga-de-ouro e salva roxa cresceram em pródigo abandono por entre ervas e cardos. Tantos perfumes perturbam-me. Gostaria de ter carreiros ordenados de arbustos e flores, talvez com uma floreira cercando o conjunto. Esta profusão parece-me de certo modo errada, irreverente, uma explosão selvagem de vida, uma planta a sufocar outra num esforço vão de domínio. Foi-nos concedido domínio sobre estas coisas, diz-nos a Bíblia. E contudo, eu não sinto qualquer domínio. Antes sinto uma espécie de impotência, pois enquanto cavo e podo e corto, os exércitos verdes e cerrados simplesmente enchem os espaços atrás de mim, deitando de fora longas línguas verdes e ridicularizando os meus esforços. Narcisse olha-me com um desdém divertido.

— Mais vale ir plantando alguma coisa, *père* — diz ele. — Preencher esses espaços com qualquer coisa que valha a pena. Senão as ervas daninhas atacam.

Tem razão, claro. Encomendei uma centena de plantas do horto dele, plantas dóceis que vou dispor em carreiros. Gosto das begonias brancas, das íris anãs, das dalias amarelo pálido e dos lírios da Páscoa, sem perfume mas tão bonitos nas suas empertigadas espirais de pétalas. Bonitos mas não invasivos, promete Narcisse. A natureza domesticada pelo homem.

Vianne Rocher aparece para ver o meu trabalho. Ignoro-a. Veste uma camisola azul-turquesa e *jeans* e calça umas botas de camurça púrpura. O cabelo parece uma bandeira de pirata ao vento.

— Tem um lindo jardim — comenta ela. Passa uma mão pela faixa de vegetação; cerra o punho e leva-o ao rosto carregado de perfume.

— Tantas ervas aromáticas — diz. — Bálsamo de limão e hortelã água-de-colónia e salva de ananás...

— Não lhes sei os nomes. — A minha voz é abrupta. — Não sou jardineiro. Além do mais, isso são só ervas daninhas.

— Eu gosto de ervas daninhas.

Claro. Senti o meu coração inchar de raiva — ou seria o perfume? Eu estava de pé, cercado até à anca por ervas ondulantes, e senti as minhas vértebras lombares a cederem à pressão.

— Diga-me uma coisa, Mademoiselle.

Ela olhou-me obedientemente, sorrindo.

— Diga-me aonde é que quer chegar ao encorajar os meus paroquianos a desenraizarem as suas vidas, a abandonarem a sua segurança...

Lançou-me um olhar baço.

— Desenraizar? — Olhou incerta para o montes de ervas daninhas no carreiro ao meu lado.

— Refiro-me a Joséphine Muscat.

— Ah. — Torceu uma haste de alfazema. — Ela era infeliz.

Parecia achar que isso explicava tudo.

— E agora, depois de romper com os seus votos matrimoniais, de deixar tudo o que tinha, de desistir da sua vida anterior, acha que vai ser mais feliz?

— Claro.

— Boa filosofia — zombei eu. — Se você é o tipo de pessoa que não acredita no pecado.

Ela riu-se.

— Pois não — disse ela. — Não acredito de maneira nenhuma.

— Então lamento a sua pobre filha — disse eu, cáustico. — Criada sem Deus e sem moral idade.

Ela olhou-me com olhos franzidos e nada divertidos.

— Anouk sabe distinguir o certo do errado — disse ela, e eu soube que finalmente a tinha atingido. Um pontozinho a meu favor. — E quanto a Deus... — Mordeu a frase. — Não me parece que o seu colarinho branco lhe dê o privilégio único de acesso ao Divino — concluiu, mais branda. — Acho que deve haver lugar para nós os dois, não acha?

Não me dignei responder. Aquela tolerância fingida não me engana.

— Se realmente quer fazer o bem — disse-lhe eu com dignidade —, deve convencer Madame Muscat a reconsiderar a sua decisão precipitada. E deve fazer com que Armande Voizin tenha juízo.

— Juízo? — Simulou ignorância mas sabia muito bem o que eu queria dizer.

Repeti muito do que tinha dito ao cão de guarda. Armande era velha, disse-lhe eu. Voluntariosa e teimosa. Mas a geração dela está pouco preparada para entender questões médicas. A importância da dieta e medicação... a recusa obstinada em escutar os factos...

— Mas Armande está bastante feliz onde está. — A voz dela é quase razoável. — Não quer deixar a sua casa e ir para um lar. Quer morrer onde está.

— Mas ela não tem tal direito! — Ouvi a minha voz a estalar como um chicote através da praça. — Não lhe cabe a ela decidir. Pode viver muito tempo, mais uns dez anos talvez...

— Pode. — O tom dela era repreensivo. — Ainda se movimenta, está lúcida, independente...

— *Independente!* — Mal pude esconder o meu desdém. — Quando ficar cega daqui a seis meses? O que que ela vai fazer nessa altura?

Pela primeira vez, ela pareceu confusa.

— Não estou a perceber — disse finalmente. — A vista de Armande está boa, não está? Quero dizer, ela nem sequer usa óculos.

Olhei-a com um olhar cortante. Ela não sabia.

— Não falou com o médico, pois não?

— Por que é que havia de falar? A Armande...

Interrompi-a.

— A Armande tem um problema — disse-lhe eu. — Que ela sistematicamente nega. Está a ver até onde vai a sua teimosia. Recusa-se a admitir, até para si própria, até para a sua família...

— Diga-me. Por favor. — Os olhos dela eram duros como ágatas.

Disse-lhe.

*Domingo, 16 de Março*

**P**rimero Armande fez de conta que não sabia de que é que eu estava a falar. Depois, assumindo um tom autoritário, quis saber quem é que «tinha dado com a língua nos dentes», ao mesmo tempo que dizia que eu era uma metediça e não fazia a mínima ideia do que estava a falar.

— Armande — disse eu mal ela parou para respirar. — Explique-me. Diga-me o que é que quer dizer. Retinopatia diabética...

Ela encolheu os ombros.

— Assim como assim, tanto faz, já que esse médico de meia tigela anda por aí fora a dar com a língua nos dentes. — O tom era petulante. — A tratar-me como se eu já não fosse capaz de tomar as minhas próprias decisões. — Lançou-me um olhar severo. — E a menina não é melhor, Madame — disse ela. — A cacarejar à minha volta, a intrometer-se. Eu não sou uma criança, Vianne.

— Eu sei que não é.

— Pois então. — Pegou na chávena de chá junto ao seu ombro. Reparei no cuidado com que ela a segurou entre os dedos, verificando a sua posição antes de lhe pegar. Não é ela, mas eu, que tenho andado cega. A bengala com fita vermelha, os gestos cautelosos, a tapeçaria inacabada, os olhos escondidos debaixo de uma série de chapéus...

— Não é que possa fazer alguma coisa por mim — prosseguiu Armande num tom mais sereno. — Tanto quanto percebi, é incurável, pelo que diz respeito a mim e a mais ninguém.

Bebericou um gole de chá e fez uma careta.

— Camomila — disse sem entusiasmo. — Dizem que elimina as toxinas. Sabe a mijo de gato. — Pousou de novo a chávena com o mesmo gesto cuidadoso.

— Tenho saudades de ler — disse ela. — Já me custa ler letras impressas mas o Luc às vezes lê para mim. Lembra-se como o pus a ler-

me Rimbaud naquela primeira quarta-feira?

Acenei afirmativamente.

— Dito assim, até parece que foi há anos e anos — disse eu.

— E foi. — A voz dela era leve, quase sem inflexão. — Tive aquilo que nunca pensei vir a ter, Vianne. O meu neto a visitar-me todos os dias. Conversamos como adultos. É um bom rapaz, suficientemente bondoso para ter algumas saudades minhas...

— Ele gosta muito de si, Armande — interrompi eu. — Todos nós gostamos.

Ela gargalhou por entre os dentes.

— Todos talvez não — disse. — De qualquer maneira, pouco importa. Tenho tudo o que sempre quis aqui e agora. A minha casa, os meus amigos, Luc... — Lançou-me um olhar obstinado. — E não vou deixar que me tirem isso — declarou em tom rebelde.

— Não percebo. Ninguém a pode obrigar a...

— Eu não estou a falar de *ninguém* — interrompeu ela abruptamente. — Cussonet pode dizer o que quiser dos seus implantes de retina e dos seus TACs e terapias *laser* e do mais que lhe apetecer — o desprezo dela por tais coisas era evidente —, mas isso não altera a realidade nua e crua. A verdade é que estou a ficar cega e não há ninguém que o possa impedir. — Cruzou os braços num gesto definitivo.

— Eu devia ter ido consultá-lo há mais tempo — disse ela sem amargura. — Agora é irreversível e piora cada dia. Seis meses de visão parcial é o máximo que ele me dá, depois o *Mortoir*, quer queira quer não, até morrer. — Fez uma pausa. — Ainda posso viver mais uns dez anos — disse ela, pensativa, ecoando as palavras que eu dissera a Reynaud.

Abri a boca para replicar, para lhe dizer que podia não ser assim tão mau, depois fechei-a.

— Não fique com esse ar, menina. — Armande deu-me uma das suas cotoveladas zombateiras. — Depois de um repasto de cinco pratos, ia querer café e licor, não? Não ia de repente decidir encerrá-lo com uma malga de gasosa, pois não? Só para ter direito a um outro prato?

— Armande...

— Não me interrompa. — Os olhos dela estavam brilhantes. — O que eu estou a dizer é que é preciso saber onde parar, Vianne. É preciso saber

quando é altura de afastar o prato e pedir os licores. Eu vou fazer oitenta e um daqui a quinze dias...

— Não é assim tanta idade — gemi eu à revelia de mim própria. — Não posso acreditar que desista assim!

Ela olhou para mim.

— E no entanto, foi você, não foi, que disse ao Guillaume para não privar o *Charly* de alguma dignidade.

— Mas você não é um cão! — retorqui eu, agora zangada.

— Não — replicou Armande —, e posso escolher.

Um lugar duro, Nova Iorque, com os seus mistérios berrantes: fria no Inverno e ardendo de calor no Verão. Ao fim de três meses, até o ruído se torna familiar, inaudível, os sons de carros-vozes-táxis fundindo-se num manto único de som que se abate sobre o lugar como chuva. Atravessando a rua do pronto-a-comer segurando nos braços um saco castanho com o nosso almoço, ia ter com ela a meio caminho, chamando a atenção dela por entre uma rua movimentada, um cartaz anunciando cigarros *Marlborough* por trás dela: um homem de pé com montanhas vermelhas ao fundo... Eu vi-o vir. Abri a boca para gritar, para a avisar... Gelei. Um segundo, foi tudo, um único segundo. Terá sido o medo que agrafou a minha língua ao céu da boca? Terá sido simplesmente a lenta reacção do corpo perante a iminência do perigo, o pensamento a chegar ao cérebro, a uma dolorosa eternidade da resposta lenta da carne? Ou terá sido a *esperança*, o tipo de esperança que fica quando todos os sonhos já foram descarnados e sobra apenas a longa agonia do fingimento?

*Claro, mamã, claro que havemos de ir à Florida. Claro que sim.*

O rosto dela, rígido de sorrir, os olhos demasiado brilhantes, tão brilhantes como foguetes no 4 de Julho.

*O que é que eu havia de fazer, o que é que eu havia de fazer sem ti?*

*Está tudo bem, mamã. Havemos de conseguir. Prometo. Confia em mim.*

O Homem de Preto assiste de pé, com um sorriso no rosto, e durante aquele segundo interminável eu sei que há coisas piores, *muito* piores, do que morrer. Depois a paralisia esvai-se e eu grito, mas o grito de aviso vem demasiado tarde. Ela volta o rosto vagamente na minha direcção, um sorriso a formar-se nos seus lábios descorados — *Porquê, o que é,*

*querida?* — e o grito que devia ser o seu nome perde-se no guincho dos travões...

*Florida!* Parece o nome de uma mulher atravessando estridentemente a rua, a jovem a correr por entre o tráfico e deixando cair os sacos na corrida — um molho de legumes, um pacote de leite —, o rosto contorcido. Parece um nome, como se a mulher mais velha a morrer na rua realmente se *chamasse* Florida, e ela morre antes de eu lá chegar, silenciosamente e sem drama, pelo que eu me sinto quase constrangida por fazer tanto alarido, e uma mulher mais forte num fato de treino cor-de-rosa abraça-me com os seus braços carnudos mas o que eu mais sinto é *alívio*, como um abcesso lancetado, e as minhas lágrimas são de alívio, alívio amargo e ardente por finalmente ter chegado ao fim. Chegado ao fim intacta, ou quase.

— Não devia chorar — diz Armande com delicadeza. — Não você que está sempre a dizer que a felicidade é a única coisa que conta?

Surpreendo-me por sentir a minha cara molhada.

— Além do mais, preciso da sua ajuda. — Pragmática como sempre, passa-me o lenço que tem no bolso. Cheira a alfazema. — Vou fazer uma festa para os meus anos — declara. — Ideia do Luc. Não importa a despesa. Quero que seja você a servir.

— O quê? — Fiquei confusa, passando da morte para a festa.

— A minha última ceia — explicou Armande. — Tomo os meus remédios até lá, como menina bem comportada. Até tomo aquele chá nojento. Quero ver o meu octogésimo primeiro aniversário, Vianne, com todos os meus amigos minha volta. Quem sabe, até posso convidar aquela idiota da minha filha. Abrimos o seu festival de chocolate em grande estilo. E depois... — Um encolher de ombros rápido e indiferente. — Nem toda a gente tem esta sorte — observou ela. — A sorte de planejar tudo, de arrumar os cantos casa. E mais uma coisa... — lançou-me um olhar ao intenso como um *laser*. — Nem uma palavra a ninguém — disse ela. — *Ninguém*. Não admito interferências. A escolha é minha, Vianne. A festa é minha. Não quero ninguém a chorar e fazer cenas na minha festa. Entendido?

Acenei que sim.

— Promete? — Como se falasse para uma criança teimosa.

— Prometo.

O seu rosto ficou com aquele ar feliz que sempre adquire quando ela fala em boa comida. Esfregou as mãos.

— Agora a ementa.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Terça-feira, 18 de Março*

Joséphine comentou o meu silêncio enquanto trabalhávamos. Fizemos trezentas caixas de Páscoa desde que começámos, meticulosamente empilhadas na cave e atadas com fitas, mas eu planeio fazer duas vezes mais. Se conseguir vendê-las todas, teremos um bom lucro, talvez o suficiente para nos fixarmos aqui de vez. Se não — não penso nessa possibilidade, ainda que o catavento se parta a rir de mim do alto do seu poleiro. Roux já começou a trabalhar no quarto de Anouk nas águas-furtadas. O festival é um risco mas as nossas vidas sempre foram determinadas por esse tipo de coisas. E fizemos todos os esforços para tornar o festival um sucesso. Enviámos cartazes para Agen e para as vilas vizinhas. A rádio local vai mencioná-lo diariamente durante a semana da Páscoa. Haverá música — alguns dos velhos amigos de Narcisse fizeram uma banda —, flores e jogos. Falei com alguns dos feirantes de quinta-feira e vai haver bancas na praça a venderem bugigangas e lembranças. Uma caçada ao Ovo de Páscoa, liderada por Anouk e pelos amigos, e cartuchos-surpresa para todos os participantes. E, em *LA CELESTE PRALINE*, uma gigante estátua de chocolate de Eostre com uma espiga de milho numa mão e um cesto de ovos na outra, para serem distribuídos entre os participantes. Faltam menos de duas semanas. Fazemos finos bombons de licor, cachos de pétalas-de-rosa, moedas embrulhadas em papel dourado, bombons com creme violeta, ginja de chocolate e rolos de amêndoa em fornadas de cinquenta de cada vez, colocando-os em latas untadas para arrefecerem. Ovos ocos e figuras de animais são cuidadosamente abertos e recheados com essas iguarias. Ninhos de caramelo com ovos de chocolate duros, cada qual encimado por uma galinha de chocolate triunfantemente rechonchuda; coelhos variados cheios de amêndoas cobertas estão dispostos em filas, prontos a serem embrulhados e encaixotados; criaturas de maçã marcham pelas prateleiras fora. Os aromas da essência de

baunilha e conhaque e de maçã caramelizada e chocolate amargo enchem a casa.

E agora também há a festa de Armande para preparar. Começa às nove de sábado, a véspera do festival, e ela festeja o aniversário à meia-noite. Tenho uma lista de tudo o que ela quer encomendar de Agen — *foie gras*, champanhe, trufas e *chanterelles* frescas de Bordéus, *plateaux de fruits de mer* do *traiteur* em Agen. Eu própria sirvo os bolos e os chocolates.

— Parece divertido — diz Joséphine alegremente da cozinha, quando lhe conto da festa. Tenho de me lembrar da promessa a Armande.

— Está convidada — digo-lhe. — Disse ela.

Joséphine cora de prazer ante a ideia.

— simpático — diz ela. — Toda a gente tem sido tão simpática.

É notável como ela está menos amarga, digo a mim mesma, pronta a ver simpatia em todos. Nem mesmo Paul-Marie destruiu este optimismo nela. O comportamento dele, diz ela, é em parte culpa dela. Ele é essencialmente fraco; e ela devia ter-lhe feito frente há muito tempo. Quanto a Caro Clairmont e suas acólitas, limitam-se a um sorriso:

— São umas patetas — diz sabiamente.

Uma alma tão simples. Está agora serena, em paz com o mundo. Eu dou comigo cada vez menos assim, num perverso espírito de contradição. E contudo, invejo-a. Foi preciso tão pouco para a fazer chegar a este estado. Algum aconchego, umas quantas roupas emprestadas e a segurança de um quarto de hóspedes... Tal como uma flor, cresce na direcção da luz, sem pensar ou examinar o processo que a leva a fazê-lo. Quem me dera conseguir fazer o mesmo.

Dou comigo a regressar à conversa de domingo com Reynaud. Aquilo que o move continua a ser para mim tão misterioso como antes. Há agora um ar de desespero nele quando trabalha no seu cemitério, a cavar e sachar furiosamente — trazendo às vezes enormes montículos de arbustos ou flores juntamente com as ervas daninhas —, com o suor a escorrer-lhe pelas costas e marcando um triângulo escuro na sotaina. Não gosta do exercício. Observo-lhe o rosto enquanto trabalha, as feições crispadas do esforço. Parece odiar a terra que cava, odiar as plantas entre as quais trabalha. Tem o ar de um avarento obrigado a atirar notas para a fornalha: fome, repulsa e fascínio relutante. Porém, nunca desiste. Ao observá-lo, sinto um baque de medo familiar, embora não saiba muito bem porquê. É

como uma máquina este homem, o meu inimigo. Olhando-o, sinto-me estranhamente exposta ao seu escrutínio. Preciso de toda a minha coragem para o olhar nos olhos, sorrir, simular indiferença... dentro de mim algo grita e luta freneticamente por se soltar. Não é apenas a questão do festival de chocolate que o enfurece. Sei-o tão bem como se o tivesse descoberto entre os seus pensamentos áridos. É a minha própria existência que o enfurece. Para ele eu sou uma afronta ambulante. Observa-me agora, dissimuladamente a partir do seu jardim inacabado, com os olhos esgueirando-se enviesados na direcção da minha janela, regressando depois ao trabalho com uma satisfação dissimulada. Não falamos desde domingo e ele acha que me bateu um ponto. Armande não voltou a *LA PRALINE* e eu noto nos seus olhos que ele julga ter sido a causa disto. Deixá-lo pensar se isso o faz feliz.

Diz-me Anouk que ele foi ontem à escola. Falou sobre o significado da Páscoa — assunto inocente, embora me arrepie só de pensar na minha filha entregue aos seus cuidados —, leu uma história e prometeu voltar. Perguntei a Anouk se ele tinha falado com ela.

— Ah sim — disse ela com jovialidade. — É simpático. Disse que eu podia ir ver a igreja dele se quisesse. S. Francisco e os animaizinhos.

— E tu queres?

Anouk encolheu os ombros.

— Se calhar — disse ela.

Digo a mim própria — de madrugada, quando tudo parece possível e os meus nervos gemem como os gonzos empenados do catavento — que o meu medo é irracional. O que é que ele nos pode fazer? Como é que ele nos pode magoar, mesmo que seja essa a sua intenção? Ele não sabe nada. Não pode saber nada a nosso respeito. Não tem poder nenhum.

*Claro que tem*, diz a voz da minha mãe em mim. *Ele é o Homem de Preto*. Anouk mexe-se agitadamente no seu sono. Sensível aos meus humores, sabe quando eu estou acordada e esforça-se ela própria por despertar por entre um pântano de sonhos. Respiro fundo até ela reconciliar o sono.

O Homem de Preto é uma ficção, digo-me firmemente. Uma corporização dos nossos medos sob uma máscara de Carnaval. Uma história para noites negras. Sombras num quarto estranho.

Em lugar de uma resposta, volto a ver aquela imagem, nítida como uma fotografia: Reynaud à cabeceira de um velho, à espera, os lábios movendo-se como que em oração, chamas por trás de si como o sol coado por vitrais. Não é uma imagem reconfortante. Há algo predatório na atitude do padre, uma semelhança entre os dois rostos vermelhuscos, as chamas cintilando entre eles como uma ameaça tenebrosa. Tento aplicar os meus estudos de psicologia. uma imagem do Homem de Preto como Morte, um arquétipo que reflecte o meu medo do desconhecido. A ideia não me convence. Aquela parte de mim que ainda pertence a minha mãe fala com mais eloquência.

*Tu és minha filha, Vianne, diz-me ela inexoravelmente. Sabes o que isso significa.*

Significa partir quando o vento mudar, ver futuros ao virar das cartas, viver a vida em permanente fuga...

— Eu não sou nada de especial. — Mal me apercebo de que falei alto.

— Mama? — A voz de Anouk, pesada de sono.

— Chiu — digo-lhe. — Ainda é não manhã. Dorme mais um bocadinho.

— Canta-me uma canção, mama — murmura ela, estendendo a mão para mim no escuro. — Canta-me outra vez a canção do vento.

Canto então, escutando a minha própria voz contra os sons leves do catavento:

*V'là l'bon vent, l'joli vent,  
V'là l'bon vent, ma mie m'appelle,  
V'là l'bon vent, l'joli vent,  
V'là l'bon vent, ma mie m'attend.*

Pouco tempo depois, volto a ouvir a respiração regular de Anouk e sei que ela está a dormir. A sua mão ainda repousa na minha, mole de sono. Quando Roux acabar as obras na casa, ela voltará a ter um quarto para si e ambas voltaremos a dormir mais a vontade. Esta noite parece-se demasiado com aqueles quartos de hotel que nós partilhávamos, eu e a minha mãe, banhadas na humidade da nossa própria respiração, com o bafo a escorrer pelas janelas e o som do tráfico, interminável, lá fora.

*Vla l'bon vent, v'là l'joli vent...*

Desta vez não, prometo silenciosamente a mim própria. Desta vez ficamos. Aconteça o que acontecer. Mas mesmo quando volto a adormecer, dou comigo a repensar a ideia, não com desejo, mas com descrença.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Parece haver menos movimento na loja da Rocher nestes últimos dias. Armande Voizin deixou de aparecer, embora eu a tenha visto umas quantas vezes desde as melhoras dela, a caminhar a passo determinado e só com uma pequena ajuda da bengala. Guillaume Duplessis está amiúde com ela, com aquele novo cãozito escanzelado pela trela, e Luc Clairmont vai todos os dias a Les Marauds. Ao saber que o filho se encontra com Armande em segredo, Caroline Clairmont mostra um sorriso de desgosto.

— Ultimamente não consigo fazer nada dele, *père* — queixa-se ela. — Um rapaz tão *bom*, tão *obediente*, e de um momento para o outro... Leva ao peito as mãos saídas da manicura, num gesto teatral.

— Limitei-me a dizer-lhe — da maneira *mais suave* possível — que talvez ele me devesse ter *dito* que ia visitar a avó... — suspirou ela. — Como se achasse que eu ia *desaprovar*, pobre rapaz. Claro que não, disse-lhe eu. É *ótimo* que te dê assim tão bem com ela. Afinal de contas, vais herdar tudo um dia... E de repente ele desata a berrar comigo e a dizer que não *quer saber* do dinheiro, que a razão por que não queria que eu soubesse era que eu ia estragar tudo, que eu era uma beata metediça — as palavras *dela*, aposto a minha vida... — Esfregou os olhos com as costas da mão, tendo o cuidado de não estragar a maquilhagem impecável.

— O que é que eu fiz, *père*? — suplicou ela. — Fiz *tudo* por aquele rapaz, dei-lhe tudo. E vê-lo a fugir de mim, a atirar-me tudo à cara por causa *daquela mulher*... — A voz dela era dura sob as lágrimas. — Mais aguçado do que dente de serpente — lamentou-se ela agarrando-se ao peito. — Não imagina o que isso significa para uma mãe, *père*.

— Ah, mas a senhora não é a única vítima das boas intenções metediças de Madame Rocher — disse-lhe eu. — Olhe sua volta e veja só as mudanças que ela já provocou em poucas semanas.

Caroline fungou.

— Boas intenções! O senhor é demasiado brando, *père* — escarneceu ela. — Ela é maldosa, é o que ela é. Quase matou a minha mãe, pôs o meu

filho contra mim... — Eu acenei em sinal de encorajamento.

— Para não falar no que fez ao casamento dos Muscats — continuou Caroline. — Admiro-me que o senhor tenha tanta paciência, *Ore*. Admiro-me muito. — Os olhos dela faiscaram de desprezo. — Espanto-me que o senhor não tenha usado a sua influência, *père* — disse ela.

Encolhi os ombros.

— Ora, eu não passo de um pároco de província — disse eu. — Não tenho assim tanta influência. Posso desaprovar mas...

— Pode fazer muito mais do que simplesmente desaprovar — atirou ela, seca. — Antes de mais, nós devíamos ter-lhe dado ouvidos, *père*. Nunca devíamos ter permitido que ela se fixasse aqui.

Encolhi os ombros.

— Qualquer um pode dizer isso agora, olhando para trás — lembrei-lhe eu. — Até a senhora apadrinhou a loja, se bem me lembro.

Ela corou.

— Bem, podíamos ajudá-lo agora — disse ela. — Paul Muscat, Georges, os Arnaulds, os Drous, os Proudhommes... Podíamos unir-nos. Passar a palavra. Trocar-lhe as voltas, mesmo agora.

— Por quê? A mulher não desrespeitou lei nenhuma. Iam chamar-lhe bisbilhotice mal-intencionada e não íamos ficar melhor do que antes. Caroline fez um sorrisinho.

— Podíamos dar cabo do seu querido festival, lá isso podíamos — disse ela.

— Ah sim?

— Claro. — A intensidade das emoções torna-a feia. — O Georges conhece muita gente. um homem rico. O Muscat também tem influência. Conhece gente. persuasivo. O Comité dos Moradores...

Claro que é. Recordo-me do pai dele, no Verão dos ciganos do rio.

— Se ela tiver prejuízo no festival — e, segundo me consta, ela já investiu uma boa quantia nos preparativos —, então poderia sentir-se pressionada a...

— Poderia — respondi discretamente. — Claro que eu não poderia ser visto a participar numa coisa dessas. Poderia parecer... pouco caritativo. Percebi pela expressão dela que compreendera perfeitamente.

— Claro, *mon père*. — A voz dela é gulosa e desdenhosa. Por um instante, sinto prof undo despeito por ela, arfando e bajulando como

cadela com cio, mas afinal é com tais ferramentas desprezíveis, *père*, que muitas vezes vamos fazendo o nosso trabalho.

Afinal de contas, *père*, o senhor deve saber.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sexta-feira, 21 de Março*

**A**s águas-furtadas estão quase prontas, a tinta ainda tem umas manchas húmidas mas a janela nova, redonda e com um caixilho de bronze como a portinhola de um navio, já está acabada. Amanhã Roux vem colocar o soalho e, quando tudo estiver devidamente lixado e envernizado, mudamos a cama de Anouk para o seu quarto novo. Não há porta nenhuma. O alçapão é a única entrada, após uma dúzia de degraus. Anouk anda muito excitada. Passa muito do seu tempo com a cabeça a espreitar pelo alçapão, a ver e dar instruções precisas sobre o que precisa de ser feito. O resto do tempo, passa-o comigo na cozinha, a ver os preparativos para a Páscoa. Jeannot está amiúde com ela. Sentam-se lado a lado junto à porta da cozinha, falando os dois ao mesmo tempo. Tenho que os subornar para se irem embora. Roux parece mais igual a si próprio desde a doença de Armande, assobiando enquanto dá os retoques finais no quarto de Anouk. Fez um excelente trabalho, embora lamente a perda das suas ferramentas. Aquelas que usa agora, alugadas a Clairmont, são de qualidade inferior, diz ele. Logo que possa, vai comprar novas.

— Há um sítio em Agen onde vendem velhas barcaças de rio — conta-me ele hoje, por entre chocolate e *éclairs*. — Podia arranjar um casco velho e consertá-lo durante o Inverno. Podia torná-lo simpático e confortável.

— De quanto é que precisaria?

Encolheu os ombros.

— Talvez uns cinco mil francos para começar, talvez quatro. Depende.

— A Armande de certeza que lhos emprestava.

— Não. — E irredutível nesta matéria. — Ela já fez o suficiente. — Com o indicador, desenhou um círculo em redor da borda da chávena. — Além disso, Narcisse ofereceu-me trabalho — contou ele. — No horto, depois a ajudar nas vindimas, depois vem o tempo das batatas, do feijão,

do pepino, das beringelas... Chega para me manter ocupado até Novembro.

— Que bom. — Uma onda súbita de calor pelo seu entusiasmo, pelo regresso da sua boa disposição. Também está com melhor aspecto, mais relaxado e sem aquele terrível ar de hostilidade e desconfiança que lhe cerrava o rosto como se fosse uma casa assombrada. Passou as Últimas noites em casa de Armande, a pedido dela.

— Para o caso de me dar alguma macacoa — diz ela em tom sério, com um olhar cómico para mim nas costas dele. Fraudulento ou não, agrada-me saber que ele está lá.

O mesmo não se passa com Caro Clairmont: apareceu ontem em *LA PRALINE* com Joline Drou ostensivamente para conversar sobre Anouk. Roux estava sentado ao balcão a beber *mocha*. Joséphine, que ainda parece temer Roux, estava na cozinha a embalar chocolates. Anouk ainda estava a acabar o pequeno-almoço, com a tigela amarela de *chocolat au lait* e meio *croissant* à sua frente em cima do balcão. As duas mulheres dirigiram a Anouk sorrisos adocicados e olharam Roux com um desdém prudente. Roux lançou-lhes um dos seus olhares insolentes.

— Espero não vir numa altura imprópria? — Joline tem uma voz macia e bem treinada, toda ela atenção e simpatia. Sob a superfície, porém, indiferença e nada mais.

— De maneira nenhuma. Só estávamos a tomar o pequeno-almoço. Desejam uma bebida?

— Não, não. Eu nunca tomo pequeno-almoço.

Um olhar esquivo para Anouk que, de cabeça enfiada na tigela do pequeno-almoço, não o notou.

Será que eu podia falar consigo? — perguntou Joline em tom doce. — Em *particular*.

— Bem, podia — disse eu. — Mas certamente que não é preciso. Não pode dizer o que pretende aqui? Tenho a certeza de que o Roux não se importa.

Roux sorriu de esguelha e Joline pareceu irritada.

— Bem, é um pouco *delicado* — disse ela.

— Nesse caso, tem a certeza de que é comigo que quer falar? Parece-me que o Curé Reynaud seria mais apropriado...

— Não, é mesmo consigo que quero falar — disse Joline entredentes.

— Ah sim. — Educadamente: — Sobre quê?

— Tem a ver com a sua filha. — Dirigiu-me um sorrisinho. — Como sabe, sou a professora dela na escola.

— Sei sim. — Servi outra chávena de *mocha* a Roux. — O que se passa? Ela está atrasada? Tem problemas?

Sabia perfeitamente que Anouk não tinha problemas. Lê vorazmente desde os quatro anos e meio. Fala inglês quase tão bem como francês, uma herança dos nossos tempos em Nova Iorque.

— Não, não — garante-me Joline. — É uma criança muito esperta. — Um olhar rápido rodopia na direcção de Anouk, mas a minha filha parece demasiado absorta no seu *croissant*. Disfarçadamente, julgando que eu não estou a ver, tira um ratinho de chocolate do expositor e mete-o dentro do *croissant* para se assemelhar a um *pain au chocolat*.

— O comportamento dela então? — pergunto com excessiva preocupação. — É turbulenta? Desobediente? Mal-educada?

— Não, não. *Claro* que não. Nada disso.

— Então o quê?

Caro olha-me com uma expressão azeda.

— O Curé Reynaud visitou a escola diversas vezes esta semana — informa-me ela. — Para falar às crianças sobre a Páscoa, o significado do festival da igreja, etc.

Acenei encorajadoramente. Joline dirigiu-me um novo sorriso compassivo.

— Bem, Anouk parece ser... — um olhar discreto para Anouk —...bem, não exactamente *turbulenta*, mas fez-lhe perguntas muito estranhas. — O sorriso dela comprimido entre parênteses duplos de desaprovação. — Perguntas *muito* estranhas — repetiu ela.

— Bem — disse eu com ligeireza. — Ela sempre foi curiosa. Certamente que não gostaria de desencorajar o espírito inquisitivo nos seus alunos. E além disso — acrescentei maliciosamente —, não me diga que há algum assunto sobre o qual Monsieur Reynaud não esteja preparado para responder.

Joline protestou, por entre um sorriso afectado.

— Perturba as outras crianças, Madame — disse ela firmemente.

— Ah sim?

— Parece que Anouk andou a dizer-lhes que a Páscoa não é realmente uma festa cristã e que o Nosso Senhor é... — deteve-se, constrangida —...que a ressurreição de Nosso Senhor é uma espécie de *reversão* a um qualquer deus dos cereais. Uma divindade da fertilidade dos tempos pagãos. — Deu um riso forçado mas a voz era fria.

— Sim. — Passei levemente os dedos pelos caracóis de Anouk. — Ela é uma menina que lê muito, não és, Anouk?

— Eu só estava a perguntar sobre Eostre — disse Anouk resoluta. — O Cura Reynaud diz que já ninguém o celebra e eu disse que *nós* celebramos.

Escondi o meu sorriso com a mão.

— Acho que ele não compreende, querida — disse-lhe eu. — Se calhar é melhor não fazeres tantas perguntas se isso o perturba.

— Perturba as *crianças*, Madame — disse Joline.

— Não, não perturba — retorquiu Anouk. — O Jeannot diz que devíamos fazer uma fogueira quando chegar a altura, e arranjar velas vermelhas e brancas e tudo. O Jeannot diz...

Caroline interrompeu-a.

— Parece que o Jeannot anda a dizer muita coisa — observou ela.

— Deve sair mãe — disse eu.

Joline pareceu ofendida.

— A senhora não parece estar a levar isto muito a sério — disse ela, com o sorriso a esmorecer um bocadinho.

Encolhi os ombros.

— Não percebo qual o problema — disse-lhe delicadamente. — A minha filha participa na discussão da aula. É isso que me quer dizer?

— Há assuntos que não deviam estar *abertos* a discussão — atirou Caro e, por momentos, sob a sua doçura-pastel, vi a sua mãe nela própria, imperiosa e autoritária. Gostei mais dela por mostrar um pouco de vitalidade. — Há coisas que só podem ser aceites pela *fé* e se a criança não tem umas *bases* morais sólidas... — Cortou o resto da frase, confusa. — Longe de mim dizer-lhe *a si* como educar a sua filha — concluiu ela numa voz indiferente.

— Bem — disse eu com um sorriso. — Eu não gostaria nada de discutir consigo. — Ambas as mulheres me olharam com uma expressão de

antipatia chocada. — Têm a certeza que não desejam uma bebida de chocolate?

Os olhos de Caro deslizaram pelo expositor, as pralinas, as trufas, *amandines e nougats*, os *éclairs*, florentinos, cerejas de licor, amêndoas cobertas.

— Admira-me que a sua filha não tenha os dentes estragados — disse ela, tens a.

Anouk sorriu, exibindo os dentes insultados. O testemunho deles pareceu aumentar o desprazer de Caro.

— Estamos a perder o nosso tempo aqui — observou Caro friamente a Joline.

Eu não disse nada e Roux abafou o riso. Ouvi o radiozito de Joséphine a tocar na cozinha. Durante uns segundos, o único som audível era a chiadeira fininha do locutor contra os azulejos.

— Vamos *embora* — disse Caro para a amiga. Joline parecia vacilar, hesitante.

— Eu disse *vamos embora!* — Com um gesto de irritação, precipitou-se pela loja fora levando Joline no seu encalço. — Não julgue que eu não sei o que é que está a architectar — cuspiu ela em jeito de despedida. Depois desapareceram ambas, com os seus saltos altos estalando contra o lajedo da praça ao atravessarem-na rumo a St. Jérôme.

\* \* \*

No dia seguinte, encontrámos os primeiros panfletos. Josephine apanhou-os ao varrer o passeio, amarfanhados numa bola e atirados para o chão, e trouxe-os para dentro. Uma única página impressa, fotocopiada em papel cor-de-rosa e dobrada a meio. Não estava assinada mas alguma coisa no estilo sugeria a sua possível autoria.

O título: *A PÁSCOA E REGRESSO À FÉ.*

Passei rapidamente os olhos pela folha. Grande parte do texto era previsível. Alegria e autopurificação, o pecado e as alegrias da absolvição e oração. Mas, a meio da página e em letras mais carregadas do que o resto, havia um subtítulo que me chamou a atenção:

## *Os Novos Revivalistas: Corrupção do Espírito da Páscoa*

*Sempre houve uma Pequena Minoria de pessoas que tentam Usar as nossas Santas Tradições da Páscoa em Proveito Próprio. A indústria dos Cartões. As cadeias de supermercados. Mais Sinistras ainda são as pessoas que Pretendem Reavivar Velhas Tradições envolvendo as nossas Crianças em Práticas Pagãs disfarçadas de Divertimento. Muitos de nós consideramo-las Inofensivas e olhamo-las com Tolerância. De outro modo, por que é que a nossa Comunidade teria permitido que um alegado Festival de Chocolate se realizasse às portas da nossa Igreja na própria manhã do Domingo de Páscoa? Isto Ridiculariza tudo aquilo que a Páscoa significa. Pedimo-vos para Boicotarem este alegado Festival e todos os Eventos Similares, a bem das nossas Crianças Inocentes.*

*IGREJA, não CHOCOLATE, é a VERDADEIRA MENSAGEM DA PÁSCOA!!*

— Igreja, não chocolate. — Ri-me. — Realmente é um bom *slogan*. Não acha?

Joséphine tinha um ar ansioso.

— Não percebo — disse ela. — Não parece nada preocupada.

— Por que é que havia de me preocupar? — Encolhi os ombros. — É só um panfleto. E tenho quase a certeza de quem o fez.

Ela anuiu.

— Caro. — O tom dela era enfático. — Caro e Joline. É tal qual o estilo delas. Toda essa história das crianças inocentes. — Bufou de desdém. — Mas as pessoas dão-lhes ouvidos, Vianne. Pode fazer com que as pessoas pensem duas vezes antes de cá virem, Vianne. Joline é a professora da terra. E Caro é membro do Comité de Moradores.

— Ah sim? — Ignorava que havia um comité de moradores. Fanáticos presumidos com gosto pela bisbilhotice. — E o que é que elas podem fazer? Prender toda a gente?

Joséphine abanou a cabeça.

— Paul também está nesse comité — disse em voz baixa.

— E depois?

— Já sabe o que é que ele pode fazer — disse Joséphine, desesperada. Já reparei que em momentos de tensão regressa aos seus antigos

maneirismos, enterrando os polegares no esterno como se estivesse a praticar a Manobra Heimlich. — Ele é louco, já sabe. Ele é...

Interrompeu-se lastimavelmente, de punhos cerrados. Mais uma vez, tive a impressão de que ela queria dizer-me qualquer coisa, que *sabia* qualquer coisa. Toquei-lhe na mão, tentando chegar delicadamente aos seus pensamentos, mas não vi mais nada do que antes: fumo, cinzento e gordurento, contra um céu púrpura.

*Fumo!* A minha mão apertou a dela. *Fumo!* Agora que eu sabia o que estava a ver, já conseguia esclarecer os pormenores: o seu rosto como uma mancha pálida na escuridão, o seu sorriso cortante, triunfante. Ela olhou-me em silêncio, os olhos escuros de saber.

— Por que é que não me disse? — perguntei eu por fim.

— Não o pode provar — disse Joséphine. — Eu não lhe disse nada.

— Não precisou. É, por isso que tem medo de Roux? Por causa do que o Paul fez?

Ela ergueu o queixo obstinadamente.

— Eu não tenho *medo* dele.

— Mas não lhe fala. Nem sequer consegue estar na mesma sala que ele. Não consegue olhá-lo nos olhos.

Joséphine cruzou os braços com ar de quem não tem mais nada a dizer.

— Joséphine? — Voltei o rosto dela para o meu, obrigando-a a olhar-me. — *Joséphine?*

— Está bem. — A voz dela era ríspida e amuada. — Eu sabia, está bem? Eu sabia o que o Paul ia fazer. Disse-lhe que contava se ele tentasse alguma coisa. Que os avisava. Foi quando ele me bateu. — Dirigiu-me um olhar virulento, a boca semiaberta com lágrimas por chorar. — Portanto, sou uma cobarde — disse ela numa voz alta e disforme. — Agora já sabe o que eu sou, não sou corajosa como você, sou uma mentirosa e uma cobarde e deixei-o fazer aquilo, e alguém podia ter morrido, Roux podia ter morrido, ou Zézette ou o bebé dela e teria sido tudo *culpa minha!* — Respirou fundo. — Não lhe diga — disse ela. — Eu não suportaria.

— *Eu não digo ao Roux* — disse-lhe eu com delicadeza. — *Você é que há-de fazer isso.*

Ela abanou violentamente a cabeça.

— Não vou. Não vou. Não posso.

— Está bem, Joséphine — anuí eu. — Não foi culpa sua. E ninguém morreu *de facto*, pois não?

Obstinadamente: — Não posso. Não consigo.

— O Roux não é como o Paul — disse eu. — É mais parecido consigo do que imagina.

— Eu não sabia o que dizer. — As mãos dela contorciam-se. — Quem me dera que ele se fosse embora — disse ela com ferocidade. — Quem me dera que ele pegasse no dinheiro dele e fosse embora para outro lado qualquer.

— Não é verdade — disse-lhe eu. — Além disso, ele não vai. — Disse-lhe o que ele me tinha contado sobre o seu trabalho com Narcisse e o barco de Agen. — Ele merece saber pelo menos quem foi o responsável — insisti eu. — Assim ele poderá perceber que só Muscat é culpado pelo que aconteceu e que mais ninguém aqui o odeia. Devia compreender isso, Joséphine. Sabe o que é uma pessoa sentir-se como ele se sente.

Joséphine suspirou.

— Hoje não — disse ela. — Eu digo-lhe, mas noutra altura. Está bem?

— Nunca mais vai ser tão fácil como hoje — avisei eu. — Quer que eu vá consigo?

Ela olhou-me, esgazeada.

— Bem, ele merece um intervalo daqui a pouco — expliquei eu. — Podia levar-lhe uma chávena de chocolate.

Uma pausa. O rosto dela estava inexpressivo e pálido. As suas mãos de atiradora tremiam-lhe. Peguei num *rocher noir* de uma pilha ao meu lado e enfiei-lhe um na boca semiaberta antes que ela tivesse tempo de dizer fosse o que fosse.

— Para lhe dar coragem — expliquei, voltando para encher uma chávena grande com chocolate quente. — Vá lá então. Mastigue. — Ouvi-lhe um sonzinho de nada, uma semigargalhada. Dei-lhe a chávena. — Pronta?

— Acho que sim. — Voz pastosa de chocolate. — Vou tentar.

Deixei-os a sós. Reli o folheto que Joséphine tinha encontrado na rua. *Igreja, não Chocolate*. Realmente é bastante divertido. O Homem de Preto descobre por fim o sentido de humor.

Estava morno cá fora apesar do vento. Les Marauds reluziam ao sol. Caminhei devagar em direcção ao Tannes, apreciando o calor do sol nas minhas costas. A Primavera veio quase sem aviso, como se virássemos uma curva rochosa e deparássemos com um vale e os jardins e canteiros subitamente desabrochassem em luxuriantes narcisos, íris, tulipas. Até as casas arruinadas de Les Marauds estão tingidas de cor, mas aqui os jardins bem ordenados deram lugar a uma excentricidade galopante: um amieiro em flor cresce da varanda de uma casa virada para a água, um telhado está atapetado de dentes-de-leão, violetas espreitam de uma fachada a esboroar-se. Plantas outrora cultivadas regressaram ao seu estado selvagem, gerânios de pés curtos vicejando por entre cicuta, papoilas espalharam ao acaso as suas sementes e abastardaram-se, passando do seu vermelho original a cor de laranja e a uma palidíssima cor malva. Uns poucos dias de sol são suficientes para as despertarem do seu sono: após a chuva, esticam-se e estendem as suas cabeças até luz. arrancar uma mão-cheia destas ervas daninhas e logo aparecem salvas e íris, cravinas e alfazema sob diques e ardósias. Passeei tempo suficiente pela beira do rio para que Joséphine e Roux pudessem esclarecer os seus assuntos, depois regressei calmamente a casa pelas ruelas traseiras, subindo a Rue des Frères de la Révolution e a Avenue des Poètes com as suas paredes próximas, escuras e quase sem janelas, quebradas apenas pelos estendais de roupa suspensos de uma varanda a outra, ou por uma única floreira à janela donde pendem grinaldas verdes de convólculos.

Encontrei ambos na loja, com uma cafeteira semivazia de chocolate no balcão à sua frente. Joséphine tinha os olhos avermelhados mas parecia aliviada, quase feliz. Roux ria-se de um comentário qualquer dela, um som estranho e pouco familiar, exótico de tão raro. Por um instante senti quase inveja, pensando: *eles pertencem um ao outro.*

Conversei com Roux mais tarde sobre o assunto, quando ela saiu para ir às compras. Ele tem o cuidado de não trair nada quando fala dela mas há sempre um brilho nos olhos, qual sorriso à espera de acontecer. Ao que parece, ele já suspeitava de Muscat.

— Ela fez bem em ver-se livre do filho da mãe — diz ele com uma virulência casual. — As coisas que ele fazia... — Por um momento, parece

constrangido, volta-se, mexe no boné sobre o balcão por razão nenhuma e volta-se de novo. — Um homem daqueles não merece uma mulher — resmunga ele. — Não sabe a sorte que tem.

— O que é vai fazer? — pergunto-lhe eu.

Ele encolhe os ombros.

— Nada a fazer — diz-me ele prosaicamente. — Ele ia negar. A polícia não está interessada. Aliás, eu prefiro que eles não se metam.

Não desenvolve. Deduzo que há coisas no seu passado que ele não quer que sejam examinadas.

Porém, desde então ele e Joséphine têm conversado mais vezes. Ela leva-lhe chocolate e biscoitos nos intervalos do trabalho e ouço-os rirem-se amiúde. Ela perdeu o seu ar assustado e absorto. Reparei que começou a vestir-se com mais cuidado. Hoje de manhã até anunciou que queria ir ao café buscar algumas coisas.

— Eu vou consigo — sugeri eu.

Joséphine abanou a cabeça.

— Eu dou conta do recado sozinha. — Parecia feliz, quase exultante, com a sua decisão. — Além do mais, o Roux diz que se eu não enfrentar o Paul... — Calou-se, parecendo ligeiramente embaraçada. — Achei que era melhor ir, pronto — disse ela. O rosto estava corado, obstinado. — Tenho livros, roupas... Quero ir buscá-los antes que o Paul resolva deitá-los fora.

Acenei afirmativamente.

— Quando é que tenciona ir?

Sem hesitação: — Domingo. Ele há-de estar na missa. Com um pouco de sorte, conseguirei entrar e sair do café sem sequer o ver. Não demora muito.

Olhei-a.

— Tem a certeza de que não quer companhia?

Ela abanou a cabeça.

— Seja lá por que for, não me parece lá. muito bem.

A expressão empertigada dela fez-me sorrir mas, de qualquer maneira, eu sabia o que ela queria dizer. Era o território dele — *deles* —, marcado indelevelmente com sinais da vida deles. Eu não pertencia ali.

— Vai correr tudo bem. — Sorriu. — Eu sei como lidar com ele, Vianne. Já o fiz antes.

— Espero que não seja preciso chegar a isso.

— Não vai ser. — Absurdamente, ela pegou-me na mão como que para me tranquilizar. — Prometo que não.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Domingo, 23 de Março*  
*Domingo de Ramos*

O sino repica contra as paredes caiadas das casas e lojas. Até as lajes da calçada ressoam: sinto o seu zunido pesado através das solas dos sapatos. Narcisse forneceu os *rameaux*, as cruces de palmas que eu distribuí no fim do serviço e que devem ser mantidas na lapela, na beira da lareira ou à cabeceira durante o resto da Semana Santa; não vejo razão nenhuma para que o senhor também não receba um. As auxiliares olharam-me com um mal disfarçado ar de riso. Só o medo e o respeito devido ao meu hábito as impede de se rirem alto. As suas caras rosadas e infantis iluminam-se de um riso secreto. No corredor, as vozes menineiras sobem e descem em frases tornadas ininteligíveis pela distância e pela acústica hospitalar do lugar:

— *Pensa que ele o consegue ouvir — ah sim — pensa que ele vai acordar — a sério? — não acredito! — fala com ele, querida — já o ouvi uma vez — a rezar — depois as risadas colegiais — hihihihhi! — como berlindes caindo sobre mosaico.*

Claro que não se atrevem a rir-se na minha cara. Podem ser freiras nos seus uniformes brancos e asseados, com o cabelo preso debaixo de toucas engomadas e olhos baixos. Crianças do convento, debitando fórmulas respeitadoras — *oui, mon père, non, mon père* — com o coração a transbordar de um júbilo secreto. A minha congregação também tem o seu espírito ocioso — um olhar atrevido durante o sermão, uma pressa indecorosa rumo à *chocolaterie* depois —, mas hoje tudo está ordeiro. Saúdam-me com respeito, quase temor. Narcisse pede desculpa por os *rameaux* não serem palmas autênticas mas cedro dobrado e entrançado para se parecer o mais possível com a folha tradicional.

— Não é uma árvore autóctone, *père* — explica ele na sua voz áspera.  
— Não se desenvolve bem aqui. A geada queima-a.

Dou-lhe uma palmadinha no ombro num gesto paternal.

— Não se preocupe, *mon fils*. — O regresso deles ao redil adoçou-me o humor, pelo que estou avuncular, indulgente. — Não se preocupe.

Caroline Clairmont segura-me na mão entre as suas luvas.

— Que serviço bonito. — A voz é calorosa. — Que serviço *tão* bonito. — Georges ecoa as palavras dela. Luc está ao lado dela, com ar taciturno. Atrás dele, os Drous, com o filho, como um cordeirinho na sua gola 5. marujo. Não vejo Muscat entre a congregação mas suponho que esteja presente.

Caroline Clairmont dirige-me um sorriso travesso.

— Parece que conseguimos — diz ela com ar satisfeito. — Temos uma petição com mais de cem assinaturas sobre o...

— Festival de chocolate. — Interrompi-a em voz baixa e com desagrado. Este é um lugar demasiado público para discutir tal assunto. Ela não percebe o remoque.

— Claro! — A voz dela está alta e excitada. — Distribuímos duzentos folhetos. Angariámos assinaturas de metade da população de Lansquenet. Fomos a todas as casas — faz uma pausa, corrigindo-se escrupulosamente —, bem, *quase* todas. — Sorri. — Com algumas excepções óbvias.

— Entendo. — Torno a minha voz frígida. — Bem, talvez possamos falar sobre isso noutra altura.

Noto que regista a repreensão. Cora.

— Claro, *père*.

Tem razão, claro. Teve um efeito palpável. A loja de chocolate tem estado quase deserta durante os últimos dias. A desaprovação do Comité dos Moradores não é de pouca monta, afinal de contas, numa comunidade tão fechada, tal como não o é a desaprovação da Igreja. Comprar, cabriolar, *enfartar* mesmo debaixo do olho da desaprovação... Para isso é preciso mais coragem, mais espírito de revolta do que a Rocher lhes merece. Afinal de contas, há quanto tempo é que ela vive aqui? O cordeiro tresmalhado regressa ao redil, *père*. Por instinto. Ela não passa de uma pequena diversão para eles. Mas, ao fim e ao cabo, eles regressam sempre as origens. Não me iludo pensando que o fazem por um grande sentimento de contrição ou espiritualidade — os cordeiros não são grandes pensadores —, mas os seus instintos, inoculados neles desde o berço, são sólidos. Os seus pés trazem-nos de volta mesmo que as suas mentes se

entreguem a devaneios. Sinto hoje um súbito afecto por eles, pelo meu rebanho, o meu povo. Quero sentir as mãos deles nas minhas, tocar-lhes na carne quente e estúpida, deliciar-me com o seu temor e a sua confiança.

Será por isto que eu tenho rezado, *père*? Será esta a lição que eu tinha a aprender? Passo de novo os olhos pela multidão procura de Muscat. Vem sempre igreja ao domingo e hoje, neste domingo especial, não pode faltar... Porém, mesmo quando a igreja se esvazia, não o consigo ver. Não me recordo de ele comungar. E certamente que não se iria embora sem me dar uma palavra. Talvez ainda esteja b. espera em St. Jérôme, digo para comigo. A situação com a mulher perturbou-o bastante. Talvez precise de mais orientação.

O monte de cruces de palma ao meu lado diminui. Salpicadas uma a uma com água benta, o sussurro de uma bênção, um toque da mão. Luc Clairmont foge ao meu toque com um resmungo zangado. A mãe dá-lhe uma ligeira reprimenda e dirige-me um sorriso débil por entre as cabeças curvadas. Ainda nenhum sinal de Muscat. Verifico o interior da igreja: vazia, à excepção de uns poucos velhos ajoelhados junto ao altar. São Francisco está porta, absurdamente alegre para um santo, rodeado de pombas de gesso, a sua cara reluzente lembrando mais a de um louco ou bêbedo do que a de um santo. Sinto uma ponta de irritação relativamente a quem quer que colocou a estátua ali, tão perto da entrada. O meu homónimo, acho, devia ter mais peso, mais dignidade. Em vez disso, este pateta desajeitado e sorridente parece fazer troça de mim, com uma mão estendida num gesto vago de bênção, a outra aconchegando o pássaro de gesso junto sua barriga redonda, como que a sonhar com tarte de pombo. Tento recordar-me se o santo estava na mesma posição quando deixámos Lansquenet, *père*. Lembra-se, ou terá sido mudado, talvez por gente invejosa a querer troçar de mim? São Jerónimo, em honra de quem a praça foi feita, é menos proeminente: na sua alcova escura com o quadro a óleo enegrecido por trás, está na sombra, quase invisível, com o velho mármore em que foi esculpido, tingido de amarelo-nicotina devido ao fumo de milhares de velas. São Francisco, pelo contrário, permanece cor de branco-cogumelo apesar da humidade do gesso, a esboroar-se, com um ar alegre e despreocupado ante a reprovação tácita do colega. Tento lembrar-me de o mandar mudar para um local mais apropriado logo que possível.

Muscat não está na igreja. Verifico no adro, ainda semiacreditando que ele poderá lá estar minha espera, mas nem sinal. Talvez esteja doente, digo para comigo. Só uma doença grave impediria um frequentador tão assíduo da igreja de ir missa no Domingo de Ramos. Troco os meus paramentos limpos pela sotaina de trabalho, deixando os trajes cerimoniais na sacristia. Guardo no cofre o cálice e a baixela dos sacramentos. No seu tempo, *père*, não havia razão para tais precauções mas, nos tempos incertos que vivemos, não se pode confiar. Vagabundos e ciganos — para não falar em alguns dos nossos aldeões — podiam levar mais a sério a promessa de dinheiro fácil do que a condenação eterna.

Encaminho-me para Les Marauds a passo largo. Muscat tem andado pouco comunicativo desde a semana passada e só o vi de fugida, embora ele pareça desanimado e doente, curvado como um penitente taciturno, com os olhos semicerrados sob as dobras papudas das pálpebras. Pouca gente vai agora ao café, talvez temendo o ar esgazeado e irascível de Muscat. Eu fui lá na sexta-feira: o bar estava quase deserto. O chão não tinha sido limpo desde que Joséphine partiu. Beatas de cigarros e papéis de guloseimas escorregavam-nos debaixo dos pés. Copos vazios apinhavam-se em todas as superfícies. Umas poucas de sandes e uma coisa avermelhada e encaracolada que poderia ter sido uma fatia de *pizza* estavam esquecidas sob o balcão de vidro. Ao lado, um monte dos panfletos de Caroline, com um copo de cerveja sujo por cima para os segurar. Sentia-se um cheiro pestilento a vomitado e mofo sob o bolor de *Gauloises*.

Muscat estava bêbedo.

— Ah, é o senhor. — O tom era mal-humorado, quase belicoso. — Vem dizer-me para oferecer a outra face, não é? — Deu uma longa fumadela no cigarro empastado entre os dentes. — Devia estar satisfeito. Há dias que me tenho mantido à distância da filha da mãe.

Abanei a cabeça.

— Não devia estar com rancor.

— Posso estar como muito bem me apetecer no meu bar — disse Muscat no seu modo mastigado e agressivo. — É o meu bar, não é, *père*? Quer dizer, não lhe vai *dar* isso de bandeja, pois não?

Disse-lhe que compreendia como ele devia estar a sentir-se. Deu nova fumadela e tossiu-me na cara uma gargalhada e cerveja rançosa.

— Essa é boa, *père*. — O hálito era quente e malcheiroso, como o de um animal. — Essa é muito boa. *Claro* que compreende, a Igreja tirou-lhe os *tomates* quando fez os votos, ou o raio que o parta. Donde não deve querer que *eu* mantenha os *meus*.

— Você está bêbedo, Muscat — atirei eu.

— Bem visto — rosnou ele. — Não lhe escapa nada, pois não? — Fez um gesto largo com a mão que segurava o cigarro. — Tudo do que ela precisa é de ver isto assim — disse ele asperamente. — É tudo aquilo de que ela precisa para ficar feliz agora. Saber que me arruinou... — estava à beira de lágrimas, com os olhos enchendo-se-lhe da autocomiseração fácil dos bêbedos — ...saber que escancarou o nosso casamento para que todos se rissem... — Fez um som nojento, meio-soluço, meio-arroto. — Saber que me deu cabo da porra do *coração*!

Limpou o nariz ruidosamente à manga do casaco.

— Não pense que eu não sei o que se passa aqui — disse em voz mais baixa. — A puta e as amiguinhas lésbicas. Sei o que elas fazem. — A voz tornava-se outra vez mais alta e, quando olhei à volta constrangido, pude ver os três ou quatro clientes que restavam a olharem-no com curiosidade. Toquei-lhe no braço em jeito de aviso.

— Não desespere, Muscat — pedi-lhe eu, lutando contra a repulsa de me sentir tão perto dele. — Não é assim que a vai ter de volta. Lembre-se de que muitos casais têm os seus momentos de dúvida mas...

— Dúvida, é? É isso que se passa? — Deu um risinho. — Digo-lhe uma coisa, *père*. Dê-me cinco minutos a sós com aquela puta e eu resolvo-lhe *aquele* problema de uma vez por todas. Foda-se se *eu* não a faço vir, pode ter a certeza.

Era perverso e estúpido, as palavras mal se distinguindo por entre o seu esgar de tubarão. Segurei-o pelos ombros e disse-lhe claramente, esperando que pelo menos algum do significado do que eu dizia pudesse penetrar nele:

— *Não* vai — disse-lhe eu na cara, ignorando os clientes esgazeados do bar. — Vai portar-se *decentemente*, Muscat, vai seguir o *procedimento* correcto se quer fazer alguma coisa e vai *manter-se longe* de ambas! Entendido?

As mãos agarravam-no nos ombros. Muscat protestou, ganindo obscenidades.

— Estou a avisá-lo, Muscat — disse-lhe eu. — Já lhe tolerei muita coisa, mas este tipo de comportamento — *de ameaça* — não tolero. Entendeu bem?

Ele resmungou qualquer coisa, se desculpa ou ameaça não percebi. Na altura pensei que seria *peço desculpa*, mas retrospectivamente também podia ser *há-de pedir-me desculpa*. Os olhos brilhavam-lhe perversamente por trás do vidro estilhaçado das suas lágrimas de bêbedo semivertidas.

*Desculpa*. Mas *quem é* que pediria desculpa a quem? E por quê?

Descendo apressadamente a colina em direcção a Les Marauds, voltei a perguntar-me se teria interpretado bem os sinais. Seria ele capaz de violência contra si próprio? Teria eu, na minha ânsia de evitar mais confusões, fechado os olhos verdade, ao facto de o indivíduo poder estar à beira do desespero? Quando cheguei, encontrei o *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE* fechado e com um pequeno círculo de pessoas à porta, aparentemente a olharem para uma das janelas do primeiro andar. Reconheci Caro Clairmont e Joline Drou entre elas. Duplessis também lá estava, uma figura pequena e digna com o seu chapéu de feltro. Acima do som das vozes, julguei ouvir um som mais alto e estridente que se elevava e baixava em cadências variáveis, por vezes transformando-se em palavras, frases, um grito...

— *Père*. — A voz de Caro estava sem fôlego, o rosto corado. A expressão lembrava aquelas beldades eternamente a arfar e de olhos esgazeados de certas revistas lustrosas das prateleiras superiores dos quiosques, e dei comigo a corar ante tal ideia.

— O que é? — Com voz seca. — Muscat?

— Joséphine — disse Caro excitada. — Ele tem-na no quarto lá de cima, *père*, e ela está a *gritar*.

Enquanto ela falava, novo turbilhão de ruído — mesclando gritos, gritos de insultos e o som de projecteis despedaçados — veio da janela e um jacto de estilhaços espalhou-se pela calçada. Uma voz de mulher, capaz de partir vidro de tão alta, guinchou — embora não em terror, pensei eu, mas de pura raiva —, seguida quase logo por uma outra explosão de granadas domésticas. Livros, trapos, discos, *bibelots*... a artilharia moderna dos conflitos domésticos.

Chamei na direcção da janela.

— Muscat? Está a ouvir-me? Muscat!

Uma gaiola de canário vazia voou pelo ar.

— *Muscat!*

Nenhuma resposta de dentro da casa. Os dois adversários parecem inumanos — um duende e uma harpia — e, por instantes, senti-me quase deslocado, como se o mundo se tivesse embrenhado ainda mais nas sombras, alargando a meia-lua de trevas que nos separa da luz. O que se me depararia ao abrir a porta?

Durante um segundo terrível, as antigas memórias vêm e tenho de novo treze anos, abro a porta daquele antigo anexo da igreja a que alguns ainda chamam sacristia, passando do lusco-fusco lúgubre da igreja para uma escuridão maior, os meus passos quase inaudíveis sobre o *parquet* macio e os estranhos baques e gemidos de um monstro invisível nos meus ouvidos. Abro a porta, com o coração a latejar na garganta, os punhos cerrados e os olhos abertos... e vejo no chão minha frente a besta pálida e arquejante, de proporções semifamiliares mas duplicadas bizarramente, dois rostos erguidos para mim em expressões geladas de raiva-horror-temor...

— *Mamã! Père!*

Absurdo, eu sei. Não pode haver relação nenhuma. Porém, vendo a expressão viscosa e febril de Caro Clairmont, pergunto-me se ela também não sentirá a excitação febril da violência, o momento de poder quando o fósforo se acende, o soco bate, a gasolina se incendeia...

Não foi apenas a sua traição, père, que fez o meu sangue gelar e a pele das têmporas retesar-se como tambores. O que eu sabia sobre pecado — os pecados da carne —, era uma espécie de mera abstracção repugnante, como deitar-se com animais. Que nisso pudesse haver *prazer*, era quase incompreensível. Porém, o senhor e a minha mãe — quentes, corados, a *trabalharem* daquele modo mecânico, oleados com e contra o outro como pistões, não completamente nus, não, mas *mais* lascivos ainda devido aos vestígios de roupa — blusa, saia enrodilhada, sotaina subida... Não, não foi tanto a carne que me causou repulsa, pois eu observei a cena com um desinteresse distante e enojado. Foi porque eu me tinha *comprometido a si, père*, apenas duas semanas antes, comprometido a minha alma a si — o frasco de óleo escorregadio na palma da minha mão, o frémito de poder justo, o suspiro de êxtase quando o frasco voa e se incendeia, espalhando no convés do miserável barco-casa uma onda de chamas ricocheteando, flic-flic-flic contra a lona seca, psi-psi-psi contra a lenha miúda e seca,

lambendo com prazer devasso... Suspeitaram de fogo posto, *Ore*, mas nunca do menino bom e bem-comportado do Reynaud, nunca Francis, que cantava no coro da igreja e assistia sentado, tão pálido e bonzinho, aos seus sermões. Nunca do Francis jovem e pálido, que nunca partira um vidro sequer. Talvez Muscat. O velho Muscat e o seu filho estroina poderiam tê-lo feito. Durante uns tempos houve frieza entre eles, especulação hostil. Desta vez, as coisas tinham ido longe de mais. Mas eles negaram firmemente e, afinal de contas, não havia provas. As vítimas não eram dos nossos. Ninguém estabeleceu conexão nenhuma entre o fogo e as mudanças na sorte dos Reynauds, a separação dos pais, a partida do filho para uma escola selecta no Norte... Fi-lo por si, *père*. Por amor a si. O barco a arder na lama seca a iluminar a noite castanha, as pessoas a correrem, a gritarem, a esgravatarem nas margens de terracota do árido Twines, umas tentando desesperadamente tirar os últimos baldes de lama do leito do rio para atirarem sobre o barco a arder, e eu à espera nas moitas, com a boca seca e a barriga a arder de prazer.

Eu não podia saber que havia gente a dormir no barco, dizia para comigo. Tão envoltos nas trevas da sua bebedeira que nem mesmo o fogo os acordou. Sonhei com eles mais tarde, carbonizados um contra o outro, moldados como perfeitos amantes... Durante meses gritei à noite, vendo aqueles braços esticando-se na minha direcção, ouvindo-lhes as vozes — um sopro de cinza — a pronunciarem o meu nome com lábios esbranquiçados.

Mas o senhor absolveu-me, *père*. Só um bêbede e a desmazelada da mulher, disse-me. Destroços inúteis no rio sujo. Vinte Padres-Nossos e outras tantas Avés-Marias pagaram as suas vidas. Ladrões que tinham profanado a nossa igreja, insultado o nosso padre, não mereciam mais do que isso. Eu era um jovem com um futuro brilhante pela frente, com pais dedicados que sofreriam, ficariam terrivelmente infelizes se soubessem... Aliás, disse persuasivamente, *poderia* ter sido um acidente. Nunca se sabia, disse o senhor. Deus talvez tivesse *querido* assim.

Eu acreditei. Ou fingi acreditar. E continuo grato.

Um toque no meu ombro. Estremeço, alarmado. Olhando no fundo da minha memória, fico por momentos atordoado pelo tempo. Armande Voizin está ao meu lado, com os olhos pretos e espertos a fixarem-me. Duplessis está ao lado dela.

— Vai fazer alguma coisa, Francis, ou vai deixar que Muscat cometa assassínio?

A voz dela é áspera e fria. Uma garra agarra-se à bengala, a outra bate à porta fechada como uma bruxa.

— Não é... — A minha voz sai alta e infantil como se não fosse minha. — Não é da minha conta interf...

— Disparate! — Bate-me nos nós dos dedos com a bengala. — Eu vou acabar com isto, Francis. Vem comigo ou vai ficar aí durante o resto do dia a bocejar?

Não espera pela minha resposta e empurra a porta do café.

— Está fechada — digo eu debilmente.

Ela encolhe os ombros. Bate uma única vez com o cabo da bengala e parte um dos vidros da porta envidraçada.

— A chave está na porta — diz ela rispidamente. Chegue-ma, Guillaume.

A porta abre-se ao rodar da chave. Sigo-a pela escada acima. Os sons de gritos e vidros partidos são mais altos aqui, amplificados pela concha oca das escadas. Muscat está junto à porta do quarto principal, o corpo gordo semibarrando o patamar. O quarto está barricado e fechado; vê-se uma fresta entre a porta e o caixilho, projectando uma nesga de luz nas escadas. Quando olho, Muscat atira-se de novo contra a porta fechada; ouve-se um choque de alguma coisa a cair e, grunhindo de satisfação, ele atira-se para dentro do quarto.

Urna mulher grita.

Está encostada à parede no fundo do quarto. Mobília — uma cómoda, um guarda-roupa, cadeiras — tinham sido colocados contra a porta mas Muscat consegue passar por fim. Ela não conseguiu deslocar a cama, um objecto pesado e de ferro, mas o colchão ainda a protege quando ela se baixa com uma pilha de mísseis à mão. Ela defendeu-se durante todo o serviço, digo para comigo, não sem espanto. Reparo em sinais da sua fuga... vidro partido nas escadas, sinais de a porta do quarto ter sido forçada, a mesa do café usada como martelo. No rosto dele também noto, quando se vira para mim, marcas das unhas desesperadas dela, uma meia-lua de sangue na têmpora, o nariz inchado, a camisa rasgada. Há sangue nas escadas, uma gota, uma derrapagem, um rasto. Mãos ensanguentadas na porta.

— Muscat!

A minha voz é alta, trémula.

— *Muscat!*

Ele volta-se para mim sem qualquer expressão. Os olhos são agulhas na farinha.

Armande está ao meu lado, com o cajado estendido como uma espada. Parece o espadachim mais velho do mundo. Chama Joséphine.

— Estás bem, filha?

— Tirem-no daqui! Digam-lhe para se ir *embora!*

Muscat mostra-me as suas mãos ensanguentadas. Parece enraivecido e, ao mesmo tempo, confuso, exausto, como um rapazinho apanhado numa briga com rapazes muito mais velhos.

— Está a ver o que eu digo, *père*? — geme ele. — O que é que eu lhe disse? Está a ver o que eu *digo*? — Armande empurra-me para passar.

— Você não pode ganhar, Muscat. — Ela parece mais nova e mais forte do que eu e tenho de me lembrar que é velha e doente. — Não pode fazer as coisas voltar atrás. Saia daí e deixe-a ir embora.

Muscat cospe-lhe e fica espantado quando Armande também lhe cospe com uma rapidez e pontaria de cobra. Limpa a cara furiosamente.

— Você, sua velha...

Guillaume posta-se à frente dela num gesto absurdamente protector. O seu cão late estridentemente mas ela passa por eles a rir-se.

— Não tente meter-se comigo, Paul-Marie Muscat — atira Armande. — Ainda me lembro de quando você era um fedelho com ranho no nariz, a esconder-se em Les Marauds para fugir daquele bêbedo do seu pai. Não mudou muito, tirando que está maior e mais feio. Agora *desapareça!*

Aturdido, ele recua. Por instantes, parece prestes a apelar a mim.

— *Père*. Diga-lhe. — Dir-se-ia que esfregou os olhos com sal, tal o aspecto deles. — Sabe o que quero dizer. Não sabe?

Finjo que não ouço. Não há nada entre nós, eu e este homem. Nenhum termo de comparação. Sinto-lhe o cheiro, o fedor sujo e rançoso da camisa imunda, o hálito pestilento a cerveja. Pega-me no braço.

— Percebe, *père*? — repete ele em desespero. — Eu ajudei-o com os ciganos. Lembra-se? Ajudei-o.

Ela pode ser quase cega mas vê tudo, a maldita. *Tudo*. Sinto os olhos dela na minha cara.

— Ai sim? — Solta uma gargalhada vulgar. — Estão os dois bem metidos, hã, Cura?

— Não sei de que que você está a falar, homem. — Torno a minha voz áspera. — Está bêbedo que nem um cacho.

— Mas *père*... — procurando palavras, com o rosto púrpura contorcido — ...*père*, o senhor mesmo disse...

Duro: — Não disse nada.

Ele abre a boca como um peixe a aterrar nos socalcos de lama do Tannes no Verão.

— *Nada!*

Armande e Guillaume levam Joséphine embora, um braço velho envolvendo-lhe cada ombro. A mulher lança-me um olhar estranho e brilhante que quase me intimida. Tem a cara manchada de sujidade e as mãos de sangue mas, nesse momento, é bonita e perturbadora. Ele olha-me como se, por um instante, ela pudesse ver tudo. Tento dizer-lhe para não me culpar. Não sou como ele: não sou um *homem*, mas um *padre*, uma espécie diferente... mas a ideia é absurda, quase herética.

Depois Armande leva-a embora e fico a sós com Muscat, as lágrimas dele a mancharem-me o pescoço, os braços quentes abraçando-me. Por um momento, sinto-me desorientado, afogando-me com ele no caldo da memória. Depois afasto-me, tentando primeiro fazê-lo com gentileza mas, por fim, com violência crescente, empurrando a sua barriga flácida com as mãos, os pulsos, os cotovelos... E gritando constantemente mais alto do que as súplicas dele, numa voz que não é minha, numa voz alta e amarga:

— Vá-se embora, seu filho da mãe, estragou tudo, estra...

*Francis, desculpa, eu...*

— *Père.*

— Estragou tudo — *tudo* — vá-se *embora!* — grunhindo com o esforço e libertando-me finalmente das suas garras gordas e quentes, soltando-me com uma alegria súbita e desesperada — enfim livre! —, correndo pelas escadas abaixo, torcendo um tornozelo numa carpete solta, com os gemidos estúpidos dele a perseguirem-me como uma criança indesejada...

Mais tarde houve tempo de falar com Caro e Georges. Não falo com Muscat. Aliás, correm rumores de que ele já se foi embora, emalou tudo o

que pôde no seu carro velho e partiu. O café está fechado e só o vidro partido testemunha o que lá aconteceu hoje de manhã. Fui lá ao cair da noite e fiquei durante um pedaço em frente janela. O céu sobre Les Marauds está fresco e verde sépia com um único filamente leitoso no horizonte. O rio está escuro e silencioso.

Disse a Caro que a Igreja não apoiaria a sua campanha contra o festival de chocolate. *Eu* não a apoiaria. Será que ela não percebe? O Comité não pode ter credibilidade nenhuma depois do que ele fez. Foi demasiado público desta vez, demasiado brutal. Devem ter visto a cara dele, como eu vi, injectada de ódio e loucura. Saber que um homem bate na mulher — saber em segredo — é uma coisa. Assistir a isso em toda a sua fealdade ...Não. Ele nunca há-de recuperar disso. Caro já anda a dizer que ela sempre notou qualquer coisa nele, que ela sempre soube. Demarca-se da história da melhor maneira que sabe — *Nunca uma pobre mulher foi tão enganada!* —, tal como eu faço. Estivemos demasiado perto, digo-lhe eu. Usámo-lo quando deu jeito. Não devemos dar azo a que isso aconteça agora. Para nossa própria protecção, devemos manter-nos afastados. Não lhe conto o *outro* assunto, o da gente do rio, mas esse também me vem mente. Armande desconfia. Poderá falar por maldade. Quanto ao outro assunto, esquecido há tanto tempo mas ainda vivo naquela cabeça velha dela... Não. Estou indefeso. Pior, devem até ver-me a actuar com indulgência no que respeita ao festival. Senão, começam os rumores e quem sabe aonde isso poderá ir ter? Amanhã tenho de pregar sobre a tolerância, mudar a mare que eu próprio lancei e mudar as opiniões deles. Queimo os panfletos que sobraram. Os cartazes, que se destinavam a colocar de Lansquenet a Montauban, também têm de ser destruídos. Partese-me o coração, *gere*, mas que outra coisa posso fazer? O escândalo dava cabo de mim.

É a Semana Santa. Apenas uma semana antes do festival dela. E ela venceu, *père*. Venceu. Só um milagre nos poderá salvar.

Quarta-feira, 26 de Março

Continua a não haver sinais de Muscat. Josephine passou grande parte de segunda-feira em *LA PRALINE*, mas ontem decidiu voltar ao café. Desta vez Roux foi com ela mas tudo o que encontraram foi a confusão lá deixada. Os rumores parecem ser acertados. Roux, que entretanto terminou o quarto de Anouk no sótão, já começou a trabalhar no café. Novas fechaduras na porta, o velho linóleo arrancado e as cortinas enegrecidas tiradas das janelas. Acha ele que com algum trabalho — uma mão de cal nas paredes toscas, uma pintadela nos móveis velhos e gastos, muita água e sabão — se pode transformar o bar num local alegre e acolhedor. Ofereceu-se para fazer o trabalho de graça mas Josephine não admite tal coisa. Claro que Muscat levantou o dinheiro da sua conta conjunta mas ela tem algum dinheirito seu e tem a certeza de que o novo café será um sucesso. O letreiro desbotado onde desde há trinta e cinco anos se lia *CAFÉ DE LA RÉPUBLIQUE* foi finalmente tirado. Em seu lugar, um toldo garrido em vermelho e branco — gémeo do meu — onde se lê *CAFÉ DES MARAUDS*. Narcisse plantou gerânios nas floreiras de ferro forjado, donde pendem ao longo das paredes com os seus botões escarlates abrindo-se ao súbito calor. Armande observa aprovadoramente do seu jardim ao fundo da colina.

— É boa rapariga — diz-me ela no seu modo brusco. — Há-de desenrascar-se agora que se viu livre do bêbedo do marido.

Roux está a morar temporariamente num dos quartos vagos do café e Luc mudou-se para casa de Armande, para grande irritação da mãe.

— Não é um lugar próprio para ti — grita ela estridentemente. Eu estou na praça quando eles saem da igreja, ele no seu fato de domingo, ela com mais um dos seus inumeráveis fatos pastel e com um lenço de seda na cabeça.

A resposta é bem-educada mas inflexível.

— Só até à f-festa — diz ele. — Não há mais ninguém para tomar conta dela. E-ela pode ter outro at-taque.

— Disparate! — O tom dela é de menosprezo. — Eu digo-te o que ela está a tentar fazer. Está a tentar separar-nos. Estás proibido, absolutamente proibido, de ficar com ela esta semana. E quanto àquela festa ridícula...

— Eu não acho que tu me devas proibir, m-mamã.

— E por que não? És meu *filho*, que diabo, não podes pôr-te para aí a dizer que preferes obedecer àquela velha louca em vez de obedeceres a mim! — Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas de raiva. A voz vacila.

— Está bem, mamã. — Continua insensível ao espectáculo mas coloca-lhe um braço à volta dos ombros. — Não vai ser por muito tempo. Só até à festa. P-prometo. Também estás convidada, sabes. Ela ia ficar contente se tu vi-viesses.

— Eu não *quero* ir! — A voz dela é vingativa e chorosa, como a de uma criança cansada.

Ele encolhe os ombros.

— Então não vás. Mas n-não esperes que ela depois ouça o que *tu* queres.

Ela fita-o.

— O que é que queres dizer?

— Quero dizer, eu podia f-falar com ela. Co-convencê-la. — Conhece a mãe que tem, este rapazinho inteligente. Percebe-a melhor do que ela julga. — P-podia dar-lhe a volta — diz ele. — Mas se tu não queres t-tentar...

— Eu não *disse* isso. — Num impulso súbito, abraça-o. — Meu menino inteligente — diz ela, recuperando a pose. — Tu *podias* conseguir isso, não podias? — Pespega-lhe um beijo sonoro na face, que ele aceita pacientemente. — Meu menino *lindo e inteligente* — repete ela afagando-o, e vão-se embora de braço dado, o rapaz já mais alto do que a mãe e olhando-a com o ar atento de um pai tolerante a olhar o filho caprichoso.

Ah sim, ele sabe.

Com Joséphine ocupada com os seus próprios negócios, tenho tido pouca ajuda nos meus preparativos para a Páscoa; felizmente que a maior parte já está feita e só faltam umas poucas dúzias de caixas. À noite faço bolos e trufas, sinos de gengibre e *pains d'épices* decorados. Sinto a falta do toque de Joséphine nos embrulhos e enfeites, mas Anouk ajuda-me

tanto quanto pode, abrindo folhos de celofane e pregando rosas de seda em inumeráveis saquinhos.

Tapei a montra da frente enquanto preparo a decoração de domingo e a fachada da loja tem o mesmo aspecto de quando chegámos, com papel prateado cobrindo o vidro. Anouk enfeitou-o com ovos e animais recortados em papel colorido e, no centro, há um grande cartaz anunciando:

*GRANDE FESTIVAL DO CHOCOLATE*  
*Domingo, Place St. Jérôme*

Agora que as férias começaram, a praça fervilha de crianças esborrachando os narizes contra o vidro a espera de vislumbrarem os preparativos.

Já recebi mais de oitocentos francos de encomendas — algumas de longe, como Montauban e até Agen —, e continuam a chegar, pelo que a loja raramente está vazia. O panfleto da campanha de Caro parece ter sido suspenso. Diz-me Guillaume que Reynaud garantiu a sua congregação que o festival de chocolate tem o seu apoio inequívoco, apesar dos rumores espalhados por bisbilhoteiros maliciosos. Mesmo assim, de vez em quando vejo-o a observar-me da sua janelita com olhos ávidos e odiosos. Sei que ele me quer mal mas, seja como for, retirou o seu veneno. Tento perguntar a Armande, que sabe muito mais do que quer dizer, mas ela limita-se a abanar a cabeça.

— Foi tudo há muito tempo — diz ela, deliberadamente vaga. — A minha memória já não é o que era. — Antes quer saber todos os pormenores da ementa que preparei para a sua festa, saboreando tudo com antecendência.

— Está a abarrotar de sugestões. *Brandade truffle, vol-aux-vents aux trois champignons*, cozinhados em vinho e natas e guarnecidos com *chantrel-les* selvagens, *langoustines* grelhados com salada de agrião, cinco tipos diferentes de bolo de chocolate, todas as suas preferências, gelado de chocolate caseiro... Os olhos brilham-lhe de prazer e malícia.

— Nunca tive festas quando era nova — explica ela. — Nem uma. Fui uma vez a um baile, em Montauban, com um rapaz do litoral. Uui! — Fez

um gesto expressivo e indecente. — Moreno e doce como melaço. Bebemos champanhe, comemos sorvete de morango e dançámos... — Suspirou. — Devia ter-me visto na altura, Vianne. Não ia acreditar. Ele dizia que eu parecia a Greta Garbo, o galã, e ambos fizemos de conta que acreditávamos. — Deu uma risadinha. — Claro que ele não era do tipo casadoiro — disse ela filosoficamente. — Nunca são.

Pouco durmo agora a noite, com bombons a dançarem-me diante dos meus olhos. Anouk dorme no seu quarto novo no sótão e eu sonho acordada, dormito, acordo a sonhar e dormito até as minhas pálpebras arderem de falta de sono e o quarto baloiçar minha volta como um barco no mar. Mais um dia, digo-me. Mais um dia.

Ontem noite tirei todas as minhas cartas da caixa onde jurei que as ia deixar. Eram frias ao toque dos dedos, frias e macias como mármore, as cores espargindo-se pelas palmas das mãos — azul-púrpura-verde-preto —, as imagens familiares entrando e saindo do meu leque de visão como flores comprimidas entre laminas de vidro preto. A Torre. Morte. Os Amantes. Morte. O Seis de Espadas. Morte. O Eremita. Morte. Digo-me que não tem significado nenhum. A minha mãe acreditava, mas de que é que isso lhe valeu? Fugas, fugas. O catavento no topo de St. Jérôme está agora silencioso, arrepiantemente calmo. O vento parou. A calmaria incomoda-me mais do que o guinchar de ferro velho. O ar está morno e doce com os novos aromas do Verão iminente. O Verão chega depressa a Lansquenet, a reboque dos ventos de Março, e cheira a circo, a serrim e a fritos, a lenha acabada de serrar e a excrementos de animal. A minha mãe dentro de mim murmura: *tempo de mudar*. A casa de Armande está iluminada: vejo daqui o pequeno quadrado amarelo da janela, projectando uma luz discreta sobre o Tannes. Penso no que ela estará a fazer. Não falou comigo directamente sobre os seus planos desde aquela única vez. Em vez disso, fala de receitas, da melhor maneira de fazer um pão-de-16 fofo, da proporção de açúcar e álcool para as cerejas em brande. Procurei a doença dela no meu dicionário de medicina. A linguagem técnica é outra forma de fuga, obscura e hipotética como as imagens das cartas. Inconcebível que tais palavras se apliquem a carne real. A vista dela está a desaparecer, ilhas de escuridão flutuam na sua visão, pelo que o que ela vê lhe surge empastelado, sarapintado e, por fim, quase obscuro. Depois, a escuridão.

Compreendo a situação dela. Por que é que ela há-de querer manter por mais tempo uma condição condenada a tal inevitabilidade? A ideia de *desperdício* — a ideia da minha mãe, surgida de anos de poupança e incerteza — aqui descabida, digo para comigo. Melhor o gesto extravagante, o festim, as luzes brilhantes e a súbita escuridão depois. E, contudo, algo em mim geme infantilmente — *injusto!*, quem sabe ainda espera de um milagre. De novo, a ideia da minha mãe. Armande tem outra sabedoria.

Nas últimas semanas — a morfina começava a tomar conta de tudo e os seus olhos estavam perpetuamente vidrados — ela perdia o contacto com a realidade durante horas, pairando entre fantasias como uma borboleta sobre as flores. Umas eram doces, sonhos de flutuar, de luzes, de encontros fora do corpo com estrelas de cinema falecidas e seres de planos etéreos. Outras eram injectadas de paranóia. O Homem de Preto nunca andava longe destas, escondido nas esquinas, sentado à janela de um pronto-a-comer, atrás do balcão da loja das miudezas. Às vezes era um taxista, e o táxi era um carro fúnebre preto como os que se vêem em Londres, um boné de beisebol enterrado sobre os olhos. No boné, tinha escrita a palavra *DODGERS*, a equipa auto-intitulada «trapaceira», e era por isso que andava à procura dela, de nós, de todos aqueles que o tinham trapaceado no passado, mas não para sempre, dizia ela, abanando sabiamente a cabeça, nunca para sempre. Durante um desses ataques sinistros pegou numa carteira de plástico amarela e mostrou-ma. Estava cheia de jornais, a maioria datados do fim dos anos sessenta, início dos setenta. Grande parte deles eram em francês, mas alguns eram em italiano, alemão, grego. Todos tratavam de raptos, desaparecimentos, ataques a crianças.

— É tão fácil — disse-me ela, com os olhos abertos e vagos. — Lugares grandes. Tão fácil perder uma criança. Tão fácil *perder* uma criança como tu. — Piscou os olhos remelosos. Eu afaguei-lhe a mão para a tranquilizar.

— Está tudo bem, mamã — disse eu. — Tu sempre tiveste cuidado. Olhaste por mim. Eu nunca me perdi.

Piscou outra vez os olhos.

— Ah, tu estiveste *perdida* — disse ela com um esgar. — *Per-di-da*. — Fitou o espaço com um olhar fixo durante um bocado, com um sorriso-careta e a mão como um ramo de galhos secos na minha. — *Per-diii-daa*

— repetiu ela desolada e começou a chorar. Consolei-a o melhor que pude, voltando a pôr os recortes no arquivo. Ao fazê-lo, apercebi-me de que havia vários que tratavam do mesmo caso, o desaparecimento de Sylviane Caillou, de dezoito meses, em Paris. A mãe deixou-a presa na cadeirinha dentro do carro enquanto foi à farmácia e, ao voltar, a bebê tinha desaparecido. Desaparecidos estavam também o saco da muda e os brinquedos da bebê, um elefante vermelho de peluche e um urso castanho.

A minha mãe viu-me a olhar para o artigo e sorriu de novo.

— Acho que tu tinhas dois anos na altura — disse ela numa voz dissimulada. — Ou quase dois. E ela era muito mais loura do que tu. Não podias ser tu, pois não? E de resto, eu era muito melhor mãe do que ela.

— Claro que não — disse eu. — Tu eras uma boa mãe, uma ótima mãe. Não te preocupes. Não farias nada que me pusesse em risco.

A mãe só se baloiçou e sorriu.

— Descuidada — trauteou ela. — Simplesmente descuidada. Não merecia uma menina tão bonita, pois não?

Abanei a cabeça, sentindo de repente frio. Infantilmente:

— Eu não era má, pois não, Vianne?

Estremeci. As páginas pareciam escamosas sob os meus dedos.

— Não — garanti eu. — Não eras má.

— Eu cuidei bem de ti, não cuidei? Nunca te abandonei. Nem mesmo quando aquele padre disse... disse o que disse. Nunca.

— Não, mamã. Nunca.

O frio era agora paralisante, tornando difícil pensar. Tudo aquilo em que eu conseguia pensar era no *nome*, tão parecido com o meu, nas *datas*... E não me lembrava eu do ursinho, do elefante, o peluche gasto até à lona vermelha, carregado incansavelmente de Paris para Roma, de Roma para Viena?...

Claro que poderia ter sido mais uma das suas fantasias. Houve outras, como a cobra debaixo dos lençóis e a mulher nos espelhos. Poderia ter sido um faz-de-conta. Tanta coisa na vida da minha mãe não foi mais do que isso. Aliás... passado tanto tempo, que importância tinha?

Às três levantei-me. A cama ainda estava quente e desarranjada; o sono a milhões de quilómetros de distância. Acendi uma vela e levei-a para o quarto vazio de Josephine. As cartas estavam de volta ao seu antigo lugar na caixa da minha mãe, saltando avidamente ao meu toque. *Os Amantes*. A

*Torre. O Eremita. Morte.* Sentada de pernas cruzadas no chão nu, baralheiras com mais do que simples indolência. A Torre com as suas pessoas a caírem, as paredes a desmoronarem-se, isso eu podia compreender. É o meu constante medo de mudança, o medo da estrada, da perda. O Eremita com o seu capuz e lanterna parece-se muito com Reynaud, o rosto pálido e dissimulado semien coberto pelas sombras. A Morte conheço eu muito bem, e fiz figas para a carta — *vá de retro!* — com o velho gesto mecânico. Mas os Amantes? Pensei em Roux e Josephine, tão parecidos sem o saberem, e não pude deixar de sentir uma pontinha de inveja. E contudo, lá no fundo, senti a convicção súbita de que a carta não revelara ainda todos os seus segredos. Um perfume de lilás espalhou-se pelo quarto. Talvez um dos frascos da mãe não esteja bem fechado. Senti calor apesar da friagem da noite, com dedos de calor estendendo-se até ao fundo do estômago. *Roux? Roux?*

Virei a carta depressa, com os dedos a tremer.

Mais um dia. O que quer que seja, pode esperar mais um dia. Baralhei de novo as cartas mas eu não tenho o toque destro da minha mãe e elas escorregaram-me das mãos e caíram no soalho. O Eremita virado para cima. Olhava-me mais do que nunca como Reynaud à luz trémula da vela. A sua cara parecia sorrir perversamente nas sombras. *Hei-de arranjar uma maneira*, prometia ele astutamente. *Pensa que ganhou, mas eu hei-de arranjar uma maneira.* Sentia a sua malevolência nas pontas dos dedos.

A mãe ter-lhe-ia chamado um sinal.

Subitamente, num impulso que eu só entendi parcialmente, peguei no Eremita e segurei-o contra a chama da vela. Por um instante a chama brincou com a carta rígida, depois a sua superfície começou a borbulhar. O rosto pálido sorriu num esgar e enegreceu.

— Eu mostro-lhe — sussurrei eu. — Experimente interferir e eu...

Um pingo de chama refulgiu alarmantemente e eu deixei cair a carta na banca. A chama extinguiu-se, salpicando o soalho de faúlhas e cinza.

Rejubelei.

*Quem é que dita as mudanças agora, mãe?*

E contudo, hoje á. noite não consigo deixar de sentir que, de uma certa maneira, fui manipulada, levada a revelar aquilo que mais valia deixar em paz. Não fiz nada, digo-me. Não quis fazer mal nenhum.

Nem mesmo hoje à noite consigo deixar de pensar nisso. Sinto-me leve, insubstancial como a penugem de uma flor-de-cera.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sexta-feira, 28 de Março*  
*Sexta-Feira Santa*

**E**u devia estar com o meu rebanho, *père*. Sei-o. A igreja está espessa de incenso, fúnebre de púrpura e negro, sem uma única pega de prata ou ramo de flores. Eu devia lá estar. Hoje é o meu grande dia, *père*, a solenidade, a piedade, o órgão a tocar como um sino gigante submerso — os próprios sinos silenciosos, claro, de luto por Cristo crucificado. Eu próprio de negro e púrpura, a minha voz qual nota do órgão a entoar as palavras. Eles observam-me com olhos abertos e escuros. Até os renegados aqui estão hoje, vestidos de preto e penteados. A sua *necessidade*, a sua *expectativa*, enche o vazio em mim. Por um breve instante, sinto de facto amor, amor pelos seus pecados, pela sua redenção final, pelas suas preocupações miudinhas, a sua insignificância. Sei que compreende, pois também foi o seu pastor. Num certo sentido muito real, o senhor morreu por eles tal como Nosso Senhor. Para os proteger dos seus pecados e dos deles. Eles nunca souberam, pois não, *père*? Nunca souberam por mim. Mas quando eu o encontrei com a minha mãe na sacristia... Uma apoplexia grave, disse o médico. O choque deve ter sido demasiado grande. O senhor recuou. Recolheu-se sobre si mesmo, embora eu saiba que me ouve, saiba que me vê melhor do que alguma vez viu. E sei que um dia regressará ao nosso convívio. Tenho jejuado e orado, *père*. Tenho-me humilhado. E contudo, sinto-me imerecedor. Há ainda algo que não fiz.

Após o serviço, uma criança — Mathilde Arnaud — veio ter comigo. Colocando a sua mão na minha, sussurrou sorrindo:

— Eles também vão trazer chocolates para si, Monsieur le Curé?

— Quem é que vai trazer chocolates? — perguntei eu, perplexo.

Impaciente: — Ah, os *sinos*, claro! — Riu-se. — Os sinos voadores!

— Ah, os sinos. Claro.

Fui apanhado de surpresa e, por um momento, fiquei sem saber o que responder. Ela puxou-me a sotaina, insistindo:

— Sabe, os *sinos*. Voam para Roma para verem o Papa e no regresso trazem *chocolates*...

Tornou-se uma obsessão. Um refrão de uma só palavra, um coro sussurrado-gritado em cada pensamento. Não consigo evitar que a voz se me eleve em raiva, apertando-lhe a cara gulosa, assustada e aterrorizada:

— *Por que é que ninguém aqui consegue pensar em mais nada a não ser chocolates?* — e a criança correu a chorar pela praça fora, enquanto a lojeca com a sua montra embrulhada em papel se ria de mim triunfante e eu chamava a miúda tarde de mais.

Hoje á noite haverá a cerimónia do enterro da hóstia no sepulcro, a representação dos últimos momentos de Nosso Senhor pelas crianças da paróquia, e depois, ao cair da noite, acendem-se as velas. Este costuma ser um dos momentos do ano mais intensos para mim, o momento em que eles me pertencem, os *meus* filhos, vestidos de preto e graves. Mas este ano, será que eles estarão a pensar na Paixão, na solenidade da Eucaristia, ou estarão as suas bocas a salivar por antecipação? As histórias dela — sinos voadores e festins — são convincentes e sedutoras. Eu tento infundir no sermão as nossas próprias seduções mas as glórias obscuras da Igreja não se comparam com a magia de tapetes voadores.

Visitei Armande Voizin esta tarde. É o aniversário dela e a casa está numa agitação. Claro, eu sabia que ia haver uma espécie de festa mas nunca esperei nada assim. A Caro falou-me nisso uma ou duas vezes — está relutante em ir mas espera que seja uma oportunidade para fazer as pazes com a mãe de uma vez por todas —, embora eu desconfie que ela não imagina a escala do evento. Vianne Rocher está na cozinha e passou todo o dia a preparar comida. Joséphine Muscat ofereceu a cozinha do café como área de cozinha suplementar, já que a casa de Armande é demasiado pequena para suportar tão opíparos preparativos e, quando cheguei, um batalhão inteiro de ajudantes traziam pratos, tachos e terrinas do café de Armande para casa. Um aroma rico a vinho saía pela janela e, contra a minha própria vontade, senti a boca a salivar. Narcisse estava a trabalhar no jardim, plantando flores numa espécie de pérgula construída entre a casa e o portão. O efeito era impressionante: clematite, campainhas, lilases e seringueiras pareciam pender da estrutura de

madeira, formando uma cobertura de cor na parte superior e filtrando suavemente o sol. Armande não estava à vista.

Dei meia volta, incomodado com este exibicionismo excessivo. Típico dela ter escolhido a Sexta-feira Santa para tal celebração. A sumptuosidade de tudo isto — flores, comida, grades de champanhe entregues à porta e embaladas em gelo para se manterem frescas — raia a blasfêmia, é um grito de troça na cara de Deus sacrificado. Tenho de lhe falar nisso amanhã. Estava para me vir embora quando vislumbrei Guillaume Duplessis de pé ao lado do muro, afagando um dos gatos de Armande. Levantou o chapéu com boa educação.

— A ajudar, é isso? — perguntei.

Guillaume acenou que sim.

— Disse que dava uma mão — admitiu ele. — Ainda há muito que fazer até logo à noite.

— Espanto-me que você se envolva numa coisa destas — disse-lhe eu a direito. — Especialmente hoje! Francamente, acho que Armande foi demasiado longe desta vez. A *despesa*, para não falar do desrespeito para com a Igreja...

Guillaume encolheu os ombros.

— Ela tem o direito de festejar — disse ele com brandura.

— É mais capaz de se enfartar até morrer — provoqueei eu.

— Acho que ela já tem idade para fazer o que quiser — disse Guillaume.

Olhei-o com ar reprovador. Ele mudou desde que começou a associar-se com a Rocher. O ar de humildade lutuosa desapareceu-lhe do rosto e agora, em lugar disso, há nele algo de voluntarioso, quase desafiador.

— Não gosto do modo como a família de Armande tenta mandar na vida dela — prosseguiu ele obstinadamente.

Eu encolhi os ombros.

— Espanto-me que você, logo você, possa tomar partido desta maneira — disse-lhe eu.

— A vida está cheia de surpresas — disse Guillaume.

Quem me dera.

*Sexta feira, 28 de Março*  
*Sexta-feira Santa*

A certa altura, ainda no princípio, esqueci-me do propósito da festa e comecei a divertir-me. Enquanto Anouk brincava em Les Marauds, eu orquestrei os preparativos para o maior e mais opíparo repasto que algum dia cozinhei, e perdi-me em pormenores suculentos. Tinha três cozinhas: os meus próprios fornos grandes em *LA PRALINE*, onde cozi os bolos, a do *CAFÉ DES MARAUDS* ao cimo da rua para o marisco, e a cozinha minúscula de Ar-mande para a sopa, legumes, molhos e guarnições. Josephine ofereceu-se para emprestar a Armande a louça e talheres extra de que ela pudesse precisar, mas Armande abanou a cabeça, sorrindo.

— Já está tudo tratado — respondeu ela. E estava: quinta-feira de manhã cedo chegou uma carrinha com o nome de uma grande firma de Limoges e descarregou duas caixas de cristais e pratas e outra de porcelana fina, tudo embalado em papel às tirinhas. O homem das entregas sorriu ao ver Armande assinar o recibo.

— Uma das netas que se casa, hã? — perguntou ele jovialmente.

Armande deu uma gargalhada alegre.

— Quem sabe — respondeu ela. — Quem sabe?

Passou sexta-feira muito bem disposta, presumivelmente a orientar as coisas, embora de facto mais a atrapalhá-las. Qual criança traquinas, enfiava os dedos nos molhos, espreitava debaixo das tampas de terrinas e tachos até que finalmente eu pedi a Guillaume para a levar ao cabeleireiro a Agen, quanto mais não fosse para a manter afastada durante umas poucas horas. Quando voltou, vinha transformada: um belo corte de cabelo sob um atrevido chapéu novo, luvas novas, sapatos novos. Sapatos, luvas e chapéu eram do mesmo tom cereja, a cor preferida de Armande.

— Comecei de baixo para cima — informou-me ela com satisfação enquanto se sentava na sua cadeira de baloiço a observar os preparativos.

— Lá, para o fim da semana talvez já tenha a coragem de comprar um vestido todo cor de cereja. Imagine-me a entrar na igreja com ele. Uuuu!

— Descanse um bocado — disse-lhe eu severamente. — Tem uma festa hoje a noite. Não a quero a adormecer a meio da sobremesa.

— Não vou adormecer — disse ela, mas aceitou dormir durante uma hora ao sol poente enquanto eu punha a mesa e os outros iam a casa mudar-se para a noite. A mesa de jantar é grande, absurdamente grande para a salinha minúscula de Armande, e com algum jeito chegará para todos. Uma peça pesada de carvalho escuro, foram precisos quatro homens para a trazerem do caramanchão recém-construído de Narcisse onde estava guardada debaixo de uma abóbada de folhagem e flores. A toalha é adamascada, com uma fina guarnição de renda, e cheira a alfazema em que esteve guardada desde o casamento — uma prenda, nunca usada, da sua avó. Os pratos de Limoges são brancos com um friso fino de flores amarelas a toda a volta; os copos — três tipos diferentes — são de cristal, quais ninhos de sol salpicando a toalha branca de manchas arco-íris. Um centro de flores primaveris de Narcisse e guardanapos dobrados ao lado de cada prato. Sobre cada guardanapo estão os cartões com o nome de cada convidado inscrito:

*Armande Voizin, Vianne Rocher, Anouk Rocher, Caroline Clairmont, Georges Clairmont, Luc Clairmont, Guillaume Duplessis, Joséphine Bonnet, Julien Narcisse, Michel Roux, Blanche Dumand, Cerisette Plancon.*

Por momentos, não reconheci os dois últimos nomes, depois lembrei-me de Blanche e Zézette, ainda atracadas a montante do rio, a espera. Dei-me conta de que até agora nunca soubera o nome de Roux, presumira até que seria talvez uma alcunha devido ao cabelo ruivo.

Os convidados começaram a chegar as oito. Saí da minha cozinha as sete para trocar rapidamente de roupa e, quando voltei, o barco já estava ancorado abaixo da casa e as pessoas do rio estavam a chegar. Blanche com o seu *dirndl* vermelho e saia de renda, Zézette com um antigo vestido de noite preto com os braços tatuados com hena e um rubi na sobrancelha,

Roux de *jeans* lavados e *T-shirt* branca, todos eles trazendo presentes embrulhados em pedaços de papel colorido, papel de parede ou tecido. Depois chegou Narcisse no seu fato de domingo, depois Guillaume, com uma flor amarela na lapela, depois os Clairmonts, resolutamente bem dispostos, Caro olhando as pessoas do rio com ar desconfiado mas, ainda assim, pronta a divertir-se se fosse esse o sacrifício exigido... Por entre os *apéritifs*, amendoins salgados e bolachinhas, assistimos à abertura dos presentes recebidos por Armande: de Anouk, um desenho de um gato num envelope vermelho; de Blanche, um pote de mel; de Zézette, saquinhos de alfazema bordados com a letra B — «Não tive tempo de bordar um com a sua inicial» — explicou ela despreocupadamente — «mas prometo que para o ano»; de Roux, uma folha de carvalho esculpida, delicada como uma coisa real, com um cacho de bolotas agarrado ao caule; de Narcisse, um grande cesto de fruta e flores. Presentes mais sumptuosos dos Clairmonts: um lenço de Caro — não *Hermes*, reparo, mas seda, não obstante — e uma jarra de prata; de Luc, algo brilhante e vermelho num embrulho de papel enrugado que ele esconde da mãe o melhor que pode por baixo de uma pilha de papéis de embrulhos já desfeitos... Armande sorri e diz-me com os lábios Uuui! por trás da mão em concha. Joséphine traz um pequeno fio dourado e sorri como quem pede desculpa.

— Não é novo — diz.

Armande põe-no logo ao pescoço e abraça Joséphine rudemente e, com uma mão descuidada, serve *St. Raphaël*. Ouço a conversa da cozinha: preparar tanta comida é um trabalho complicado e muita da minha atenção é-lhe dedicada mas apanho alguma coisa do que se vai passando. Caro está amável, disposta a ficar agradada; Joséphine silenciosa; Roux e Narcisse descobriram um interesse comum por árvores de fruta exóticas. Zézette canta parte de uma canção popular com a sua voz aflautada, segurando o seu bebé debaixo do braço. Reparo que até o bebé foi cerimoniosamente pintado com hena, pelo que parece um rechonchudo melãozinho *gris nantais* com a sua pele dourada sarapintada e olhos cinza-esverdeados.

Dirigem-se para a mesa. Armande, bem disposta, faz grande parte da despesa da conversa. Ouço a voz baixa e agradável de Luc a falar de um livro qualquer que leu. A voz de Caro abespinha-se um pouco — desconfio que Armande voltou a servir-se de outro copo de *St. Raphaël*.

— Mamã, sabes que não devias... — ouço-a dizer, mas Armande limita-se a rir.

— É a minha festa — declara ela alegremente. — Não quero ninguém triste na minha festa. E muito menos eu.

Por enquanto, o assunto fica por aí. Ouço Zézette a namoriscar com Georges. Roux e Narcisse discutem ameixas.

— *Belle du Languedoc* — declara o último gravemente. — É a melhor quanto a mim. Pequena e doce, aveludada como asa de borboleta...

Mas Roux é inflexível. — *Mirabelle* — diz ele firmemente. — A única ameixa branca que vale a pena cultivar. *Mirabelle*.

Regresso ao meu fogão por momentos e não ouço mais nada.

É coisa que aprendi por mim própria, por obsessão. Ninguém me ensinou a cozinhar. A minha mãe cozinhava conjuros e filtros amorosos, eu sublimava tudo numa alquimia mais doce. Nunca nos parecemos muito, eu e ela. Ela sonhava com flutuações, encontros astrais e essências secretas: eu estudava atentamente receitas e ementas surripiadas de restaurantes onde nunca nos podíamos dar ao luxo de comer. Ela escarnecia gentilmente das minhas preocupações carnavais

— Ainda bem que não temos dinheiro — dizia-me ela. — Senão ficavas gorda como um texugo. — Pobre mãe. Quando o cancro já tinha comido grande parte dela, continuava suficientemente vaidosa para se regozijar com a perda de peso. E, enquanto ela consultava as suas cartas e murmurava de si para si, eu folheava a minha colecção de cartões de culinária, recitando os nomes de pratos nunca saboreados como mantras, como as fórmulas secretas da vida eterna. *Boeuf en Daube. Champignons farcis la grèque. Escalopes la Reine. Crème Caramel. Schokoladentorte. Tiramisu*. Na cozinha secreta da minha imaginação, fazia-as todas, experimentava-as, provava-as, aumentava a minha colecção de receitas onde quer que fosse, colando-as no meu álbum como fotografias de velhos amigos. Tornavam importantes as minhas deambulações, com os recortes brilhantes a reluzirem por entre páginas besuntadas, quais sinais ao longo do nosso trajecto errático.

Pego neles agora como amigos de velhos tempos. *Soupe de tomates la gasconne*, servida com manjerição fresco e uma fatia de *tartelette méridonale*, feita *empire brisée* fina como bolacha e enriquecida com os aromas de azeite, anchovas e os saborosos tomates locais, guarnecida com

azeitonas e levemente tostada de forma a produzir uma concentração de sabores que parece quase impossível. Sirvo o *Chablis* 85 em cálices altos. Anouk bebe limonada do seu com um ar de sofisticação exagerada. Narcisse mostra-se interessado nos ingredientes da tartelete, elogia as virtudes do extravagante tomate *Rousette* comparado com a uniformidade sensaborona do *Moneyspinner* europeu. Roux acende os fogareiros em ambas as extremidades da mesa e salpica-os com erva-cidreira para afastar os insectos. Eu dou com Caro a observar Armande com ar reprovador. Como pouco. Imersa nos aromas da culinária durante quase todo o dia, sinto-me tonta noite, particularmente alerta e sensível, pelo que quando a mão de Joséphine zorra na minha perna durante o jantar, eu assusto-me e quase dou um grito. O *Chablis* está fresco e ácido, e bebo mais do que devia. As cores começam a parecer mais brilhantes e os sons adquirem a aspereza de vidro partido. Ouço Armande elogiar a comida. Trago uma salada de ervas aromáticas para refrescar o hálito, depois *foie gras* em torradas quentes. Reparei que Guillaume trouxe o seu cão e lhe dá as sobras subrepticamente por baixo da toalha engomada. Passamos da situação política para os separatistas bascos, para a moda feminina, passando pela melhor maneira de criar *juliana-dos-jardins* e a superioridade da alface espontânea relativamente à cultivada. O *Chablis* desliza suavemente. Depois os *vols-aux-vent*, leves como brisa estival, depois o sorvete de baga de sabugueiro seguido de *plateau de fruits de mer* com lagostins grelhados, camarões pequenos e grandes, ostras, berniques, caranguejos e os grandes *torteaux* que podem arrancar um dedo com a mesma facilidade com que eu arranco um ramo de rosmaninho, litorinas, *palourdes* e, a coroar tudo, uma lagosta preta gigante, majestática e guarnecida de algas. Distribuímos os alicates para as patas dos caranguejos, garfos de marisco, rodela de limão e maionese. Impossível não se concentrar em tal prato: exige atenção, informalidade. Os copos e talheres cintilam à luz das lanternas suspensas das traves acima das nossas cabeças. A noite cheira a flores e ao rio. Os dedos de Armande movimentam-se ligeiros como os de tricoteiras; o prato de cascas à sua frente cresce quase sem esforço. Trago mais *Chablis*; os olhos tornam-se brilhantes, as faces rosadas com o esforço de extrair a carne fugidia do marisco. Este é um manjar que precisa de ser trabalhado, que exige tempo. Joséphine começa a relaxar um pouco, até a falar com Caro, enquanto luta

com uma pata de caranguejo. A mão de Caro escorrega e um jacto de água salgada atinge-lhe o olho. Joséphine ri-se. Após um momento, Caro associa-se. Também dou comigo a falar. O vinho está pálido e decepcionante, a intoxicação escondida na suavidade. Caro está ligeiramente embriagada, o rosto corado, o cabelo a cair-lhe em madeixas. Georges belisca-me a perna por baixo da mesa e dá-me uma piscadela atrevida. Blanche fala de viagens: temos lugares em comum, eu e ela. Nice, Viena, Turim. O bebé de Zézette começa a choramingar; ela molha o dedo em *Chablis* e dá-lho para ele chupar. Armande discute Musset com Luc, que quanto mais bebe, menos gagueja. Tiro finalmente o *plateau* desfeito, agora reduzido a cascalho cor de pérola numa dúzia de pratos. Taças de água com limão e salada de hortelã-pimenta para os dedos e hálito. Retiro os copos e substituo-os por *coupes à champagne*. Caro parece de novo alarmada. Quando volto a ir à cozinha, ouço-a mais uma vez a falar com Armande numa voz baixa e premente.

Armande manda-a calar-se.

— Fala-me nisso depois. Hoje quero *celebrar*.

Saúda o champanhe com um grito de satisfação.

A sobremesa é *fondue* de chocolate. Fazê-lo num dia claro — o tempo nublado embacia o brilho do chocolate derretido — com setenta por cento de chocolate preto, manteiga, um pouco de óleo de amêndoa, natas espessas adicionadas mesmo no fim e levar tudo a lume brando. Colocar nacos de bolo ou fruta num espeto e molhá-los na mistura de chocolate. Estão aqui hoje as preferências de todos, embora só o *gateau savoie* se destine a ser passado por chocolate. Caro diz que não consegue comer absolutamente mais nada mas serve-se de duas fatias de *roulade bicolore* de chocolate branco e preto. Armande prova de tudo, agora corada e cada vez mais expansiva. Joséphine explica a Blanche por que é que deixou o marido. Georges lança-me um sorriso devasso por trás dos seus dedos manchados de chocolate. Luc implica com Anouk que está quase a dormir na sua cadeira. O cão mordisca divertido a perna da mesa. Zézette, muito naturalmente, começa a amamentar o seu bebé. Caro parece estar prestes a fazer um comentário qualquer mas encolhe os ombros e cala-se. Abro outra garrafa de champanhe.

— Tem a certeza de que está bem? — pergunta Luc a Armande. — Quer dizer, não se sente doente nem nada? Tomou os seus remédios?

Armande ri-se.

— Preocupas-te de mais para um rapaz da tua idade — diz-lhe ela. — Devias era estar a fazer o bom e o bonito, a dar preocupações à tua mãe. Não a ensinar o Padre-Nosso ao vigário. — Continua bem disposta mas parece agora um pouco cansada. Há quase quatro horas que estamos mesa. É meia-noite menos dez.

— Eu sei — diz ele pensativo. — Mas não estou com p-pressa de herdar já. — Ela afaga-lhe a mão e serve-lhe mais um copo. A mão dela não é muito firme e derrama um pouco de vinho na toalha.

— Não faz mal — diz jovialmente. — Ainda há muito.

Terminamos o jantar com o meu gelado de chocolate, trufas e café em chaveninhas pequenas, com um digestivo *Calvados*, bebido da chávena quente como uma explosão de flores. Anouk pede o seu *canard*, um cubo de açúcar humedecido com umas gotas de licor e depois quer outro para Pantoufle. As chávenas são escoadas, os pratos limpos. O lume dos fogareiros está agora mais brando. Observo Armande, ainda a falar e a rir, mas menos animada do que antes, com os olhos semicerrados e segurando a mão de Luc por debaixo da mesa.

— Que horas são? — pergunta ela um pouco depois.

— Quase uma — responde Guillaume.

Ela suspira.

— Horas de me deitar — declara. — Já não sou tão nova como era, sabem?

Procura pôr-se de pé, pegando numa braçada de presentes debaixo da sua cadeira. Vejo Guillaume a observá-la atentamente. Ele sabe. Ela sorri-lhe, um sorriso especialmente doce e maroto.

— Não julguem que vou fazer um discurso — diz ela com um ar brusco e cómico. — Não suporto discursos. Só queria agradecer-vos a todos, *todos* vocês, e dizer que passei um bom bocado. Não me lembro de melhor. Acho que nunca *houve* um melhor. As pessoas acham sempre que o divertimento acaba com a velhice. Pois bem, não acaba. — Palmas de Roux, Georges e Zézette. Armande acena sabiamente. — Mas não me apareçam demasiado cedo amanhã — avisa com uma pequena careta. — Acho que não bebia tanto desde os meus vinte anos e preciso de dormir. — Dá-me um olhar rápido, quase de aviso. — Preciso de dormir — repete vagamente, começando a afastar-se da mesa.

Caro levanta-se para a amparar mas ela acena-lhe num gesto peremptório.

— Não te metas, menina — diz. — Que mania a tua. Sempre a meter-se. — Olha-me com o seu ar vivo. — A Vianne pode ajudar-me — declara. — O resto pode esperar até amanhã.

Levo-a para o seu quarto enquanto os convidados se afastam lentamente, ainda a rir e a conversar. Caro está agarrada ao braço de Georges; Luc apoia-a do outro lado. O cabelo está agora completamente desalinhado, dando-lhe um ar mais jovem e suavizando-lhe as feições. Ao abrir a porta do quarto de Armande, ouvi-a dizer:

— ...praticamente *prometeu* que ia para *Les Mimosas*... Ai, que peso fora dos meus ombros... — Armande também ouviu e deu uma gargalhada sonolenta.

— Não deve ser fácil ter uma mãe delinquente — disse ela. — Ponha-me na cama, Vianne. Antes que eu caia. — Ajudei-a a despir-se. Havia uma camisa de noite de linho pousada ao lado da almofada. Dobrei-lhe a roupa enquanto ela a enfiava pela cabeça.

— Presentes — disse Armande. — Ponha-os aqui, onde eu os possa ver. — Um gesto vago na direcção do toucador. Mmm. Está bem.

Cumpri as instruções numa espécie de aturdimento. Talvez também tenha bebido mais do que tencionava, pois sentia-me bastante calma. Sabia pelo número de ampolas de insulina no frigorífico que ela deixara de as tomar há uns dias. Queria perguntar-lhe se tinha a certeza, se realmente sabia o que estava a fazer. Em vez disso, deixei cair o presente de Luc — uma combinação de seda de um vermelho exuberante e ostensivo — nas costas da cadeira para ela ver. Ela deu nova gargalhada e estendeu a mão para tocar o tecido.

— Agora pode ir, Vianne. — A voz era gentil mas firme. — Foi muito bonito.

Hesitei. Por um instante tive um reflexo de ambas no espelho do toucador. Com o seu novo corte de cabelo, ela parecia o velho da minha visão mas as mãos eram uma mancha carmesim e sorria. Tinha fechado os olhos.

— Deixe a luz acesa, Vianne. — Mandava-me inequivocamente embora. — Boa noite.

Beijei-a levemente na face. Cheirava a alfazema e chocolate. Fui para a cozinha acabar de arrumar.

Roux tinha ficado para me ajudar. Os outros convidados tinham partido. Anouk estava a dormir no sofá, com um dedo metido na boca. Lavámos a louça em silêncio e eu coloquei os pratos e copos novos de Armande nos armários. Por uma ou duas vezes, Roux tentou meter conversa mas eu não conseguia falar com ele; só os sons diminutos da porcelana e do vidro pontuavam o nosso silêncio.

— Está bem? — perguntou ele por fim. A sua mão era suave no meu ombro. O seu cabelo era um cravo. Disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Estava a pensar na minha mãe. — Curiosamente, dei-me conta que era verdade. — Ela teria adorado isto. Adorava... fogo de artifício.

Ele olhou para mim. Os seus estranhos olhos da cor do céu tinham escurecido até se tornarem quase púrpura à luz amarela da cozinha. Desejei poder falar-lhe de Armande.

— Eu não sabia que se chamava Michel — disse eu por fim.

— Os nomes não importam.

— Está a perder o sotaque — espantei-me eu. — Tinha um sotaque marseilhês tão forte, mas agora... — Ele sorriu, num dos seus sorrisos doces e raros.

— Os sotaques também não importam.

As mãos dele envolveram-me o rosto. Macias, para um trabalhador manual, pálidas e suaves como as de uma mulher. Perguntei-me se alguma coisa do que ele me contara seria verdade. De momento, parecia não importar. Beijei-o. Cheirava a tinta e sabonete e chocolate. Saboreei o chocolate na sua boca e pensei em Armande. Sempre pensei que ele amava Joséphine. Mesmo ao beijá-lo, sabia que ele a amava, mas esta era a única magia que ambos tínhamos para combater a noite. A mais simples das magias, o relâmpago que trazemos pela encosta da montanha em Beltane, este ano um pouco mais cedo. Pequenos confortos desafiando a escuridão. As suas mãos procuraram os meus seios debaixo da minha camisola.

Hesitei um segundo. Já houve demasiados homens pelo caminho, homens como este, homens bons de quem eu gostava mas não amava. Se eu tivesse razão, e ele e Josephine pertencessem um ao outro, o que é que

isto acarretaria para eles? Para mim? A sua boca era leve, o toque simples. Senti uma fragrância de lilás, vinda das flores de lá de fora, trazida pela brisa quente dos fogareiros.

— Lá fora — disse-lhe eu suavemente. — No jardim.

Ele olhou para Anouk, ainda adormecida no sofá, e concordou. Juntos encaminhámo-nos lá para fora sob o céu púrpura e estrelado.

O jardim estava quente do brilho dos fogareiros. As seringueiras e os lilases da pérgula de Narcisse cobriam-nos como um manto perfumado. Deitámo-nos na relva como crianças. Não fizemos promessas, não dissemos palavras de amor, embora ele fosse delicado, quase desapaixonado, deslizando com uma lenta doçura pelo meu corpo, lambendo-me a pele com a língua excitada. Sobre a sua cabeça o céu era negro-púrpura como os seus olhos e via-se a constelação da Via Láctea como uma estrada pelo mundo fora. Eu sabia que esta seria a única vez entre nós e senti apenas uma ténue melancolia. Uma crescente sensação de *presença*, de completude, inundou-me, sobrepondo-se à minha solidão, até à minha tristeza por Armande. Mais tarde haveria tempo para o luto. Para já, espanto apenas: eu nua deitada na relva, o homem silencioso ao meu lado, a imensidão sobre nós e a imensidão dentro de nós. Ficámos deitados durante muito tempo, eu e Roux, até o nosso suor esfriar e pequenos insectos nos percorrerem os corpos e cheirarmos a alfazema e tomilho do canteiro aos nossos pés quando, ao darmos as mãos, observámos a rotação insuportavelmente lenta do céu.

Por entre a respiração, ouvi Roux cantar uma canção:

*V'là l'bon vent, v'là l'joli vent,  
V'là l'bon vent, ma mie m'appelle...*

O vento soprava agora dentro de mim, arrastando-me com o seu implacável imperativo. Mesmo no centro, um pequenino espaço ainda, milagrosamente sereno, e a sensação quase familiar de algo *novo*... Também isto é uma espécie de magia, que a minha mãe nunca compreendeu, e, contudo, estou mais certa desta... desta coisa nova, milagrosa, quente dentro de mim... do que de qualquer outra coisa que tenha feito antes. Compreendo por fim por que razão me saíram Os Amantes naquela noite. Guardando ciosamente este saber, fechei os olhos

e tentei sonhar com ela, tal como fiz naqueles meses antes de Anouk nascer, uma pequenina estranha com faces rosadas e olhos pretos vivos.

Quando acordei, Roux fora-se embora e o vento voltara a mudar.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Sábado, 29 de Março*  
*Sábado de Aleluia*

Ajude-me, *père*. Não terei rezado o suficiente? Sofrido o suficiente pelos nossos pecados? A minha penitência tem sido exemplar. A minha cabeça está em água por falta de comida e sono. Não é este um tempo de Redenção, em que todos os pecados são perdoados? A prata está de volta ao altar, as velas reluzem por antecipação. Flores, pela primeira vez desde a Quaresma, adornam a capela. Até o louco do São Francisco está coroadado de lírios e o seu aroma lembra carne limpa. Há tanto tempo que esperamos, eu e o senhor. Seis anos desde a sua primeira apoplexia. Já então o senhor não falava comigo, embora falasse com outros. Depois, no ano passado, a segunda apoplexia. Dizem-me que está inatingível, mas eu sei que isso é um fingimento, um jogo de espera. Acordará a seu tempo.

Encontraram Armande Voizin esta manhã. Hirta e imóvel sorrindo na sua cama, *père*; mais uma que nos escapou. Ministrei-lhe a Extrema-Unção, embora ela não me tivesse agradecido mesmo que me ouvisse. Talvez seja eu o único que ainda encontra algum conforto nessas coisas.

Ela *tencionava* morrer ontem à noite e preparou tudo até ao mínimo pormenor, comida, bebida, companhia. A família à volta dela, iludida por promessas de mudança. Aquela condenável arrogância!. Há-de pagar, promete Caro, vinte missas, trinta missas. Rezar por ela. Rezar por nós. Sinto que ainda estou a tremer de raiva. Não consigo responder-lhe com moderação. O funeral é na terça-feira. Imagino-a agora, exposta na capela mortuária, peónias junto à cabeça e com aquele sorriso ainda colado aos seus lábios brancos e a ideia enche-me, não de piedade ou mesmo satisfação, mas de uma fúria terrível e impotente.

Claro que sabemos quem está por trás disto. Aquela Rocher. Ah, Caro contou-me tudo. ela a influência, *père*, a parasita que invadiu o nosso jardim. Eu devia ter dado ouvidos aos meus instintos. Devia tê-la

desenterrado daqui no momento em que lhe pus a vista em cima. Ela, que me barrava o caminho a cada passo, rindo-se de mim atrás da sua janela protegida, lançando tentáculos corruptos em todas as direcções. Fui um tolo, *père*. Armande Voizin foi morta por tolice minha. O mal vive entre nós. O mal tem um sorriso triunfante e cores garridas. Quando eu era pequeno, costumava ouvir aterrorizado a história da casa de gengibre, da bruxa que aliciava as criancinhas lá para dentro e as comia. Olho para a loja dela, toda embrulhada em papéis brilhantes como um presente a espera de ser desembulhado, e pergunto-me quantas mais pessoas, quantas mais almas, ela já terá tentado para além da redenção. Armande Voizin. Joséphine Muscat. Paul-Marie Muscat. Julien Narcisse. Luc Clairmont. Tem de voltar à linha. A miúda dela também. Seja lá de que maneira for. demasiado tarde para delicadezas, *père*. A minha alma já está comprometida. Quem me dera ter outra vez doze anos. Tento recordar a selvajaria dos doze anos, a inventividade do rapaz que eu um dia fui. O rapaz que atirou a garrafa e o resto para trás das costas. Mas esses tempos já passaram. Tenho de ser esperto. Não posso desacreditar o meu ministério. E contudo, se falho...

O que que o Muscat faria? Oh, ele é brutal, desprezível sua maneira. E no entanto viu o perigo antes de mim. O que que ele faria? Tenho de ter Muscat como modelo, Muscat, o porco, brutal, mas *manhoso como um porco*.

O que que ele faria?

O festival de chocolate é amanhã. Disso depende o sucesso ou fracasso dela. Demasiado tarde para a corrente de opinião pública contra ela. Tenho de parecer imaculado. Atrás da montra secreta, milhares de chocolates aguardam ser vendidos. Ovos, animais, ninhos de Páscoa embrulhados em fitas, caixas de oferta, coelhos bebé em folhos coloridos de celofane... Amanhã uma centena de crianças vai acordar ao som de sinos pascais e o seu primeiro pensamento não vai ser *Ele ressuscitou!* mas *Chocolates! Chocolates da Páscoa!* Mas, e se não houvesse chocolates?

A ideia é paralisante. Por um instante, uma alegria quente inunda-me. O porco esperto em mim ri-se e empertiga-se. Podia entrar em casa dela, diz-me. A porta das traseiras está velha e meia-podre. Podia levantar a aldraba e entrar. Entrar na loja com uma moca. O chocolate é estaladiço, facilmente danificável. Cinco minutos no meio das suas caixas de oferta

resolviam o assunto. Ela dorme no andar de cima. Podia não ouvir. Além do mais, eu seria rápido. Também podia usar uma máscara, pelo que se ela me visse... Toda a gente desconfiaria do Muscat, um ataque de vingança. O homem não está cá para o negar e, aliás...

*Père*, mexeu-se? Tive a certeza por instantes de que a sua mão estremeceu, os primeiros dois dedos dobrados como que numa bênção. De novo, aquele espasmo, como um atirador sonhando com antigas batalhas. Um sinal.

Louvado seja Deus. Um sinal.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Domingo, 30 de Março*  
*Domingo de Páscoa, 4h da manhã*

Mal dormi ontem à noite. A janela dela esteve iluminada até às duas e, mesmo então, não me atrevi a mexer-me para o caso de ela estar acordada e deitada no escuro. Dormitei por umas horas no sofá, deixando o despertador ligado para o caso de adormecer. Não precisava de me ter preocupado. O meu sono, assim como assim, foi atravessado por lampejos de sonho tão evanescentes que mal me lembro deles mesmo quando me despertaram. Julgo que vi Armande — a *jovem* Armande, embora, obviamente, não a tenha conhecido então — a correr pelos campos fora nas traseiras de Les Marauds com um vestido vermelho e o cabelo preto ao vento. Ou talvez fosse Vianne e eu as tenha confundido. Depois sonhei com o incêndio em Les Marauds, com a desmazelada e o seu homem, com as margens vermelhas e duras do Tannes e consigo, *gere*, e com a minha mãe na sacristia... Toda a colheita amarga desse Verão infiltrando-se nos meus sonhos e eu como um porco a farejar trufas, a revolver uma e outra vez os acepipes apodrecidos e a comer vorazmente.

Às quatro levantei-me da cadeira. Dormi vestido, tirando a sotaina e o colarinho. A Igreja não tem nada a ver com este assunto. Faço café, bem forte mas sem açúcar, embora, teoricamente, a minha penitência tenha terminado. Digo teoricamente. No meu coração sei que a Páscoa ainda não chegou. Ele ainda não ressuscitou. Se eu conseguisse hoje, *então* ele ressuscitaria.

Apercebo-me de que estou a tremer. Como pão seco para me dar coragem. O café está quente e amargo. Quando tiver cumprido a minha tarefa, prometo a mim próprio uma boa refeição: ovos, fiambre, pãezinhos de leite de Arnauld. A minha boca começa a salivar ante a ideia. Ligo o

radio para uma estação de música clássica. *Em Paz apascentem as ovelhas*. A minha boca contorce-se num trejeito de desdém duro e seco. Esta não é hora para cantos pastoris. hora para o porco, o porco manhoso. Fora com a música.

São cinco menos cinco. Da janela posso ver a primeira luz a aparecer no horizonte. Tenho muito tempo. O cura estará aqui as seis para tocar o carrilhão pascal; tenho mais do que tempo para o meu assunto secreto. Coloco o gorro que pus de parte para este fim: pareço diferente ao espelho, assustador. O que me faz sorrir de novo. A minha boca tem um ar duro e cínico por baixo da máscara. Quase espero que ela me veja.

05. 10.

A porta não está trancada. Mal posso acreditar na minha sorte. Mostra a confiança dela, a sua crença insolente de que ninguém lhe pode fazer frente. Desfaço-me da chave de fendas grossa com que tencionava abrir a porta e pego naquele pedaço de madeira pesado — parte de uma padieira, *père*, que caiu durante a guerra — com as duas mãos. A porta abre-se em silêncio. Mais um dos saquinhos vermelhos dela pendurado no cimo do caixilho; arranco-o e atiro-o com desprezo para o chão. Sinto-me desorientado por momentos. O lugar está diferente dos tempos em que era uma padaria e, de qualquer maneira, estou menos habituado às traseiras da loja. Apenas uns reflexos vagos de luz cintilam nas superfícies de mosaico e alegro-me por ter trazido uma lanterna. Acendo-a agora e, por um instante, a brancura das superfícies esmaltadas quase me cega, as bancas, as pias, os fogões velhos, tudo rebrilha com um ar lunar sob a estreita luz da lanterna. Não há chocolates a vista. Claro. Esta é só a área de fabrico. Não sei bem por que que estou tão espantado com todo este asseio; imaginava-a uma desmazelada, deixando tachos por lavar e pratos empilhados na banca e cabelos compridos pretos na massa dos bolos. Ao contrário, é escrupulosamente asseada; filas de tachos dispostos nas prateleiras por tamanhos, cobre com cobre, esmalte com esmalte, tigelas de porcelana a mão e utensílios — colheres, caçarolas — pendurados em paredes caiadas. Na velha mesa cheia de cicatrizes encontram-se várias formas de pão. No centro, uma jarra com dalias amarelas desgrenhadas projectam um emaranhado de sombras. Por qualquer razão, as flores

irritam-me. Que direito tem ela a ter flores quando Armande Voizin está morta? O porco dentro de mim entorna as flores sobre a mesa e sorri. Deixo-o levar a sua avante. Preciso da sua ferocidade para cumprir a tarefa em mãos.

05.20.

Os chocolates devem estar na loja propriamente dita. Silenciosamente, atravesso a cozinha e abro a pesada porta de pinho que dá acesso à parte da frente do edifício. À minha esquerda, as escadas conduzem à área de residência. À minha direita, o balcão, as prateleiras, os expositores, as caixas... O cheiro a chocolate, apesar de esperado, é surpreendente. A escuridão parece tê-lo intensificado, pelo que, por instantes, o cheiro parece ser a escuridão, abatendo-se sobre mim como um pó castanho e rico, um pensamento sufocante. O raio da minha lanterna incide sobre feixes de luz, papel metálico, fitas, folhos brilhantes de celofane. A gruta do tesouro envolve-me. Um calafrio percorre-me o corpo. Estar aqui, na casa da bruxa, à socapa, um intruso. Tocar nas coisas dela em segredo enquanto ela dorme... Sinto-me compelido a ver a montra, a rasgar o papel que a cobre e a ser o primeiro... Absurdo, já que tenciono destruir aquilo tudo. Mas a compulsão não admite recusas. Caminho em bicos de pé, com as minhas solas de borracha, com o pesado bloco de madeira na mão. Tempo não me falta. Tempo para satisfazer a minha curiosidade, se quiser. Além do mais, este momento é demasiado precioso para ser desperdiçado. Quero saboreá-lo.

05.30.

Com jeito, afasto o papel que tapa a montra. Ele sai com um som esgarçado e pouso-o à parte, tentando ouvir quaisquer sinais de actividade no piso superior. Não há nenhuns. A minha lanterna ilumina a montra e, por momentos, quase me esqueço por que me encontro aqui. É uma opulência deslumbrante, frutos *glacés* e flores de maçapão e montanhas de chocolates avulsos de todas as formas e cores, e coelhos, patos, galinhas, pintainhos, cordeiros, a olharem-me com os seus olhos de chocolate alegres e graves como os exércitos de terracota do antigo Japão e, por

cima de tudo isso, uma estátua de mulher, com braços castanhos graciosos segurando um molho de trigo de chocolate e com o cabelo esvoaçante. O pormenor está bem feito, com o cabelo feito num chocolate mais escuro e os olhos pintados a branco. O cheiro a chocolate é poderoso e o seu aroma rico e encorpado infiltra-se-me pela garganta deixando um rasto requintado de doçura. A mulher da espiga sorri ligeiramente, como que contemplando mistérios.

*Páre. Pegue-me. Prove-me.*

A canção soa mais alto do que nunca, aqui neste ninho de tentações. Podia estender uma mão em qualquer direcção e apanhar um destes frutos proibidos, provar a sua carne secreta. A ideia trespassa-me em mil lugares.

*Páre. Pegue-me. Prove-me.*

Ninguém saberia.

*Páre. Pegue-me. Prove-me.*

Por que não?

05.40.

Vou pegar na primeira coisa que me chegar as mãos. Não me posso perder nesta distração. Um único chocolate — não roubo, propriamente, mas *algo de salvados*; será o único entre os pares a sobreviver ao naufrágio. A minha mão demora-se, contra a sua própria vontade, pairando como uma libelinha sobre um ninho de guloseimas. Um tabuleiro de *pirex* com cobertura protege-os; o nome de cada peça está escrito na cobertura numa caligrafia fina e corrida. Os nomes são arrebatadores. *Biscoitos de laranja amarga. Rolo de alperce e maçapão. Cerisette russe. Trufa branca de rum. Manon blanc. Mamilos de Venus.* Sinto-me corar sob a máscara. Como é que alguém pode pedir uma coisa com semelhante nome? E contudo, têm óptimo aspecto, de um branco rechonchudo luz da minha lanterna, encimado por chocolate mais escuro. Tiro um do cimo do tabuleiro. Seguro-o rente ao nariz: cheira a natas e baunilha. Ninguém saberá. Dou-me conta de que não devo comer chocolate desde criança, há tempo de mais para me lembrar, e, mesmo então, do tipo de *chocolat à croquer* barato, quinze por cento de mistura de cacau — vinte para o preto —, deixando um sabor pegajoso a gordura e açúcar. Uma ou duas vezes comprei um *Suchard* no supermercado, mas, sendo cinco vezes mais caro

do que o outro, era um luxo a que raramente me podia dar. Este é completamente diferente: a resistência breve da concha de chocolate contra os lábios, a trufa cremosa no interior... Há *carnadas* de sabor como o *bouquet* de um bom vinho, uma ligeira amargura, a riqueza encorpada do café moído, o calor que dá vida ao aroma e me enche as narinas, um sabor a súcubo que me faz gemer.

05.45.

Pego noutro depois deste, dizendo-me que não importa. Demoro-me de novo nos nomes. *Crème de cassis*. *Cacho de três nozes*. Escolho um bombom escuro de um tabuleiro intitulado *Viagem oriental*. Gengibre cristalizado envolto numa concha de açúcar dura, dissolvendo-se na boca num licor lembrando um concentrado de especiarias, um sopro de ar aromatizado onde sândalo e canela e tília concorrem com cedro e pimenta da Jamaica... Pego noutro de um tabuleiro intitulado *Pêche au miei millefleurs*. Uma rodela de pêssgo mergulhada em mel e aguardente, uma lasca de pêssgo cristalizado na cobertura de chocolate. Consulto o relógio. Ainda há tempo.

Sei que devia começar o meu trabalho exemplar a sério. A montra, embora deslumbrante, não chega para as centenas de encomendas que ela recebeu. Tem de haver outro lugar onde guarda as suas caixas de oferta, as suas provisões, o cerne do negócio. Estas coisas são só para exposição. Agarro numa *Amandine* e enfio-a na boca para me ajudar a pensar. Depois um *caramel fondant*. Depois um *Manon blanc*, fofo com o seu recheio de creme e amêndoa. Tão pouco tempo e tantas coisas ainda a provar... Podia fazer o meu trabalho em cinco minutos, talvez menos. Desde que saiba onde procurar. Tiro mais um chocolate, para dar sorte, antes de ir à procura. Só mais um.

05.55.

É como um dos meus sonhos. Rebolo-me em chocolates. Imagino-me num campo de chocolates, numa praia de chocolates, a tostar-focinhar-enfartar. Não tenho tempo para ler os rótulos: meto chocolates à boca ao acaso. O porco perde a sua manha ante tais delícias e torna-se de novo

porco; e embora algo no cimo da minha cabeça me grite para parar, não consigo. Depois de começar, é impossível parar. Isto não tem nada a ver com fome: atafulho-os à força, a boca inchada, as mãos cheias. Durante um terrível instante, imagino Armande a voltar para me perseguir, talvez para me maldizer com o seu mal peculiar: a maldição da morte por gula. Ouço os meus próprios *sons* ao comer, sons gemidos, carpidos, de êxtase e desespero, como se o porco tivesse por fim encontrado uma voz.

06.00.

*Ele ressuscitou!* O repicar dos sons desperta-me do meu encantamento. Dou comigo sentado no chão, com chocolates espalhados minha volta como se eu tivesse, de facto, tal como imaginei, rebolado neles. A moca está, esquecida ao meu lado. Retirei a máscara limitadora. A montra, liberta do seu invólucro, boceja cegamente aos primeiros raios pálidos da manhã.

*Ele ressuscitou!* Ebriamente, tento pôr-me de pé. Dentro de cinco minutos os primeiros crentes começam a chegar para a missa. Já devem ter dado pela minha falta. Pego na minha moca com os dedos cobertos de chocolate derretido. De súbito sei onde ela guarda o seu *stock*. Na antiga cave, fresca e seca, onde antes se guardavam os sacos de farinha. Posso ir lá. Sei que posso.

*Ressuscitou!*

Volto-me, segurando a minha moca, em desespero de tempo, tempo...

Ela está minha espera, a observar-me por trás da cortina de contas. Não há como saber há quanto tempo me observa. Um pequeno sorriso curva-lhe os lábios. Muito lentamente, retira-me a moca da mão. Entre os dedos segura algo que parece um pedaço crestado de papel colorido. Um cartão, talvez.

...E foi assim que me viram, *père*, rastejando nas ruínas da montra dela, com a cara manchada de chocolate e os olhos desvairados. As pessoas pareciam acorrer de lugar nenhum em sua ajuda. Duplessis com a coleira do cão numa mão, de guarda porta. A Rocher na porta das traseiras com a minha moca pendurada ao ombro. Arnaud do outro lado da rua, a pé cedo

para fazer o seu pão e a chamar os curiosos para verem. Os Clairmonts, como carpas em terra, esgazeados. Narcisse a sacudir o punho. E o riso. Meu Deus! O riso. E constantemente os sinos repicam *ele ressuscitou* pela praça St. Jérôme.

*Ele ressuscitou!*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Segunda feira, 31 de Março*  
*Segunda-feira de Páscoa*

M andei Reynaud embora quando os sinos pararam de repicar. Não chegou a rezar missa. Antes desapareceu na direcção de Les Marauds sem uma palavra. Poucos lhe sentiram a falta. Começámos o festival mais cedo, com chocolate quente e bolos em frente a *LA PRALINE* enquanto eu arrumava tudo rapidamente. Felizmente que não era muito o prejuízo: umas quantas centenas de chocolates espalhados pelo chão mas todas as nossas caixas de oferta intactas. Um jeito no expositor da montra e voltou tudo ao mesmo.

O festival correspondeu inteiramente às nossas expectativas. Bancas de artesanato, fanfarras, a banda de Narcisse — para meu grande espanto, ele toca saxofone com um virtuosismo folgazão —, malabaristas, saltimbancos. A gente do rio está de volta — por hoje, pelo menos — e as ruas estão animadas com o seu colorido. Uns montaram bancas próprias, vendendo compota e mel e entrançando cabelos com contas, fazendo tatuagens com hena e adivinhando o futuro. Roux vendeu bonecos que ele próprio esculpiu de sobras de madeira. Só faltaram os Clairmonts, embora eu não deixasse de ver Armande na minha mente, como se em tal ocasião não conseguisse imaginá-la ausente. Uma mulher com um lenço vermelho, a curva arredondada de umas costas curvadas numa bata cinzenta, um chapéu de palha, alegremente decorado com cerejas, agitando-se sobre a multidão festiva. Parecia estar em toda a parte. Descobri com estranheza que não sentia nenhum pesar. Apenas a convicção crescente de que, a qualquer instante, ela poderia aparecer, levantando as tampas das caixas para espreitar o que havia lá dentro, lambendo os dedos gulosa ou saudando entusiasticamente o barulho, o alvoroço, a alegria de tudo isto. Uma vez tive até a certeza de ter ouvido a voz dela — iuupi! — mesmo ao meu lado quando me inclinei para chegar

a um pacote de passas de chocolate, embora, ao olhar, me tenha deparado com esgoto apenas. A minha mãe teria compreendido.

Entreguei todas as minhas encomendas e vendi a última caixa as quatro e um quarto. Lucie Prudhomme ganhou a caça ao ovo de Páscoa mas todos os participantes receberam cartuchos-surpresa, com chocolates e cornetas e pandeiretas e galhardetes. Um único carro alegórico, com flores naturais, anunciava o horto de Narcisse. Alguns jovens atreveram-se a começar um baile perante o olhar severo de St. Jérôme e o sol brilhou todo o dia.

Contudo, sentada agora com Anouk na nossa casa silenciosa, com um livro de contos de fada numa mão, sinto-me inquieta. Digo-me que este é o anticlímax que necessariamente sucede a um evento há muito esperado. Cansaço, talvez, ansiedade, a intromissão de Reynaud no último momento, o calor do sol, as pessoas... Pesar por Armande também, a surgir agora a medida que os sons de divertimento esmorecem, a tristeza matizada de tantos outros sentimentos contraditórios, perda, descrença e uma espécie de sensação serena de *justeza*... Querida Armande. Teria gostado tanto disto. Mas teve o seu próprio fogo de artifício, não foi? Guillaume apareceu hoje a noite, muito depois de termos limpado todos os sinais da festa. Anouk estava a preparar-se para ir para a cama, com os olhos ainda cheios das luzes de Carnaval.

— Posso entrar? — O novo cão dele já aprendeu a obedecer as suas ordens para se sentar e aguarda solenemente a porta. Traz qualquer coisa numa mão. Uma carta. — Armande pediu-me para lhe entregar isto. Sabe. Depois.

Pego na carta. Dentro do envelope, uma coisa pequena e dura roga o papel.

— Obrigada.

— Não me demoro. — Olha-me por um instante, depois estende a mão, num gesto simultaneamente teatral e tocante. O seu aperto de mão é firme e fresco. Sinto os olhos a arderem; algo brilhante cai da manga do velho — da sua ou da minha, não tenho bem a certeza.

— Boa noite, Vianne.

— Boa noite, Guillaume.

O envelope contém uma única folha de papel. Tiro-a para fora e algo rola sobre o tampo da mesa — moedas, penso. A caligrafia é grande e esforçada.

*Querida Vianne:*

*Obrigada por tudo. Sei como se deve sentir. Converse com o Guillaume se quiser — ele compreende melhor do que ninguém. Lamento não poder assistir ao seu festival mas já o vi tantas vezes na minha mente que realmente não importa. Dê um beijinho à Anouk por mim e entregue-lhe uma das moedas — a outra é para quem vier a seguir, suponho que nos entendemos.*

*Estou cansada e sinto uma mudança no vento que se aproxima. Acho que me vai fazer bem dormir. E, quem sabe, talvez um dia nos voltemos a encontrar.*

*Um abraço, Armande Voizin.*

*P.S. Não se preocupem em ir ao funeral, nenhuma de vocês. É a festa de Caro e suponho que ela tem o direito a isso, já que é o tipo de coisa de que ela gosta. Convide antes os seus amigos para irem até LA PRALINE e tomem chocolate quente. Gosto muito de vocês. A.*

Quando acabei, pousei a folha e procurei as moedas. Encontrei uma em cima da mesa e outra em cima da cadeira: duas libras de ouro reluzindo num tom acobreado na minha mão. Uma para Anouk — e a outra?... Instintivamente, procurei aquele lugar quente e quieto dentro de mim, o lugar secreto que ainda não revelei plenamente nem sequer a mim mesma.

A cabeça de Anouk repousa serenamente no meu ombro. Quase a dormir, trauteia uma canção para Pantoufle enquanto eu leio em voz alta. Não tem falado muito de Pantoufle nestas últimas semanas: usurpado por companheiros de brincadeira mais tangíveis. Parece significativo que ele regresse agora que o vento mudou. Algo em mim sente a inevitabilidade

da mudança. A minha fantasia de permanência cuidadosamente construída é como os castelos de areia que costumávamos fazer na praia, à espera da maré-cheia. Mesmo sem o mar, o sol corrói-os e amanhã já quase terão desaparecido. Ainda assim, sinto um pouco de raiva, um pouco de dor. Ainda assim, o aroma do carnaval arrasta-me, o vento em mudança, o vento quente de — donde era? De Sul? De Leste? América? Inglaterra? É só uma questão de tempo. Lansquenet, com todas as suas associações, parece-me menos real agora, recuando já na memória. A maquinaria abranda; o mecanismo cala-se. Talvez seja aquilo que eu suspeitei desde o princípio, que eu e Reynaud estamos ligados, que um equilibra o outro e, sem ele, não sou precisa aqui. Seja como for, a *necessidade* da vila desapareceu; sinto satisfação neste lugar, uma saciedade completa em que já não há lugar para mim. Em todas as casas de Lansquenet, os casais fazem amor, as crianças brincam, os cães latem, as televisões bradam... Sem nós. Guillaume acaricia o seu cão e vê *Casablanca*. Sozinho no seu quarto, Luc le Rimbaud em voz alta sem o mais leve vestígio de gaguez. Roux e Joséphine, a sós na sua casa pintada de fresco, descobrem-se um ao outro a pouco e pouco. A Radio Gascogne emitiu um programa sobre o festival de chocolate hoje de manhã, anunciando orgulhosamente o *festival* de Lansquenet-sous-Tannes, uma encantadora tradição local. Os turistas já não passarão por Lansquenet apenas a caminho de outros lugares. Eu coloquei a vilazinha invisível no mapa.

O vento cheira a maresia, a ozono e a fritos, à marginal de Juan-les-Pins, a panquecas e óleo de coco e carvão e suor. Tantos lugares à espera que o vento mude. Tantas pessoas necessitadas. Por quanto tempo desta vez? Seis meses? Um ano? Anouk repousa o seu rosto no meu ombro e eu aconchego-a a mim, com demasiada força pois ela quase acorda e murmura uma acusação qualquer. *LA CELESTE PRALINE* voltará uma vez mais a ser uma padaria. Ou talvez uma *confiserie-pâtisserie*, com *guimauves* pendurados do tecto como salsichas em pastel e caixas de *pains d'épices* com *Souvenir de Lansque-net-sous-Tannes* escrito no invólucro. Pelo menos teremos dinheiro, mais do que suficiente para recomeçarmos noutro lugar qualquer. Nice, talvez, ou Cannes, Londres ou Paris.

Anouk murmura no seu sono. Também ela o sente.

E contudo progredimos. Deixámos para trás o anonimato dos quartos de hotel, as luzes de néon, as partidas de Norte a Sul ao virar das cartas. Enfrentámos por fim o Homem de Preto, eu e Anouk, vimo-lo enfim como ele é: um disfarce de si mesmo, uma máscara de Carnaval. Não podemos ficar aqui para sempre. Mas talvez ele tenha aberto o caminho para que fiquemos noutra lugar qualquer. Uma vila à beira-mar, talvez. Ou uma aldeia à beira-rio, com campos de milho e vinhedos. Os nossos nomes mudam. O nome da nossa loja também há-de mudar. *La Truffe Enchantée*, talvez. Ou *Tentations Divines*, em memória de Reynaud. E desta vez podemos levar tanto de Lansquenet connosco. Seguro a prenda de Armande na palma da mão. As moedas são pesadas, sólidas ao tacto. O ouro é avermelhado, quase da cor do cabelo de Roux. Pergunto-me de novo *como* é que ela sabia — exactamente até onde ela via. Outra criança — não sem pai, desta vez, mas filha de um homem bom, mesmo que ele nunca o saiba. Pergunto-me se ela terá o seu cabelo, os seus olhos esfumados. Tenho já a certeza de que será uma menina. Até já sei o seu nome.

E há outras coisas que podemos deixar para trás. O Homem de Preto desapareceu. A minha voz parece-me agora diferente, mais ousada, mais forte. Há nela uma nota que, se eu prestar atenção, quase consigo reconhecer. Uma nota de desafio, mesmo de regozijo. Os meus medos desapareceram. Também tu desapareceste, mamã, embora eu nunca deixe de te ouvir a falar comigo. Já não preciso de ter medo do meu rosto no espelho. Anouk sorri no seu sono. Podia ficar aqui, mamã. Temos uma casa, amigos. O catavento do lado de fora da minha janela gira, gira. Imagina ouvi-lo semana após semana, ano após ano, estação após estação. Imagina olhar pela minha janela numa manhã de Inverno. A nova voz dentro de mim ri-se e o som é quase como regressar a casa. A nova vida dentro de mim gira suave, docemente. Anouk fala no seu sono, sílabas sem sentido. As mãozinhas dela agarram-se ao meu braço.

— Por favor. — A voz dela abafada pela minha camisola. — Mamã, canta-me uma canção. — Abre os olhos. A terra, vista a uma grande distância, é do mesmo azul-verde.

— Está bem.

Eli volta a fechar os olhos e eu começo a cantar baixinho.

*V'là l'vent, v'là l' joli vent,  
V'là l'vent, ma mie m'appelle...*

Esperando que desta vez permaneça uma canção de ninar Que desta vez o vento não ouça. Que desta vez — *por favor, só desta vez* — ele parta sem nós.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)